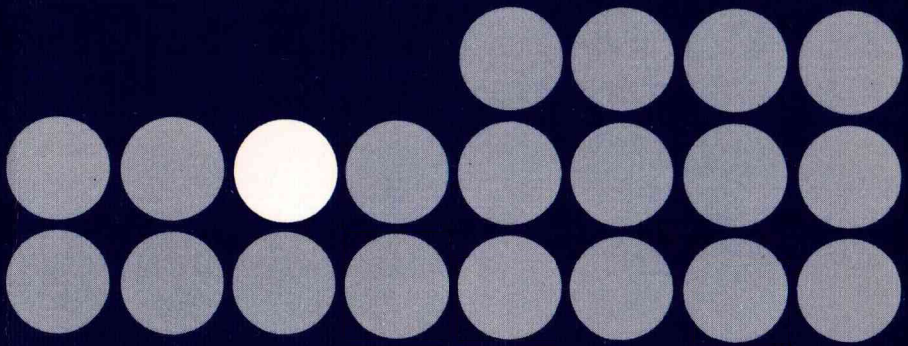
I Coríntios

introdução e comentário

Leon Morris



Mundo Cristão

SÉRIE CULTURA BÍBLICA

I CORÍNTIOS

I CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

por

THE REV. CANON LEON MORRIS,
M.SC., M.TH., PH.D.

Principal, Ridley College, Melbourne

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO

Título do original em inglês:
I Corinthians, An Introduction and Commentary

Copyright © 1958 pela
Inter – Varsity Press, Leicester, England

Tradução:
Odayr Olivetti
Primeira Edição, 1981 – 4.000 exemplares
Segunda Edição, 1983 – 3.000 exemplares
Terceira Edição, 1986 – 3.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pelas Editoras:

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
Rua Antonio Carlos Tacconi, 75 e 79 – Cidade Dutra
04810 São Paulo-SP – Brasil

Prefácio Geral

Todos os que estão interessados no ensino e no estudo do Novo Testamento hoje não podem deixar de preocupar-se com a falta de comentários que evitem os extremos de serem indevidamente técnicos ou curtos a ponto de não prestarem benefício. A esperança do editor e dos publicadores é que a presente série fará algo no sentido de suprir esta deficiência. Seu objetivo é pôr nas mãos dos estudantes e leitores sérios do Novo Testamento, a preço moderado, comentários escritos por certo número de eruditos que, conquanto livres para dar as suas contribuições pessoais, estão unidos pelo desejo comum de promover uma teologia verdadeiramente bíblica.

Os comentários são primariamente exegéticos e só secundariamente homiléticos, embora se espere que tanto o estudante como o pregador os achem informativos e sugestivos. As questões críticas são plenamente consideradas nas seções introdutórias, e também, à discreção do autor, nas notas adicionais.

Os comentários se baseiam na *Versão Autorizada* (do rei Tiago),* em parte porque esta é a versão que a maioria dos leitores da Bíblia possui, e em parte porque é mais fácil para os comentadores, trabalhando sobre este fundamento, demonstrar por quê, em bases textuais e lingüísticas, muitas vezes as versões mais recentes devem ser preferidas. Nenhuma tradução é considerada infalível, e nem um só manuscrito grego ou grupo de manuscritos é sempre considerado certo! As palavras gregas são transliteradas para ajudar os que não conhecem a língua, e para poupar aos que sabem o grego o problema de descobrir que palavra está sendo discutida.

Hoje há muitos sinais de renovado interesse no que a Bíblia tem para dizer, e de um desejo mais generalizado de entender o seu sentido tão completa e claramente quanto possível. A esperança de todos os interessados nesta série é que Deus em Sua graça use o que eles escreveram para favorecer este fim.

R. V. G. Tasker

---

* Nota do Tradutor : A tradução se baseia na ARA (versão de Almeida, edição Revista e Atualizada no Brasil, SBB).

Prefácio do Autor

Não é novidade observar que as cartas de Paulo não são fáceis de ler (2 Pe 3:15s.), mas para aquele que está preparado para dedicar tempo e esforço, o estudo delas é imensamente compensador. Não menos se dá isto com 1 Coríntios, carta que surgiu das dificuldades práticas que assediavam uma igreja grega do primeiro século, muito distante do ideal de uma igreja cristã. Temos aqui uma típica epístola paulina. O apóstolo elogia os seus correspondentes por suas virtudes cristãs, e os repreende rotundamente por seus muitos fracassos. Ele acrescenta ao conhecimento deles algumas passagens grandiosas, notavelmente a sua discussão do amor no capítulo **13** e a da ressurreição no capítulo **15**. O que quer que toque, trata-o à luz dos grandes princípios cristãos. Vê sempre as coisas temporais à luz das coisas eternas. O que escreve é relevante para as nossas necessidades, em muitos aspectos bem diferentes. Ele mostra como levar os nossos problemas ao ponto em que é derramada luz sobre eles pelas grandes verdades cristãs. Não podemos deixar de ter proveito quando ponderamos suas palavras.

Ao escrever este comentário, assumi grande dívida a muitos. Dá-se isto notavelmente com relação aos comentários a que me refiro nas notas. Esforcei-me para indicar as minhas muitas dívidas em matérias específicas, mas aprendi mais dos meus predecessores do que posso reconhecer expressa e suficientemente. Também achei algumas das traduções modernas muito úteis, pois, que são as traduções senão comentários compactos?

Finalmente, gostaria de expressar a minha gratidão às senhoritas G. Mahar e M. McGregor, que bondosamente datilografaram o manuscrito para mim.

Leon Morris

ÍNDICE

Prefácio Geral 5
Prefácio do Autor 6
Principais Abreviaturas 8
Introdução

Cenário de Fundo 11
Paulo em Corinto 13
Subseqüentes Relações de Paulo com a Igreja de Corinto 15
Ocasião e Propósito de 1 Coríntios 19
Autenticidade da Epístola 20
Data e Lugar de Origem 22

Análise 24
Comentário

I Introdução 27
II Divisão na Igreja 31
III Relaxamento Moral da Igreja 68
IV Casamento 84
V Comida Sacrificada 99
VI Desordens no Público 121
VII A Ressurreição 163
VIII Conclusão 190

Principais Abreviaturas

ARA **Almeida, Revista e Atualizada**
ARC **Almeida, Revista e Corrigida**
AV **Versão Inglesa da Bíblia ("Rei Tiago")**

Barclay	Commentary on I Corinthians, de William Barclay, em *The Daily Study Bible* (The Saint Andrew Press, 1956).
Beet	Commentary on I Corinthians, de J. Agar Beet (Hodder & Stoughton, 1889).
BJRL	The Bulletin of the John Rylands Library.
Calvino	Commentary on I Corinthians, de João Calvino, tradução inglesa de J. Pringle (Calvin Translation Society, 1848).
Edwards	Commentary on I Corinthians, de T. C. Edwards (Hodder & Stoughton, 1885).
Ellicott	Commentary on I Corinthians, de C. J. Ellicott (Longmans, Green & Co., 1887).
Godet	Commentary on I Corinthians, de F. Godet, tradução inglesa de A. Cusin (T & T Clark, 1887).
G-E	*A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature,* de W. F. Arndt e F. W. Gingrich (Cambridge, 1957).
Grosheide	Commentary on I Corinthians, de F. W. Grosheide, em *The New London Commentary on the New Testament* (Marshall, Morgan & Scott, 1954).
Hastings	*A Dictionary of the Bible*, ed. por J. Hastings, 5 volumes (Edimburgo, 1904).
Hodge	Commentary on I Corinthians, de Charles Hodge (Nisbet, 1873).
Idiom Book	*An Idiom Book of the New Testament Greek*, de C. F. D. Moule (Cambridge, 1953).
ISBE	*The International Standard Bible Encyclopaedia*, 5 volumes (Chicago, 1937).
JTS	*The Journal of Theological Studies* ("Revista de Estudos Teológicos").
Kay	Commentary on I Corinthians, de W. Kay (MacMillan, 1877).
LAE	*Light from the Ancient East*, de A. Deissmann, tradução inglesa de L. R. M. Strachan (Londres, 1927).

Lightfoot	*Notes on the Epistles of St. Paul,* de J. B. Lightfoot (Macmillan, 1904).
LS	*A Greek-English Lexicon*, compilado por H. G. Liddell e R. Scott, revisto e ampliado por H. S. Jones e R. McKenzie (Oxford, 1940).
LXX	Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
MM	*The Vocabulary of the Greek Testament,* de J. H. Moulton e G. Milligan (Hodder & Stoughton, 1914-29).
Moffatt	Commentary on I Corinthians, de James Moffatt, em *The Moffatt New Testament Commentary* (Hodder & Stoughton, 1943).
Parry	Commentary on I Corinthians, de R. St. J. Parry, em *The Cambridge Greek Testament,* 1926.
Proctor	Commentary on I Corinthians, de W. C. G. Proctor, *The New Bible Commentary* (Inter-Varsity Fellowship, 1953).
Prolegomena	*A Grammar of New Testament Greek,* de J. H. Moulton, vol. I, Prolegomena (Edinburgo, 1906).
RSV	Versão Padronizada Americana Revista da Bíblia, e Plummer
RV	Versão Revista da Bíblia em Inglês, 1881.
Robertson e Plummer	Commentary on I Corinthians, de A. Robertson e A Plummer, em *The International Critical Commentary* (T. & T. Clark, 1929).
TB	Tradução Brasileira (Bíblia).

As traduções de E. J. Goodspeed, R. Knox, J. B. Phillips, H. J. Schonfield e R. F. Weymouth são citadas pelo sobrenome do tradutor.

AGRADECIMENTOS

As citações bíblicas da *Versão Padronizada Americana* (Revised Standard Version of the Bible, direitos adquiridos em 1946 e 1952 pela Divisão de Educação Cristã do Concílio Nacional de igrejas, E.U.A.), são usadas com permissão. As citações das traduções do rev. J. B. Phillips, dos livros do Novo Testamento, devo à cortesia dos editores, Geoffrey Bles Ltd.

Introdução

I. Cenário de Fundo

A posição geográfica de Corinto, numa estreita faixa de terra entre o Golfo de Corinto e o Golfo Sarônico, era a sua garantia de prosperidade comercial. Os comerciantes e os navegantes preferiam enviar as suas mercadorias através do istmo a arriscar-se à longa viagem rodeando os cabos rochosos e invadidos por tempestades ao sul do Peloponeso.[1] Era um ponto de parada natural na rota de Roma para o Oriente, e o lugar onde se encontravam várias rotas do comércio. A antiga Corinto foi totalmente destruída pelo romano L. Mummius Achaicus, em 146 a. C. Mas quando, um século mais tarde, a cidade foi reerguida como colônia romana, reconquistou rapidamente muito da sua grandeza anterior.

Como a nova cidade era colônia romana, naturalmente os seus habitantes eram romanos, no início. Os gregos pareciam por um tempo relutantes em estabelecer-se ali, mas eventualmente retornaram em grande número. A cidade atraiu também homens de muitas raças orientais. Incluía-se entre eles uma população judia bastante numerosa para ter uma sinagoga (AT 18:4). O elemento romano[2] da população é ilustrado pelo número de nomes latinos associados a Corinto no Novo Testamento, tais como Lúcio, Gaio, Tércio, Erasto, Quarto (Rm 16:21-23), Crispo, Tício Justo (At 18:7,8), Fortunato e Acaico (16:17). Mas o modo como os hábitos gregos de pensamento se tornaram dominantes é revelado pelas questões levantadas na correspon-

1 Ver G. E. Wright e F. V. Filson, *The Westminster Historical Atlas to the Bible,* Londres, 1946, pág. 80, 88 ss.No caso dos grandes navios,isso tinha que significar a baldeação das cargas. Os navios menores eram puxados através do istmo "por meio de uma linha como de bonde para barcos, com carris de madeira" (ISBE, vol, II, pág. 710). Nero tentou abrir um canal, mas sem sucesso. O canal moderno segue o curso planejado por Nero.

dência de Paulo com os coríntios, e pela maneira como são tratadas. Edwards diz de Corinto. "Das cidades gregas a menos grega, era por esse tempo a menos romana das colônias romanas."[1] Era uma cidade em que "gregos, latinos, sírios, asiáticos, egípcios e judeus, compravam e vendiam, trabalhavam e folgavam, brigavam e se divertiam juntos, na cidade e nos seus portos, como em nenhuma outra parte da Grécia".[2]

A velha Corinto fora de licenciosidade proverbial,[3] e esta confusão de raças apressaria o processo pelo qual a nova Corinto adquirisse também uma reputação malsã. Diz A. M. Hunter que no período neotestamentário, na mente popular Corinto sugeria "cultura e cortesãs. ... 'Palavras coríntias' era expressão que implicava em pretensões a filosofia e letras, e 'corintianizar' era uma forma polida de dizer em grego 'ir para o diabo'".[4] Com tudo isso, porém, a cidade tinha grande prestígio. Era populosa.[5] O comércio fluía por ela, e a cidade prosperava materialmente. Era a capital da província romana da Acaia. Os Jogos Ístmicos eram celebrados ali perto, e sob a égide da cidade. Eram convocados os mais excelentes atletas.

Portanto, a cidade à qual Paulo foi pregar o Evangelho era um lugar muito cosmopolita. Era uma cidade importante. Era intelectualmente viva. Era materialmente próspera. Era moralmente corrupta. Os seus habitantes eram pronunciadamente propensos a satisfazer os seus desejos, fossem de que espécie fossem. Nas palavras de von Dobschütz: "O ideal dos coríntios era o atrevido desenvolvimento do indivíduo. O negociante que conseguia lucro por todo e qualquer meio, o amante de prazeres que se entregava a toda luxúria, o atleta acerado para todos os exercícios corporais e orgulhoso de sua força física, são os verdadeiros tipos coríntios, num mundo em que o homem não reconhecia nenhum superior e nenhuma lei, senão os seu desejos."[6]

---

1 Parry vê prova do caráter romano da cidade em que foi a primeira cidade da Grécia a admitir os jogos gladiatórios (pág. ix).

2 Pág. xii.

3 Moffatt, pág. xvii. Ele prossegue dizendo que, no tempo de Paulo, "a maioria era de levantinos perspicazes e inteligentes (*ibid*).

4 Isto pode ser ilustrado com o fato de que, em conexão com o culto de Afrodite, havia 1000 prostitutas sagradas na velha Corinto.

5 *Introducting the New Testament*, Londres, 1945, pág. 76.

6. A. M. Hunter fala dos "seus meio milhão de habitantes" (*ibid*), enquanto que Godet (pág. 5) e ISBE (vol.II,pág. 713),colocam o número entre 600.000 e 700.000. Ellicott, contudo, pensa numa "cidade movimentada de 100.000 almas" (pág. xv). Embora não haja dúvida de que Corinto tinha uma grande população, parece não haver prova válida sobre a qual formar uma estimativa correta do seu número.

7 Citado em Parry, pág. x.

Alguns têm achado que foi o lado mau de Corinto que induziu Paulo a pregar ali. Uma cidade tão corrupta precisava da influência purificadora do Evangelho. Conquanto isto não houvesse de estar fora da mente do apóstolo, a probabilidade é a de que a consideração exaustiva foi a situação geográfica da cidade. Era o centro do qual o Evangelho poderia irradiar-se para as regiões vizinhas. Havia uma grande população flutuante. Negociantes e viajantes costumavam ficar ali alguns dias, e pôr-se a caminho. Qualquer coisa apregoada em Corinto podia estar segura de ampla disseminação.

II. Paulo em Corinto

Quando Paulo chegou em Corinto pela primeira vez, estava experimentando grande desânimo. Tivera em Filipos um começo prometedor esmagado pela oposição de judeus fanáticos. A mesma coisa acontecera em Tessalônica e em Beréia. Em Atenas tivera pouco sucesso. Não admira que quando foi para a ocupada, orgulhosa e intelectual Corinto, fosse "em fraqueza, temor e grande tremor" **(2:3)**. Seus companheiros nessa viagem missionária, Silas e Timóteo, estavam ocupados na Macedônia, de modo que, provavelmente, Paulo estava sozinho, o que não tornaria as coisas nada mais fáceis.

Chegado a Corinto, hospedou-se com Áqüila e Priscila, judeus que tinham sido expulsos de Roma mediante um decreto do imperador Cláudio, e, como Paulo, fabricantes de tendas por profissão. Quando Silas e Timóteo se juntaram de novo a ele, trouxeram-lhe notícias de que, a despeito de toda a oposição, os conversos de Paulo em Tessalônica permaneciam firmes. Paulo viu que, apesar das dificuldades e desencorajamentos que enfrentara, a bênção de Deus pousava sobre a obra que ele realizara. As notícias lhe deram novo ânimo, e ele se entregou à proclamação do Evangelho com renovada energia. "Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus" (At 18:5).

Contudo, a sua pregação não se provou aceitável para os judeus, e ele foi constrangido a abandonar a sinagoga. Não com muito tato, foi à casa de Justo, contígua à sinagoga,[2] casa que aparentemente veio

---

1 "Como era seu costume, o apóstolo procurou propagar o Evangelho num centro em que podia ter contato com homens de várias terras" (*The New Bible Handbook*, ed. por G. T. Manley, Londres, 1947, pág. 359).

2 Cf. Lake, "Deve-se admitir que ele escolheu uma localização que não tinha a probabilidade de evitar aborrecimentos, conquanto tivesse a vantagem de ser facilmente encontrada pelos tementes a Deus que anteriormente freqüentavam a sinagoga" (*The Earlier Epistles of St. Paul*, Londres, 1919, pág. 104).

a ser a sua nova base para a pregação.[1] "O principal da sinagoga", um tal de Crispo, creu, juntamente com toda a sua casa (At 18:8). Mas estes são os únicos judeus convertidos em Corinto, de que lemos em Atos (a menos que Áqüila e Priscila se tenham convertido lá), e é em harmonia com isto que não figuram nomes judaicos nas epístolas aos coríntios.[2] Mas muitos coríntios creram e foram batizados. Paulo foi encorajado por uma visão (talvez ao tempo da sua expulsão da sinagoga) que lhe assegurou que Deus tinha "muito povo nesta cidade" (At 18:10). Ele ficou em Corinto coisa de dezoito meses, e evidentemente fez muitos conversos. Não se nos diz expressamente, mas parece provável que ali, como em qualquer outra parte, a grande massa dos crentes veio da classe de pagãos devotos que se haviam ligado frouxamente à sinagoga. Estavam insatisfeitos com a vida pagã e com a moralidade pagã. Sentiram-se atraídos pela moral elevada e pelo monoteísmo puro dos judeus, mas repugnava-lhes o nacionalismo estreito deles, e algumas das suas práticas rituais, como por exemplo a circuncisão. Essas pessoas, de modo geral, deram calorosas boas vindas ao cristianismo. Viram nele uma fé que as satisfazia, e que estava livre das coisas que achavam objetáveis no judaísmo. Alguns dos conversos eram gente de recursos. Gaio é mencionado em Rm **16:23** (carta quase certamente escrita de Corinto) como "meu hospedeiro e de toda a igreja". O mesmo versículo se refere a Erasto como "tesoureiro da cidade". Se estamos certos, considerando (1:11) Cloe como conversa coríntia, ela foi uma mulher rica, dona de escravos, e com interesses em Corinto e em Éfeso (mas, talvez fosse, com maior probabilidade, uma efésia com interesses em Corinto). Não é provável que fosse procedente das classes mais altas. O nome "Cloe" era um epíteto da deusa Deméter. Geralmente os que tinham nomes de divindades eram escravos ou libertos; conseqüentemente, na maioria os comentadores acham que Cloe era uma liberta, embora rica. As referências de Paulo a alguns crentes envolvidos em litígio e freqüentadores de banquetes particulares apontam para libertos, e homens de recursos. Mas, a despeito destes exemplos, o maior volume dos crentes era proveniente das camadas sociais inferiores, como ele salientou em **1:26** e seguintes.

Por toda a Grécia, Paulo viu que, tão logo sua missão parecia propensa a obter sucesso, os judeus levantavam oposição.[3] Corinto

1 Parece que é este o sentido de At 18:7, e não que deixou de morar com Áquila e Priscila, passando a morar com Justo.

2 É possível que haja outro judeu. O Sóstenes que se uniu a Paulo e a Timóteo na saudação **(1:1)** pode ser "o principal da sinagoga" de At 18:17. Mas isso está longe de se poder dizer com certeza.

3 "Ele não era apenas um fariseu renegado que acreditava num messias, mas um homem assim e de sucesso" (Moffatt, pág. xiii). Isso era o que eles achavam impossível perdoar.

não constituiu exceção. As epístolas aos tessalonicenses, quase certamente escritas de Corinto, mostram algo da determinada oposição que ele estava experimentando (1 Ts 2:15: 2 Ts 3:1,2). Ele foi compelido a parar de pregar na sinagoga. Mais tarde, os seus inimigos o levaram perante o procônsul Gálio, acusando-o de persuadir os homens a "adorar a Deus, por modo contrário à lei" (At 18:13). Gálio depressa viu que Paulo não era transgressor da lei, mas que a contenda era puramente religiosa. Por conseguinte, destituiu o caso, e Paulo ficou livre para continuar a sua obra sem embaraços. Da duração da sua estada, deduzimos que ele considerava a sua missão em Corinto como possivelmente a mais importante que até então empreendera.

III. Subseqüentes Relações de Paulo com a Igreja de Corinto

Depois que Paulo saiu de Corinto, a obra de expansão e consolidação da igreja foi levada adiante por Apolo, homem douto oriundo de Alexandria. Este havia estado antes em Éfeso, onde, conquanto batizado somente com o batismo de João Batista, pregara a Cristo. Sua pregação foi ouvida por Áqüila e Priscila, que o tomaram "consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus" (At 18:26). Armado deste novo conhecimento, Apolo foi para a Acaia, província cuja capital era Corinto. Ali sua eloqüência foi empregada para demonstrar "por meio das Escrituras que o Cristo é Jesus" (At 18:28). Parece que é este o sentido do grego (embora a VR diga, "Jesus é o Cristo"). A expressão implica em que o pregador e os ouvintes esperavam igualmente a vinda do Messias (Cristo). Mas Apolo podia dizer: "O Messias que esperais é Jesus."[1]

Muitas vezes se tem dito que Apolo usou o método alegórico de interpretação da Escritura. Pode bem ser que o tenha feito, mas a única prova é que ele vinha de Alexandria, ninho paterno da interpretação alegórica. Seja, porém, qual for o seu método, quase certamente diferia do de Paulo. A prédica de Paulo tinha estudada simplicidade (**2:2-4**); a de Apolo era provavelmente retórica em alto grau (At 18:24, 27, 28). Não havia diferença fundamental na mensagem pregada, pois Paulo fala de Apolo como continuando a obra que ele iniciara (**3:6, 8**). Mas a diferença na apresentação era suficiente para produzir certo partidarismo da parte de alguns coríntios.[2]

---

1 Cf. K. Lake, *op. cit.*, pág. 110; J. H. Hart em JTS, vol. VIII, pág. 3.

2 Cf. Robertson e Plummer, "Nestas cidades, com as suas populações móveis, ávidas e excitáveis, paixões de alguma espécie são, não apenas um traço comum, mas quase uma necessidade social. ... Como diz Renan ... basta que haja dois pregadores, ou dois mestres, numa das pequenas cidades da Europa meridional, e logo os habitantes ficam em lados opostos quanto a qual é o melhor dos dois. Os dois pregadores, ou os dois

Algum tempo depois disto, Paulo escreveu uma carta aos coríntios, carta que sumiu. A prova da sua existência acha-se em **5:9**, onde Paulo diz que anteriormente escrevera uma carta dizendo aos crentes que não se associassem "com os impuros" (AV: "com os fornicários"; ARC: "com os que se prostituem"). Não sabemos mais nada sobre essa carta, ou sobre como Paulo veio a escrevê-la. Alguns eruditos acham que parte dela está preservada em 2 Co **6**:14-7:1. Se, como é provável, esta hipótese deve ser rejeitada, a carta desapareceu inteiramente.[2] Isto não tem por que causar surpresa. A referência de Paulo a ela em **5:9** mostra que fora mal compreendida. Mencionou-a apenas para eliminar um falso conceito quanto ao que ela queria dizer. Assim, a carta mais recente substituiu com vantagem a anterior, e, por conseguinte, não havia propósito em preservá-la.

Houve depois contactos mantidos por Paulo com certos coríntios. Gente da casa de Cloe levou-lhe notícias da existência de facções na igreja (**1:11**). Foi-lhe enviada uma carta da igreja (**7:11**), presumivelmente levada por Estéfanas, Fortunato e Acaico (**16:17**). Conseqüentemente, Paulo se dispôs a escrever à igreja. A carta que conhecemos como 1 Coríntios é o resultado. Desta carta aprendemos que nem tudo ia bem na igreja corintia. Há algumas coisas que ele diz com muita franqueza.

Paulo evidentemente percebeu que a situação estava começando a agravar-se, pois resolveu mandar Timóteo, e de fato o mandou antes de expedir 1 Coríntios (ver **4:17; 16:10, 11**). Que Timóteo fez apenas uma breve visita é indicado pelo fato de que ele se juntou a Paulo na saudação de 2 Coríntios. Ao tempo em que aquela carta foi escrita, ele estava de novo fora da cidade (a menos que, como é possível, ele nunca tenha chegado lá). Mas Timóteo não pôde fazer muita coisa.

A situação piorou, em vez de melhorar. É curioso que não temos informação quanto à causa exata do problema. Pode ter sido uma ou outra das questões mencionadas em 1 Coríntios. Não sabemos. Mas evidentemente envolvia uma negação da autoridade de Paulo. Paulo achou necessário deixar a sua obra em Éfeso e fazer corrida visita na tentativa de endireitar as coisas. Alguns duvidam que esta seja uma boa reconstrução dos eventos, mas certas passagens de 2 Coríntios tornam-na bem segura. Assim, diz Paulo: "Esta é a terceira vez que vou ter convosco" (2 Co 13:1), e, "Eis que pela terceira vez estou

---

mestres, podem estar nas melhores relações; isso de modo algum impede que os seus nomes sejam transformados em grito de guerra dos partidos, e o sinal para deflagrar veementes dissensões (pág. XX). Proctor observa que o processo teria sido auxiliado pela multiplicidade de raças em Corinto (pág. 969).

1 Ver a Introdução do *Comentário de 2 Coríntios,* de R. V. G. Tasker, desta série.

pronto a ir ter convosco" (2 Co 12:14), enquanto que em 2 Co 13:2 olha retrospectivamente para "quando estive presente pela segunda vez" (RV; ARA). Quando essas palavras foram escritas, é patente que tinha sido feita uma visita adicional àquela quando a igreja fora fundada. As palavras não se referem, como alguns têm sustentado, às intenções de Paulo, antes que a uma visita concretizada. Como Moffatt convincentemente argumenta: "Contra pessoas que suspeitavam da sua coerência e boa vontade, teria sido pouco útil alegar que ele estivera sinceramente intencionado a vir, que estivera inteiramente pronto para visitá-las."[1] Deve ter-se referido a uma visita feita. As suas referências a vir de novo em tristeza ou pesar (ex., 2 Co 2:1) indicam a natureza desagradável daquela visita.

Alguns especialistas situam esta visita antes de ser escrita 1 Coríntios,[2] mas não foi exposta boa razão para isso. Essa epístola parece implicar somente numa visita anterior, aquela durante a qual foi fundada a igreja (ex., **2:1; 3:2; 11:2**). Outra visita é prenunciada (**4:19**), mas não é ainda fato consumado. O conhecimento que Paulo tinha das coisas de Corinto não era pessoal, mas derivava da casa de Cloe (**1:11**; cf. **5:1; 11:18**), e de uma carta da igreja coríntia (**7:1**). Evidentemente a segunda visita foi uma coisa muito penosa. O tom geral de 1 Coríntios é inexplicável depois de uma visita dessa. Parece muito mais de acordo com a evidência pensar na situação implicada em 1 Coríntios como em processo de deterioração depois do recebimento dessa carta. Assim, a visita penosa tornou-se necessária.

Embora esta visita tenha evidentemente produzido algumas falas francas, não conseguiu normalizar a situação. Paulo partiu de Corinto profundamente inquieto. T. W. Manson[3] acha que ele foi para a Macedônia. Nega que de Éfeso fosse feita uma visita apressada, e sugere que Paulo concluiu a sua obra nessa cidade e depois deu prosseguimento a seu plano esboçado em 2 Co 1:15 ss.. A vantagem disso é que elimina a necessidade de pressupor uma visita partindo de Éfeso. A desvantagem é que para levar Paulo a Trôade (2 Co 2:12), ele tem que pressupor uma expedição especial feita na região de Trôade. Também que em 2 Co 1:15 ss. Paulo fala do plano como se tivesse sido abandonado, não como se ele tivesse começado a pô-lo em execução. Parece melhor pensar na visita penosa como uma interrupção do ministério entre os efésios, de sorte que agora voltou para Éfeso.

---

1 *An Introduction to the Literature of the New Testament*, Edimburgo, 1927, pág. 117.

2 Ver a lista em Robertson e Plummer, pág. xxiv.

3 BJRL, vol. XXVI, pág. 327.

Paulo resolveu escrever outra carta. Tinha esta obviamente um tom muito severo, e lhe custou muito escrevê-la (2 Co 2:4; 7:8).[1] Se não tivesse obtido sucesso, pode-se conceber que significaria uma ruptura final entre Paulo e esta igreja que ele fundara. Como a primeira carta que escrevera aos coríntios, esta carta severa também se perdeu, a não ser que, como pensam alguns estudiosos, parte dela esteja preservada em 2 Co 10-13.[2] Pelo que se vê, a carta foi levada por Tito, que deveria voltar via Macedônia e Trôade. Paulo estava impaciente para saber como ela fora recebida. Foi a Trôade, mas, não encontrando Tito, não pôde ficar em paz ali. Fez a travessia para a Macedônia (2 Co 2:13, 13). Ali o encontrou Tito, com as boas novas de que tudo estava bem (2 Co 2:14 ss.; 7:6 ss.). Em sua grande alegria, Paulo escreveu a carta que denominamos 2 Coríntios. É quase certo que ele visitou a igreja logo em seguida.

Desta forma, temos conhecimento de três visitas feitas por Paulo a Corinto:

1. Quando foi fundada a igreja.
2. A visita penosa.
3. Uma visita depois de ter sido enviada 2 Coríntios.

Houve quatro epístolas:

1. A Carta "Anterior".
2. 1 Coríntios.
3. A Carta Severa.
4. 2 Coríntios.

Uma discussão mais pormenorizada desta estruturação pertence com maior propriedade à introdução de 2 Coríntios. Basta aqui anotar prova suficiente para colocarmos 1 Coríntios em sua posição própria na seqüência dos procedimentos de Paulo para com a igreja de Corinto.

---

1 F. B. Clogg refere-se a este episódio todo como "o que deve ter-se provado uma das mais angustiantes experiências da sua vida" (*An Introduction to the New Testament*, Londres, 1940, pág. 39).

2 K. e S. Lake sustentam que "há irresistível razão para crer que 2 Coríntios 10-13 é parte da severa carta e que 2 Co 1-9 é uma carta posterior" (*An Introduction to the New Testament*, Londres, 1938, pág. 122). M. Dibelius, por outro lado, diz: "as cartas antigas tinham bem segura proteção contra esses entrelaçamentos acidentais, no fato de que o endereçamento da carta ficava no reverso do papiro. Isso tornaria difícil tomar acidentalmente uma parte de uma carta por outra carta, e um editor que sem bases visíveis fizesse duas cartas de quatro seria uma figura estranha, especialmente se ele suprimisse da carta intermediária a matéria essencial referida em 2 Co 2 e 7, e ainda usasse um fragmento dessa carta em 2 Co 10-13. Daí, devemos contentar-nos com a perda dessas duas cartas, a saber, a primeira, original, e a terceira, intermediária" (*A Fresh Approach to the New Testament and Early Christian Literature*, Londres, 1936, pág. 154).

IV. Ocasião e Propósito de 1 Coríntios

A ocasião imediata da epístola foi a carta que Paulo recebera da igreja coríntia, e à qual uma réplica era necessária. Conseqüentemente ele escreveu, respondendo questões que lhe foram levantadas, perguntas sobre casamento e celibato, sobre alimento oferecido a ídolos, e provavelmente também sobre o culto público e sobre os dons espirituais. Havia dificuldades na mente dos cristãos coríntios. Paulo escreveu para resolver essas dificuldades.

Mas, evidentemente, o que importava muito mais para Paulo era a notícia que lhe chegara independentemente da carta. Havia inquietantes irregularidades na conduta dos crentes de Corinto. Paulo estava preocupado com a "tendência da parte de alguns membros de tornar a ruptura com a sociedade pagã tão indefinida quanto possível. ... A igreja estava no mundo, como tinha de estar, mas o mundo estava na igreja, como não devia estar".[1] Tanto efeito essa questão causou a Paulo, que ele gastou seis capítulos tratando dela antes de sequer tocar nas questões sobre as quais lhe tinham escrito.

Ele estava preocupado com as divisões dentro da igreja. Os partidos se haviam formado ligando-se aos nomes de Paulo ou Apolo ou Pedro, ou até de Cristo. Paulo passa um tempo enorme tratando disso, e é evidente que o julgava coisa séria. Depois, havia um caso de incesto. A igreja, porém, não censurava o ofensor. Provavelmente, como o coloca L. Pullan, "Eles achavam difícil odiar o sensualismo que anteriormente consideravam divino".[2] Havia também um espírito contencioso. Alguns membros da igreja tinham de fato buscado a lei com outros, e Paulo achava que isso tinha de ser corrigido. Em seguida, a sua atenção se volta para a impureza sexual. Não se podia permitir a continuação de pecados grosseiros dessa espécie. Primeiramente e antes de tudo, 1 Coríntios é uma carta que visa à reforma do comportamento.

Havendo tratado desses males graves, Paulo se volta para as questões mencionadas na carta a ele escrita. Depois inclui uma passagem magnífica sobre a ressurreição, trazida a lume, ao que parece, pelo fato de que alguns dos coríntios negavam que os mortos ressuscitarão (**15:12**). O resultado disso tudo é "'uma inesgotável mina de pensamento e vida cristã'. Em nenhum outro lugar do Novo Testamento há uma incorporação mais multiforme dos imperecíveis princípios e instintos que devem inspirar cada membro do corpo de Cristo em todos os tempos".[3]

---

1 Moffatt, pág. xv.

2 *The Books of the New Testament*, Londres, 1926, pág. 135.

3 A. Robertson, em Hastings, vol. I, pág. 489, 490.

O propósito de Paulo, então, ao escrever esta epístola, é principalmente endireitar desordens que os coríntios encaravam superficialmente, mas que ele considerava graves pecados. Em segundo lugar, escreveu para responder questões que lhe levantaram. Em terceiro lugar, escreveu par ministrar algum ensino doutrinário, particularmente sobre a ressurreição.[1]

É uma carta muitíssimo ocasional, dirigida às necessidades locais imediatas dos conversos de Paulo.[2] Mas seria um engano considerá-la, por isso, irrelevante para as nossas necessidades. O coração do homem não muda, e os princípios sobre os quais Paulo trabalha são tão importantes para nós quanto para os coríntios do primeiro século. Como Godet o coloca, "a tendência de fazer das verdades religiosas o tema de estudo intelectual em vez de uma obra da consciência e de aceitação do coração, a disposição disso resultante, de nem sempre colocar a conduta moral sob a influência da convicção religiosa, e de dar campo a esta mais num discurso oratório do que no vigor da santidade — são defeitos que mais de uma nação moderna partilha em comum com o povo grego".[3] Paulo não apenas trata de problemas que têm um modo de reaparecer noutras épocas e regiões; ele nos dá o princípio sobre o qual agir. Ele trata de problemas cotidianos "de um ponto de vista central, e coloca os problemas cotidianos à luz da eternidade".[4]

V. Autenticidade da Epístola

Muito poucos especialistas têm duvidado seriamente da autenticidade de 1 Coríntios. Robertson e Plummer podem dizer: "Tanto as provas externas como as internas em prol da autoria paulina são tão fortes, que os que tentam mostrar que o apóstolo não é o autor conseguem provar principalmente a sua incompetência como críticos."[5] Por conseguinte, não temos necessidade de fazer mais que indicar brevemente onde se acha a força dessa prova.

---

1 T. W. Manson vê a epístola como provavelmente escrita contra o cenário de fundo da luta de Paulo "contra os agentes do cristianismo judaico palestino, sob a direta liderança de Pedro, ou agindo em seu nome" (*op. cit.*, pág. 118). Contudo, embora o artigo de Manson seja muito estimulante, não parece ter estabelecido o ponto que tem em mira.

2 Cf. A. H. McNeile; esta é "a mais intensamente prática de todas as cartas de S. Paulo. Toda ela foi escrita para satisfazer as necessidades imediatas dos seus conversos" (*An Introduction to the Study of the New Testament*, Oxford, 1927, pág. 122).

3 Página 2.

4 M. Dibelius, *op. cit.*, pág. 155.

5 Pág. xvi.

O testemunho externo é tudo o que poderíamos desejar. É citada em 1 Clemente, uma carta do primeiro século, sendo o primeiro exemplo de um documento neotestamentário citado com o nome do seu autor. É citada livremente por Inácio e Policarpo. Daí em diante, é referida com freqüência, e ninguém expressa dúvida quanto à sua autoria. Nenhuma das outras cartas de Paulo parece ter sido citada tão amplamente e tão cedo como esta. No Fragmento Muratório (uma lista de livros aceitos como canônicos, provavelmente de Roma, e datando de algum tempo após a metade do segundo século) e em algumas outras listas ela é a primeira das cartas de Paulo. Não foi dada nenhuma razão satisfatória para isso, mas evidentemente isso indica algo da importância ligada a 1 Coríntios.

A prova interna igualmente aponta para Paulo. O estilo e a linguagem são os dos escritos paulinos universalmente aceitos como tais. A carta enquadra-se naquilo que sabemos da situação de Corinto. Corre naturalmente como tentativa de Paulo de lidar com uma situação difícil. Ela contém francas condenações dos coríntios. Isso é importante, em vista do fato de que a igreja coríntia aceitou a carta como autêntica, e na verdade a entesourou, de modo que ela foi preservada, e não se perdeu como aconteceu com outras cartas de Paulo. A própria preservação de tal carta pela igreja de Corinto é forte prova de autenticidade.[1]

Igualmente pouca coisa é preciso dizer acerca da integridade da epístola. Ocasionalmente críticos têm suspeitado de interpolações, mas não muitas vezes. E naqueles casos, as razões que eles têm proposto não se recomendam. J. Weiss, por exemplo, sugeriu que vários escritos foram combinados para formar a nossa epístola, mas ele encontrou poucos seguidores. Numa carta não devemos esperar a mesma ordenada classificação de tópicos de um tratado teológico. 1 Coríntios transcorre de modo muito semelhante a uma carta original. Como diz Moffatt, "se algum editor realmente juntou fragmentos de duas ou três cartas, fez tão bem feito o seu trabalho, que está fora das nossas possibilidades recuperar a sua forma e a sua seqüência originais".[2] Não há, pois, razão para duvidar que este é um genuíno escrito de Paulo, e que está isento de qualquer interpolação substancial.[3]

---

1 J. Agar Beet mostra que nenhuma igreja aceitaria "sem cuidadosa investigação, um tão público monumento de sua degradação" (pág. 5).

2 Página xxvi.

3 Robertson e Plummer dizem que ocasionalmente há dúvida quanto a uma palavra, "mas provavelmente não há um versículo ou uma sentença completa que seja uma interpolação"(pág. xviii).Moffatt é de opinião que "A uniformidade do estilo e a genuína índole epistolar da carta tão bem assinaladas que, a despeito da hesitação de Kabisch

VI. Data e Lugar de Origem

O lugar de origem da epístola é indicado com bastante clareza pela afirmação de Paulo, "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecoste" (16:8). Mas em que exato ponto durante a sua permanência em Éfeso ele escreveu, não é imediatamente óbvio.

At 18:18-21 registra uma breve visita a Éfeso imediatamente após a missão que estabelecera a igreja em Corinto. Mas parece impossível pensar que a nossa epístola foi escrita durante esse período. Não há indicação de que havia alguma coisa séria no seio da igreja quando Paulo a deixou, mas, na ocasião em que 1 Coríntios foi redigida muita coisa tinha acontecido. Temos que dar tempo para isso. Ainda uma vez, há a carta "anterior". Mesmo quando a situação começou a desenvolver-se, foi essa carta, e não 1 Coríntios, que foi enviada. Concluímos, pois, que a nossa epístola data da longa estada de Paulo em Éfeso, descrita em At 19. Registra-se que Paulo foi à Macedônia e depois à Grécia em At 20:1, 2, de sorte que temos que achar lugar para a nossa carta antes disto. A permanência em Éfeso foi prolongada. Paulo fala de admoestações que fez "por três anos" (At 20:31). Se a determinação de Paulo, de ficar até o Pentecoste, significa que ele planejava partir depois disso, e se este plano foi posto em execução, temos que situar 1 Coríntios durante o último ano dos três que passou em Éfeso. Se for assim, será mais para o começo desse ano, e não para o fim, pois temos que dar tempo para os eventos que levaram à redação de 2 Coríntios antes de findar o ano.

Um dos pontos mais importantes para a cronologia do Novo Testamento é dado pela afirmação registrada em At 18:12 de que Gálio era procônsul da Acaia quando Paulo estava em Corinto. Este versículo parece significar que Gálio foi para Corinto durante o tempo de Paulo lá.

Uma inscrição em Delfos dá a decisão do imperador sobre uma questão remetida a ele por Gálio, e pela data da inscrição parece que Gálio assumiu o seu cargo durante o início do verão de 51 A. D.[1]

A impressão deixada pela narrativa de Atos é que Paulo saiu de Corinto não muito tempo depois da chegada de Gálio (embora não imediatamente depois; cf. o "ainda muitos dias" de At 18:18).

... a sua unidade mal exige prova pormenorizada" (*An Introduction to the Literature of the New Testament*, Edimburgo, 1927, pág. 113).

1 Referi-me a esta inscrição em meu *Comentário de 1, 2 Tessalonicenses*, da série Tyndale, Londres, 1956, pág. 15. A inscrição é citada e discutida por Kirsopp Lake em The Beginnings of Christianity, vol. V, Londres, 1933, pág. 460ss.

Parece que não há nada que nos habilite a datar a epístola com precisão. A data de Gálio é o último ponto fixo antes da sua composição. Mas quando damos tempo para os eventos narrados em At 18:18-19:1, entre a partida de Paulo de Corinto e sua chegada em Éfeso, em sua terceira viagem missionária, vemos que a nossa epístola teria sido escrita em alguma ocasião em meados da década de cinqüenta.

Análise

I. Introdução (1:1-9).

a. Saudação (1:1-3).
b. Ações de graça (1:4-9).

II. Divisão na Igreja (1:10-4:21).

a. O fato da divisão (1:10-17).
   i. Os partidos (1:10-12).
   ii. Não devidos a Paulo (1:13-17).
b. A "loucura" do Evangelho (1:18-2:5).
   i. A mensagem era "louca" (1:18-25).
   ii. Os crentes são insignificantes (1:26-31).
   iii. A pregação de Paulo não era em sabedoria humana, mas em poder divino (2:1-5).
c. Uma mensagem revelada (2:6-16).
   i. O evangelho não é sabedoria humana (2:6-9).
   ii. Palavras "ensinadas pelo Espírito" (2:10-13).
   iii. Discernimento espiritual (2:14-16).
d. Um erro carnal (3:1-9).
   i. Cristãos carnais (3:1-4).
   ii. A verdadeira relação entre Paulo e Apolo (3:5-9).
e. O fundamento e a edificação (3:10-17).
   i. O teste da boa edificação (3:10-15).
   ii. O templo de Deus (3:16, 17).
f. A posição humilde dos pregadores (3:18-4:13).
   i. A sabedoria do mundo é loucura (3:18-23).
   ii. O louvor de Deus é o que importa (4:1-5).
   iii. Aprenda-se de Paulo e Apolo (4:6, 7).
   iv. As provações sofridas pelos apóstolos (4:8-13).
g. Apelo pessoal (4:14-21).

III. Ralaxamento Moral da Igreja (5:1-6:20).

a. Um caso de incesto (5:1-13).
   i. O fato (5:1, 2).
   ii. O castigo do ofensor (5:3-5).
   iii. Exortação a expurgar todo o mal (5:6-8).
   iv. Um equívoco esclarecido (5:9-13).

b. Processos legais (6:1-11).
c. Fornicação (6:12-20).

IV. Casamento (7:1-40).

a. O princípio geral (7:1-7).
b. Os solteiros e os viúvos (7:8, 9).
c. Os casados (7:10, 11).
d. O cristão casado com uma incrédula disposta a viver com o crente (7:12-14).
e. O cristão casado com uma incrédula que não se dispõe a viver com o crente (7:15, 16).
f. Leve a vida que Deus lhe atribui (7:12-24).
g. As virgens (7:25-38).
h. As viúvas (7:39, 40).

V. Comida Sacrificada a Ídolos (8:1-11:1).

a. O saber concernente aos ídolos (8:1-6).
b. O irmão fraco (8:7-13).
c. O exemplo de Paulo (9:1-27).
    i. Seus direitos (9:1-14).
    ii. Sua recusa a exercer os seus direitos (9:15-18).
    iii. Seu serviço a todos os homens (9:19-23).
    iv. Seu domínio próprio (9:24-27).
d. O exemplo dos israelitas (10:1-13).
    i. Uma referência à história (10:1-5).
    ii. A idolatria e suas lições (10:6-13).
e. A incompatibilidade do cristão com as festas idolátricas (10:14-22).
f. O resultado prático (10:23-11:1).

VI. Desordens no Culto Público (11:2-14:40).

a. O véu das mulheres (11:2-16).
b. A ceia do Senhor (11:17-34).
    i. As ofensas (11:17-22).
    ii. Uma rememoração da instituição (11:23-26).
    iii. O resultado prático (11:27-34).
c. Dons espirituais (12:1-14:40).
    i. A variedade dos dons (12:1-11).
    ii. Diversidade e unidade ilustradas com o corpo humano (12:12-31).

iii. Hino louvando o amor (13:1-13).
iv. Profetizar é superior a "línguas" (14:1-25).
v. O resultado prático (14:26-33).
vi. As mulheres na igreja (14:34-36).
vii. Conclusão (14:37-40).

VII. A Ressurreição (15:1-58).

a. A ressurreição de Cristo (15:1-11).
b. As conseqüências de negar-se a ressurreição de Cristo (15:12-19.
c. As conseqüências da ressurreição de Cristo (15:20-28).
d. Argumentos derivados da experiência cristã (15:29-34).
e. O corpo da ressurreição demonstrado pela natureza e pela Escritura (15:35-49).
f. Vitória sobre a morte (15:50-58).

VIII. Conclusão (16:1-24).

a. A coleta (16:1-4).
b. Os planos de Paulo (16:5-9).
c. Timóteo e Apolo (16:10-12).
d. Exortação (16:13,14).
e. Tenha-se a devida consideração por homens como Estéfanas (16:15-18).
f. Saudações finais (16:19-24).

COMENTÁRIO

I. Introdução (1:1-9)

a. Saudação (1:1-3)

1. A introdução de Paulo é a costumeira numa carta do primeiro século: primeiro, o nome do(s) escritor(es), depois o(s) do(s) destinatário(s), e uma oração. Mas a cada parte Paulo dá um toque caracteristicamente cristão. Por exemplo, o seu nome é seguido da sua designação como *apóstolo* (o que é muito apropriado nesta carta em que a sua autoridade apostólica há de ser invocada numerosas vezes para endireitar as coisas erradas). Paulo salienta a origem divina do seu apostolado (cf. Gl 1:1). É este o pensamento presente em *chamado* (cf. Rm 1:1), e na insistência em que é *pela vontade de Deus*. As três expressões dão impressionante ênfase à realidade da comissão divina. Paulo associa a Sóstenes consigo. Este pode ser o homem mencionado como "o principal da sinagoga" (At 18:17), caso em que, ele se converteu subseqüentemente. Mas o nome não é tão incomum que dê completa certeza a isto.

2. A epístola é endereçada *à igreja de Deus que está em Corinto*. *Ekklēsia, igreja*, é uma palavra que em grego comum podia aplicar-se a qualquer assembléia secular (é empregada para designar os amotinados efésios em At 19:32, 41 / ARA, v. 40; cf. v. 39). Os cristãos se apossaram das palavras gregas normais em uso para as irmandades religiosas, e fizeram desta o nome característico que dão aos crentes. Provavelmente foram influenciados também pelo fato de que ela é empregada na LXX com referência à assembléia dos israelitas. Indica o fato de que a igreja não é apenas um grupo religioso entre muitos. Ela é única. As palavras comuns não o especificam. Mas ela não é qualquer "assembléia"; é a *ekklēsia de Deus*. Aqui a igreja é ademais definida como os *santificados em Cristo Jesus* e como os *chamados*

para ser santos. Ambas as expressões expõem o pensamento de que os cristãos são separados para o serviço de Cristo. *Santo* é da mesma raiz de *santificado*. Para nós, a idéia comunicada por ambas as palavras é a de caráter moral elevado. Ao invés disso, o grego sugere a idéia de ser separado para Deus (conquanto, naturalmente, o caráter envolvido nessa separação não esteja fora de cogitação).

Alguns têm sugerido que *com todos os que em todo lugar* etc., visa a ampliar a saudação para incluir todos os cristãos. Esta é a interpretação muito natural do grego. T. W. Manson opina que a palavra *topos, lugar*, deve ser tomada no sentido de "lugar de culto", como em certas inscrições de sinagogas judaicas.[1] Mas uma forte objeção a ambas as sugestões é que a epístola não dá sinal de ter sido destinada a ser uma circular ou um manifesto geral. Ela se prende obstinadamente a fatos locais. Por conseguinte, é melhor tomar a frase como estreitamente ligada a *santos*. Os coríntios são chamados para ser santos juntamente com outras pessoas. A invocação do nome de Jesus Cristo é um modo incomum de descrever os cristãos (embora seja um modo facilmente compreensível). Sua importância está em que no Velho Testamento é o nome de Jeová que os homens invocam (ver especialmente Jl 2:32). A posição mais alta está sendo atribuída a Cristo.

3. *Graça* é uma das grandes palavras cristãs. Assemelha-se à saudação gregà usual, mas há um mundo de diferença entre "saudação" (*chairein*) e "graça" (*charis*). Graça lembra-nos a livre dádiva de Deus aos homens, e mais especialmente a Sua livre dádiva em Cristo. *Paz* é a saudação hebraica usual. Mas o hebraico *shalom*, significa mais do que "paz" em inglês e em português corrente. Não é simplesmente a ausência de luta, mas a presença de bênçãos positivas. É a prosperidade do homem integral, especialmente a sua prosperidade espiritual.

Esta veio a ser a saudação cristã típica. Acha-se praticamente em todas as cartas do Novo Testamento (às vezes com o acréscimo de "misericórdia"). É típico não somente que estas qualidades sejam mencionadas, mas que Deus o Pai e o Senhor Jesus Cristo sejam reunidos como co-Autores. Não se poderia dar mais alta posição a Cristo.

b. Ações de graça (1:4-9).

4, 5. Paulo normalmente tem uma ação de graças no início das suas cartas. Em vista das cortantes críticas que subseqüentemente faz aos coríntios, alguns acham que essas ações de graça são irônicas. Pa-

1 B.J.R.L., vol. XXVI, pág. 103.

rece que não há base real para isso. É hábito de Paulo encorajar e elogiar os seus conversos sempre que pode. Embora houvesse muita coisa errada nas vidas dos crentes coríntios, não há razão para duvidar que "a comunidade cristã de Corinto deve ter apresentado, de modo geral, um maravilhoso contraste com os seus concidadãos pagãos" (Lightfoot). Paulo dá sinceras graças por isso.

Realização meramente humana tem pouco significado para Paulo. Ele sabe muito bem que na carne "não habita bem nenhum" (Rm 7:18). Sua ação de graças é, não por alguma coisa que os coríntios tenham feito por seus próprios esforços, mas por aquilo que a graça de Deus *dada em Cristo Jesus* (melhor que VA, "dada por Jesus Cristo") realizou neles. Distinguem-se dois pontos: a *palavra*, a transmissão da verdade; e o *conhecimento*, a apreensão da verdade. "Ele escolhe os dons dos quais os coríntios eram especialmente orgulhosos" (Parry). Cf. a combinação desses dois pontos em, "a palavra do conhecimento" (**12:8**).

6. *O testemunho de Cristo* é o testemunho dado por Paulo e seus companheiros. O Evangelho são boas novas. A sua proclamação é descrita muitas vezes, ou como a atividade do arauto (que simplesmente passa adiante as palavras que lhe deram), ou, como aqui, a ação de dar testemunho daquilo que Deus fez. Num ou noutro caso, acentua-se a natureza derivada do Evangelho. Ele vem de Deus. O pregador simplesmente o passa adiante, dá testemunho dele. Esse testemunho *tem sido confirmado* nos coríntios. O verbo é empregado muitas vezes nos papiros num sentido legal de garantir.[1] Paulo está ressalvando que as vidas transformadas dos coríntios demonstravam conclusivamente a validade da mensagem que lhes fora pregada. Os efeitos da pregação eram a garantia da sua veracidade.

7. O resultado disso tudo é que os coríntios não têm falta de nenhum dom. Esta palavra é utilizada com referência (1) à salvação (Rm 5:15), (2) aos excelentes dons de Deus em geral (Rm 11:29), e (3) às capacitações especiais do Espírito, por exemplo, falar em línguas (**12: 4**, ss). Aqui o pensamento é dado em seu sentido amplo (2). Deus lhes enriquecera as vidas, e não tinham falta de nenhum dom espiritual. A referência à segunda vinda do Senhor é inesperada. A associação de idéias pode ser a de que o presente antegozo do Espírito faz o nosso pensamento voltar-se para a experiência mais completa do último grande dia (cf. Rm 8:23; Ef 1:13, 14). *Apokalupsin*, traduzido pela VA por "vinda", significa "manifestação" (RC), *revelação* (RA). Há

1 Ver Deissmann, *Bible Studies*, Edimburgo, 1901, pág. 104ss.

diferentes modos de ver o segundo advento. Este o vê como uma revelação de Cristo. Nós O veremos como Ele é (cf. 1 Jo 3:2).

8. O verbo *confirmará* é o empregado no vers. **6**. Cristo, que os enriqueceu, deu-lhes graça e todas as boas dádivas, cuidará para que até a hora final nada lhes falte. O próprio enriquecimento com os dons do espírito é uma segurança, uma prelibação das coisas vindouras. Exatamente como o tempo do fim pode ser referido como uma revelação de Cristo, assim pode ser mencionado como o *dia de nosso Senhor Jesus Cristo*. O que é característico quanto a este fato é que o nosso Senhor está nele. Porque é Seu dia, e porque é Ele que os *confirmará*, podem estar seguros de que serão *irrepreensíveis* naquele dia. *Irrepreensíveis* é o sentido da palavra que a VA traduz por "inocentes", "sem culpa". Nenhuma acusação pode ser lançada contra aquêles que Cristo garante (cf. Rm 8:33).

9. Isso não é uma jactância vã. É uma segura confiança baseado no fato de que *Deus é fiel*. A continuidade dos favores mencionados nos versículos precedentes pode ser esperada confiantemente. Está em jogo o caráter de Deus.

Paulo retorna ao princípios. Este Deus fiel chamou os cristãos coríntios *à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor*. As palavras introdutórias desta epístola lembraram-nos que a posição de Paulo como apóstolo se devia ao chamamento divino. Agora vemos que há um chamamento para todo crente. É porque Deus o chamou, e não por causa da sua própria iniciativa, que ele se tornou cristão. O genitivo depois de *koinōnia, comunhão*, pode ser subjetivo ("comunhão com") ou objetivo ("comunhão em"). Um exemplo do primeiro caso é Fp 1:5, onde *vossa cooperação* (AV, "vossa comunhão"; grego, *koinōnia*), literalmente, "comunhão de vós", quer dizer "comunhão convosco". Os genitivos objetivos são como "a comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3:10), indicando comunhão "em" sofrimento. Aqui é possível que Paulo queira dizer que a comunhão é uma participação comum de Cristo. Mas o genitivo de uma pessoa tem maior probabilidade de ser subjetivo, com o sentido de "comunhão com Cristo" (Ellicott acha que são as duas coisas, a saber, comunhão "nele e com Ele"). A palavra é a antítese direta de *divisões*, no v. **10**.

Vale a pena parar para observar como Paulo se prolonga amorosamente no nome do seu Salvador. Nove vezes nestes nove versículos ele faz usó deste nome, e tornará a usá-lo no versículo seguinte. Cristo é absolutamente central. Paulo demora-se sobre o nome.

II. Divisão na Igreja (1:10-4:21)

a. O fato da divisão (1:10-17)

i. *Os partidos* (**1:10-12**). "Ora" (AV), *de* (omitido na RA), é adversativa. Põe o que se segue contra o que o precede, como um contraste com isso. Muito antes de concretizar-se a "comunhão", há divisão. Paulo os leva ao assunto com um terno apelo. Emprega o verbo *rogo-vos*, o afetuoso tratamento, *irmãos*, e lhes suplica *pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo*. O título completo encarece a solenidade do seu apelo. Este único nome firma-se contra todos os nomes dos partidos.

Que faleis todos a mesma cousa é um apelo para concórdia. Esta expressão "estritamente clássica"... "é empregada com relação a comunidades políticas isentas de facções, ou a diferentes estados que mantêm relações amistosas entre si" (Lightfoot). O uso de proclamações partidárias sempre tende a aprofundar e a perpetuar a divisão, e Paulo clama por seu abandono. *Divisões, schismata*, não significa "cismas", mas "dissensões". As divisões eram internas. Paulo pede que corrijam a situação e que sejam *inteiramente unidos*. Esta é a tradução de um verbo grego que tem que ver com a restauração de algo à sua condição correta. Ele é empregado com referência a consertar redes (Mt 4:21). É empregado para expressar o suprimento que estava faltando à fé dos tessalonicenses (1 Ts 3:10). A condição da igreja coríntia estava longe daquilo que devia ser. Exigia-se uma ação restauradora. Paulo espera que eles venham a ter "mente" (AV) unida (= "estrutura mental"; ARA: *disposição mental*) e "julgamento" (AV) unido (= opinião"; ARA: *parecer*).

11. Descerra-se a fonte de informações de Paulo. Cloe não é conhecida doutro modo. Como seu nome é mencionado, é talvez mais provável que ela fosse efésia, e não coríntia. Não o sabemos, porém. Tampouco sabemos se era cristã, embora isto se possa considerar provável. De qualquer forma, membros da sua família tinham informado (AV: "declarado") a situação a Paulo. A palavra significa "tornado clara". Paulo não foi deixado em dúvida. Também pode ser que a palavra "implique em que o apóstolo relutou em crer nos relatos que tinham chegado aos seus ouvidos" (Edwards). *Contendas* apontam-nos brigas. Havia um espírito de facciosidade. Exaltaram-se as emoções. Em Gl 5:20 isso é castigado como uma das "obras da carne" (sendo a tradução ali, "porfias").

12. A acusação de Paulo torna-se precisa. *Cada um de vós* não precisa ser forçado a indicar que não havia exceções de forma alguma,

mas mostra que o problema se havia propagado. *Eu sou de Paulo* significa, "Eu sou discípulo de Paulo", "Eu sigo o caminho de Paulo"; e assim com as outras designações. Considerável engenho tem-se expendido na tentativa de dar um esboço do ensino das várias facções, mas certamente isso é inexeqüível. Pelo tom geral das referências de Paulo a Apolo, e pelo que sabemos deste discípulo com base noutras passagens, fica patente que não havia diferença no ensino deles. A escolha do partido deve ter sido feita com base nos seus métodos de pregação. Provavelmente Apolo era mais esmerado e mais retórico do que Paulo.

O partido de *Cefas* (Cefas é a forma aramaica do nome "Pedro") levanta dificuldades de outra espécie. Não sabemos se Pedro tinha estado alguma vez em Corinto ou não. Se tinha, a base da ligação pode ter sido pessoal. Mas havia outras considerações. Pedro era cristão mais antigo do que Paulo. Fora o líder dos doze apóstolos originais. Parece que era um tanto mais propenso a acomodar-se à lei judaica do que Paulo (cf. Gl 2:11 ss.). É bem possível que em sua pregação houvesse ênfase diferente da de Paulo, conquanto essa devesse ser ligeira. Mas uma parte dos coríntios achava que havia algo em torno de Pedro que fazia dele o homem para quem apelar.

Alguns acham que não havia um partido *de Cristo*. Entendem *e eu de Cristo* como uma intervenção do próprio Paulo no fim. A construção da sentença torna isso extremamente improvável. O grego parece indicar um quarto partido. Se essas pessoas estavam simplesmente cansadas dos outros três, e, portanto, diziam: "Pertencemos a Cristo, e a nenhum mestre", ou se tinham algumas doutrinas distintivas, não temos meios de saber. Se for o primeiro caso, elas ainda estavam embebidas no espírito de partidarismo, e elas mesmas vieram a ser um partido. O que é evidente é que existiam grupos definidos. Paulo condena o espírito que levou à formação deles. Não excetua os que se apegaram ao seu nome. A coisa toda estava errada. Ele não queria que houvesse nada daquilo.

ii. *Não devidos a Paulo* **(1:13-17)**. A indignação do apóstolo explode numa série de perguntas. *Acaso Cristo está dividido?* tem-se entendido de mais de um modo. Alguns não o tomam como pergunta, mas como uma indignada exclamação: "Então, Cristo está dividido!" O equilíbrio da passagem torna isso improvável. Outros entendem o verbo como médio (como em Lc 12:13). Isto daria um bom sentido: "Cristo (vos) repartiu com outros?" Isto indicaria que somente uma parte deles se devotara a Cristo. Mas parece mais provável que o verbo seja passivo. Isto poderia significar "Cristo foi dado em partilha?" (isto é, a um dos grupos conflitantes; cf. Moffatt, "Cristo foi dividido em parcelas?"). Este último sentido é o mais provável. Mas, seja qual

for a interpretação adotada, Paulo está tendo em mira uma completa impossibilidade. Cristo é um, e a igreja, que é Seu corpo, tem que ser uma.

A segunda pergunta, *foi Paulo crucificado em favor de vós?*, também se refere a algo inconcebível. Ela dirige a atenção para a centralidade da cruz. Os coríntios, com sua ênfase à sabedoria, parecem tê-la passado por alto. Nenhum outro senão Cristo poderia realizar a obra crucial de redenção. A terceira pergunta os adverte de que não tinham compreendido o significado do batismo que tinham recebido. Haviam sido batizados em Cristo, não em qualquer homem. Portanto, a sua lealdade devia ser a Cristo somente.

14-16. Isto leva Paulo a uma rememoração da sua ação quando entre eles. Batizara bem poucos conversos, e agora considera isso providencial. Dá graças a Deus por isso. É interessante que Cristo mesmo delegou o batismo aos Seus seguidores (Jo 4:1, 2). Pode muito bem ser que Pedro tenha seguido a mesma prática (At 10:48). Paulo fizera exceções nos casos de Crispo, Gaio e a casa de Estéfanas (a menção desta última após breve intervalo é um toque natural numa carta ditada). Muitos acham que foi feito isso por causa da importância dessas pessoas. Isto parece improvável, pois, como diz Godet, "esta idéia contradiria o próprio fluxo da passagem toda". Paulo tinha as suas razões, mas não as revela. O v. **16** deixa aberta a possibilidade de que talvez houvesse alguns outros, mas evidentemente se sabia bem que batizar não era praticado por Paulo.

Ele nos dá a importância disto no v. **15**. Rejeitava toda e qualquer tentativa de ligar pessoalmente a ele os conversos. Na antiguidade, "nome" significava muito mais do que significa para nós. Equivalia a toda a personalidade. Era a suma do homem integral. A preposição aqui empregada é *eis* "para dentro de", um tanto mais forte do que *en* e *epi*, também empregadas em conexão com o batismo. "Dentro do nome", como expõem Robertson e Plummer, "implica na entrada em comunhão e fidelidade como a que existe entre o Redentor e os remidos". Não poderia haver a sugestão de que Paulo dissera ou fizera alguma coisa para introduzir os seus conversos em tal relação com ele pessoalmente. Ele tinha dirigido os homens a Cristo.

17. A essência da comissão de Paulo não era administrar ritos, mesmo ritos importantes como o batismo, mas, sim, *pregar o Evangelho*. Pregar é a função primordial dada por Cristo aos doze na comissão original (Mc 3:14). Através do Novo Testamento, esta função continua sendo a primordial. Os apóstolos estavam numa posição única na qualidade de testemunhas do ato salvador de Deus em Cristo. Sua

principal ocupação era proclamá-lo. Àssim, eles consumiam o tempo em incessantes labores, fazendo conhecido o Evangelho.

Pelo menos alguns coríntios estavam dando valor demasiado alto à sabedoria humana e à eloqüência, em harmonia com a típica admiração grega pela retórica e pelos estudos filosóficos. Em face disso, insiste em que pregar com *sabedoria de palavra* não fazia parte da sua comissão. Esta espécie de pregação atrairia os homens para o pregador. Anularia a cruz de Cristo. A fiel pregação da cruz resulta em pararem os homens de pôr a sua confiança em algum expediente humano, fiando-se, em vez disso, na ação de Deus em Cristo. Contar com a retórica levaria os homens a confiarem nos homens — a antítese mesma daquilo que a pregação da cruz tenciona efetuar.

b. A "loucura" do Evangelho (1:18-2:5)

i. *A mensagem era "louca"* **(1:18-25)**. Paulo prossegue, desenvolvendo o contraste entre a sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus. Da maneira como ele emprega o termo *sabedoria*, deduzimos que alguns coríntios tinham dado grande ênfase a esta qualidade. Com linguagem ousada e enfática, Paulo contrasta o método de Deus, que parece loucura aos cristãos sofisticados, com a ineficácia daquilo que o mundo toma por sabedoria.

18. "A pregação" (AV) é literalmente *a palavra* (como na ARA). Há um contraste com a *sabedoria de palavra* do versículo anterior. O termo é tal que é um pouco incomum numa passagem como esta. Ele dirige a atenção tanto para o modo como para a matéria da pregação apostólica. A mensagem não agrada os que "perecem" (AV), mais que a absoluta simplicidade com que ela era apresentada. Em sua sabedoria mundana, eles não vêem nada nela, senão *loucura* ("absurdo", como Phillips o traduz). *Os que se perdem* e os *que somos salvos* representam um par de particípios presentes. O presente dá idéia de um processo que está em andamento. Poderíamos traduzir: "os que se estão perdendo" e "nós", que estamos sendo salvos". Há um agudo contraste. Em última instância, todos teremos que cair, ou na classe dos salvos, ou na dos perdidos. Não há outra. Os que estão sendo salvos não têm ainda toda a sabedoria do céu, mas foram introduzidos numa novidade de vida que os habilita a avaliar as coisas espirituais. Como resultado, penetram a verdadeira grandeza do Evangelho, ao passo que os que perecem são cegos para tudo, menos para o superficial. "Sabedoria" é o oposto de "loucura", e, conseqüentemente, esperaríamos que Paulo falasse do Evangelho como "a sabedoria de Deus". Em vez disso, como em Rm 1:16, ele o caracteriza co-

mo *poder*. Não é simplesmente um bom conselho aos homens, dizendo-lhes o que devem fazer. Tampouco é uma mensagem acerca do poder de Deus. O Evangelho *é* o poder de Deus.

19. Caracteristicamente, Paulo arrebita o seu argumento com uma citação da Escritura Sagrada. Sua citação é de Is 29:14, com uma ligeira variação da LXX. Assim é que o princípio que Paulo está expondo não é nada novo. Desde tempos antigos, o método de Deus se levantava em marcante contraste com o método sugerido pela sabedoria dos homens. Os homens sempre acham que o seu método tem que ser o certo (cf. Pv 14:12; 16:25). Mas Deus refuta a sabedoria deles. Ele reduz a nada os seus sistemas. Destrói a sabedoria deles. Neste contexto, não há muita diferença entre *sabedoria* e *inteligência*. A primeira denota propriamente excelência mental em geral, e a última, o inteligente discernimento crítico dos "sustentáculos das coisas" (ver Lightfoot sobre Cl 1:9). Nem uma nem outra podem sustentar-se diante de Deus.

20. À maneira de Is 33:18, uma série de questões retóricas malha adequadamente o ponto. Alguns acham que *o sábio* indica-nos o sofista grego, e *o escriba*, o intérprete judeu da lei, com *o inquiridor deste século*, uma expressão geral para incluir ambos. Outros invertem a significação do primeiro e do último. Mas é improvável que Paulo tivesse tais distinções em mente. Sua preocupação é demonstrar que nenhuma sabedoria humana serve diante de Deus. *Sábio, escriba* e *inquiridor deste século* são três expressões típicas para descrever os que são cultos e perspicazes, como o mundo considera a sabedoria. Há um vislumbre da natureza transitória da sabedoria humana no emprego de *aiōn* para "mundo" (AV; *século*, ARA), em vez de *kosmos* (que ocorre na parte final do versículo). Este mundo é um espetáculo passageiro, e a sua sabedoria passa com ele. Deus não somente desconsiderou esta sabedoria. Ele a *tornou louca*. Paulo não quer que haja a mais ligeira dúvida quanto à rejeição divina de tudo quanto repouse numa base de sabedoria meramente humana.

21. É improvável que a *sabedoria de Deus* aqui denote a revelação da sabedoria de Deus na natureza. Alguns comentadores a tomam no sentido de que os homens deixaram de prestar atenção na voz de Deus de um modo, e assim Ele lhes fala doutro modo. Mas o curso da passagem é contra essas idéias. Paulo seguramente quer dizer que a Deus, em Sua sabedoria, aprouve salvar os homens por meio da cruz, e por nenhum outro meio. *Aprouve* fixa a atenção na livre e soberana escolha de Deus. Não estava em Seu plano, de modo nenhum, que os homens, pelo exercício da sabedoria, alcançassem o conhecimento dele.

Aprouve a Ele revelar-se de maneira completamente diversa. Paulo não hesita em expor o caráter totalmente inesperado da referida maneira com a sua ousada asserção de que é *loucura*. Os homens nunca aclamaram o Evangelho como uma obra-prima de sabedoria. Para o homem natural, ele não faz sentido. Paulo não estava inconsciente daquilo contra o que estava quando pregava o Evangelho. A palavra traduzida por *pregação, kērugmatos*, não quer dizer, como o inglês e o português podem sugerir, o ato de pregar. Ela dirige a atenção mais para o conteúdo da mensagem. Não é apenas o fato de que os homens pregam o Evangelho que é "loucura"; é o próprio Evangelho, a mensagem de que Deus salva os homens por meio de um Salvador crucificado. Os homens não recebem salvação exercendo sabedoria. Ela vem *aos que crēem* (o tempo é o presente contínuo, indicando uma fé habitual).

22. Antepondo a exigência que os judeus faziam de um "sinal" (AV; literalmente, *sinais*, como na ARA) à busca que os gregos faziam de *sabedoria*, Paulo expõe as características das duas nações. Em toda a sua história, os judeus eram muito dados aos fatos concretos. Mostravam pouco interesse pelo pensamento especulativo. Sua exigência era de provas, e o seu interesse estava no que é prático. Pensavam em Deus como se manifestando na história com sinais e poderosas maravilhas. À luz disto, exigiram um sinal do Senhor (Mt 12:38; 16:1, 4; Mc 8:11, 12; Jo 6:30). Pensavam no Messias como Alguém credenciado por extraordinárias manifestações de poder e majestade. Um Messias crucificado era uma contradição nos termos.

Os gregos embebiam-se na filosofia especulativa. Os nomes de ninguém eram mais honrados entre eles do que os nomes dos seus pensadores proeminentes. Das elevadas alturas da sua cultura, eles olhavam para baixo, e desprezavam como a bárbaros a todos os que deixavam de apreciar a sua *sabedoria*. Que essa *sabedoria* degenerara muitas vezes, tornando-se sofismas sem sentido, ou a espécie de interesses mencionados em At 17:21, significava pouco para eles. Continuavam ainda orgulhosos da sua agudeza intelectual, e não achavam lugar para o Evangelho. Proctor se refere à "alta percepção intelectual dos filósofos gregos" e à "nobreza de grande parte dos seus escritos". Mas ele acrescenta, "Todavia, isso tudo não tem poder salvador para a humanidade".

23. Em contraste com isso (*mas, de*, é uma adversativa, e *nós, hemeis*, é enfático), Paulo coloca a pregação de *Cristo crucificado*. O verbo, *pregamos*, é o apropriado para a ação de um arauto. A mensagem vinha de Deus, não do pregador. Neste sentido é um termo peculiarmente cristão. É pouco usado, se é que o é alguma vez, deste modo

nos clássicos, na LXX e nos sistemas religiosos correntes, como as religiões de mistério. *Crucificado* é um particípio perfeito. Cristo não somente foi crucificado uma vez, mas continua no caráter do Ser crucificado. A crucifixão é permanente em sua eficácia e em seus efeitos.

Mas para os judeus não há nada disso. Para eles, um Messias crucificado é uma impossibilidade completa, um *escândalo* — pedra de tropeço — uma ocasião de ofensa. E não é nada melhor com os gregos. Para eles, é *loucura*, pura insensatez sem remédio. Deus jamais agiria de semelhante modo! A crucifixão constitui o centro vital da fé cristã, mas não é aceitável nem ao judeu nem ao grego. *Gregos* (AV) neste versículo não é a mesma palavra dos versículos imediatamente anterior e posterior. Normalmente se traduz por *gentios* (como na ARA), e é a palavra comumente usada para todos os povos não judeus. Paulo inclui a humanidade inteira na rejeição do Messias crucificado.

24. Mas essa não é a história toda. Se o homem natural, seja ele judeu ou grego, instintivamente rejeita a mensagem da cruz, o homem que é chamado por Deus, judeu ou grego, a acolhe. Há ênfase na idéia de chamamento, e nós poderíamos traduzir, "ões chamados, eles próprios" (como na VRmg). O fato relevante é que eles foram chamados por Deus. Tudo mais é sem importância. Aqui, como é costume nos escritos de Paulo, *chamados* contém a idéia de chamamento eficaz. Está implícito que o chamamento foi ouvido e obedecido. Os homens chamados desta forma sabem que o Cristo crucificado significa poder. Antes de serem chamados, não podiam dominar o poder do pecado. Agora podem. Cristo é o *poder de Deus.*

Ele é também a *sabedoria de Deus.* Esta passagem toda está interessada na sabedoria. Evidentemente os coríntios a tinham salientado. Os gregos habitualmente a buscavam. A cruz parece nada mais que uma consumada loucura. Contudo, a cruz em que o filho de Deus foi pendurado pelos homens provou que é o poder de Deus. Nela o pecado foi derrotado. Também provou que é a sabedoria de Deus. A sabedoria do mundo não podia encontrar Deus, nem tinha poder sobre o mal. A cruz revelou Deus e deu aos homens o poder de que necessitavam. Ao nível da busca de sabedoria, aquela "loucura" de Deus provou que é a verdadeira sabedoria.

25. Assim Paulo arremata a seção com a conclusão de que o que em Deus o homem orgulhoso costuma apelidar de *loucura*, é mais sábio *do que os homens*, e do que qualquer coisa que haja no homem. O Messias sofredor, pendente da cruz, parece fraco. Mas é a *fraqueza de Deus* que Ele exibe, e esta é *mais forte do que os homens*, e do que qualquer coisa que os homens possam produzir.

Os judeus, que buscavam sinais, estavam cegos para o significado do maior sinal de todos, quando ele esteve diante deles. Os gregos, amantes da sabedoria, não puderam discernir a mais profunda sabedoria de todas, quando foram confrontados com ela.

ii. *Os crentes são insignificantes* **(1:26-31)**. A idéia da contradição que o método de Deus apresenta à sabedoria dos homens é ilustrada com a espécie de pessoas que Ele chamou para ser Sua propriedade peculiar. Ele poderia ter decidido colocar o Evangelho de forma que apelasse primariamente para os intelectuais. A sabedoria humana sói concentrar-se em homens proeminentes. Mas Deus não tem necessidade da sabedoria humana. Antes, Ele escolhe os que têm pouca coisa que os recomenda, do ponto de vista mundano. A estes, Ele transforma e usa como instrumentos para a consecução do Seu propósito. O Seu poder opera milagres no menos esperançoso material. Assim, mostra-se que a sabedoria de Deus sobrepuja em excelência o melhor que os homens podem produzir.

26. "Vós vedes" (VA) talvez seja melhor tomar como imperativo, como a VR, "Olhai a vossa vocação" (cf. Moffatt, "atentai para as vossas próprias fileiras, irmãos"), e como a ARA, *Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação*. Paulo está convidando os seus leitores a refletirem no tipo de pessoa que de fato Deus escolheu. *Vocação* refere-se ao chamamento divino, e não ao sentido comum do termo hoje em dia. Paulo acentua uma vez mais a iniciativa divina. O estado das coisas que ele está descrevendo não surgiu porque as únicas pessoas que se interessavam pelo cristianismo eram das classes oprimidas. Surgiu porque Deus escolheu operar as Suas maravilhas através de pessoas que, do ponto de vista humano, eram as menos prometedoras. É provavelmente pela mesma razão que *não... muitos sábios segundo a carne* encabeça a lista de Paulo. A sabedoria esteve muito em mente durante essa discussão toda. Os coríntios tinham a típica reverência grega pela sabedoria. Mas Paulo rejeita decididamente isto como o critério pelo qual Deus escolhe os Seus. Isso não equivale a dizer que não há ninguém das classes mencionadas. Ao contrário, *hão muitos* implica em que havia alguns, embora não grande número. *Poderosos* é termo geral para as pessoas mais importantes. *De nobre nascimento* aplica-se à família, e indica os de estirpe nobre. Mas, "as coisas que elevam o homem no mundo, saber, influência, classe, não são as que levam a Deus e à salvação" (Hodge).

27. A repetição de *escolheu* sublinha o propósito de Deus. Há uma mudança de gênero, de *as cousas loucas* (neutro, no grego) para *os sábios* (masculino, subentendendo-se "homens"). O neutro centra-

liza a atenção na qualidade da loucura possuída por aquelas pessoas, e não as pessoas mesmas, como indivíduos. "Confundir" (AV), *kataischunē*, significa *envergonhar* (ARA), a saber, pelo contraste entre a avaliação que os sábios fazem de si mesmos e que a escolha de Deus revela. É precedido pela conjunção *hina*, indicando propósito. Paulo se certifica de que não passemos por alto o plano de Deus nisso tudo. *Fortes* traduz uma palavra grega diferente da que no versículo anterior é traduzida por "poderosos" (ARA; AV: "fortes"). A diferença de sentido não é muito grande, sendo que a deste versículo contém um pouco de ênfase à força física. Alguns comentadores entendem *do mundo* no sentido de "no juízo do mundo". Mas isso é desviar o aguilhão das palavras de Paulo. Deus não escolheu somente os que o mundo considera "loucos" e "fracos"; escolheu também os que realmente são "loucos" e "fracos" neste mundo.

28. *Humildes* significa "de baixo nascimento" (muitas vezes com o acréscimo da noção de indignidade moral). É a antítese direta de *de nobre nascimento*, do v. **26**. Tem o artigo, como a expressão seguinte; daí, é boa a tradução da RA: *as coisas humildes... e as desprezadas*. Esta última palavra é forte, significando "tratar como sem valor" (Knox, "desprezíveis"). Mas a expressão seguinte, "as coisas que não são", é muito mais forte. A atividade de Deus nos homens é criadora. Ele toma aquilo que não é absolutamente nada e faz disso o que Lhe apraz. *Katargeō, reduzir a nada*, não é fácil traduzir. Ocorre vinte e sete vezes no Novo Testamento, e é traduzido de dezessete diferentes modos na AV. A RV recusa sete deles, mas introduz outros três. Obviamente não é fácil captar o seu significado. Basicamente significa algo como "tornar inútil" ou "inoperante", e disso derivam os seus empregos. Aqui o sentido é que as coisas *que não são* tornam completamente ineficazes as coisas *que são*.

29. Deus faz tudo isso com o propósito de retirar dos homens toda ocasião para jactância. O que quer que os homens possam fazer uns perante os outros, não há lugar para jactância "perante Deus" (esta é a verdadeira redação, não *na presença de Deus*).

30. Do negativo Paulo se volta para o positivo. Os salvos são *de-le, de, ex*, dando a idéia de origem. A nova vida deles deriva-se de Deus (cf. Rm **9**:11; **2** Co 5:18; Ef **2**:8). Eles estão *em Cristo Jesus*. Livros inteiros têm sido escritos sobre esta frase enigmática que Paulo usa habitualmente para descrever a relação dos crentes com Cristo. Podemos dizer sucintamente que ela indica que o crente está na mais estreita relação possível com o seu Senhor. Cristo é a própria atmosfera em que ele vive. Todavia, é preciso que não interpretemos isto me-

canicamente. Cristo é uma Pessoa. A frase descreve uma ligação pessoal com um Salvador pessoal. E. Best demonstrou que a expressão também tem um aspecto corporativo. Estar "em Cristo" é estar estreitamente relacionado com outros que também estão "em Cristo".[1] É fazer parte do corpo de Cristo. A conjunção adversativa, *de, mas,* e o *vós* enfático, põem os crentes em forte contraste com os sábios mundanos dos versículos anteriores. O contraste com a sabedoria vem doutra forma quando se diz que Cristo *se nos tornou... sabedoria.* Paulo já argumentara energicamente que a aparente "loucura" do Evangelho é a verdadeira sabedoria, e é este o seu pensamento aqui também. A sabedoria de Deus está encarnada em Cristo, que Se ofereceu a Si mesmo para que os homens pudessem ser salvos. Aqui está a sabedoria real, argumentem como quiserem os filósofos.

Na Va e na RA as qualidades que se seguem estão ligadas à *sabedoria* como coordenadas com ela. O grego, ao contrário, parece querer dizer que estas três estão subordinadas à *sabedoria,* e a explicam. A *sabedoria* de que Paulo escreve inclui estas outras três. A *justiça,* neste contexto, vale pela justiça que Cristo pôs ao alcance dos homens, "o estado de ter sido justificado", na frase de Edwards. Cristo é nossa justiça (cf. **2** Co 5:**21**). Não conhecemos outra. Ademais, Ele é nossa *santificação,* pois jamais poderíamos alcançar a santidade por nossas próprias forças. A santificação só se realiza com o poder divino. Cristo é nossa *redenção* (a última, com certa ênfase, e talvez apontando para o último grande dia, a consumação da redenção), porque Ele pagou o preço de resgate com o Seu sangue no Calvário.

31. O v. **29** exclui toda a glorificação no empreendimento humano. Aqui vemos a verdadeira base da glorificação. Há lugar para uma verdadeira expressão da satisfação que temos com aquilo que Cristo fez por nós. Mas toda a glorificação deve ser por aquilo que Ele fez, e não pelas insignificantes coisas que nós, na melhor das hipóteses, podemos realizar. Caracteristicamente, Paulo prova o seu ponto com a Escritura. Não devemos passar por alto o significado da aplicação a Cristo das palavras que em Jr **9:23,24** se referem a Javé. Não se poderia ter conceito mais elevado da Pessoa de Cristo.

iii. *A pregação de Paulo não era em sabedoria humana, mas em poder divino* **(2:1-5)**. Paulo lembra a seus ouvintes que a sua pregação, quando na cidade deles, adequara-se ao que ele vem dizendo acerca da "loucura" do Evangelho. Nada havia de atraente em torno dela. Era

1 *One Body in Christ,* Londres, 1955, capítulo 1. Este capítulo dá um excelente sumário de diversos conceitos do sentido da frase.

uma apresentação descolorida do simples Evangelho. Mas precisamente porque a sua pregação era tão simples e despretensiosa, os seus resultados demonstravam convincentemente o poder de Deus.

1. O enfático *kaigō*, "e eu" (AV), salienta que Paulo não estava fazendo de si próprio uma exceção. Ele também era um exemplo vivo da verdade que estava expondo. *Ostentação* (AV, "excelência") é uma palavra com força comparativa. Significa "superioridade", "preeminência". Paulo não se arroga tal coisa, quer por sua *linguagem*, a maneira como apresentou os fatos, quer por sua *sabedoria*, a maneira como a sua mente comandou os seus fatos. Ele caracteriza a sua mensagem como *o testemunho de Deus*. A pregação do Evangelho é freqüentemente considerada no Novo Testamento como uma atividade semelhante à de um arauto. Vista deste modo, é a transmissão de uma mensagem dada (ver a nota sobre **1:23**). Mas é também freqüentemente considerada como o ato de dar testemunho de dados fatos. Pregar o evangelho não é proferir discursos edificantes, lindamente conduzidos a demonstrações e conclusões. É dar testemunho daquilo que Deus em Cristo fez pela salvação do homem.

2. Em conseqüência, Paulo excluiu deliberadamente da sua pregação tudo, menos uma grande verdade central. Tomou a resolução de saber entre eles somente a Jesus Cristo, que, como já vimos, é tanto o poder como a sabedoria de Deus (**1:24**, e cf. **1:30**). O ponto particular acerca de Cristo que é selecionado é a crucifixão. Esta é o coração do Evangelho (quanto à força do particípio perfeito, *crucificado*, ver o comentário de **1:23**). Nisso Paulo se concentrou.

3. Da mensagem, Paulo manobra, dirigindo a atenção para a maneira de pregar. O relato dado em Atos deixa claro que Paulo tinha tido muito para desanimar-se pouco antes de ir para Corinto (ver Introdução, pág. 17 e ss). Só teve que sentir-se deprimido, e isso refletiu-se em seu estilo geral. De qualquer forma, os coríntios não ficaram muito impressionados com a sua presença pessoal, como vemos em 2 Co 10:10. Assim, Paulo nos diz que ele estivera sem forças, com medo, e chegando a tremer (Phillips, "Eu me sentia longe de estar forte, estava nervoso e um tanto trêmulo"). Ao mesmo tempo, o seu temor era primariamente de Deus, antes que dos homens. Era temor em face da tarefa a ele confiada — o que Kay chama de "angustiado desejo de cumprir o seu dever".

4. Não é fácil ver a diferença entre *a minha palavra* e a *minha pregação*. *Palavra* é tradução literal (AV, "alocução"). Vêmo-la empregada em **1:18** (AV, "pregação"; ARA, "palavra"), para incluir tanto

o modo como o conteúdo da pregação. A palavra traduzida por *pregação* é a que indica a mensagem proclamada, em **1:21**. Provavelmente Paulo não está diferenciando entre as duas com exatidão. Emprega ambos os termos para salientar tanto a mensagem que pregava como o modo pelo qual a pregava. *Persuasiva* traduz uma palavra muito rara (na verdade, só encontrada aqui). Assim Paulo evita francamente os métodos da sabedoria humana. Depois afirma positivamente que a sua pregação fora uma clara demonstração do poder do Espírito. A palavra traduzida por *demonstração, apodeixis*, significa a prova mais rigorosa. Algumas provas não indicam mais do que, a conclusão é deduzida das premissas. Mas com *apodeixis* "sabe-se que as premissas são verdadeiras, e, portanto, a conclusão não é apenas lógica, mas certamente verdadeira" (Robertson e Plummer). A pretensão de Paulo é que os seus próprios defeitos tinham significado a mais convincente demonstração do poder do Espírito. É possível haver argumentos logicamente irrefutáveis, mas totalmente incapazes de convencer. A pregação de Paulo levara convicção graças ao poder do Espírito.

5. *Para que, hina*, "a fim de que", indica propósito. Desde o começo Paulo desejara fundamentar os seus conversos no poder divino, e torná-los independentes da sabedoria humana. Por isso ele não fizera nenhuma tentativa de empregar as artes retóricas, mas se contentara com a mais simples abordagem. Esse foi o motivo de sua concentração nessa mensagem tão desagradável ao paladar dos homens naturais, a mensagem da cruz.

c. Uma mensagem revelada (2:6-16)

i. *O evangelho não é sabedoria humana* **(2:6-9)**. Até este ponto, Paulo esteve insistindo em que o Evangelho não deve nada à sabedoria humana. Tanto a mensagem como os mensageiros eram desprezados pelos sábios e pelos grandes deste mundo. Mas ele não quer dizer que o cristianismo é desprezível, e agora prossegue para mostrar algo da sua profundidade e dignidade. Ele incorpora *a sabedoria de Deus*. À luz disto, toda a insignificante sabedoria humana se desvanece.

6. *Entretanto* é a adversativa *de*. Paulo não exclui toda a sabedoria do escopo cristão, mas somente a sabedoria mundana. Na verdade, *sabedoria* vem em primeiro lugar no grego, com ênfase. "Nós *realmente* falamos sabedoria", é a idéia, "mesmo que o mundo não o reconheça." O plural, *expomos*, liga o ensino de Paulo ao dos outros mestres cristãos. Não havia divisão entre eles.

A verdadeira *sabedoria* é comunicada entre os *experimentados* (AV, "perfeitos"). Possivelmente, como vários comentadores acham,

Paulo está se permitindo um pouco de amável ironia às custas do valor que os coríntios davam à sua condição espiritual. Mais provavelmente, ele é perfeitamente sério. *Teleioi* não indica os que estão isentos de imperfeição, mas os amadurecidos, que já alcançaram o seu fim ou o seu objetivo (*telos*). Paulo reconhece que nem todos os cristãos têm pleno entendimento. Há "crianças" entre eles (3:1), mas a sabedoria de que ele fala é apreciada pelos que são amadurecidos na fé. A estes ele pode comunicar "todo o conselho de Deus" (At 20:27, AV). Contudo, deve-se recordar que o Novo Testamento não tem em vista "graus" de cristãos. Todos devem progredir rumo à maturidade (Hb 6:1). Alguns dos gnósticos classificavam os homens em grupos permanentes, de acordo com o seu potencial espiritual. Sustentavam que alguns eram "perfeitos", enquanto que outros nunca podiam atingir essa posição. Paulo não divide os homens em castas religiosas dessa maneira. Simplesmente reconhece os fatos. Assim que os homens crêem, não captam logo de uma vez as plenas implicações da fé. A princípio são "crianças". Mas o caminho para o progresso está aberto para todos. Não há verdade espiritual que não seja acessível, mesmo para o crente mais humilde apropriar-se dela. Com *sabedoria*, Paulo, por conseguinte, não quer dizer algum ensino secreto de propósito negado aos indivíduos medíocres. Quer dizer a "carne" (AV) a que se refere em 3:2 (ARA, "alimento sólido"). E se há alguns que, por um tempo, só podem tomar "leite", isto não se deve considerar permanente. Todos têm que avançar para a maturidade, quando poderão penetrar a *sabedoria* de que Paulo fala.

Com incansável persistência, Paulo expõe que a *sabedoria* de que fala não é *a sabedoria deste século*. Por algum tempo esteve salientando isso. Agora acrescenta outro ponto: "nem dos príncipes deste mundo" (AV; literalmente, *desta época*, como na ARA). Comentadores houve, dos tempos antigos e dos tempos modernos, que tomaram esta expressão como se referindo aos demônios. Paulo, diz-se, via Cristo envolvido numa luta gigantesca, não primariamente com poderes terrestres, mas com as forças do mundo invisível. Indubitavelmente, há passagens nos escritos de Paulo que se referem a essas forças (por ex., Rm 8:38, 39; Cl 2:15). Mas, pode-se questionar que seja este o sentido aqui. Dois pontos são especialmente importantes. Um é que através desta passagem todo o contraste que Paulo faz é entre a sabedoria e o poder de Deus como expostos no Evangelho, e a sabedoria e o poder dos homens. Apresentar agora a idéia da sabedoria dos poderes demoníacos é introduzir um conceito forâneo. O outro é que no versículo 8 foram "os príncipes deste mundo" (AV; ARA, os *"poderosos deste século"*) que, por ignorância, crucificaram Cristo. O entendimento provavelmente mais correto disto é que se refere aos líde-

res judeus e romanos, ainda mais quando em At 3:17 a mesma palavra, "príncipes", ou *poderosos, archontes* (ali traduzida por "autoridades"), é empregada com referência a eles. Ali se diz também que executaram a crucifixão por ignorância. Em contraste, diz-se explicitamente que os demônios sabiam quem Jesus era (Mc 1:24, 34, etc.). Concluímos, pois, que são as autoridades temporais que Paulo tem em mente. Provavelmente, o seu emprego de *aiōn* não é feito sem um vislumbre da natureza transitória do ofício deles. A verdade do Evangelho é permanente. Essa transitoriedade também está em mente na conclusão, *que se reduzem a nada*. Temos aqui mais uma vez o verbo *katargeō* (ver coment. de **1:28**). O sentido é que esses poderosos estão sendo feitos completamente ineficientes. O seu vaidoso poder e sabedoria se torna nulo e inócuo.

7. *Mas* é a forte adversativa *alla*. A *sabedoria* que falamos é completamente oposta à *sabedoria* mencionada no versículo anterior. É a sabedoria de Deus, e a palavra *Deus* está numa posição enfática. *Mustērion*, traduzida por *mistério*, não tem em torno de si nada do caráter misterioso do sentido que damos à palavra hoje. Não significa um enigma que o homem acha difícil resolver. Significa um segredo que o homem é totalmente incapaz de penetrar. Mas é um segredo que agora Deus revelou. Ao mesmo tempo, a palavra aponta para a impossibilidade de o homem saber o segredo de Deus, e para o amor de Deus que torna esse segredo conhecido ao homem. Paulo descreve o segredo como *a sabedoria... oculta*, acentuando o fato de que os homens que não estão em Cristo estão ainda às escuras quanto a ela. É revelada aos crentes, mas não é matéria de conhecimento comum entre os filhos dos homens. Permanece oculta aos descrentes.

Paulo salienta que o Evangelho não é uma idéia tardia. É uma coisa planejada na mente de Deus *desde a eternidade* (literalmente, desde "antes das eras"). O verbo que emprega é *proorizō*, que significa "preordenar" (RA, *preordenou*). Salienta o plano de Deus e a soberania de Deus. O acréscimo *para a nossa glória* acrescenta a idéia da ternura de Deus. Desde antes de todos os tempos ele estava interessado em nosso bem-estar, e planejou o Evangelho para entrarmos em *nossa glória*.

8. O segredo de Deus não foi conhecido por nenhum outro meio que a revelação. Com toda a sua eminência, os *poderosos deste século* não o conheceram. Isto é demonstrado pelo fato de que eles crucificaram Jesus. Ele próprio dissera aos seus executores: "não sabem o que fazem" (Lc 23:34). Paulo arrazoa que, se eles realmente tivessem compreendido quem Jesus era, e a conseqüente enormidade de rejeitá-

lo, nunca teriam praticado o ato que praticaram. *O Senhor da glória* ("o Senhor cujo atributo essencial é glória", Ellicott) é um título preeminente e incomum. Este é o único lugar em que ele é aplicado a Cristo, embora Tg 2:1 seja semelhante. O epíteto *da glória* é aplicado ao Pai em At 7:2; Ef 1:17. No *Livro de Enoque*, apócrifo, a expressão completa, *o Senhor da glória*, é empregada com referência a Deus. Mais de um erudito tem achado que este é o mais elevado título que Paulo em sua vida aplica a Cristo. Quer o seja, quer não, certamente é um título exaltado. Fica muito apropriadamente ao lado da aplicação a Cristo de uma passagem da Escritura que originalmente se referia a Javé, em **1:31**. Os dois casos mostram que Paulo habitualmente atribuía a Cristo o mais alto lugar de todos.

9. A dificuldade concernente a este versículo consiste na fonte da citação de Paulo. A fórmula *kathōs gegraptai* é uma fórmula que ele emprega quando cita a Escritura Sagrada. Mas não há nenhuma passagem no Velho Testamento que diga exatamente isso. Talvez a mais aproximada seja a de Is 64:4, embora se tenham sugerido Is 65:17 (note-se que *memória*, AV: "mente", é "coração" na LXX), e Is 52:15. Desde o tempo de Orígenes, alguns têm achado que Paulo estava citando *O Apocalipse de Elias*, livro apócrifo hoje perdido, ou *A Ascensão de Isaías*. Está longe de seguro, porém, que qualquer desses livros existisse naquele tempo. Outra opinião é que se trata de um pronunciamento de nosso Senhor, não registrado nos evangelhos. Que houve pronunciamentos assim é indiscutível (cf. At 20:35), mas que Paulo os tenha citado dessa maneira, é outra questão. Onde teria sido escrito este pronunciamento em particular? De modo geral, parece melhor pensar nesse versículo como uma citação bem livre de Is 64:4, com reminiscências doutras passagens escriturísticas.

Coração, no Novo Testamento, não substitui emoções, como se dá conosco. Entre os gregos, a sede das emoções era mais nos intestinos (cf. a nossa expressão, "entranhas de compaixão"), enquanto que o pensamento se localizava na cintura, no diafragma. *Coração* equivalia antes à vida interior completa do homem, incluindo o intelecto e a vontade, bem como as emoções, embora às vezes se inclinasse para um ou para outro destes elementos. Aqui talvez se tenha muito em mira a mente. O pensamento de Paulo é que não há método de apreensão franqueado ao homem (olhos, ouvidos, ou entendimento) que lhe possa dar qualquer idéia das coisas maravilhosas que Deus tem prontas *para aqueles que o amam* (cf. Rm 8:28). O verbo *tem preparado* reforça o pensamento do versículo 7, de que Deus está pondo em execução o Seu plano. As glórias que vêm aos crentes não lhes vêm por acaso, mas estão em harmonia com o plano de Deus desde tempos antigos.

ii. *Palavras "ensinadas pelo Espírito"* **(2:10-13).** *No-lo* ("a nós", AV), vem em primeiro lugar no grego (a preposição e o pronome *nós*), com ênfase. Paulo não tem dúvida quanto a quem possui a verdade, os doutos filósofos ou os humildes cristãos. "A nós", crentes, coisas grandiosas foram reveladas. Mas ao enfático "a nós" segue-se imediatamente "revelou Deus", como que para afastar qualquer sugestão de superioridade. Não pode existir nenhum sentimento de orgulho onde se reconhece que tudo é de Deus. Os crentes sabem o que sabem, não por causa de alguma habilidade ou sabedoria deles próprios, mas porque aprouve a Deus lho revelar.

Paulo fala da revelação como tendo sido realizada pelo Espírito Santo. Este é uma espécie de ponto de transição, pois, enquanto que tinha mencionado o Espírito ocasionalmente em sua argumentação, agora começa a demorar-se em Suas atividades. *Perscruta* não significa que o Espírito perscrute com vistas a obter informação. Antes, é um modo de dizer que Ele penetra *todas as cousas*. Não há nada que esteja além do Seu conhecimento. Em particular Paulo especifica *as profundezas de Deus. Profundezas* é empregada muitas vezes em referência á enorme profundidade do mar, e, assim, vem a significar coisas "insondáveis". Indica-nos a impossibilidade de haver alguma criatura que conheça os íntimos recessos do conselho divino, *as profundezas de Deus*. Mas o Espírito os conhece, e foi o Espírito que revelou as verdades de que Paulo fala.

11. A posição do Espírito é exposta pela analogia da natureza. Ninguém pode saber realmente o que se passa no interior de um homem — ninguém, exceto o espírito desse mesmo homem. De fora, os outros homens podem apenas fazer conjeturas. Mas o espírito do homem não faz conjeturas. Ele sabe. De igual maneira, raciocina Paulo, ninguém de fora de Deus pode saber o que acontece dentro de Deus. Ninguém pode sabê-lo, a não ser o próprio Espírito de Deus. Quer dizer que o Espírito conhece a Deus por dentro. Não se pode contestar que esta passagem atribui plena divindade ao Espírito. E ela implica também em que a revelação de que Paulo esteve falando é autêntica. Porque o Espírito que revela é verdadeiramente Deus, o que Ele revela é a verdade de Deus.

12. Uma vez mais Paulo coloca os cristãos contra os sábios pagãos com um *nós* enfático. O que quer que haja com os outros, *nós* toma a nossa posição como a dos que são conduzidos pelo Espírito de Deus. *O espírito do mundo* não é expressão fácil. Alguns entendem que significa Satanás. Isto daria um excelente sentido. Uma dificuldade, porém, é que não parece que Satanás seja referido deste modo noutros lugares (conquanto "o príncipe deste mundo", cf. Jo **12:31**,

aproxime-se disso). Outra é que isso vai além do que o contexto requer. A sabedoria do mundo, a que Paulo se opõe através desta passagem toda, não é uma coisa satânica, mas é uma coisa humana. Por essas razões, parece um pouco mais provável que devemos aceitar o sentido "o espírito da sabedoria humana", "a índole deste mundo". Os crentes não receberam o espírito da sabedoria mundana. De passagem, podemos anotar que a palavra empregada para *mundo* aqui é *kosmos*, "o mundo ordenado", e não *aiōn*, empregada nos versículos 7 e 8, e que significa "a era", o mundo em seu aspecto temporal.

Nós, que somos de Cristo, recebemos *o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente*. Parece que é um erro a inicial minúscula (de Espírito) nas edições modernas da AV. A versão original trazia corretamente a inicial maiúscula. O que se tem em mente é o Espírito de Deus. O Espírito dá segurança. O cristão tem conhecimento real. Ele não age simplesmente à base de probabilidades gerais. Que a sua certeza é uma certeza da fé não a torna nem um pouco menos do que certeza.

13. O que o cristão recebe, passa adiante. Assim, diz Paulo que estas verdades reveladas são proferidas pelos crentes a outras pessoas. Isso é feito, *não em palavras ensinadas pela sabedoria humana*. O modo do sábio deste mundo não consiste em recomendar a verdade de Deus. O ensino cristão é ministrado em palavras *ensinadas pelo Espírito*. A atividade do Espírito Santo abrange a provisão das palavras empregadas propriamente ditas, e não se limita a suprir idéias gerais. Como diz Moule, a expressão "é um emprego muito ousado, mas completamente isento de ambigüidade, do genitivo subjetivo".[1]

Isto provavelmente nos dá a chave para a difícil expressão que se segue. É bem evidente que o particípio *sunkrinontes* (AV, "comparando"; ARA, *conferindo*) deve ser traduzido por "combinando". Embora "comparando" seja o sentido deste verbo em 2 Co 10:12, está longe de ser este o sentido usual, e só deve ser adotado se o contexto o indicar claramente. No presente caso, não há nada disso. Um número surpreendente de estudiosos prefere "interpretando", ou semelhante (ex., VPR, Phillips); outra vez, parece-me, sem muita razão. Este sentido da palavra só se acha na LXX, e nesta nunca ela é empregada quanto à interpretação de outra coisa que não sonhos. Em cada caso o contexto esclarece o sentido. Não se pode afirmar que este sentido do verbo é muito usado. Parece, pois, que devemos reter o sentido usual, "combinando"

1 *Idiom Book*, pág. 40.

Outro problema é o gênero de *pneumatikois* (a segunda ocorrência de *espirituais*). A forma pode ser masculina ou neutra. No primeiro caso, o sentido seria, "combinando coisas espirituais com homens espirituais", isto é, ensinando verdades espirituais a homens espiritualmente propensos. Se for neutra, o significado será, "combinando coisas espirituais (as palavaras ditas) com coisas espirituais (as verdades expressas)". A solução não é fácil, e uma decisão final, impossível. Mas, à luz do contexto (Paulo está explicando que os pregadores cristãos utilizam palavras ensinadas pelo Espírito), inclino-me à última opinião.

iii. *Discernimento espiritual* (**2:14-16**). Embora o que é ensinado seja uma revelação de Deus, e embora seja ensinado em palavras dadas pelo Espírito Santo, não é recebido por todos. Paulo dá comó razão, que *o homem natural* tem suas limitações. *Psuchikos, natural*, inclui referência à vida animal. Não há nada de mau acerca de suas associações. Não significa nada parecido a "pecaminoso". Mas indica ausência de discernimento espiritual. Refere-se ao homem cujo horizonte é limitado pelas coisas desta vida. É de novo o homem de sabedoria do mundo, homem que tem estado muito no pensamento de Paulo através desta passagem toda. Esse homem *não aceita* as coisas do Espírito. O verbo tem em torno de si um ar de boas vindas, sendo a palavra usual para a acolhida a um hóspede. Assim, o ponto em foco é que *o homem natural* não dá boas vindas às coisas do Espírito; ele as recusa, rejeita-as. Um homem assim não está aparelhado para discernir as atividades do Espírito de Deus. Para ele, elas não são mais que *loucura*. Paulo chega ao ponto de dizer que lhe é inteiramente impossível *entendê-las* (*entender* é infinito aoristo, com o sentido de "conseguir saber"). A razão que dá é que elas *se discernem* de maneira espiritual. O verbo, *anakrinetai*, é o verbo empregado num sentido legal com relação a um exame preliminar, anterior à audiência principal (o substantivo correspondente é empregado com referência a esse exame preliminar em At 25:26). Vem a significar "escrutar", "examinar", e assim, "julgar", "avaliar". Pode ser que o emprego de um verbo próprio para tal exame preliminar tenha sido feito a título de lembrar-nos que todos os veredictos humanos não são mais que preliminares. Quem dá o veredicto final é Deus. Seja como for, Paulo insiste em que o homem cujo equipamento é só deste mundo, o homem qua não recebeu o Espírito Santo de Deus, não tem capacidade para avaliar as coisas espirituais.

15. Em contraste, *o homem espiritual* pode formar um juízo de *todas as cousas*. Com *espiritual, pneumatikos*, Paulo, por certo, não quer dizer um homem que tem dotes naturais diferentes dos que pos-

sui o homem que ele esteve considerando, "o homem natural". Não é questão de dotação natural, absolutamente, mas da operação do Espírito de Deus dentro dele. Quando o Espírito penetra na vida de um homem, muda tudo. Uma coisa nova que aparece é a capacidade de fazer julgamento certo. Isto não é porque o homem é agora, de algum modo, maior do que antes, mas porque o Espírito de Deus o equipa. *Julga*, neste versículo, é o mesmo verbo que se traduz por "discernem" no versículo anterior, e por *julgado*, mais adiante, neste mesmo versículo. O homem *espiritual* tem dentro de si próprio o ponto de referência. Assim, ele é capaz de julgar *todas as cousas*. Não se deve passar por alto a força de *todas*. O princípio espiritual é a base do seu julgamento daquilo que os homens chamam de secular, bem como do sagrado.

A segunda parte do versículo, *mas ele mesmo não é julgado por ninguém*, deve ser tomada no sentido de "por nenhum homem natural". É suficientemente claro, dado o teor dos escritos de Paulo, que ele não acreditava que os homens em quem estava o Espírito de Deus não poderiam ser chamados a contas por suas ações (cf. **14:29**). Grande parte desta epístola não é nada mais que uma crítica (ainda que uma crítica amorosa e espiritual) dos homens *espirituais*. O ponto que ele focaliza é que o homem *espiritual* não pode ser julgado pelo homem natural, precisamente pela mesma razão pela qual ele pode julgar todas as coisas. Ele tem no seu interior o Espírito de Deus, e o homem natural não O tem. Isto faz dele um enigma para o homem natural. Visto que o homem natural não pode saber as coisas espirituais (v. **14**), não pode julgar o homem espiritual.

16. Esta impossibilidade é demonstrada com a pergunta (tomada de Is 40:13), *quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir?* Paulo já falou da impossibilidade de alguém conhecer "as cousas de Deus" (v. **11**). Ali o seu interesse era mostrar que o Espírito tem deveras completo conhecimento das "profundezas de Deus", e isso é relevante aqui também. Como ninguém, senão o Espírito, tem conhecimento dessas profundezas, é manifestamente impossível ao homem natural ter conhecimento do homem em quem está o Espírito, e que, portanto, num sentido, comparte o divino (cf. **2** Pe 1:4). É por causa disso que Paulo pode fazer a ousada afirmação de que *nós* (o pronome é enfático) *temos a mente de Cristo*. Ele não quer dizer que o cristão é capaz de compreender todos os pensamentos de Cristo. Mas, sim, quer dizer que o Espírito que nele habita revela Cristo. Por conseguinte, o homem espiritual não vê as coisas na perspectiva do homem do mundo. Ele as vê na perspectiva de Cristo.

Esta é outra passagem significativa, quanto ao conceito que Paulo tem de Cristo. A pergunta de Is 40:13 refere-se à mente de Javé.

Mas Paulo a transfere facilmente para *a mente de Cristo*, tão estreitamente associa a ambos.

d. Um Erro Carnal (3:1-9)

i. *Cristãos carnais* **(3:1-4)**. Umá vez mais, quando Paulo introduz uma repreensão, suaviza-a com o afetuoso *irmãos*. Sua expressão, *não vos pude falar como a espirituais*, evidentemente se refere aos dias da missão em Corinto. Naqueles primeiros dias, ele não pôde dirigir-se a eles como a *espirituais*, isto é, como a espécie de homens de que acabara de falar. Eram *carnais* então, o que ele explica como *crianças em Cristo*. Não parece que Paulo acha algo de errado nos coríntios naquele estágio da carreira cristã deles. É inevitável que os que acabaram de ser ganhos para Cristo sejam *crianças em Cristo*. Não podem ainda ser amadurecidos. Têm que ser *carnais*.

2. Foi de acordo com isso o ensino que Paulo lhes ministrou. Em **2:6** ele se referiu a expor "sabedoria entre os experimentados". Nos primeiros tempos da missão, isso fora impossível. Nesse tempo ele os "alimentara" (AV; literalmente, lhes dera a beber; cf. ARA) com *leite*, e não com *alimento sólido* (AV: "carne"; cf. Hb 5:12). O mestre sábio sempre adapta a sua instrução à capacidade dos seus alunos. Paulo não impelira os crentes infantis para além da capacidade deles, mas lhes dera leite, que lhes era apropriado. Tinha-lhes dado *leite* porque *ainda não* podiam comer "carne" ou *alimento sólido*. Até aqui Paulo está narrando o que acontecera, e não há censura.

É diferente quando ele diz, *nem ainda agora podeis. Nem ainda agora* é uma expressão enfática. Deviam ter feito progresso por este tempo. Estava muito bem que os coríntios estivessem na condição de *crianças* quando eram de fato *crianças*. Mas deviam ter superado aquele estágio desde muito tempo.

3. Paulo chega à raiz da questão com a sua denúncia de que são "ainda carnais" (na AV e na ARC, "ainda sois carnais" constam do v. **3**; na ARA, do v. **2**). Mudou a sua palavra para *carnais*, de *sarkinos*, do v. **1**, para *sarkikos*. O sufixo *inos* significa, "feito de..."; assim, em 2 Co **3:3**, tábuas "feitas de pedra", *lithinos*, são contrastadas com as "feitas de carne", *sarkinos*. Em vez disso, o sufixo *ikos* significa, "caracterizado por..."; vemos isso em *psuchikos*, do homem "natural" e *pneumatikos*, do homem "espiritual", em **2:14, 15**. A diferença entre *sarkinos* e *sarkikos* é como a que há entre "cárneo" e "carnal". *Sarkinos* é a palavra mais abrangente, mas não há censura associada a ela, quando aplicada aos que são novos na fé. Mas *sarkikos*, "caracterizado pela carne", quando empregada com referência

aos que são cristãos já há anos, contém censura. O crente maduro é *pneumatikos*, "caracterizado pelo espírito". Ser, em vez disso, caracterizado pela carne, como eram os coríntios, é o oposto exato daquilo que o cristão deve ser. "Carne", naturalmente, como muitas vezes nos escritos de Paulo, é empregada em sentido moral e ético. Indica os aspectos inferiores da natureza do homem, como em Rm 13:14; Gl 5:13; Ef 2:3, etc.

A acusação faz-se específica com a menção de *ciúmes e contendas* ("divisões", AV, está ausente dos melhores MSS). A primeira palavra significa basicamente algo como "zelo", "ardor". Normalmente é classificada como designativo de virtude por escritores clássicos, e às vezes também por escritores do Novo Testamento. Contudo, esta disposição de ânimo muitíssimo facilmente leva ao ciúme e quejandos, e o conceito característico do Novo Testamento é que é uma das "obras da carne" (Gl 5:20). *Contendas* é palavra que já encontramos em **1:11**. Tanto *ciúmes* como *contendas* apontam para auto-afirmação e para rivalidades doentias. Enquanto que os cristãos devem ser atenciosos para com os outros, os coríntios estavam procurando afirmar-se. Paulo indaga se isto não é ser carnal (*sarkikos*) e andar *segundo o homem*. Esta última expressão significa, "como homens naturais" (cf. **2:14**).

4. *Pois* dá o motivo da afirmação anterior. *Quando* (AV, "enquanto") é o indefinido *hotan*, "sempre que". Cada vez que tal afirmação é feita, o ponto focalizado por Paulo é demonstrado repetidamente. Paulo repete as divisas de dois dos partidos. Por que devam ser somente dois, não é claro. Mas pode ser significativo que os dois que ele escolhe são, um, o que leva o seu nome, e o outro, o de Apolo, que se pode considerar estreitamente ligado a Paulo. De novo ele pergunta, "não sois homens?" (RV; assim os melhores MSS, em vez de "carnais", como a AV); ou, como o coloca Moffatt, "que sois vós, senão homens do mundo?" (ARA, *não é evidente que andais segundo os homens*?) A perspectiva deles é a sabedoria do mundo, não a dos homens cheios do Espírito.

Agora podemos ver o rumo da argumentação de Paulo. Ele apresentou a questão das dissensões em **1:10-12**. Depois de recusar responsabilidade, ele prosseguiu, mostrando que o Evangelho não é matéria de sabedoria do mundo. Para os sábios deste mundo, ele é loucura. Os crentes são desprezados. Todavia, nele há poder divino. Os que o aceitam são habitados pelo Espírito de Deus. Os métodos da sabedoria do mundo não levam a este resultado. Assim, embora os coríntios talvez pudessem justificar o que estavam fazendo com argumentos do mundo, isto era completamente alheio ao espírito do Evangelho. As divisões deles eram um forte e notório testemunho da sua mentalidade

mundana, não da sua percepção espiritual. Quando deviam ser "espirituais" **(2:15)**, ou "perfeitos" **(2:6**, AV), eram apenas cristãos "carnais".

ii. *A verdadeira relação entre Paulo e Apolo* **(3:5-9)**. Conforme os melhores MSS, devemos ler, "O que é Paulo, então? e o que é Apolo?" O neutro "o que", em vez de *quem*, desvia a atenção das pessoas dos pregadores e a concentra em suas funções. "Senão" (AV) deve-se omitir (como na ARA), de modo que o que se segue é a resposta à pergunta. "Ministros" (AV) traduz *diakonoi*, palavra originalmente aplicada a um copeiro. Depois veio a ser empregada com referência ao serviço em geral, e no Novo Testamento é utilizada muitas vezes com relação ao serviço que os cristãos devem prestar a Deus. Em ocasiões devidas, foi aplicada a uma das ordens regulares do ministério, os diáconos, mas este não é um exemplo desse uso. É uma palavra que salienta o caráter modesto do serviço prestado. Conseqüentemente, ela ridiculariza a tendência de atribuir muita importância aos pregadores. Quem colocaria os servos sobre pedestais? A verdadeira obra foi realizada por Deus, como a expressão, *por meio de quem*, mostra. Paulo e Apolo não são nada mais que instrumentos *por meio de quem* Deus realiza Sua obra. Estes ministros só podiam agir *conforme o Senhor concedeu a cada um* deles.

6-8. O processo é comparado com a agricultura. Paulo *plantou* e Apolo *regou* (o mesmo verbo traduzido por "alimentou", AV, no v. **2**), mas nem um nem outro puderam fazer crescer as plantas. Salienta-se a relativa insignificância da sua obra. Somente Deus "deu o crescimento" (AV). Este verbo está no imperfeito, no original, tempo contínuo, ao passo que os verbos plantar e regar estão no aoristo. Paulo e Apolo fizeram a obra que lhes competia, a qual é vista como consumada. Mas a atividade de Deus, de dar o crescimento, era contínua.

Estabelecido este ponto importante, Paulo vai adiante para deduzir conclusões. Uma delas é que, nem quem planta nem quem rega são importantes. A atenção dos coríntios devia ter-se fixado em Deus, que, só Ele, efetua toda a obra espiritural, e não em Seus instrumentos nada importantes. A segunda é que existe unidade essencial entre quem planta e quem rega. É óbvio que a obra de um não pode ter sucesso sem a do outro. Longe de serem rivais Paulo e Apolo, o apóstolo afirma que eles *são um*. Não significa que eles não tenham feito contribuições distintivas. Paulo continua, expondo que cada um tem a sua própria responsabilidade, e receberá o seu "salário" (melhor do que "recompensa", AV, e do que *galardão*, ARA), *segundo o seu próprio trabalho*. Mas essa distinção é perante Deus, e não perante os

homens. Note-se que o critério não é o "seu sucesso", mas o "seu trabalho".

9. Três vezes neste versículo a palavra *Deus* vem em primeiro lugar, no original grego: "De Deus somos cooperadores; de Deus lavoura, de Deus edifício sois vós". O efeito que se pretende é salientar vigorosamente o fato de que os instrumentos não têm importância. Tudo é de Deus, e todos pertencem a Deus. Não é inteiramente certo que "somos trabalhadores junto com Deus" (AV) seja a tradução certa de *Theou gar esmen sunergoi*. Poderia significar "cooperadores uns com os outros no serviço de Deus", e isto se enquadraria muito bem no contexto. Contudo, a despeito do caráter atraente desta versão, talvez se deva preferir a tradução da AV, semelhante à da ARA, pois é a maneira mais natural de entender o grego (cf. Mc 16:20). É uma expressão impressionante, que expõe de maneira surpreendente a dignidade do serviço cristão. A palavra *georgiōn*, traduzida por *lavoura*, só ocorre aqui, no Novo Testamento. A palavra pode significar "campo" ou o processo de cultivo. Há uma ambigüidade parecida quanto a *oikodomē, edifício*, que pode significar o edifício ou o processo de construção dele. Assim, Paulo pode querer dizer que os coríntios são o campo, ou o edifício, em que Deus está trabalhando. Ou pode querer dizer que eles são a obra de Deus em cultivo e edificação. Casualmente, a metáfora do edifício é uma das favoritas de Paulo, mas não se acha muitas vezes no Novo Testamento, fora dos escritos paulinos.

e. O fundamento e a edificação (3:10-17)

i. *O teste da boa edificação* **(3:10-15)**. Paulo desenvolve o pensamento da edificação. Ele se compara a si mesmo com um *prudente construtor*, embora não sem inserir cautelosamente, *segundo a graça de Deus que me foi dada. Graça, charin*, significa mais que "comissão" (Moffatt, RSV). Inclui a idéia do poder capacitador de Deus. Paulo não dirá nada que obscureça a primazia de Deus e a insignificância dos ministros de Deus. O *construtor, architektōn*, era o homem que superintendia a obra de construção. Platão o diferencia do *ergastikos*, como alguém que contribui com conhecimento, e não com trabalho (ver Robertson e Plummer). *Prudente* neste contexto denota "habilidoso". A obra realizada por Paulo tinha que ver com o *fundamento*; a de outros, com o trabalho de construir sobre aquele fundamento. Paulo previne *cada um* dos construtores para que *veja* bem *como edifica. Hekastos, cada um*, traz à luz a idéia de responsabilidade individual. Alguns restringem a aplicação desta passagem ao trabalho

dos mestres. Mas as palavras abrangem uma aplicação geral. Embora seja especialmente verdade quanto aos mestres, também é verdade, em alguma medida, quanto a todo crente, que ele está envolvido na tarefa de edificar sobre o fundamento único. Seja cuidadoso, sobre como edifica!

Os comentadores variam quanto a exatamente o que está sendo edificado. Alguns, impressionados com a ênfase ao ensino correto, relacionam a passagem com a doutrina. Outros acham que ela se aplica estritamente ao corpo de crentes. Provavelmente nenhuma dessas coisas está completamente fora de propósito. É melhor, com Lightfoot, ver aí uma referência à "igreja como a testemunha da verdade".

11. É preciso que não haja nenhum conceito errôneo sobre o *fundamento*. Paulo não quer dar a impressão de que um homem pode lançar o fundamento que quiser, e de que justamente acontece que ele lançou o fundamento que quis. Só existe um fundamento sobre o qual se pode erigir este edifício espiritual, o qual *foi posto*. Esse fundamento *é Jesus Cristo*. Esse é básico. Ninguém pode começar em nenhum outro lugar. Isto continua sendo digno de ênfase numa época em que tantos edificam o seu "cristianismo" sem Cristo, sobre um fundamento de boas obras, ou de humanismo, ou de ciência.

12. Mas se só pode haver um fundamento, é diferente com a estrutura edificada. É totalmente possível que compareçam aqui espantosas variedades. Paulo destaca vários materiais que podem ser incorporados na estrutura, e às vezes se emprega engenhosidade na tentativa de encontrar sentidos edificantes para eles todos. Tal trabalho é provavelmente vão, pois parece que Paulo está interessado simplesmente em duas classes, a dos valiosos, tipificados por *ouro, prata* e *pedras preciosas*, e a dos sem valor, a *madeira,* o *feno* e a *palha*. O trabalhador pode preferir fazer o edifício tão digno do fundamento quanto possível. Ou pode contentar-se em introduzir-lhe desordenadamente algo que não lhe custa nada. *Pedras preciosas* podem ser de fato pedras preciosas no sentido que damos à expressão, usadas para ornamentação, ou podem ser custosos materiais de construção, como o mármore. *Palha* é restolho.

13. Haverá um tempo de prova para toda edificação. *O dia* não recebe maior definição, mas evidentemente é o dia em que Cristo voltará, o dia do juízo (cf. 1 Ts 5:4; Hb 10:25). Muitas vezes esse dia é referido em termos da alegria do crente ao unir-se ao seu Senhor. Mas o Novo Testamento não passa por alto o fato de que também será o tempo do julgamento da obra que o crente realizou. Aqui a idéia é de uma prova rigorosa, pois pode ser comparada com o *fogo*. O fogo ex-

purga a escória, e deixa o metal puro. Aqui a figura é do fogo devorando um edifício. Consome o material sujeito a combustão, e deixa o que foi bem construído. *Demonstrará, dēlōsei*, significa "mostrar em seu verdadeiro caráter", "revelar pelo que é". O sujeito da expressão verbal *está sendo revelada* é às vezes entendido como sendo *a obra*. É mais provável que seja *o dia*. O verbo está no presente (dando maior sentido de certeza), e o sentido é "o dia se revela ou, 'é revelado' pelo fogo" (cf. Ml 4:1). *Qual seja* (AV, "de que espécie é") indica-nos a importante verdade de que o que conta é a qualidade da obra, não a quantidade.

14, 15. O resultado do fogo de prova consiste em determinar se o homem receberá ou não um "salário" (não tanto uma "recompensa", como o salário do trabalhador da obra de construção cujo trabalho é aprovado). Cf. Lc 19:16-19; Ap 22:12. Todos quantos são considerados aqui, são salvos. Construíram sobre o fundamento único, Jesus Cristo. Até mesmo do homem cuja obra se queima se diz que *será salvo*. A distinção é feita, não entre os perdidos e os salvos, mas entre os que construíram bem e os que construíram precariamente. *Sofrerá ele dano* (AV, "perda") significa que ele perderá o seu *galardão*, como um trabalhador punido pelo trabalho mal feito. Ser salvo *como que através do fogo* pode ter sido alguma coisa como uma expressão proverbial usada para indicar alguém que foi salvo, e nada mais (cf. o tição arrebatado da fogueira, de Am 4:11; Zc 3:2). A figura é a de um homem que tem que se arrojar através das chamas para escapar para um lugar seguro. Quanto a uma refutação da idéia de que esta passagem ensina uma doutrina de purgatório, ver Godet *in loco*. É claro que a passagem não dá apoio nenhum a essa idéia. É do fogo do juízo que fala, não de purgação.

i. *O tempo de Deus* (**3:16, 17**). *Não sabeis* é uma censura suave. Introduz uma pergunta sobre um assunto que devia ser do conhecimento geral. Paulo utiliza regularmente o recurso, muitas vezes, nesta carta. Os crentes são o *santuário de Deus*, o que esclarece que Paulo está-se dirigindo à igreja toda, e não apenas aos mestres. Não há artigo antes de *santuário* no grego (como na ARA), mas isto não implica em que haja vários templos ou santuários. Simplesmente põe certa ênfase em sua qualidade de templo de Deus (embora Godet o traduza por "*um* templo de Deus, fundado em que o que se tem em vista é a igreja local, e não a igreja universal). Há duas palavras gregas para "templo", *hieron*, que inclui todos os recintos do templo, e *naos* (empregada neste versículo), que denota o santuário propriamente dito (o que ratifica a tradução da ARA). A palavra indica-nos a presença pessoal de Deus. Isto se expõe explicitamente com a asserção de que o Es-

pírito habita nos crentes coríntios. *O Espírito de Deus* não é uma expressão comum. Salienta a conexão entre o Espirito e o Pai, e sublinha a divindade do Espírito. O Espírito é Deus quando Este habita na igreja. Às vezes as palavras deste versículo são aplicadas ao crente individual, mas é **6:19** que fala do indivíduo como templo de Deus. Aqui a idéia é a de toda a comunidade dos crentes como santuário de Deus. *Santuário* está no singular, mas o verbo está no plural (vós) *sois*. A referência é à igreja.

17. A gravidade das divisões em Corinto é vista à luz deste carater da igreja como templo de Deus. Porque é templo de Deus, o homem que deixa de reagir corretamente face a ela é culpado de pecado não leve. "Contaminar" e "destruirá" (AV) são diferentes traduções do mesmo verbo grego, *phtheirō* (cf. ARA). É importante notar que o verbo é repetido, pois isso mostra que o castigo do ofensor não é arbitrário; é dado de acordo com o gênero da ofensa. O verbo tem o sentido duplo de "corromper" e "destruir". Este é o sentido requerido aqui (como na ARA). Envolver-se em divisões é *destruir* a sociedade divina, e, conseqüentemente, convidar Deus a "destruir" o pecador. A palavra não indica aniquilamento, ou tormento eterno. Não é específica. Simplesmente esclarece que aquele que comete um pecado grave expõe-se a uma grave penalidade. No versículo **15**, o mau trabalhador salva-se, não obstante. Aqui está em mente um crime maior do que o de realizar uma obra inferior, e se exclui a salvação. "Santo" (AV) significa algo como "consagrado", "separado para Deus" (ARA: *sagrado*). No plural, é a palavra normalmente usada no Novo Testamento para os "santos", para os que constituem o povo de Deus. A palavra salienta o caráter da igreja como possessão pessoal de Deus, de sorte que a sua "destruição" é uma coisa muito séria. O pronome *vós*, final no grego, é enfático, e nos capacita a compreender a natureza e, daí, a responsabilidade, dos leitores de Paulo.

f. A posição humilde dos pregadores (3:18-4:13)

i. *A sabedoria do mundo é loucura* **(3:18-23)**. Paulo ainda censura as divisões dos coríntios demonstrando a humilde posição que os pregadores, a quem eles elevaram tanto, realmente ocupam. Mas primeiro trata da loucura da sabedoria do mundo, assunto que já o manteve ocupado e que, obviamente, é muito importante. As coisas de Deus não devem ser avaliadas de acordo com as normas dos filósofos.

18. Primeiro ele apela para o realismo. É bastante fácil termos conceito errôneo de nós mesmos, e Paulo concita os coríntios a terem cuidado para não cair nesse erro. *Dokei*, "parece" (AV), é traduzido

melhor por "pensa" (ARA, *se tem por*). Não é como um homem parece a outros que está em tela, mas o que ele parece a si próprio. Há uma óbvia referência aos que se julgavam "sábios" aderindo a este ou àquele mestre. No grego, *dentre vós* precede imediatamente a *neste século*. As duas expressões estão em agudo contraste. O crente tanto está na igreja como no mundo. Mas as suas relações com ambos são diferentes. *Século* (AV, "mundo") é *aiōn*, "era", com uma alusão a modas que mudam. Paulo aconselha o homem que é *sábio neste século* a fazer-se *estulto para se tornar sábio*. Os valores do cristão são simplesmente "loucura" para o homem do mundo (**2:4**). Se alguém há de ter verdadeiro discernimento espiritual, tem que se tornar o que o mundo chama de "louco". A verdadeira sabedoria se acha em renunciar à "sabedoria deste mundo".

19. Em **1:20** Paulo perguntara, "não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?" Volta ele agora ao pensamento com a asserção de que essa sabedoria *é loucura diante de Deus*. Através de tôda esta parte introdutória da epístola, este é o pensamento ao qual ele retorna repetidamente. Os sábios deste mundo, que os coríntios tinham em tão alta estima, são totalmente incapazes de penetrar os mistérios divinos. Estes estão abertos para o mais humilde homem de fé, mas estão escondidos para sempre dos sábios deste mundo. A sabedoria destes não é nada mais que *loucura* nas questões espirituais. Isso é opinião particular de Paulo? Absolutamente não. Ele cita a Escritura para tornar compreensível o seu ponto. Sua primeira citação é de Jó 5:13, numa versão diferente da LXX. Talvez seja a tradução pessoal de Paulo do hebraico. *Panourgia, astúcia*, originalmente significava "capacidade para nada fazer". Daí o termo desenvolveu um sentido mais parecido com o da nossa "manha". Podia ser usado em bom ou em mau sentido, mas o mau sentido veio a predominar. Paulo não menospreza a capacidade dos sábios deste mundo em seu próprio campo. Mas intrepidamente nega que a *astúcia* deles valha alguma coisa contra o poder e a sabedoria de Deus.

20. A segunda citação é do Sl **94**:11. Se Paulo substitui "homem" (ou "homens") por *sábios* nesta passagem, ou se ele está citando um manuscrito que tinha essa redação, não temos meios de saber. O ponto que focaliza é que Deus conhece os pensamentos de todos os homens. Nada pode ser escondido dele. Além disso, Ele conhece a vacuidade desses pensamentos. A palavra traduzida por *vãos, mataioi*, significa "sem resultado", "infrutíferos", "vazios". Os sábios são incapazes de efetuar algo duradouro. Toda a sua jactanciosa sabedoria diz respeito a coisas que passam. Seus pensamentos são vãos (Moffatt, "fúteis").

21, 22. Paulo dirige os pensamentos dos coríntios, da sabedoria dos homens, que tanto significava para eles, para os tesouros muitíssimo maiores que eles realmente possuíam em Cristo. *Ninguém se glorie* poderia traduzir-se, "ninguém se jacte". Os coríntios eram propensos a orgulhar-se da sua sabedoria, e dos mestres a que estavam ligados. Paulo está bem disposto a achar uma dignidade em que se gloriar (cf. **1:31**), mas não a encontra nos *homens*. Exaltar os *homens* do modo como os coríntios estavam fazendo é cometer o maior dos erros — o de exaltar a criatura. Em contraste, o cristão somente se gloria no Criador.

Todavia, Paulo não desenvolve o seu argumento nessa direção. Em vez disso, diz ele: "Por que vocês se limitam a si próprios, afirmando que pertencem a um mestre particular? Não percebem que todos os mestres, sim, todas as coisas que existem, pertencem a vocês em Cristo?" Longe de enriquecer-se apoiando a sua reivindicação de direitos exclusivos em um mestre, os coríntios se empobreciam. Estavam-se privando dos tesouros que realmente eram deles. Observe-se que Paulo afirma, *tudo é vosso*, e não simplesmente, "todos os mestres cristãos". Ele não põe limites às possessões deles em Cristo. (Cf. Rm 8:32)

Depois particulariza, referindo-se primeiramente aos três mestres cujos nomes estavam passando de boca em boca. Longe de serem os mestres pessoas importantes, à frente de grandes e influentes partidos, eles pertenciam àqueles de quem eram ministros ("ministro" = "servo"). A seguir, numa passagem lírica, Paulo prossegue, atribuindo aos seus amigos a posse de todas as coisas, presentes e futuras. *O mundo, kosmos*, é o universo físico em que vivemos. Não tem o sentido ético muitas vezes associado à palavra. As palavras de Paulo, "para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1:21), dão-nos a pista de sua referência à *vida* e à *morte*. A vida em Cristo é a única vida, e é a que o cristão tem. Para o incrédulo, a *morte* é o fim de todas as coisas. Mas Cristo venceu a morte, e para o cristão ela não é um desastre, mas "lucro". Cf. **15:55-57** quanto ao cântico de vitória sobre a morte entoado pelo crente. *As cousas presentes* e *as futuras* somam-se, completando um total impressionante. Paulo não menciona o passado, provavelmente porque não somos responsáveis por ele, e nada mais podemos fazer a respeito. Mas é diferente com o presente e o futuro. Aí o homem em Cristo só tem em perspectiva o triunfo. Paulo resume com *tudo é vosso*.

23. Mas não termina aí. É certo que o cristão tem grandes possessões em Cristo. Mas estas são dele somente porque ele é de Cristo. Também é certo que ele tem grandes responsabilidades em Cristo. *Vós* (sois) *de Cristo*, diz Paulo, como que fazendo-os recordar as suas

obrigações. É um pensamento ao qual ele retorna (**6:19, 20**). Os homens que pertencem a Cristo não devem viver de maneira carnal. Devem deixar que as suas vidas revelem de quem são. A auto-afirmação dos corintios era sem sentido. Agiam como se fossem os seus próprios senhores. Na verdade pertenciam a Cristo.

A passagem chega ao seu clímax com *Cristo* (é) *de Deus*. Notamos mais uma vez como Paulo coloca Cristo em posição de igualdade com o Pai. Ele considera o Filho como plenamente divino. Esta passagem não contradiz esse ensino pois Paulo não está falando de Cristo como Ele é em Sua natureza essencial, mas com referência ao que Ele fez pelos homens. Paulo não perde de vista a divindade do Filho. Mas tampouco perde de vista a verdade de que o Filho se fez homem e assumiu posição humilde para poder efetuar a salvação do homem. A afirmação extrema desta subordinação acha-se em **15:28**. Ali, como aqui, a idéia é de que o Filho realmente assumiu um lugar entre os homens quando se incumbiu de libertar o homem. Ele também é de Deus.

ii. *O louvor de Deus é o que importa* (**4:1-5**). Das glórias dos coríntios, Paulo volta a sua atenção para os pregadores. Seu interesse está em demonstrar que o julgamento que os homens façam dos ministros (e "homens" incluirá os partidários corintios) não tem a mínima importância. Para Deus eles ficam de pé ou caem, e somente Deus pode fazer um verdadeiro julgamento deles.

1. Os homens devem considerá-los como *ministros de Cristo*. *Ministros* não é *diakonos*, como em **3:5**, mas *hupēretēs*, palavra que Paulo só emprega aqui. Aplicava-se originalmente a um "remador inferior", isto é, um que remava no grupo de remos da parte de baixo de um grande navio. Disso veio a significar serviço em geral, conquanto geralmente de natureza inferior, muitas vezes serviço manual. Os pregadores são também *despenseiros dos mistérios de Deus*. O "despenseiro" (*oikonomos*) era o superintendente de uma propriedade. Para que um rico proprietário de terras não fosse um escravo para os seus escravos, tinha que delegar a outrem o trabalho rotineiro de administração. O seu representante era chamado *oikonomos*. A posição deste era de responsabilidade. Era colocado sobre outros, e tinha uma grande tarefa a desempenhar. Mas também estava sujeito ao seu senhor, e tinha que prestar contas de si. Em relação ao seu senhor, ele era um escravo; em relação aos escravos, era um superintendente. Quanto a *mistérios*, ver o comentário de **2:7**. A esfera da responsabilidade dos pregadores é a revelação de Deus.

2. O grego começa com "aqui", que a AV omite, e que a ARA traduz por *ora*. Paulo apela para a bem conhecida prática então contemporânea no que diz respeito aos *despenseiros*. O requisito primordial é que eles sejam "fiéis". Pela natureza do caso, o trabalho de um *oikonomos* não era supervisionado rigorosamente. O primeiro dos fatores essenciais, portanto, era que o despenseiro fosse digno de confiança. Este é um princípio importante para todos os cristãos, pois, como vemos em 1 Pe 4:10, todos são despenseiros.

3. Paulo não se considera apenas como despenseiro, mas como despenseiro de Deus. Sua responsabilidade é somente para com o seu divino Senhor (cf. Rm 14:4). Conseqüentemente, firma que é coisa bem pequenina para ele o que os coríntios pensam a seu respeito. *Ser julgado* é o verbo *anakrinō*, que vimos empregado em **2:14, 15** (ver notas ali). Não indica a sentença final do julgamento, mas o processo de exame crítico com vistas àquele julgamento. Moffatt o traduz por "acarear". Paulo não está interessado em nenhuma ação humana preliminar de peneirar. Satisfaz-se em esperar o Juiz. "O julgamento do homem" (AV; ARA: *tribunal humano*) é uma curiosa expressão, que significa literalmente "dia humano". Acha-se num amuleto do segundo ou do terceiro século (citado em G-E), mas, quanto eu saiba, em nenhuma outra parte. "Dia" parece que é empregado de modo semelhante ao de sua ocorrência em **3:13**, isto é, com respeito a um dia de julgamento. Paulo está dizendo, pois, que pouco lhe importa se os homens fazem ou não fazem julgamento dele.

Ele leva isto à sua conclusão lógica. Ele próprio se inclui na humanidade, e assim prossegue, dizendo que não se julga a si mesmo. É tremendamente difícil uma pessoa chegar a uma precisa avaliação da sua própria realização, e Paulo expõe que em todo caso isso não importa. O cristão deve ser julgado por seu Senhor. As opiniões que ele tenha de si são tão irrelevantes como as de qualquer outra pessoa. Isto requer ênfase numa época em que muitos são tentados a ser introspectivos. Muitas vezes estes acham que sabem qual é o seu estado espiritual e precisamente o que o seu serviço efetuou para Deus. O resultado pode causar depressão indevida ou exaltação além dos limites. Mas não é nossa tarefa fazer tais julgamentos. Devemos apegar-nos ao trabalho de servir ao Senhor. Não significa que não há lugar para ocasiões de sondagens do coração e de rigoroso auto-exame com vistas a um serviço mais abnegado e mais eficiente. É a tentativa de antecipar o juízo do Senhor que Paulo está condenando.

4. A AV usa uma preposição que antigamente significava "contra" (citam-se exemplos em Robertson e Plummer). Paulo está dizen-

do que não tem ciência de nenhum ponto importante em que tenha falhado em sua ação como despenseiro. Mas não descansa a sua confiança nisso. Não é isso que lhe dá absolvição. *Dedikaiōmai*, traduzido por *justificado*, é um termo judicial que significa "absolvido de uma acusação", "declarado 'não culpado'". Paulo deleita-se em empregar esta palavra com referência à posição do crente à vista de Deus. Assim, "justificação" passa a fazer parte da linguagem técnica do cristão. Contudo, neste versículo, provavelmente não se emprega a palavra neste sentido técnico, mas em seu sentido judicial comum. A absolvição de Paulo não irrompe da sua avaliação pessoal da sua própria obra. O aferimento é feito pelo *Senhor*. Mais uma vez, *julga* é *anakrinō*. Embora não haja ênfase aqui ao caráter preliminar do julgamento, é de acordo com o sentido de *anakrinō* que o julgamento final não aparece antes do versículo seguinte. *O Senhor*, como se dá comumente em Paulo, indica o Senhor Jesus.

5. Surge disso tudo uma exortação a não julgar (o verbo usual, *krinō*) prematuramente. O emprego de *mē* com o imperativo presente pode implicar em que os coríntios estiveram metidos nessa atividade. "Parem de julgar", seria então a força dessa expressão. *Até que* é *heōs an* com o subjuntivo. Esta construção indica que o fato da vinda do Senhor é certo, mas o tempo é desconhecido. O juízo do Senhor será perfeito, pois Ele porá a descoberto *as cousas ocultas das trevas*. *Trevas* comumente contém sentido ético no Novo Testamento, e, conseqüentemente, aqui poderia referir-se a más ações. Mas neste contexto parece melhor tomá-lo como se referindo a todas aquelas ações que nestas presentes trevas se mantêm ocultas. A expressão, *os desígnios dos corações*, refere-se, de preferência, aos segredos e motivos secretos dos homens, segredos e motivos bons e maus, igualmente. É somente o juízo do Senhor que pode levar em conta os atos e motivos secretos (cf. Rm 2:16). Este é o julgamento que realmente conta. O homem então louvado, recebe o louvor de Deus, isto é, recebe o único louvor que importa. *Da parte de, apo*, indica o caráter final do julgamento. Vem de Deus. Não se pode apelar dele.

iii. *Aprenda-se de Paulo e Apolo* (**4:6, 7**). Este emprego do verbo traduzido por "transferi" (AV; ARA: *apliquei*), *meteschēmatisa*, é único. A palavra significa "mudar a forma de", "transformar". É empregada para coisas como disfarçar-se alguém (cf. 2 Co 11:15). Aqui o sentido é que Paulo como que usou uma figura de linguagem (o substantivo correspondente, *schēma*, é empregado muitas vezes com referência a uma figura retórica). Ele esteve falando da função dos ministros, mais particularmente dele próprio e de Apolo. Poder-se-ia pensar que ele estava dirigindo as suas observações primariamen-

te a esses pregadores, formulando-lhes o modo como deviam pensar de si e da sua obra. Não é assim, porém. Seu interesse não foi ensinar Apolo e a si próprio, mas os coríntios. As suas referências a Apolo e a si mesmo são simplesmente um recurso literário. Como o traduz Phillips, "Usei acima a mim mesmo e a Apolo como uma ilustração". O interesse de Paulo pelos coríntios expressa-se no tratamento afetuoso, *irmãos*, e na afirmação de que o que ele fez o fez *por vossa causa*.

Paulo amplia isso com uma declaração do seu propósito. A AV dá uma redação suave, mas inclui um verbo ("pensar") que está ausente dos melhores MSS. A expressão de Paulo é algo como, "para que aprendam de nós o 'não além do que está escrito'". As palavras que coloquei entre aspas internas podem ser, elas próprias, uma citação ou uma espécie de deixa. O emprego do artigo diante delas mostra que se trata de um dito bem conhecido. A expressão *o que está escrito* emprega a fórmula normalmente utilizada por Paulo, quando cita a Escritura Sagrada. Mas a nossa dificuldade está em que não há uma passagem no Velho Testamento que diga exatamente isso. Em conseqüência, alguns sugeriram uma referência a outros escritos. Parry, com base nos papiros, argumenta em prol do sentido, "'a não ir além dos termos', isto é, da comissão de mestre". É possível. Mas, à luz dos hábitos de Paulo, é mais provável que haja aí uma referência à Escritura, mesmo não sendo citada explicitamente nenhuma passagem. Paulo estará fazendo referência ao sentido geral do Velho Testamento, como o demonstra a versão da VPR, "para que aprendais conosco a viver de acordo com a escritura". Podemos muito bem conjeturar que *não ultrapasseis o que está escrito* ("não além do que está escrito") era um lema familiar a Paulo e a seus leitores, dirigindo a atenção para a necessidade de conformidade com a Escritura. Portanto, ele está dizendo que, considerando o que ele teve que dizer acerca de Apolo e de si próprio, eles aprenderão a idéia escriturística da subordinação do homem. Uniformemente a Bíblia exalta a Deus. A ênfase dada pelos coríntios às pessoas dos mestres significava que eles estavam tendo os homens em demasiado alta consideração. Paulo não quer que nenhum deles *se ensoberbeça*, isto é, ele deseja que eles não tenham sentimentos de orgulho quando contemplam o mestre particular a quem se ligaram. Ensoberbecer-se desse modo em favor de um deles significava que estavam "contra outro" (AV). Este é o mal do partidarismo. Há um sentido em que os cristãos podem regozijar-se com a liderança dada por seus personagens eminentes. Mas quando se acham tanto em favor de um líder que se põem contra outro, ultrapassam os limites. *Se ensoberbeça* é um verbo que Paulo emprega freqüentemente nesta epístola (**4:18, 19; 5:2; 8:1; 13:4**), mas só uma vez em outra parte. É evidente que o considera apropriado para o caso dos coríntios. Eles, mais do que outros, eram dados ao pecado do orgu-

lho. O que é o espírito partidário, senão a edição ampliada do indivíduo?

7. Com a mudança para o singular, *te* (incidentalmente numa posição enfática), Paulo se dirige a um coríntio imaginário que se ensoberbeceu. O verbo *faz sobressair, diakrinei*, significa primeiramente, "pôr uma diferença entre", e, depois, "considerar como superior". Provavelmente é feito uso aqui do último sentido: "Quem te considera superior?" (cf. a ARA; AV: "faz diferir"). A pergunta retórica é seguida doutra, que os lembra de que o homem não possui nenhum dote natural que não tenha recebido de Deus, e a esta se segue uma terceira que salienta a incongruência de um homem orgulhar-se de algo que, afinal, não é senão uma dádiva que Deus lhe deu. De novo focaliza a rejeição da sabedoria do mundo. Pelos padrões do mundo, os coríntios talvez tivessem algo de que se ufanar. Mas os cristãos não aceitam os padrões do mundo. Dão-se conta de que em si mesmos não são nada. Devem tudo à graça de Deus. Não há absolutamente lugar nenhum para atividades mundanas, como a de jactância.

iv. *As provações sofridas pelos apóstolos* **(4:8-13).** Paulo se volta da sua explanação de princípios para uma exposição das humilhantes condições dos apóstolos como demonstradas pelas multiformes provações que tinham que suportar. Ele o faz na forma de contraste entre a angustiante sorte deles e a relativa comodidade dos coríntios. O resultado é uma apaixonada e incisiva peça de prosa. Tão mordaz é a ironia, que alguns acham que dificilmente Paulo poderia estar-se dirigindo à igreja como um todo. Não há nada parecido com isso em nenhum outro lugar desta epístola. Ele deve ter em mente só os líderes. Todavia, esta inferência é precária. Não há indicações de que Paulo se esteja dirigindo a pessoas distintas nesta seção. A igreja toda ouviria a leitura da carta, e, na ausência de algum sinal de mudança de destinatários, ela a receberia como destinada a todos os seus membros.

8. "Estais cheios" (AV), *kekoresmenoi*, é um verbo empregado propriamente sobre comida (ex., At 27:38). Denota saciedade, sentimento de satisfação (ARA: *estais fartos*). Em contraste com Mt 5:6, "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça", os coríntios não sentiam falta de nada. Os dois verbos seguintes são provavelmente aoristos incoativos: "vós vos tornastes ricos" e "começastes a reinar". Ambos indicam que os coríntios se sentiam seguros e sem carência de nada (condição perigosa; cf. Ap 3:17). Moffatt pertinentemente cita o lema estóico (ensinado por Diógenes): "Somente eu sou rico, somente eu domino como rei." Longe de progredirem na fé cristã, estavam-se aproximando da idéia estóica de auto-suficiência. Alguns

entendem *sem nós* no sentido de "sem nosso auxílio". Mas, como o esclarece a segunda parte do versículo, a idéia é, "sem a nossa companhia". Os coríntios afirmavam que tinham alcançado uma posição que, nem Paulo nem os outros apóstolos reivindicavam. Paulo chega ao ponto de expressar o seu desejo de que eles de fato estivessem na posição de realeza que imaginavam. Neste caso, talvez ele e os outros pudessem associar-se a eles nesse esplendor, e assim beneficiar-se com o progresso deles na fé. "Prouvera a Deus" (AV) é tradução demasiado forte de *ophélon*. Em grego recente isto simplesmente expressa um desejo. Com a construção aqui empregada, está implícito que o desejo não se cumpriu. "Gostaria que vocês reinassem mesmo (embora na verdade não reinem), é o sentido do termo (cf. ARA: *sim, oxalá reinásseis*).

9. Isso nos leva ao ponto concreto pelo qual os apóstolos se empenham. Paulo entende que Deus os colocou na posição que ocupam. Ele não está criticando um destino infeliz, mas, sim, está aceitando serenamente o que Deus fez. A repetida referência ao presente (até ao v. **13**) derrama luz sobre as durezas que Paulo tivera que suportar em Éfeso (cf. **16:9** e At 19:23 ss.). O verbo "expôs" (AV), *apedeixen*, significa pouco mais que "mostrou ser", "Exibiu". Há a idéia de que Deus fez que fossem últimos (cf. ARA: *pôs*). Ele os designou para o último lugar. A figura é derivada da arena, como o deixa ver a versão de Moffatt, "Deus pretende que nós, apóstolos, entremos no fim mesmo, como gladiadores condenados na arena!" *Epithanatious, condenados à morte*, é uma palavra rara e evidentemente se refere a criminosos condenados. Muitas vezes esses eram obrigados a desfilar diante dos olhares do público para serem objetos de irrisão. Assim Paulo fala de ter-se tornado *espetáculo* (a palavra significa "teatro", e assim, "o que se vê num teatro"). Os apóstolos são exibidos num imenso palco, pois são um espetáculo "ao mundo, aos anjos e aos homens" (AV). A palavra *kosmos*, "mundo", é empregada no sentido amplo de "o universo", aqui "o universo de seres inteligentes". As expressões seguintes (sem o artigo no grego) são explicativas desta, "o mundo, tanto anjos como homens" (cf. ARA: *ao mundo, tanto a anjos como a homens*). O Novo Testamento freqüentemente pensa nos anjos como espectadores dos acontecimentos humanos. A combinação de *anjos* e *homens* abrange a totalidade da existência pessoal.

10. O que está envolvido em tornar-se espetáculo público é exposto com franqueza. O primeiro ponto é que os apóstolos são *loucos por causa de Cristo*. Mais uma vez a incompatibilidade entre o que o mundo conta como sabedoria e o que os cristãos avaliam está em mente. Paulo já se referiu mais de uma vez a esse tipo de coisa. Mas desta vez

ele introduz um contraste particularmente impressionante, ao afirmar que os coríntios são *sábios em Cristo*. O vocábulo de Paulo para *sábio* é diferente do que usara até aqui nesta epístola. A palavra que emprega agora pode ser um meio de estabelecer alguma diferença entre os coríntios e os sábios deste mundo que ele tinha castigado anteriormente. Paulo não quer dizer, porém, que os seus amigos eram de fato sábios, mas que eles pensavam que tinham tesouros de sabedoria (que Paulo não podia arrogar-se). Semelhantemente, eles se proclamavam *fortes e nobres* (*endoxoi*, "eminentes", "gloriosos"), ao passo que Paulo se reconhecia "fraco" (cf. **2:3**)) e "desprezível" (*atimoi*, "sem honra"; o termo era empregado em referência aos privados da cidadania).

11. Despejando comparações, Paulo agora se concentra nas privações sofridas pelos apóstolos. Ele não está pensando no passado distante, mas atualiza as coisas com, *até à presente hora*. Aos apóstolos faltavam alimentação, água e vestuário. A referência à fome está em agudo contraste com o anterior "estais fartos" (v. **8**). Os apóstolos eram tratados rudemente. *Esbofeteados* ("bater com o punho") é a palavra usada com referência aos maus fratos dados a Cristo (Mt 26:67). Eles não tinham lugar fixo para morar, mas eram como andarilhos.

12. Várias vezes Paulo se refere ao fato de que ele ganhava a vida com as suas próprias mãos (ex., 1 Ts 2:9; 2 Ts 3:8). Isso é muitíssimo mais significativo em que os gregos desprezavam todo trabalho manual, achando-o próprio somente para escravos. A palavra para "trabalho" (AV) é *kopiōmen*, que realmente significa trabalho árduo, trabalho que leva ao ponto de fadiga (daí, ARA, *e nos afadigamos*). No meio deste versículo Paulo varia de novo a construção, introduzindo a idéia da reação dos apóstolos às aflições que lhes sobrevieram. Eram *injuriados* (outra palavra usada com referência a Cristo, 1 Pe 2:23, ali traduzida por "ultrajado"), mas a sua reação consistia em "bendizer"; eram *perseguidos*, mas simplesmente suportavam isso. Isto nos lembra a injunção de nosso Senhor aos Seus seguidores (ver Lc 6:28).

13. Os apóstolos são caluniados, mas eles simplesmente fazem súplicas. Tal conduta não se recomendava aos gregos. Para eles era prova de pusilanimidade. Através desta passagem toda, Paulo está interessado em acentuar a contradição entre os valores do cristão e os do grego sábio deste mundo. Ele chega ao clímax com dois pontos de comparação. Ele e seus companheiros tornaram-se como *lixo do mundo*. *Lixo, perikatharmata*, significa "aquilo que é retirado como resul-

tado de uma ação de purificação completa". É o refugo que sobra depois de uma limpeza total. Não difere grandemente do segundo epíteto, *escória, peripsēma*, que é simplesmente um pouco mais preciso. É "aquilo que é apagado como resultado de polimento completo". Porque essa remoção do refugo tem o efeito de limpar, ambas as palavras têm o sentido derivado de "oferta propiciatória", a oferta que purifica os homens dos seus pecados. Isto não se aplicava aos sacrifícios em geral, mas a sacrifícios humanos, que tinham sido oferecidos em alguns lugares. Entretanto, mesmo assim as palavras não vieram a adquirir um matiz nobre, pois as pessoas escolhidas para serem sacrificadas eram as que mui facilmente poderiam ser poupadas, as mais insignificantes e indignas da comunidade. Então, o ponto focalizado por Paulo é que os apóstolos eram considerados como os mais vis dos homens. Sua expressão, "até este dia" (AV; literalmente, *até agora*, como na ARA), apresenta de novo o ponto de que os seus sofrimentos não eram matéria da história passada. Ele estava pormenorizando a presente condição dos apóstolos. Os coríntios podiam pretender ocupar um lugar esplêndido, mas Paulo não tinha ilusão quanto ao lugar reservado para gente como ele neste mundo.

g. Apelo pessoal (4:14-21)

14. As cartas de Paulo são cartas de verdade, não tratados de teologia sistemática. Elas contêm não poucas vezes aquelas mudanças abruptas de tom e modo (como aqui) que caracterizam as cartas. A severidade do apóstolo dá lugar à ternura. O que Paulo disse poderia ser entendido como tendo o propósito de levar os coríntios a sentir vergonha. Em ocasiões próprias bem pode ser que fosse essa a intenção de Paulo (**6:5**; **15:34**), mas aqui não é o caso. Ele tem os mais ardentes sentimentos para com aqueles que chama de *filhos meus amados*. Seu propósito é simplesmente o de admoestá-los. O verbo aqui traduzido por *admoestar, noutheteō*, transmite a idéia de repreender por erro cometido. Mas o que se tem em vista é criticar com amor, como este versículo o demonstra claramente. O substantivo cognato é empregado em Ef 6:4 com referência ao dever do pai para com os seus filhos.

15. O afeto de Paulo é apresentado numa referência à sua relação singular com os coríntios. *Paidagōgous*, traduzido por *preceptores*, não eram professores, mas escravos que, sob a direção dos pais, superintendiam o bem-estar das crianças. Com freqüência há algo de um ar depreciativo em torno do termo. O *paidagōgous* levava a criança à escola e geralmente olhava por ela. Mas, no melhor dos casos, era um subordinado. Não pertencia à família. Conquanto pudesse amar afe-

tuosamente a criança, não estava ligado a elā pelos laços do afeto natural. O pai mantinha uma relação completamente diversa. Tinha gerado a criança, e tinha o máximo cuidado pelo bem-estar da criança. Em virtude da sua atividade, fundando a igreja de Corinto, Paulo estava numa relação de pai em Cristo, para com os crentes. Isto põe às claras duas coisas. Uma é que, pela natureza das coisas, o seu afeto por eles era grande. A outra é que, não importa quanto proveito eles pudessem ter tido com o ministério de outros, eram devedores a Paulo, acima de todos, e, portanto, deviam dar ouvidos às suas injunções.

16. Assim, ele pode apelar para que sejam seus *imitadores*, que é o sentido da palavra (*mimētai*). Apelos desta espécie Paulo os faz mais vezes do que esperaríamos. Mas ele não deseja ligar os seus seguidores a si pessoalmente. Isto entraria em contradição com o teor geral desta passagem. Se quer que o imitem é a fim de que aprendam desse modo a imitar a Cristo (cf. **11:1**; 1 Ts 1:6). Embora nas diferentes circunstâncias de hoje os pregadores bem possam hesitar em convocar outros a imitá-los, ainda continua sendo verdade que, se havemos de recomendar o Evangelho, há de ser porque as nossas vidas revelam o seu poder.

17. Não se sabe muita coisa sobre a visita de Timóteo a Corinto (ver a introdução, pág. 21, 22). Evidentemente Paulo percebeu que o problema estava começando, e enviou Timóteo para resolvê-lo. Isto ele deveria fazer lembrando-lhes os *caminhos em Cristo Jesus*, de Paulo. Uma vez mais se apela para o exemplo de Paulo. Não era que Paulo estivesse aconselhando em Corinto uma coisa diferente da prática que ele ensinara *por toda parte... em cada igreja* (cf. **7:17;11:16;14:33, 36**). Não estava fazendo exigências excepcionais aos coríntios. Dissera e fizera em Corinto o mesmo tipo de coisas que dissera e fizera noutros lugares. Ele anelava ver a mesma espécie de comportamento lá, como em toda parte.

18. Houve alguns que se levantaram em oposição a Paulo, e este os acusa de orgulho (quanto a *se ensoberbeceram*, ver o comentário do v. 6). Evidentemente alguns tinham tentado apoiar a sua posição na confiante asserção de que Paulo não tornaria a visitar a cidade. Isso teria sido reforçado pela anterior afirmação de que Timóteo (não Paulo) iá visitá-los. Estariam dizendo que Paulo não ousava encará-los. Os coríntios não tinham nada a ganhar com a adesão a Paulo, e nada a temer, tampouco.

19. Paulo lhes assegura que tais suposições eram infundadas. Logo irá visitá-los, *se o Senhor quiser*. Ele não se considera um mandatá-

rio independente. Está sob a direção do Senhor, e podia ser que o Senhor não lhe franqueasse o caminho para ir a Corinto nessa conjuntura. Mas o ponto em que insiste é que somente um impedimento divino dessa natureza é que o deteria.

Há uma diferenciação caracteristicamente paulina entre palavras e atos no fim do versículo. Os seus opositores de Corinto podiam apresentar lindas falas, mas seriam capazes de mostrar *poder*? Paulo com freqüência se demora no fato de que o Evangelho não fala apenas aos homens o que devem fazer. Nele Deus lhes dá poder para fazê-lo. Não é uma questão de se os oponentes coríntios de Paulo podiam falar bem, mas de se o poder de Deus era manifesto neles, "aquela eficácia espiritual de que são dotados os que partilham a Palavra do Senhor com fervor" (Calvino).

20. *O reino de Deus* é o tópico mais freqüente no ensino de Jesus. Não é tão proeminente no restante do Novo Testamento, conquanto Paulo o mencione de vez em quando, sobretudo nesta epístola **(6:9, 10; 15:24, 50)**. Uma característica do conceito que o Evangelho tem do reino é que nele há poder de Deus (visto, por exemplo, na expulsão de demônios, Lc 11:20). É este o aspecto ressaltado aqui. O reino de Deus não é simplesmente bom conselho. Ele não é *em palavra*, "pois, que pequena realização para qualquer pessoa, ter a capacidade de palrar eloqüentemente, quando não contém nada, senão um tinido vazio" (Calvino). Os homens sabem o que devem fazer. O problema é que, sabendo o bem, praticam o mal. Necessitam do poder de Deus para capacitá-los a viverem como convém ao Seu reino. Provavelmente há um intencional contraste com as pretensões dos coríntios no versículo **8**. Aqui está a verdadeira realeza.

21. A questão não é se Paulo irá, mas como irá. Ele lhes coloca o problema com sinceridade. Poderia ir *com vara*, isto é, com severidade, pronto para puni-los e repreendê-los. Ou poderia ir *com amor e espírito de mansidão*. Mas isto presume que eles estão preparados para recebê-lo nesta ou naquela qualidade. A escolha fica com os homens de Corinto.

III. Relaxamento Moral da Igreja (5:1-6:20)

Paulo esteve falando de uma manifestação do orgulho dos coríntios, e passa para outra. O relaxamento sexual prevalecia entre os gregos do primeiro século, mas desde o princípio a atitude cristã para com as noções e práticas dominantes era de oposição incondicional. Todavia, ao que parece, os coríntios tinham em tal conta a süa emancipa-

ção em Cristo, que podiam seguir uma linha inteiramente diversa da dos outros cristãos, e que favorecia até males piores do que os que os gregos em geral praticavam. Isto provoca severa censura da parte de Paulo.

a. Um caso de incesto (5:1-13)

i. *O fato* **(5:1, 2)**. O começo é um tanto abrupto. Paulo não perde tempo com delicadezas. A sua primeira palavra, *holōs*, não é bem traduzida por *geralmente*. O advérbio significa "inteiramente". Com o negativo seria o "totalmente" transformado em "absolutamente não" ou "nada". Aqui temos o positivo, e provavelmente o nosso equivalente mais próximo é "realmente". *Porneia*, "fornicação" (AV; ARA: *imoralidade*), indica propriamente o uso de uma meretriz, mas vem a significar qualquer forma de perversidade sexual. "Mencionada" (AV) está ausente dos melhores MSS. O ponto que Paulo focaliza não é que os gentios não falam desse tipo de coisa, mas que não o praticam. Tais casos não eram desconhecidos entre os gentios, mas não eram comuns e não recebiam apoio. Mesmo os que eram notoriamente lassos nas questões sexuais reprovavam uma união como essa. Não se vê com clareza o tipo exato de pecado visado. Os coríntios conheciam os pormenores, de modo que não havia necessidade de Paulo ser mais explícito. "Ter" (AV; ARA: *possuir*) poderia significar "ter para esposa", ou poderia significar "ter como concubina". *A mulher de seu próprio pai* provavelmente não significa "sua mãe", ou Paulo o teria dito. Mas, se significa que o ofensor tinha seduzido a sua madrasta, ou que esta se divorciara do seu pai, ou que o pai falecera, deixando-a viúva, não está claro. O que está bem claro é que se contraíra uma união ilícita de natureza particularmente malsã.

2. Em face disto, a atitude da igreja foi totalmente errada. *Ensoberbecidos* (ver coment. de **4:6**) mostra que o conceito que os coríntios tinham da sua própria posição superior governara a conduta deles, em vez da devida humildade cristã. *Epenthēsate, lamentar*, é muitas vezes (embora não, de modo algum, exclusivamente) empregado com relação aos mortos. Por conseguinte, pode ser um modo de insinuar que a igreja perdeu um membro (cf. Moffatt, "Devíeis muito mais estar chorando a perda de um membro!"). A conjunção *para que, hina*, neste contexto pode indicar um resultado do lamento, ou pode ser equivalente a um imperativo, "Que seja... tirado" (assim Moffatt e a RSV).

ii. *O castigo do ofensor* **(5:3-5)**. "Pois" (AV) liga isto com o anterior, enquanto que *na verdade* é enfático. Os coríntios tinham falhado

com o seu dever. Mas a atitude de Paulo está em agudo contraste. Os que estavam presentes e que se podia esperar que agissem, nada fizeram. Ele, que estava longe, e podia ter alegado a distância como uma escusa para a inação, não seria dissuadido de tomar medidas enérgicas. De modo extraordinário Paulo descreve a espécie de assembléia disciplinar que deveria ser realizada. *Ainda que ausente em pessoa*, considerava-se *presente em espírito* (cf. Cl 2:5). Como presidente da assembléia, ele já passou a sentença. O verbo que emprega está no perfeito, o que dá um ar de finalidade à sentença. Não menciona o homem, mas o caracteriza pela natureza do ato que praticou.

4. Os versículos **3-5** constituem uma longa e difícil sentença no grego. Podemos anotar apenas algumas das dificuldades. *Em nome do* (isto é, sobre a autoridade de) *Senhor Jesus* (assim os melhores MSS; AV acrescenta "Cristo") pode-se tomar, ou com *reunidos vós*, ou com *seja... entregue*. Esta fórmula solene tem maior probabilidade de acompanhar o verbo principal *entregue*, do que de acompanhar o verbo subordinado. Temos então uma abertura que nos prepara para uma solene sentença judicial, mas a sentença mesma é retida até o fim, para ênfase. Há uma ambigüidade parecida quanto ao verbo com o qual devemos tomar *com o poder de Jesus, nosso Senhor*. Pode ser que o ofensor deva ser entregue *com o poder*, mas, de modo geral, é mais provável que Paulo esteja afirmando que eles foram *reunidos... com o poder*. Ele está expondo a natureza solene da assembléia. Não é apenas uma reunião de alguns coríntios obscuros. O apóstolo está lá em espírito, e o Senhor Jesus está lá em poder.

5. *Seja... entregue a Satanás* é uma expressão incomum. Noutra parte só ocorre em 1 Tm 1:20. O significado palpável é o de excomunhão (ver os vs. **2, 7, 13**). A idéia subjacente é que fora da igreja está a esfera de Satanás (Ef 2:12; Cl 1:13; 1 Jo 5:19). Ser expulso da igreja de Cristo é ser lançado àquela região onde Satanás mantém o poder. É uma expressão muito forte concernente à perda de todos os privilégios cristãos. Pode incluir também o exercício de algum poder do tipo que vemos em ação em At 5:1-10; 13:8-11. Deissmann argumenta, com base em certos textos pagãos, que as palavras indicam "um solene ato de execração" (LAE, pág. 303). Mais difícil é *para a destruição da carne*. É difícil ver como a expulsão da igreja poderia ter esse efeito. Duas soluções têm obtido apoio. Uma vê na *carne* a parte inferior da natureza humana, e toma a passagem como falando da destruição das cobiças pecaminosas. Mas é difícil ver como entregar um homem a Satanás teria tal efeito purificador. Antes, esperaríamos o inverso, a estimulação dessas cobiças. Contudo, permanece a possibilidade de que Paulo

tenha em mente o efeito causado ao ofensor por ser cortado de tudo que a comunhão com a igreja significa. O contraste entre uma experiência presente nas coisas de Satanás e a nostálgica recordação das coisas de Deus, poderia causar uma revulsão dos sentimentos e da conduta, destruindo-se as concupiscências carnais. A outra idéia é a de que a *carne* deve ser entendida como física, sendo a referência à doença e mesmo à morte. A dificuldade está em ver como isto poderia ser efetuado pela excomunhão. Mas em **11:30** Paulo fala de conseqüências físicas de fraquezas espirituais. No caso de Ananias e Safira, em At. 5, vemos o exemplo extremo disso. O "espinho na carne" do próprio Paulo era um "mensageiro de Satanás" (2 Co 12:7). Bem pode ser que Paulo vislumbre a solene expulsão deste ofensor como resultando em conseqüências físicas. É o efeito de ser retirado dos seguros domínios da igreja de Deus. De modo geral, esta segunda maneira de ver parece a mais verossímil. Paulo concebe esta punição como medicinal. Conquanto a *carne* seja destruída, é para que *o espírito seja salvo*. Que ele diz *salvo* no sentido mais completo, fica claro com o acréscimo de *no dia do Senhor*. No dia do juízo final ele espera ver o ofensor disciplinado, entre o povo de Deus.

iii. *Exortação a expurgar todo o mal* (**5:6-8**). "Glorificação" (AV) poderia ser traduzido por *jactância*, como na ARA (estritamente, a palavra se aplica ao conteúdo da jactância, antes que ao ato: "aquilo de que vos jactais não é bom"). Mostra que os coríntios faziam mais do que meramente aquiescer à situação. Orgulhavam-se da sua atitude. Paulo diz duramente que a jactância deles *não é boa*. Ele se apropria de uma ilustração da culinária para demonstrar os perigos inerentes à atitude deles. Basta uma pequena quantidade de fermento para levedar um enorme bloco de massa (cf. Gl 5:9). Isto se aplica de mais de um modo. Aplica-se à igreja. Mantendo o ofensor no rebanho, eles estavam retendo aquela má influência que não podia senão propagar-se e contagiar a muitos. Moffatt cita a Thomas Traherne: "Almas para com almas são como maçãs; apodrecendo-se uma, apodrecem as outras". Aplica-se aos indivíduos. Por sua *jactância*, estavam admitindo um mal em suas próprias vidas. Com o tempo ele agiria na totalidade do ser pessoal deles. O pecado tem que ser eliminado rigorosamente, ou, se não, com o tempo, a vida cristã inteira ficará corrompida.

7. Dá-se seguimento à metáfora. Paulo os concita a "purificar o velho fermento" (o verbo traduzido por "purgar", AV, tem definidamente a idéia de purificar). O ponto que focaliza é que os velhos hábitos não são apenas maus — são corruptores. Exatamente como o fer-

mento, eles agirão até permear tudo. A única coisa a fazer é livrar-se deles inteiramente. Assim Paulo fala de uma *nova massa*. A igreja cristã não é simplesmente a velha sociedade remendada. É radicalmente nova. O mal que caracteriza os homens do mundo foi retirado, e o apóstolo pode dizer, *sois de fato sem fermento* (Weymouth, "livres de corrupção"). Ele não diz, "Deveis ser sem fermento", mas afirma um fato. É isso que os cristãos realmente são. A inferência é que não lhes compete reintroduzir o velho fermento. *Gar, pois*, introduz a razão de sua confiante asserção acerca do estado deles. "Cristo, a nossa páscoa, foi sacrificado" (AV; assim no grego). É isto que faz novas todas as coisas para os cristãos. Com Sua morte, Cristo pôs fora de ação o pecado deles. Fez com que eles ficassem *sem fermento*. A páscoa era a comemoração anual da libertação do jugo do Egito no tempo antigo. Os israelitas tinham oferecido o seu cordeiro ou cabrito para que o anjo destruidor passasse sobre eles. Foram libertos, e a ralé escrava emergiu do Egito como o povo de Deus. Ao empregar essa figura, Paulo lembra a seus leitores que a morte de Cristo os libertou de um perigo mortal, e os constituiu povo de Deus. Neste contexto, porém, a coisa importante é a emersão para uma vida nova. Uma característica da observância normal da páscoa era a solene busca e destruição de todo o fermento, antes de iniciar-se a festa (durante sete dias só se podia comer pão sem fermento). Este expurgo de todo o fermento era feito antes de a *pascha*, a vítima pascal (cabrito ou cordeiro), ser oferecida no templo. Mas Paulo assinala que "Cristo, a nossa páscoa", já foi sacrificado. É tempo, e mais que tempo, de ter sido expurgado todo o fermento.

8. A vida cristã é comparada com uma festa contínua (*celebremos* é presente contínuo). O cristão não observa a festa de acordo com os padrões da velha vida que ele abandonou. O *velho fermento* está ligado a *o fermento da maldade e da malícia*. A velha maneira de viver é caracterizada por coisas más. Em contraste, a festa perpétua do cristão é celebrada com *os asmos da sinceridade e da verdade. Sinceridade* refere-se à pureza do motivo, e *verdade* à pureza da ação. Ambas são tão características do cristão, que podem ser comparadas com o seu necessário alimento.

iv. *Um equívoco esclarecido* **(5:9-13)**. Alguns têm entendido *vos escrevi* como um aoristo epistolar, caso em que se referiria à carta que está sendo escrita. Mas parece haver pouca coisa em favor disso, e é melhor ver aí referência a uma carta anterior, agora perdida (ver a introdução, pág. 21). O verbo *associásseis* é um expressivo composto duplo que se encontra no Novo Testamento somente aqui e em 2 Ts

3:14.[1] O sentido é "misturar-se a si próprio com". Paulo lhes proibira intercâmbio familiar com transgressores sexuais de qualquer espécie.

Mas as orientações que dera na carta anterior tinham sido mal compreendidas ou deturpadas. Não fora sua intenção que eles não tivessem nenhum contato com os maus homens deste mundo, para o que precisariam sair do mundo. *Não propriamente* significa, no orignal grego, "não em todas as circunstâncias". Surgiriam circunstâncias em que teriam que se encontrar com crassos pecadores. Ele estende a lista, abrangendo outros, além dos "fornicários" (AV; ARA: *impuros*). Os *avarentos, pleonektai*, são os dominados pelo desejo de ter mais (AV: "cobiçosos"), pelo espírito de engrandecimento próprio. Do espírito Paulo passa para as ações. *Roubadores, harpages,* são os que agarram alguma coisa, isto é, ladrões de qualquer tipo e forma. Ambos são postos juntos como uma classe, sendo que os dois substantivos são unidos sob um só artigo e ligados por *kai*, ao passo que são separados dos outros por *ē*. Estes pecadores mantêm errônea relação com o homem, e Paulo inclui *idólatras*, que mantêm errônea relação com Deus. Homens maus assim são numerosos. É impossível viver sem ter algum contato com eles. Paulo não tinha pretendido censurar isso.

11. Há uma circunstância bem mais forte para se pensar que *vos escrevo* aqui é um aoristo epistolar, do que a do v. **9**. Todavia, não é provável que Paulo usasse duas vezes a mesma expressão (no grego, a flexão verbal é a mesma) em diferentes sentidos tão logo e em tão estreita conexão. Mesmo o *agora* não requer isso. O sentido será, "Mas agora (vós vedes) eu escrevi..." O ponto que focalizara é que eles não deviam manter íntima comunhão (*associeis* é a mesma palavra pitoresca do v. **9**) com alguém que se professa cristão (*que, dizendo-se irmão*), mas nega a sua profissão com o seu modo de viver. Ele não é realmente *irmão*, mas um "fornicário" ou coisa semelhante. Aos males castigados no versículo anterior Paulo acrescenta mais dois. *Maldizente, loidoros*, é alguém que injuria outros (cf. Mt 5:22). O fato de se acharem tais homens na igreja cristã indica o ambiente de origem de alguns dos primeiros conversos. Pouco surpreende que eles achassem difícil entrar simultaneamente na plenitude da experiência cristã. Mas Paulo não cederá, nem por um momento. Se continuam nessas práticas, os crentes não devem manter nenhum intercâmbio social com eles. *Nem ainda comais* referir-se-á às refeições comuns, não à Santa Comunhão, conquanto também esta estivesse proibida. Quando refle-

1 Ver a nota do autor sobre este versículo em seu comentário de 1 e 2 Tessalonicenses, Tyndale Press, 1956, pág. 149.

timos em que nosso Senhor comia com publicanos e pecadores, e que Paulo considera permissível aceitar convites para refeição em casa de pagãos (**10:27**), a pormenorizada aplicação desta injunção não é fácil. Mas o princípio é claro. Não deve existir amizade chegada com ninguém que se proclama cristão mas cuja vida desmente a sua profissão.

12. Há uma diferença entre os de dentro e os de fora da igreja. Paulo esclarece que não é sua função agir como juiz dos de fora. No versículo seguinte ele prossegue, dizendo que Deus é o juiz deles. Mas é uma questão completamente diversa, no caso dos de dentro da igreja. Paulo não diz que ele deve julgá-los, mas, sim, *vós*, os coríntios. Era responsabilidade destes agir com relação aos membros da sua própria igreja. A forma interrogativa, *Não julgais...?* é um modo de tornar ainda mais claro o dever deles na questão em foco.

13. Se o versículo **12** insiste na necessidade de a igreja disciplinar os seus membros, este versículo limita o escopo dessa atividade. Não faz parte da função da igreja disciplinar os que não são membros. *Deus os julgará.* Mas Paulo faz desta a ocasião para uma injunção final: *Expulsai... o malfeitor* (cf. Dt 17:7, etc.). Devem expulsar o transgressor e deixá-lo ao julgamento de Deus, tendo-se tornado agora um dos *de fora.*

A aplicação disso tudo ao cenário moderno não é fácil. Mas o ponto principal para Paulo, que a igreja não deve tolerar a presença do mal em seu meio, é claramente de permanente relevância.

b. Processos legais (6:1-11)

A referência a julgamento leva Paulo a um assunto correlato. Alguns dos coríntios estavam procurando a lei uns contra os outros. Ele os repreende por isso (**1-6**), depois por se defraudarem concretamente uns aos outros (**7, 8**), e prossegue, falando da espécie de contato que exclui os homens do reino de Deus (**9-11**).

1. Paulo reconhece que contendas entre irmãos ocorrerão. Mas o primeiro ponto de que trata, com o emprego de uma pergunta retórica, é que quando surge uma contenda, deve ser acertada dentro da irmandade. Hodge cita a máxima rabínica: "Um estatuto que obriga a todos os israelitas é que, se um israelita tem uma causa contra outro, o processo não deve ser feito diante dos gentios." Os coríntios não chegaram nem sequer ao padrão judaico. A expressão, *tendo questão contra, pragma echōn pros*, é freqüente nos papiros no sentido de processo judicial. *Os injustos* não indica necessariamente que os tribunais

de Corinto eram corruptos. É uma expressão aplicada a todos os de fora da igreja. Eles não regulavam o seu pensamento e o seu viver pela lei de Deus. Não eram "justificados", logo eram "não justos" (= injustos). A queixa de Paulo não é que os crentes não obteriam justiça nas cortes pagãs, mas que não tinham por que aparecer lá, de jeito nenhum.

2. Outras perguntas retóricas mais os lembra de que *os santos* ajudarão no juízo final do *mundo*. Isto retrocede ao ensino de nosso Senhor, que associou a Si os doze no julgamento (Mt 19:28; Lc 22:28 ss.; cf. também Dn 7:22). Não há registro de pronunciamento feito por Ele dizendo que todos os crentes (*os santos*) participariam disto, mas Paulo apela para isto como um fato bem conhecido. A referência a anjos no versículo 3 mostra que *o mundo* tem o mesmo sentido amplo de **4:9**, "todo o universo de seres inteligentes". Alguns acham que *julgar* deve ser tomado no sentido hebraico de "governar". É possível, mas o contexto está interessado em processos legais, não em governo. A palavra traduzida por *cousas, kritēriōn*, denota propriamente o instrumento ou forma de julgamento, as regras pelas quais se julga. Vem a significar o lugar de julgamento, e talvez o conselho de juízes (Tg 2:6, AV; ARA: "tribunais"). O sentido "tribunal", "corte de justiça" é comum nos papiros (ver MM). Aqui o sentido será, "sois indignos de julgar nos tribunais menos importantes?"

3. As perguntas retóricas continuam. *Anjos* está sem o artigo, no grego, o que tem o poder de dirigir a atenção para o seu caráter ou qualidade. Eles são por natureza a classe mais elevada de seres criados. Todavia, os santos os julgarão. Conseqüentemente, os coríntios deviam saber que eram capazes de julgar *as cousas desta vida*. Esta expressão é a tradução de uma única palavra grega, *biōtika*. Indica as coisas habituais da vida comum. *Quanto mais, mētige*, é uma expressão forte (que ocorre somente aqui, no Novo Testamento). A conclusão é inevitável.

4. A construção condicional, "se, pois" (AV; ARA: *quando; ean* com o subjuntivo; contraste-se com *ei* com o indicativo no versículo 2) contém um delicado subentendido de que tais processos judiciais não deveriam ocorrer. "Julgamentos" (AV) é a palavra traduzida por *cousas* no versículo 2 (ver nota ali). Pode ser que o sentido aqui seja "processos judiciais". G-E, com base em duas inscrições, aceita este sentido, tanto aqui como no versículo 2. Isto dá uma significação melhor. Mas está mais de acordo com o emprego da palavra tomá-la no sentido de "tribunais". "Constituí-os para julgarem" significará "Se é necessário ter julgamentos sobre coisas terrenas, constituí os meno-

res dentre vós, os que passam pelos menos inteligentes; eles serão bastante bons para esta necessidade" (Godet). Mas o verbo não é necessariamente um imperativo. As palavras podem ser tomadas como uma afirmação (como na ARA), *constituís*, ou como uma interrogação (como na RV), "vós os constituis?" A decisão é difícil. Com hesitação me inclino à RV. *Que não têm nenhuma aceitação na igreja, exoutheneménous*, é uma expressão forte. Em **1:28** é traduzida por *desprezadas*. Ao aceitar os padrões de Cristo, os cristãos deliberadamente puseram de lado os padrões do mundo. Estes padrões não são nada. Os que julgam por eles não são nada. Cf. Weymouth, "homens que não são absolutamente nada na igreja — são *estes* que fazeis vossos juizes?"

5. Em **4:14** Paulo assinalou que não estava escrevendo para envergonhar os seus leitores. Mas tão forte é o seu sentimento agora, que de fato deseja levá-los a envergonhar-se. Quando tratou do tema da sabedoria no início da epístola, parecia que os coríntios se orgulhavam um tanto da sabedoria deles. Mas agora o apóstolo pode perguntar se eles têm *ao menos um sábio* entre eles. *Julgar* é um infinitivo aoristo com o sentido de "dar uma decisão" (antes que "conduzir um julgamento"). A palavra não implica em litígio, mas em "uma solução amigável por meio de arbítrio" (Grosheide). "Entre seus irmãos" (AV e ARC) está de fato no singular, "entre o seu irmão". Temos que suprir "e outro", para que a AV dê o sentido da expressão (cf. ARA: *no meio da irmandade*).

6. Uma corrente de perguntas argumentativas é típica do estilo de Paulo, e este versículo pode ser outra pergunta da cadeia, como na ARA: *Mas irá um irmão a juízo*, etc.? A questão é interrompida com *e isto*. É extraordinário que irmão queira ir a juízo com irmão, sequer. Fazê-lo seria mais extraordinário do que se o fizesse perante *incrédulos*. Esta última palavra está sem o artigo no grego (AV: "os incrédulos"). É para a sua qualidade como carente de fé que Paulo dirige a atenção.

7. "Agora" (AV), *ēdē*, significa *já* (como na ARA). "Erro" (AV), *hētēma*, é "um agravamento". Devemos provavelmente entendê-lo como "uma derrota", como alguns dos primeiros pais sustentaram (assim na ARA). O ponto que Paulo assinala é que ir a juízo com um irmão já é incorrer em derrota, seja qual for o resultado do processo legal. "Porque ir a juízo um com o outro" (AV) poderia ser traduzido por "porque vós fazeis demandas judiciais (*krimata*) entre vós" (ARA: *O só existir entre vós demandas*). Obter a vitória no veredicto pouco significa. Já se perdeu a causa quando um cristão abre um

processo. Os efeitos danosos estão implícitos no pronome *vós*. O dano é ao corpo de Cristo, não aos estranhos. Perguntas mais mordazes fazem entender que, em vez disso, uma verdadeira vitória poderia ser obtida preferindo-se sofrer *a injustiça, o dano*. Jesus aconselhara os Seus seguidores a voltar a outra face (Mt 5:39). Dissera-lhes que quando fossem acionados judicialmente por sua túnica, dessem sua capa também (Mt 5:40). Mas os coríntios estavam longe dos princípios cristãos básicos.

8. Na verdade estavam longe mesmo de tudo que está envolvido nisso. Não só não estavam prontos para sofrer a injustiça, mas Paulo faz a acusação de que eles estavam ativamente fazendo injustiça a outros. Faziam-lhes danos. A execução rigorosa da lei é usual na sociedade em geral, mas não deve ter lugar entre os cristãos. O acréscimo, *e isto aos próprios irmãos*, não implica em que o pecado não era muito grave quando cometido contra incrédulos. O pecado é punido, seja cometido contra quem for. Mas é o coerente ensino do Novo Testamento que, em acréscimo ao amor cristão que o crente deve exercer para com todos os seres humanos, há um especial "amor dos irmãos" na fé. Os que estão em Cristo têm especial desvelo uns pelos outros. Os coríntios estavam cometendo um duplo pecado. Estavam pecando contra padrões éticos, e estavam pecando contra o amor fraternal.

9. Como nos versículos **2** e **3**, Paulo apela para o que é de conhecimento geral. *Os injustos* está sem o artigo no grego, recaindo a ênfase no caráter dessas pessoas, e não nos injustos como classe. Gente desta espécie é excluída do reino. A disposição das palavras no grego traz a palavra *Deus* imediatamente após *injustos*, realçando assim o contraste. Não se pode esperar por pessoas injustas no reino que é *o reino de Deus*. *Klēronomeō, herdarão*, como muitas vezes no Novo Testamento, não é empregado no sentido estrito, mas com a significação mais ampla de "entrar em plena posse de", sem referência aos meios. Paulo continua, particularizando várias formas de males incompatíveis com o reino. "Fornicários" (AV) é o termo geral que abrange todas as formas de pecado sexual (ver coment. de **5:1**, quanto ao substantivo cognato, "fornicação"). *Adúlteros* são especificamente os que violam o leito matrimonial. *Malakoi, efeminados*, significa basicamente "macios". Veio a ter o sentido pejorativo da nossa tradução. Esta parte da lista dá proeminência aos que pecam contra si mesmos por práticas sexuais viciosas. A inclusão de *idólatras* talvez indique a imoralidade de muito culto pagão da época.

10. A segunda parte da lista dá ênfase a pecados contra os outros. *Ladrões, kleptai*, são gatunos insignificantes, ladrões baratos, e não

salteadores. Quanto a *avarentos* (AV: "cobiçosos") e *roubadores*, ver as notas sobre **5:10**, e quanto a *maldizentes*, sobre **5:11** (ali, no singular). Uma vez mais Paulo acentua que os que praticam tais males não terão parte no reino de Deus.

11. A tremenda revolução produzida pela pregação inicial do Evangelho está implícita nas singelas palavras, *Tais* (na verdade, um pouco mais forte: "estas coisas") *fostes alguns de vós*. Não era nenhum material promissor que os primeiros pregadores defrontavam, mas pessoas cujos valores eram exatamente o oposto dos de Cristo. Fora necessário o eficaz poder do Espírito de Deus para converter pessoas como aquelas dos seus pecados, e fazê-las membros da igreja de Cristo. Três vezes Paulo emprega a forte adversativa *alla, mas*, para salientar o contraste entre a vida antiga que levavam, e a experiência que tiveram em Cristo. O verbo *apelousasthe, vos lavastes*, está na voz média, acentuando algo como "tivestes lavados os vossos pecados" (como em At 22:16, cf. o grego). Muitos comentadores vêem aí uma referência ao batismo. Talvez seja assim, embora não haja nada no contexto que o indique. A palavra pode significar a espécie de lavagem que vemos em Ap 1:5, "Àquele que... nos lavou dos nossos pecados em seu sangue" (AV). O prefixo *apo* indica a limpeza completa, "pondo fora" os pecados. O tempo verbal é o pretérito, sendo que o aoristo se refere a uma ação decisiva. *Fostes santificados* é o mesmo tempo. Tinham sido separados para pertencerem a Deus. Tinham sido recipientes do poder santificante. *Fostes justificados*, o terceiro do trio, é outro aoristo. Volta o olhar para o passado, quando foram aceitos como justos diante de Deus. O verbo significa "considerar justo", "declarar justo". É um termo judicial, empregado com relação aos absolvidos. Paulo o utiliza com referência ao ato de Deus pelo qual, com base na morte expiatória de Cristo, Ele declara justos os crentes e os aceita como Seus. É curioso que esta referência se segue à referência à santificação. Pode ser que Paulo sentisse que a santificação exigia ênfase especial. Ou talvez a questão seja que depois de a santificação tê-los lembrado do caráter implícito na profissão cristã, a justificação salienta a ação divina. O Deus que os justificou seguramente lhes proverá o poder necessário para levar a cabo a sua santificação. Calvino sustentava que todos os três termos se referem à mesma coisa, embora em diferentes perspectivas.

O *nome* traz perante nós tudo o que está implícito no caráter do Senhor, enquanto que o título por extenso, o *Senhor Jesus Cristo* (assim nos melhores MSS) apresenta a dignidade daquele a quem servimos. A isto se junta o *Espírito do nosso Deus*. Há um poder manifesto na vida cristã, e esse poder não é humano. É poder divino, dado pelo próprio Espírito de Deus.

c. Fornicação (6:12-20)

Dos processos legais, Paulo se volta para o relaxamento sexual. Já falou de um caso específico de incesto (capítulo **5**). Agora trata do princípio geral. Ele o faz em dois estágios. No primeiro (**12-14**) demonstra que a vida corporal do cristão é determinada pelo que Deus fez por ele. No segundo (**15-20**) aplica isto ao mal específico do pecado sexual.

12. Primeiro firma o princípio da liberdade cristã. *Todas as cousas me são lícitas* (repetido em **10:23**). O modo como o apresenta dá a impressão de que os coríntios usavam a máxima para justificar a sua conduta. Possivelmente a tinham derivado do ensino que Paulo ministrara quando estivera entre eles. De qualquer forma, Paulo a aceita. Outras religiões prescreviam regras que os homens tinham que guardar se queriam ser salvos. Leis sobre alimentação eram especialmente comuns. A abstenção de todas as coisas ilícitas era parte necessária da obtenção da salvação. Não assim com o cristianismo. O crente evitará coisas más e vãs, mas isto não obtém a sua salvação. A salvação é toda de graça. Depende do que Deus fez em Cristo. O crente não está cercado por uma multidão de restrições. Todas as coisas lhe são lícitas.

Mas se é verdade que o cristão não é coibido, também é verdade que não é desatento às questões morais: *nem todas convêm* (são "úteis" ou "aconselháveis"). Há algumas coisas que não são expressamente proibidas, mas cujos resultados são tais que elas são rejeitadas pelo crente. Uma segunda razão para se ter cautela no uso da liberdade cristã é dada por Paulo nas palavras, *eu não me deixarei dominar por nenhuma delas*. Há aí um jogo de palavras que Edwards (seguindo Crisóstomo) traduz, "Todas as coisas estão em meu poder, mas eu não serei apoderado por coisa nenhuma". Há alguma ênfase em "não eu" (no grego). Paulo não se permitiria vir a ficar sob o mando de ninguém e de nada. Como poderia, quando era "o escravo de Cristo" (Rm 1:1, etc.). Há o perigo de que, ao reclamar a sua liberdade cristã, o homem pode colocar-se na escravidão das coisas que pratica.

13. *Os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos* pode ser outra expressão empregada pelos coríntios. Comer é uma função natural, e aparentemente eles queriam dar a entender que uma função natural é muito semelhante a outra. A fornicação é tão natural como comer. Paulo repudia isto decididamente. O estômago e o alimento são transitórios. No devido tempo Deus acabará com ambos. Quanto a *destruirá*, ver comentário de **1:28**. O alimento e o estômago serão reduzidos a nada. Mas o corpo não está destinado a ser

destruído. Haverá de ser transformado e glorificado (Fp 3:21). Não há entre *o corpo* e os desejos sensuais conexão como a que há entre *o estômago* e o alimento. Em vez disso, a conexão é entre *o corpo* e *o Senhor*. Deus não destinou *o corpo* para a "fornicação" (ARA: *impureza*) como destinou *o estômago* para *os alimentos*. Recentemente tem havido muita discussão sobre o conceito paulino de corpo. A maioria concorda que, ao passo que a palavra *sarx*, "carne", expressava para Paulo pensamentos como os do homem em sua fraqueza, em seu pecado e em seu estado decaído, *sōma*, "corpo", é antes a personalidade completa, o homem como uma pessoa na intenção de Deus. "Enquanto que *sarx* vale pelo homem, na solidariedade da criação, em sua distância de Deus, *sōma* vale pelo homem, na solidariedade da criação, como feito por Deus."[1] O corpo não pode ser menosprezado como coisa sem importância. O corpo é *para o Senhor*. É o instrumento em que o homem serve a Deus. É o meio pelo qual ele glorifica a Deus. *O Senhor para o corpo* dá a idéia de que, justamente como o alimento é necessário, se o estômago há de funcionar, assim o Senhor é necessário, se o corpo há de funcionar. É somente na medida em que Deus nos capacita, que podemos viver a espécie de vida corporal para a qual fomos destinados.

14. A ressurreição dominava o pensamento cristão primitivo, como vemos nos primeiros capítulos de Atos, e, na verdade, em todo o Novo Testamento. Ter o Pai ressuscitado ao Filho dentre os mortos, e não simplesmente ter feito a Sua alma persistir durante a dissolução do corpo, indica algo da dignidade do corpo. A vida corporal guarda, qual relicário, valores permanentes. A ressurreição nos proíbe avaliar levianamente o corpo. Aqui, como usualmente no Novo Testamento, a ressurreição é atribuída à ação do Pai, embora ocasionalmente leiamos sobre Jesus ressuscitando. Estreitamente relacionada está a futura ressurreição dos crentes (note-se, *ao Senhor e também nos*). Paulo deverá tratar desta questão com maior largueza no capítulo **15**. Aqui lhe basta atrair a atenção para o fato da ressurreição como indicando a importância do corpo. Se este há de ser ressuscitado, não deve ser menosprezado como se houvesse de ser destruído. Que isto se deve à iniciativa divina é salientado na referência a *pelo seu poder*. Observe-se a correspondência exata. Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos, e o destino de ambos é a destruição. O corpo é para o Senhor e o Senhor para o corpo, e se tem por certa a ressurreição de ambos.

1 J. A. T. Robinson, *The Body*, Londres, 1952, pág. 31.

15. Como já fez três vezes neste capítulo, Paulo emprega a fórmula *não sabeis?* para apelar para um assunto de conhecimento geral. *Metē, membros*, é a palavra normalmente usada para as partes do corpo (cf. seu uso num sentido similar em Rm **6**:13 ss.). Noutros lugares, a idéia da igreja como o corpo de Cristo é desenvolvida mais plenamente (**12:12** ss.; Ef 5:23 ss.). Para Paulo os crentes estão unidos a Cristo de modo o mais cerrado. Eles estão "em Cristo". São membros do Seu corpo. É isto que torna tão odiosa a prática sexual viciosa. A palavra traduzida por *tomaria, airō*, significa "levar embora". A coisa horrível quanto a este pecado é que os *membros de Cristo* são levados embora, retirados do seu uso apropriado. São usurpados do seu idôneo Senhor. São tornados *membros de meretriz*. É claro que o pecador não é "membro de uma meretriz" no mesmo sentido em que é "membro de Cristo". Mas para Paulo a união sexual é tão íntima que virtualmente faz de dois corpos um (veja-se o versículo seguinte). Assim há uma horrível profanação daquilo que deve ser usado somente para Cristo. Paulo recua disso com um enfático, *absolutamente, não* (AV, "não o permita Deus", paráfrase de *mē genoito*, "não o seja"). Das ocorrências desta expressão no Novo Testamento, todas menos uma estão nos escritos paulinos, embora este seja o único exemplo desta epístola. É vigoroso repúdio da sugestão feita antes. Paulo não quer nada com isso. "Morra a idéia".

16. Uma vez mais Paulo apela para o que é de conhecimento geral. A idéia que ele expõe da natureza do ato sexual não era opinião privada, mas era conhecida e aceita pelos coríntios (*não sabeis?*). A base da idéia está em Gn **2**:24. Paulo entende que as palavras *serão os dois uma só carne* (ali empregadas com relação ao homem e sua esposa) significam o ato sexual. Sendo assim, qualquer homem que se une a uma prostituta por esse ato, torna-se um com ela. Os coríntios não se haviam dado conta das ilações da sua maneira de ver a frouxidão sexual. Paulo faz entender o ponto que focaliza com esta combinação de um recurso à Escritura e a um fato bem conhecido.

17. Ele emprega a mesma palavra forte, *kollōmenos* (*se une*). O verbo é usado com referência a vínculos estreitos de vários tipos. No sentido literal, refere-se ao processo de colagem. Vem a ter sentidos metafóricos, mas evidentemente indica um laço muito apertado. No versículo anterior Paulo pensara no vínculo físico, da união com uma meretriz. Agora emprega a mesma palavra quanto ao laço espiritual que liga o verdadeiro crente ao Senhor. Os que participam do ato sexual tornam-se "um corpo". Os que se unem pelo laço espiritual tornam-se "um espírito". O crente é um com o seu Senhor. Ele tem "a mente de Cristo" (**2:16**). Ele reagirá como o Senhor reagiria.

18. *Fugi da impureza* (AV; "fugi da fornicação"), diz Paulo. O imperativo presente indica a ação habitual, "Fazei vosso hábito fugir". Este é o único modo de tratar disso. Não se pode tratar disso satisfatoriamente com medidas menos drásticas. O cristão não deve contemporizar com isso, mas deve fugir até do pensamento disso. Paulo continua e desenvolve a idéia de que este pecado fere as próprias raízes da constituição essencial do homem. Paulo não diz que este é o pecado mais grave de todos. Mas a sua relação com o corpo é única. Ocorrem-nos outros pecados que têm seus efeitos sobre o corpo. Mas este pecado, e somente este, significa que o homem toma o corpo que é "membro de Cristo" e o coloca numa união que "arruína o seu próprio corpo" (Way). Outros pecados contra o corpo, por exemplo a bebedice e a glutonaria, envolvem o uso de algo que vem de fora do corpo. O apetite sexual surge de dentro. Aqueles se prestam para outros propósitos, por ex., a sociabilidade. Este não tem outro propósito que o da gratificação da lascívia. Aqueles são pecaminosos quando usados em excesso. Este é em si mesmo pecaminoso. E a fornicação envolve o homem naquilo que Godet chama de "uma degradante solidariedade física, incompatível com a solidariedade espiritual do crente com Cristo". O pecador sexual *peca contra o próprio corpo.* Vale a pena notar a interpretação sugerida por Moule,[1] que "todo pecado que um homem comete é fora do corpo" é o mote de alguns dos coríntios, significando "a cobiça física não pode tocar a inexpugnável 'personalidade' do iniciado". A isto retruca Paulo: "Ao contrário; todo que comete fornicação *está* cometendo uma ofensa contra a sua própria 'personalidade'." O emprego de *humartēma* para *pecado*, em lugar do termo mais usual, *hamartia*, põe ênfase no resultado, antes que no ato.

19. Pela sexta vez neste capítulo Paulo impõe a sua apelação para o que os coríntios sabem muito bem com a sua pergunta argumentativa, *não sabeis?*. Em **3:16** ele se referia à igerja em geral como um *santuário* (AV: "templo") de Deus. Aqui *corpo* é singular. Cada cristão é um *santuário* em que Deus habita. A palavra é *naos*, referindo-se ao recinto sagrado, ao santuário (confirma-se a versão da ARA), não *hieron*, que inclui todos os recintos. Isto dá à totalidade da vida uma dignidade tal, que nenhuma outra coisa mais poderia dar. Aonde quer que vamos, somos portadores do Espírito Santo, templos em que apraz a Deus habitar. Isto deve eliminar toda forma de conduta que não seja apropriada para o templo de Deus. Sua aplicação ao pecado de fornicação de que Paulo tem estado tratando é óbvia, mas o princí-

1 *Idiom Book*, pág. 196ss.

pio é de aplicação muito mais ampla. Nada que seja incoveniente no templo de Deus é decente no corpo do filho de Deus.

Este versículo derrama luz sobre o modo como Paulo considerava o Espírito. Evidentemente via o Espírito como divino no sentido mais completo. O "templo" ou *santuário* é o lugar onde Deus habita. Essa é a sua característica distintiva. Mas o Ser que habita neste *santuário* é o Espírito. Isso é esclarecido também pela expressão, *o qual tendes da parte de Deus.* O Espírito no homem é dom de Deus, e não resultado de alguma experiência feita pelo homem. O último pensamento deste versículo é que o templo pertence a Deus. Uma vez que o crente é templo de Deus, não pode pensar de si como independente, como pertencente a si próprio.

20. A razão básica da afirmação anterior é dada agora. *Fostes comprados por preço* (Goodspeed, "tendes sido comprados e pagos"). O verbo está no aoristo, isto é, indica uma ação única e decisiva no passado. Paulo não menciona a ocasião nem o preço, mas não é preciso. Nossa memória se volta imediatamente para Aquele que, no Calvário, deu Sua vida perfeita para adquirir pecadores. A figura é a da redenção, provavelmente da manumissão sacra. Por este processo, um escravo economizaria o preço da sua liberdade, pagá-lo-ia ao tesouro do templo, e então seria adquirido pelo deus. Tecnicamente era escravo do deus. No que dizia respeito aos homens, ele era um homem livre. Paulo aplica esta figura aos procedimentos de Cristo para com os homens. Diz-nos Deissmann que as suas palavras aqui são "a fórmula mesma dos registros" (LAE, pág. 324). O preço pago para comprar-nos da escravidão do pecado (cf. Jo 8:34) não era uma ficção piedosa, mas foi o altíssimo preço da morte do Senhor. O resultado é introduzir-nos numa esfera em que, no que concerne aos homens, sosomos livres (cf. "todas as cousas me são lícitas", v. 12). Mas somos escravos de Deus. Pertencemos a Ele. Ele nos adquiriu para sermos dele.

A obrigação que, em conseqüência, repousa sobre os crentes é que devem glorificar a Deus (*glorificai a Deus*). Aqui temos o positivo, quando que no "fugi da fornicação" ou "da impureza" tivemos o negativo. O motivo primordial do serviço do cristão não deve ser a consecução de propósitos que lhe pareçam desejáveis, mas, sim, a glória de Deus. Todas as palavras após *corpo* (AV: "e no vosso espírito, que são de Deus") estão ausentes dos melhores MSS (assim na ARA). Expressam um pensamento verdadeiro, mas não fazem parte do verdadeiro texto. Neste ponto Paulo não está preocupado com o espírito do homem (conquanto este, bem como o corpo, pertença a Deus). Toda a sua discussão se centraliza no uso que se deve fazer do corpo. Es

te é templo de Deus. Só deve ser usado para a glória de Deus. A partícula *dē*, traduzida por "portanto" (AV), é uma forma abreviada de *ēdē*, que significa "já", "agora mesmo" (ARA: *agora, pois*). Às vezes *dē* é acrescentada a um imperativo para dar-lhe tom de maior urgência. "Faça isso tão depressa que fique pronto agora mesmo!" O emprego do aoristo, em vez do imperativo presente, concorda com isso. Paulo não quer que a ordem para glorificar a Deus seja tomada como algo sem importância. Há urgência quanto a ela. Que não haja demora em lhe obedecer.

IV. *Casamento* **(7:1-40)**

a. O princípio geral (7:1-7)

Paulo se volta para os assuntos específicos sobre os quais os coríntios lhe tinham escrito. O primeiro é o casamento. Ao avaliar o que ele diz, é preciso ter-se em mente a situação. Havia na antigüidade uma generalizada admiração pelas práticas ascéticas, incluindo-se o celibato. Pelo menos alguns dos coríntios partilhavam dessa admiração. Paulo faz todas as concessões ao ponto de vista deles. Concorda que o celibato é "bom", e expõe algumas das suas vantagens. Mas considera o casamento como normal. De **11:11** vemos que, embora haja algumas vantagens no celibato, há uma realização mais completa no casamento. O celibato requer um dom especial de Deus. Paulo relembra as tensões do modo cristão de viver em Corinto, com a constante pressão sofrida dos baixos padrões da moralidade sexual pagã. Ele tem em mente a emergência do momento (a "angustiosa situação presente", **v. 26**; cf. **vs. 29, 30**). Conquanto ele próprio prefira o celibato, é bem moderada a sua defesa desse estado. Ele não ordena a vida celibatária a todos os que possam suportá-la. Jamais diz que o celibato é moralmente superior ao casamento. Considera o casamento como normal, mas reconhece que há alguns aos quais Deus conferiu um dom especial, devendo eles permanecer solteiros.

1. É *bom* (não "necessário", nem "moralmente melhor") que o homem *não toque mulher*. Neste contexto, "tocar" refere-se ao casamento. O conceito de Paulo é que os solteiros estão livres para servir a Deus sem as preocupações subordinadas ao estado dos casados (**32** ss.). Mas isto não implica em que o estado dos casados não seja *bom* também. Nosso Senhor mandou o rico e jovem governante vender tudo que possuía, mas isto não significa que toda posse de bens é má.

2. A regra geral é que os homens se casem. O raciocínio corre assim: O celibato, como vocês dizem, é bom. Mas a tentação é farta. É

inevitável. A solução certa é que *cada um* se case. *Cada um tenha* não é uma permissão. É uma ordem. Haverá exceções (v. 7), mas Paulo não deixa dúvida quanto ao que é normal. A "fornicação" (AV; ARA: *impureza*) era prática reinante em Corinto (a palavra está no plural, no grego, indicando muitos atos imorais). Isso tornava mais difícil para o solteiro manter-se casto. Mais difícil, também, para eles persuadirem outros a que fossem de fato castos. Alguns têm sugerido que Paulo dá expressão aqui a um baixo conceito do casamento. A resposta é que ele não está expondo o seu conceito do estado dos casados (cf. Ef 5:28 ss.), mas está tratando de uma questão específica à luz de uma concreta situação histórica. Cf. Calvino: "a questão não é quanto às razões pelas quais o casamento foi instituído, mas quanto às pessoas às quais ele é necessário."

3. O casamento tem as suas obrigações. Paulo os lembra de que cada parceiro tem os seus direitos. O sentido de *tēn opheilēn* não é "a devida benevolência" (que se apóia numa redação inferior), mas "o débito" (ARA: *o que lhe é devido*). Paulo concita cada um a pagar o que é devido. Cada um deve obrigações ao outro. Paulo lhes ordena que paguem o que devem. Não salienta o dever de um dos parceiros em detrimento do outro, mas os coloca no mesmo nível. O imperativo presente, *conceda*, indica dever habitual.

4. Isto é tornado mais explícito. *Não tem poder* traduz um verbo, *ouk exousiazei*, que significa exercer plena autoridade (cf. Lc 22:25, "os que exercem autoridade"). Nem as esposas nem os esposos têm direito de usar os seus corpos completamente como queiram. Têm obrigações um para com o outro. Em vista da generalizada exaltação do celibato, o reconhecimento de Paulo da indispensabilidade do ato sexual no casamento é extraordinariamente notável.

5. Podem surgir ocasiões em que os parceiros conjugais concordem em abster-se por algum tempo das relações normais a fim de se entregarem mais devotadamente à *oração* ("jejum", AV, está ausente dos melhores MSS). Mas isso é patentemente excepcional. Normalmente cada um pertence ao outro de modo tão completo, que Paulo pode chamar a negação do corpo de um ato de "fraude" (AV e ARC: "Não vos defraudeis"). *Para vos dedicardes* (*hina scholasēte*; deste verbo derivamos a nossa palavra "escola") literalmente é, "para que tenhais vagar para". A oração não deve ser apressada. Nas correrias da vida pode ser que seja necessário, às vezes, tomar medidas excepcionais para assegurar um tranqüilo e sereno intercâmbio com Deus. Mas, para os casados, a interrupção das relações normais, mesmo com santo propósito, só pode ser feita com mútuo consentimento. De-

pois devem juntar-se novamente. Doutra forma, por causa das suas paixões naturais, poderão ficar à mercê de Satanás.

6. *Isto* se refere, não às últimas cláusulas, mas a todo o precedente, com a sua aceitação do casamento. O casamento não é um dever requerido de todos. O que foi dito, foi *como concessão* (*sungnōmēn*, 'uma opinião com', isto é, uma concessão resultante de modos de sentir compartilhados), *e não por mandamento*. Paulo estabeleceu os deveres de todos os casados, mas não estabelece como dever, que todos devem casar-se.

7. A preferência pessoal de Paulo é que os homens sejam celibatários. Neste estado eles servem ao Senhor sem as distrações envolvidas no casamento (32 ss.). Mas, *tais como também eu sou* é expressão enfática. Paulo possuía vários dons especiais (*charismata*), um dos quais o capacitava a permanecer solteiro. Ele reconhece que a continência é um dom divino especial. Os que não o receberam não devem tentar permanecer solteiros. Cada qual tem *de Deus o seu próprio dom*. A questão do casamento não pode ser decidida aplicando-se uma lei a todos. Cada um deve considerar qual é a vontade de Deus para si. E, da mesma forma que o celibato, o casamento é dom de Deus.

b. Os solteiros e os viúvos (7: 8, 9)

8. Tendo firmado o princípio geral, Paulo passa a tratar agora de classes específicas. Começa com os que não estão presos aos laços matrimoniais, sejam *solteiros* (AV: literalmente, "não casados"), sejam *viúvos* (AV: "viúvas"). Alguns acham que o primeiro termo significa "solteiros"; outros, que significa "viúvos", em ambos os casos, do sexo masculino. O raciocínio nos dois casos é que o termo vem anteposto a "viúvas" (AV). Isto não convence. *Solteiros, agamois*, é termo amplo. Inclui todos os que não estão presos pelos laços do matrimônio. Um grupo, o das "viúvas" (AV), é isolado para menção especial (cf. "e a Pedro", Mc 16:7), talvez devido à vulnerabilidade particular da sua posição, e a conseqüente tentação para casar-se de novo. Paulo sustenta que é bom que todos fiquem como estão, como ele próprio o faz.

9. Mas isto depende de se ter o dom da continência. Se Deus não lhes deu esse dom, devem casar-se. *Que se casem* é uma ordem, não uma permissão. Não há vantagem no celibato, se este significar apenas que o indivíduo está a *viver abrasado* (isto é, com desejo sexual). Paulo não considera a supressão do desejo sexual como em si mesma meritória, como alguns escritores mais recentes sustentaram.

c. Os casados (7:10, 11)

10, 11. *Aos casados* Paulo pode dar uma ordem autorizada (*ordeno; parangellō*; ver as notas sobre 1 Ts 4:2, 11[1]). Ele salienta que esta orientação não é pessoal. É *o Senhor* que ordena (cf. Mt 19:6). O caso em foco é o de casamentos em que ambos os cônjuges são cristãos. Paulo manda que a esposa não *se separe* (o verbo é passivo, "não ser separado"; MM dizem que nos papiros ele "quase veio a ser um termo técnico em conexão com o divórcio"). *Se, porém, vier a separar-se* ("a ser separada") tem em vista a possibilidade de desobediência a esta injunção (ou talvez de ação movida pelo marido). A mulher separada deve então permanecer como está, ou reconciliar-se *com seu marido*. Semelhantemente, o marido não deve divorciar-se de sua mulher. O verbo *se aparte* é diferente do empregado no caso da esposa, mas o resultado é o mesmo. Paulo não menciona a exceção permitida por Cristo com base na fornicação (Mt 5:32; 19:9). Mas ele não está escrevendo um tratado sistemático sobre divórcio. Está respondendo perguntas específicas.

d. O cristão casado com uma incrédula disposta a viver com o crente (7:12-14)

12, 13. É digno de nota que Paulo dá estas ordens sob o cabeçalho, *digo eu, não o Senhor*. Não quer dizer, por certo, que isso é contrário ao que o Senhor teria ordenado. Mas no versículo **10** ele pudera citar um mandamento expresso de Cristo para ajustar-se à situação. Nesta ocasião ele não tem tal ordem expressa, e põe às claras a situação. Dá esta orientação sem citar Cristo. Mas não acha que o que diz não é autorizado. Ao contrário, conclui o capítulo afirmando aos seus leitores que ele crê que tem o Espírito de Deus. Moffatt assinala que a cuidadosa discriminação entre o pronunciamento do Senhor e a sua própria injunção fala fortemente contra os que sustentam que a igreja primitiva tinha o hábito de produzir os pronunciamentos de que necessitava e depois atribuí-los a Cristo. "É historicamente de alta importância que ele não se sentiu com liberdade para criar um dito de Jesus, mesmo quando, como aqui, isso teria sido sumamente conveniente para solucionar um controvertido ponto da conduta cristã. *Aos mais* só pode indicar os que não se uniram pelos laços do matrimônio cristão. Aliás, todos os casos foram tratados, os solteiros, as viúvas e os casados. Mas alguns eram casados antes de tornar-se cristãos (Paulo nem pensa em crentes casando-se com descrentes; aqueles se casarão "so-

1 *Op. cit.*, pág. 73, 82.

mente no Senhor", v. **39**). Paulo considera as uniões feitas na qualidade de pagãos numa base diferente das uniões feitas na qualidade de cristãos. Aqui tudo depende da atitude do cônjuge pagão. Se a mulher incrédula *consente* (*suneudokei*, "concorda com ele") em manter o casamento, o *irmão* (quase um termo técnico para o cristão) não deve divorciar-se dela. Com linguagem exatamente igual Paulo instrui a crente casada com um marido incrédulo a não divorciar-se dele, se ele concorda em que o casamento seja mantido.

14. Agora vem uma razão para o procedimento esboçado por Paulo. Os crentes são *santos*. Foram separados para Deus (ver o coment. de **1:2**). A idéia básica presente em *santificado* é a de relação com Deus, não a de retidão moral (embora esta se lhe deva seguir). O estado do crente, que consiste em ser separado para Deus, não é enfraquecido pelo fato de, antes de crer, ter contraído núpcias com um pagão que continua pagão. Em vez disso, prevalecendo o bem contra o mal, a sua santificação de algum modo abriga a sua esposa. Não é possível dar uma definição precisa do que isto significa. Mas um princípio bíblico é que as bênçãos provenientes da comunhão com Deus não se limitam aos recipientes imediatos, mas se estendem a outros (ex., Gn **15**:18; 17:7; 18:**26** ss; **1** Rs 15:4; Is **37**:4). Paulo ensina que a santificação do cônjuge crente estende-se ao incrédulo. Ele o reforça citando a condição dos filhos do casamento. Se a santificação do crente não abrangesse mais que a ele próprio, os seus filhos seriam *impuros*. Emprega-se a palavra com relação à impureza cerimonial, "aquilo que não pode ser posto em contato com a divindade" (G-E). Esta é uma situação inconcebível. Evidentemente Paulo considera *agora, são santos* como um axioma. Enquanto não tiver idade bastante para tomar sobre si a responsabilidade, o filho de um pai crente deve ser considerado cristão. A "santidade" do pai ou da mãe abrange a criança.

e. O cristão casado com uma incrédula que não se dispõe a viver com o crente (7:15, 16)

15. É diferente o caso, se o incrédulo não quer que o casamento continue. *Apartar-se* está na voz média, "Pôr-se fora". É o verbo empregado nos versículos **10, 11** sobre a esposa ser separada do seu esposo. Se o incrédulo toma a iniciativa deste modo, então o crente *não fica sujeito à servidão*. Isto parece significar que o cônjuge abandonado está livre para casar-se outra vez.

Deus vos tem chamado à paz refere-se provavelmente a todo o tratamento dado aos casamentos mistos, e não simplesmente à última cláusula. O ponto que Paulo focaliza é que o crente é chamado por

Deus para um estado em que a *paz* no sentido mais amplo é o seu interesse. Em toda essa questão de casamentos mistos, deve-se seguir a linha que conduza à paz. Em alguns casos, isto significará viver com o cônjuge pagão; em alguns casos, significará aceitar a decisão do cônjuge pagão de que o casamento se findou. Mas o subjacente interesse por *paz* é o mesmo, em ambos os casos.

16. É incerto se um consorte crente conseguirá "salvar" o incrédulo, se se mantiver o casamento. Conclusões exatamente opostas têm sido deduzidas quanto à força disto. Alguns acham que significa que um casamento deve ser mantido tanto tempo quanto possível, na esperança de uma conversão. Quem poderá dizer que o outro não será salvo? Para outros, o que Paulo quer dizer é que o casamento não deve ser considerado simplesmente como um instrumento da evangelização. Agarrar-se a um casamento que o pagão está determinado a terminar não levaria a nada, senão a frustração e tensão. O esforço certo não é justificado pelo resultado incerto. O princípio diretor deve ser "paz" **(15)**. De modo geral, esta maneira de ver tem maior probabilidade de estar certa do que a primeira.

f. Leve a vida que Deus lhe atribui (7:17-24)

Paulo deixa a questão do casamento e, por algum tempo, trata da questão mais ampla de se viver contente em qualquer estado em que se esteja. Ele relaciona isto, por um lado, com o divino equipamento e vocação de cada homem, e, por outro lado, com a circuncisão e com a escravidão, as grandes distinções religiosas e sociais que dividiam o mundo dos seus dias.

17. "Mas" (AV) traduz *ei mē*, uma conjunção inesperada. Significa "salvo", "exceto". Provavelmente devemos entendê-la aqui como colocando o oposto do anterior. Paulo afirmou a liberdade do cristão **(15)**. Mas, liberdade não é licenciosidade. Contrariamente à liberdade que tem o crente com respeito a certos regulamentos do matrimônio, Paulo firma a manutenção do presente estado da pessoa como a prática cristã normal. De acordo com os melhores MSS, as posições de *Senhor* e *Deus* (na AV) devem ser trocadas (cf. a ARA; o Novo Testamento pensa habitualmente no Pai como chamando homens). *Ande* é uma das metáforas favoritas de Paulo, quanto à vida vivida integralmente, mais particularmente quanto ao cristão. Sua idéia de progresso seguro é muito aplicável. Os homens devem dar continuidade às suas vidas de acordo com a ordem de Deus para eles. *Cada um* nas duas vezes, está em posições enfáticas. É salientado o dever do in-

divíduo. O verbo *memeriken, tem distribuído*, é muitas vezes empregado com referência à divisão de coisas entre as pessoas, conquanto normalmente se mencionem as coisas divididas. Aqui nos expõe a idéia do ato divino de dotar os homens. Os homens não se fazem por si mesmos. *Tem chamado* lembra-nos a prioridade do chamamento divino na salvação. Os homens não escolhem Deus. Ele os escolhe. Portanto, quando Deus dá aos homens certos dons, e os chama em dado estado, é para que vivam a vida que Ele coloca diante deles, usando os dons que Ele lhes dá. Isto não é uma novidade enunciada para especial benefício dos coríntios. Paulo está acostumado a ordenar as coisas desta maneira *em todas as igrejas*.

18, 19. A relação deste princípio com a grande divisão religiosa entre circuncisos e incircuncisos é exposta agora. Os judeus, naturalmente, insistiam na circuncisão, e durante a luta dos macabeus a execução do rito assumira lugar de elevada importância. Para eles, os incircuncisos estavam fora da aliança de Deus. Eram privados das bênçãos que Deus tinha para o Seu povo. Num sentido se poderia dizer que a circuncisão era tudo. Por outro lado, para os gentios a circuncisão era algo que se devia olhar com desdém. Era a marca da religião de um povo desprezado. Para eles, um sinal de emancipação era quando, como às vezes sucedia, um jovem judeu, submetendo-se a uma operação cirúrgica (ex., 1 Macabeus 1:15, 16, Matos Soares), tentava apagar os sinais da sua circuncisão com o fim de ter seu lugar no mundo mais amplo da cultura helenista.

Paulo concita os homens a não darem atenção a essas distinções. Não têm importância. O *circunciso* não precisa desfazer *a circuncisão*. Quem foi chamado *estando incircunciso* não deve fazer-se *circunci-dar*. É indiferente. O homem não deve mudar o seu estado. Embora a *circuncisão* tenha sido originalmente instituída pela ordenação divina, Paulo pode estabelecer que tanto a *circuncisão* como a *incircuncisão nada* são. Anteposta a ambas ele coloca a guarda das *ordenanças de Deus* (cf. Gl 5:6). Era isso que tornava a afirmação anterior verdadeira. Nenhuma questão ritual pode ser colocada ao lado da obediência aos mandamentos.

20. O princípio do versículo **17** é afirmado doutra maneira. *Vocação, klēsis*, significa o ato de chamar, o convite feito. Aqui significa o chamamento tomado em conjunção com todas as circunstâncias externas. Os homens devem servir a Deus no lugar dà vida em que Lhe apraz chamá-los. *Permaneça* é imperativo presente, com a idéia de continuidade.

21. Paulo se volta das divisões religiosas para as sociais. "És chamado" (AV) é realmente o mesmo tempo verbal do versículo anterior;

foste chamado? (assim na ARA). Isto lança um olhar retrospectivo à ocasião em que Deus falou ao homem pela primeira vez. *Escravo, doulos*, é melhor que "criado" (AV). O importante é servir a Deus, e o escravo não deve aborrecer-se indevidamente pelo fato de ser escravo. Se Deus o chamou como escravo, Ele lhe dará graça para viver como escravo. Se, contudo, ocorrer a oportunidade de tornar-se *livre*, Paulo sugere que a aproveite. O sentido deste último verbo, *aproveita, chrēsai*, é controvertido. Alguns acham que o sentido dele é, na tradução de Goodspeed, "Mesmo que possas obter a tua liberdade, faze o máximo possível em tua presente condição, em vez disso". Em favor desta idéia pode-se apresentar o fato de que alhures, neste capítulo, Paulo aconselha as pessoas a permanecerem no estado em que se acham, seja ele qual for. Contra ela está o imperativo aoristo, que mais naturalmente significa o começo de um novo "uso" ou "proveito", antes que a continuação do antigo. Também é difícil pensar que Paulo, que sustentava que o casamento introduzia dificuldades no caminho do serviço cristão, pudesse ter pensado coisa diferente quanto à escravidão, que introduzia dificuldades muito mais sérias. Parece-me que Paulo está dizendo: "O teu estado não é de primordial importância. Se és escravo, não te preocupes. Se podes tornar-te livre, então, aproveita o teu novo estado. Lembra-te, porém, de que o escravo é liberto do Senhor, e o liberto é escravo do Senhor."

22. Paulo emprega linguagem paradoxal para salientar seu argumento de que o estado externo do homem pouca importância tem. O escravo que é *chamado* entra na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Esta liberdade divina tem tão maior importância do que as suas circunstâncias exteriores, que ele pode considerar-se *liberto do Senhor*. Ser *chamado no Senhor* é uma expressão incomum. Normalmente *chamado* basta. O acréscimo acentua a presença daquele Ser maravilhoso, o divino Senhor. Não é sem interesse e sem importância que esta ênfase deva dirigir-se ao escravo, o homem menos valorizado de todos, no primeiro século. Junto com esta vai a outra verdade, que o *livre* que é *chamado*, é *escravo de Cristo*. Uma vez mais o ponto visado é que as circunstâncias externas têm pouca importância. O importante para uma pessoa assim é que a sua vida é vivida a serviço do seu Amo. A relação com o seu Senhor é que é primordial. Ao lado disso, nada importa.

23. Quanto a, *por preço fostes comprados*, ver as notas sobre **6:20**, onde ocorre exatamente a mesma expressão. Os crentes foram comprados pelo sangue de Cristo. Pertencem ao Senhor. Daí por diante, não devem ser escravos de homens. Deissmann nos lembra que se assegurou especificamente em muitos documentos de manumissão

que a pessoa adquirida pelo deus para ser liberta do deus, nunca mais seria comprada de novo para a escravidão (LAE, pág. 325). É possível que Paulo tivesse esta lei em mente. Ninguém poderia levar de novo os coríntios para a escravidão. Que não se façam escravos de homens. É impossível que a intenção seja referir-se à escravidão literal. Mas, viver como livre requer um temperamento especial da mente e do espírito. É fácil aceitar sem discutir o que outros mandam, e assim exibir a mentalidade do escravo. Não é esta a maneira de agir do cristão.

24. A seção termina com a reiteração do princípio já firmado nos versículos **17, 20**, de que *cada um* (note-se a aplicação individual) deve contentar-se em permanecer no estado em que Deus o chamou. Isto não proíbe o homem de procurar melhorar. Mas o acautela quanto a procurar mudança simplesmente porque é cristão. De passagem, vale a pena anotar que este princípio ainda é válido. A conversão não é o sinal para o homem deixar a sua ocupação (a menos que esta seja visivelmente incompatível com o cristianismo) e procurar alguma outra. Todas a coisas da vida são de Deus. Devemos servir a Deus onde estivermos, enquanto Deus não nos chamar para outro lugar. Como através da passagem toda, "é chamado" (AV; ARA: *foi chamado*) está no aoristo, e vê retrospectivamente a ocasião do chamamento feito por Deus. *Permaneça* é presente contínuo. A expressão *diante de Deus* (AV: "com Deus") encerra adequadamente a passagem toda. Paulo não está aconselhando uma resignação passiva, uma aceitação a qualquer custo da ordem estabelecida. Está indicando aos seus amigos aquele Deus que quer estar com eles, sejam quais forem as circunstâncias. Compete-lhes, pois, desde logo e sempre, permanecer com Ele.

g. As virgens (7:25-38)

25. *Com respeito, peri de*, indica que esta é outra matéria sobre a qual os coríntios tinham feito uma pergunta específica. A palavra para *virgens* normalmente se refere às mulheres, embora em Ap 14:4 seja empregada com referência a homens. Todo o teor desta passagem deixa claro que Paulo está-se referindo somente às mulheres. O modo de referir-se a isso é ditado pelo fato de que a decisão do pai ou tutor de uma jovem determinava em grande medida se ela devia casar-se ou não. Como antes, quando ele não conta com dizeres do Senhor para citar, esclarece bem a situação. Sua descrição de si, em termos da misericórdia mostrada para com ele, salienta a um só tempo as suas deficiências e a centralidade do seu Senhor. O perfeito (*ēleēmenos*) indica a constância das misericórdias do Senhor, e a expressão seguinte, *de ser fiel*, as obrigações que isto impõe aos recipientes das boas dádivas de Deus.

26. A referência à *angustiosa situação presente* é importante. Não sabemos em que consistia essa situação angustiosa. A palavra é forte (cf. seu emprego em Lc 21:23), significando uma tensa compulsão opressiva. Alguma preocupação aflitiva oprimia duramente os coríntios na ocasião em que Paulo lhes escreveu. Alguns entendem que se tratava de dificuldades que proclamavam o segundo advento. Parece que há pouca coisa que dizer a favor disso. Paulo se refere muitas vezes ao retorno de Cristo, mas não associa a isto alguma *angustiosa situação presente*. Outros acham que se refere à oposição que o cristão sempre enfrenta. Mas a linguagem é demasiado forte para isto. É tomada com a maior naturalidade como indicando que os amigos de Paulo estavam, naquele tempo, em circunstâncias extraordinariamente difíceis. Em vista dos tempos tormentosos, Paulo achava que era melhor que os homens permanecessem como estavam. Quando os mares se encapelam enfurecidos, não é hora de mudar de navio.

27. Ele fala com clareza o que pretende dizer. O homem que se submeteu aos laços do matrimônio, não deve procurar soltá-los. Os verbos traduzidos por, *estás casado* e *estás livre*, estão ambos no tempo perfeito. Indicam estados consumados.

28. Paulo sustentou coerentemente que, embora existissem circunstâncias em que era bom para alguns não casar, não obstante o casamento é o estado normal. Não há nada pecaminoso em torno dele. Esta verdade ele repete agora. Mesmo em vista de que a angústia prevalecente tornava desaconselhável ao homem procurar casamento, não havia pecado se ele decidia casar-se. Assim também com a virgem. A razão pela qual Paulo não defende o casamento é que *tais pessoas sofrerão angústia na carne. Tais pessoas* é masculino, no grego, e assim abrange todos os casos, não se limitando às *virgens*. Ele não define a natureza da *angústia*. Robertson e Plummer com propriedade citam Bacon: "Aquele que tem mulher e filhos penhora a fortuna", e "os filhos suavizam os labores, mas tornam mais amargos os infortúnios". O casamento implica em responsabilidade, e, nos tempos de adversidade, o casamento só pode levar a algum tipo de angústia. A ternura de Paulo transparece em sua recusa a levar mais adiante o assunto. *E* (AV: "Mas") é enfático. Ele, por sua parte, gostaria de lhes *poupar* as dificuldades envolvidas no casamento.

29. *Isto, porém, vos digo* dá ao que se segue certa solenidade engrandecida. *Irmãos* é tratamento afetuoso. "Curto" (AV) é um particípio perfeito. Seu sentido é: "O tempo se abreviou" (cf. ARA: *o tempo se abrevia*). Evidentemente os coríntios entendiam o que Paulo estava querendo dizer, mas a referência não é bastante clara para acer-

tarmos com ela com segurança. Calvino achava que se visava a proximidade da morte, mas é difícil ver como isto justifica as instruções subseqêntes. Muitos vêem aí uma alusão ao segundo advento. Isto pode estar certo, mas, embora se refira muitas vezes à volta do Senhor, em nenhuma outra parte Paulo dá esta espécie de conselho. Tanto em suas primeiras epístolas como nas últimas, ele emprega o segundo advento para inspirar os homens a uma conduta irrepreensível (ex., 1 Ts 5:1-11; Fp 1:9-11). A observação sobre a crise presente, que aqui é tão marcante, está ausente. Provavelmente é melhor ver aí uma referência às circunstâncias ocorridas em Corinto (como no caso da "angustiosa situação" do v. 26). A crise não estava distante. O resultado é que todos os tipos de valores humanos são transformados. Em particular, importa que *os casados sejam como se não o fossem*. Em tais circunstâncias, a loucura do casamento é óbvia.

30. Outros grupos são apartados para menção. Os que choram estão sujeitos a deixar-se dominar pelo seu choro. Os que se alegram, normalmente ficam absorvidos em sua felicidade. Os que compram concentram-se em suas novas possessões. Na angústia prevalecente e nos tempos abreviados, todos sofrerão abalo em suas atitudes usuais. Conseqüentemente, o cristão não deve ficar preocupado com as circunstâncias terrenas que o cercam. Quanto possível, deve manter-se desligado delas.

31. Um resumo de tudo é dado na expressão, *os que se utilizam do mundo*. A construção é incomum (*chraomai* com o acusativo, somente aqui, no Novo Testamento), mas o sentido é claro. Paulo fala dos que fazem todo e qualquer tipo de coisas do tempo e dos sentidos. "Abusando" (AV; ARA: *usassem*) traduz o verbo composto, *katachraomai*, cuja forma não composta acabou de ser empregada. A preposição *kata* às vezes dá ao verbo simples uma tirada sinistra ("usar erroneamente", "abusar"). Muitas vezes, porém, ele simplesmente intensifica o sentido ("usar ao máximo"), conquanto a intensificação possa não ser muito assinalada (isto é, os verbos simples e composto podem diferir pouco; cf. ARA). Em vista do contexto, o último é, provavelmente, o sentido com que Paulo o emprega. Os que fazem uso das coisas deste mundo não devem ficar absorvidos nelas. Devem ter em mente a importância das coisas eternas, e a transitoriedade das coisas terrenas. *A aparência deste mundo passa. Schēma, figura*, denota a forma externa, especialmente quando há uma idéia de que esta é mutável. Encaixa na idéia de volubilidade, da forma que muda. Não há nada de sólido e duradouro no sistema do presente mundo. É de sua natureza passar.

32. Paulo reitera o seu pensamento dos versículos **27**, **28**, que deseja poupar aos seus amigos preocupações nestes dias difíceis. *Livres de preocupações* significa "sem angústia". A natureza dos tempos, caracterizados por provações, significava que os casados só têm que inquietar-se por seus cônjuges. Cf. Lightfoot, "Um homem que é um herói em si próprio, vira um covarde quando pensa em sua esposa viúva e em seus filhos órfãos" (sobre o v. **26**). Esta preocupação o desviaria daquele serviço perfeito ao Senhor que Paulo anelava ver. O não casado pode concentrar-se nas *cousas do Senhor*. Pode dedicar-se à questão *de como agradar ao Senhor*. Como o demonstram MM, o verbo *areskō, agradar*, inclui a idéia de serviço no interesse de outrem, neste caso, de Deus. Esta é a dimensão da preferência de Paulo pelo celibato. Anseia por ver os homens dedicados ao serviço de Deus, sem distração.

33. O casado, em contraste, tem que ter certo interesse pelas *cousas do mundo*. Isto por certo não denota "mundanismo" no sentido técnico do termo. É antes um lembrete de que o casado tem que levar em consideração os interesses da sua família. Tem obrigações que deve cumprir. E seu cumprimento exige alguma atenção às coisas deste mundo. Cabe-lhe encarar a questão *de como agradar à esposa* (a expressão é exatamente idêntica à que acabou de empregar, quanto a "agradar ao Senhor"). É possível que devamos acrescentar, "e está dividido" (como na RV, margem; cf. ARA, v. **34**), caso em que Paulo está dizendo que os propósitos desse homem são dúplices. Quer agradar ao Senhor, e quer agradar à sua esposa.

34. A questão é complicada. As VI tomam o verbo *memeristai* com este versículo, e o entendem no sentido de "diferir". Isto dá bom sentido, embora neste contexto pudéssemos esperar que significasse "está dividido" (assim na ARA). Também há a questão de que o verbo está no singular, onde anteciparíamos um plural para o sentido de "a casada e a virgem diferem" (AV; ARA: tanto a viúva como a virgem). Para resolver isto, sugere-se que leiamos, "a mulher também está dividida, a virgem que não é casada..." Mas isto não é muito natural também. Afortunadamente, a nossa incerteza quanto aos pormenores não se estende ao sentido da passagem. Nos versículos **32**, **33** Paulo mostra a diferença entre os homens casados e os não casados. Neste versículo ele mostra que existe o mesmo tipo de diferença entre as mulheres casadas e as não casadas. A mulher não casada pode concentrar-se nas coisas de Deus. Sem distração, ela pode devotar-se a *ser santa, assim no corpo como no espírito*. *Santa*, naturalmente, refere-se, não à realização ética, mas à consagração. A virgem não é mais justa do que a mulher casada. Mas a sua consagração não é alte-

rada por nenhum compromisso terreno. A mulher casada, em contraste, tem que levar em conta as necessidades do seu marido. Justamente como este o faz, ela tem que dar atenção às coisas deste mundo a fim de agradar ao seu cônjuge.

35. Uma vez mais o apóstolo insiste em que tem em mente os melhores interesses dos próprios coríntios. Ele não está tentando limitá-los dentro de uma apertada camisa-de-força. Está em busca do que é dos seus *próprios interesses* (ou, para "vantagem" deles). O procedimento em que insiste é melhor para eles. *Armadilha* (AV), *brochos*, é "laço" (ARA: *enredar-vos*). A metáfora é derivada da caça. Paulo não está tentando capturá-los e coagi-los. *Decoroso* (*euschēmon*, "de boa forma") significa aquilo que é próprio, que contribui para a boa ordem. *E vos facilite o consagrar-vos... ao Senhor* é paráfrase de uma expressão que salienta a constância (*euparedron*). Não é preciso haver interrupção no serviço oferecido pelos não casados ao Senhor, nenhuma "distração" (AV; ARA: que se consagrem *desimpedidamente*).

36. Como tem feito repetidamente, Paulo modera a sua declaração que indica as vantagens do celibato, deixando claro que o casamento não deve ser menosprezado. Não há pecado se a "virgem" (AV) se casa. A interpretação deste versículo está cercada de dificuldades. Uma explicação é como se segue. *Alguém* é um termo geral para o pai ou tutor de uma jovem. *Julga que trata sem decoro* significa tratá-la desonestamente, neste caso deixando de providenciar o seu casamento. Agiu com base nos princípios que Paulo vem esboçando, mas lhe é imputado que não está fazendo a coisa mais apropriada a favor da moça. Privar do casamento uma jovem casadoura, e desejosa de casar-se, seria cortejar a desgraça, especialmente na Corinto do primeiro século. *Estando já a passar-lhe a flor da idade* traduz uma expressão rara, *ean ē huperakmos*. Parece significar "se ela passa do estágio de pleno desenvolvimento" (*akmē* = "ponto culminante"; "primavera" da vida; Platão fala que uma mulher está em sua *akmē* aos vinte anos de idade, *Rep.* V. 460). Vale dizer que ela está numa idade em que o casamento é muito natural, talvez mesmo depois de ultrapassada essa idade. Paulo acrescenta a questão da necessidade (*e as circunstâncias o exigem*; literalmente, "e assim deveria ser feito"). Isto se referirá à ausência do dom da continência. Se o tutor vê isso tudo, pode fazer o que pretende; não há pecado nisso. Que se casem. As principais objeções a esta maneira de ver são duas. "Sua virgem" (AV) não é comum no sentido de *sua filha* (ARA). Mas ocorre; LS cita Sófocles dizendo "minhas virgens" por "minhas filhas". Mas seria um modo leviano de referir-se às moças como pais ou tutores. A outra expressão *que se casem* se toma muito naturalmente como se referindo

ao homem (*alguém*) e à virgem (*filha*) de que se fala na primeira parte do versículo.

Uma segunda explicação é que a situação é a de um homem e sua noiva (cf. RSV, "sua prometida"). O par concorda primeiro em permanecer celibatário. Paulo lhe diz que não haverá pecado se mudar de idéia. Mas, por que tais pessoas ficam noivas, se não têm intenção de casar-se? Além disso, é difícil dar sentido a *julga que trata sem decoro*, com base nessa hipótese. Não há nada de indecoroso em não casar-se um homem com uma jovem com a qual concordou em não se casar. Ademais, "sua virgem" (AV) é designação muito estranha para a noiva de alguém (ARA, adotando a tradução, *sua filha*, repudia a interpretação acima).

Escritores recentes, na maioria, acham que Paulo provavelmente se refere a "casamento espiritual", pelo qual as pessoas adotavam uma forma de casamento, mas viviam juntos como irmão e irmã. Por motivos altamente espirituais, abstinham-se do intercurso sexual. Buscavam uma união do espírito, não dos corpos. Paulo dá a tais pessoas permissão para se casarem, se acharem muito forte a tensão. A objeção decisiva a isto é o versículo **5**. Paulo considera a privação das relações sexuais de pessoas casadas como um ato fraudulento. Conquanto se possa fazer isso mediante acordo, deve ser somente "por algum tempo", e o casal deve juntar-se novamente. Também existe o fato de que, embora esse costume tenha existido, a data mais primitiva em que é atestado no presente, é para o fim do século segundo. Não temos razão para pensar que tenha existido dentro da igreja cristã tão cedo como na ocasião em foco. Depois, esta maneira de ver é forçada a adotar um entendimento antinatural do verbo *gamizō*, "dar em casamento", no versículo **38** (ver nota ali). Robertson e Plummer consideram "decisiva" esta objeção. Ademais, *huperakmos*, nesta maneira de entender, tem que ser tomado no sentido de "superapaixonado", o que é mais que duvidoso. Moffatt traduz, "se suas paixões forem fortes", e diz que a palavra denota "a agitação da paixão sexual". Todavia, ele não dá nenhuma razão para essa tradução, a qual não parece natural. Talvez ela seja inevitável, se acharmos que não há mudança de assunto, e que, portanto, deve aplicar-se ao homem. Mas não esperaríamos tal sentido para a palavra.

Nenhuma das explicações sugeridas está isenta de dificuldade. Mas parece que há menos objeções à primeira que, por conseguinte, adotamos.

37. Paulo reafirma a sua preferência de que *a virgem* não seja dada em casamento. Cuidadosamente relaciona as circunstâncias em que se deve seguir este procedimento. O homem deve ficar *firme*, isto é, não deve pensar que está agindo "sem decoro". É preciso que não te-

nha *necessidade* que indique alguma obrigação externa, como a de um contrato matrimonial. *Domínio* é *exousia*, "autoridade", "direito", de sorte que *domínio sobre o seu próprio arbítrio* significa, "o direito de levar a efeito o seu próprio propósito" (Parry). Os escravos, por exemplo, não teriam esse direito. Se em todas estas circunstâncias um homem chegou à firme decisão (*kekriken*) de manter solteira a sua virgem, Paulo acha que ele "faz bem" (AV).

38. O apóstolo resume a matéria expressando o pensamento de que o homem que dá em casamento a sua virgem (ARA: *a sua filha virgem*) *faz bem*, enquanto que aquele que não a dá *faz melhor*. O verbo *casa* (AV: "dá em casamento") é *gamizō*, palavra que raramente se acha fora do Novo Testamento. A terminação *-izō* aponta para um sentido semelhante ao da AV (bem como da ARA), que não se harmoniza com a idéia de que a passagem se refere a jovens comprometidas, ou a "noivas espirituais". Os que defendem tais opiniões têm que sustentar que *gamizō*, aqui, tem o mesmo sentido de *gameō*, nos versículos anteriores. Isto levanta problemas, porém. Por que Paulo deveria mudar o verbo? Por que fazê-lo justo aqui? Por que usar um verbo que noutros lugares sempre significa "dar uma mulher em casamento"?

h. As viúvas (7:39,40)

39. A indissolubilidade do casamento, a não ser pela morte, está na base deste versículo. Uma mulher está ligada ao seu marido, enquanto este viver. Se ele morrer (*koimēthē*, "dormir"), ela fica livre para se casar, se quiser. A única restrição é, *mas somente no Senhor*. No casamento, como em tudo mais, o cristão deve estar cônscio de que age como membro do corpo de Cristo.

40. Bem no fim Paulo se abstém de dizer qualquer coisa que indique que existe algo moralmente superior no celibato. Ele acha que a viúva será *mais feliz* se se abstiver de casar-se outra vez. Devemos ler isto à luz das circunstâncias que mencionou antes, no capítulo.

Mas não há nada de tentativo quanto à autoridade com que Paulo fala. Através desta discussão toda, ele deixou claro isso, quando citava um pronunciamento de Cristo, e quando não. Agora dá a sua firme opinião de que, naquilo que diz, tem o Espírito de Deus. Está cônscio da capacitação divina. O que ele diz é mais que simples opinião de um indivíduo particular.

V. *Comida Sacrificada a Ídolos* (8:1-11:1)

a. O saber concernente aos ídolos (8:1-6)

Os cristãos hoje tendem a achar um pouco estranho que houvesse alguma dúvida quanto à atitude dos cristãos para com a comida que fora oferecida a ídolos. Parece-nos, pois, óbvio que eles não podiam ter nenhum intercâmbio com a idolatria. Mas a coisa não era tão fácil assim para um recém-convertido na Corinto do primeiro século. A situação era complicada por dois fatos. Primeiro, era uma prática social aceita, tomar refeições num templo, ou em algum lugar associado a um ídolo. "Era parte integrante da etiqueta formal na sociedade" (Moffatt). O tipo de ocasião, pública ou privada, em que o povo tinha maior probabilidade de reunir-se, era o tipo de ocasião em que ele se apropriava do sacrifício. Não se importar com essas reuniões, era eliminar-se da maior parte das relações sociais com os companheiros. Crentes imaturos, firmemente convictos de que havia somente um Deus, podiam muito bem raciocinar: "Como é possível haver qualquer dano em comer diante de um bloco de madeira ou de pedra? Que diferença pode fazer, se a comida foi oferecida a uma divindade inexistente?" Em segundo lugar, a maior parte do alimento vendido nos armazéns, primeiro tinha sido oferecida em sacrifício. Parte da vítima era sempre oferecida sobre o altar ao deus, parte ia para os sacerdotes, e geralmente uma parte ia para os cultuadores. Os sacerdotes costumeiramente vendiam o que não podiam utilizar. Muitas vezes era muito difícil saber com certeza se a comida de determinado armazém fizera parte de um sacrifício ou não. Note-se que há duas questões distintas: o tomar parte em festividades idolátricas, e o comer comida comprada nos armazéns, mas previamente parte de um sacrifício. Muitas coisas poderiam ser ditas. Paulo começa com as obrigações do amor cristão.

1. *No que se refere* é a mesma fórmula de **7:1**; ali traduzida por, "Quanto ao que". Indica que esta é outra questão que tinha sido levantada na carta enviada pelos coríntios. *Reconhecemos que todos somos senhores do saber* associa Paulo a seus amigos. Não, é improvável que a carta deles tenha salientado o lugar do conhecimento. Paulo até pode estar citando a carta. Em todo caso, ele concorda com a importância do conhecimento, e se junta a eles no seu exercício. O emprego de *todos* pode ser um amável lembrete de que o conhecimento de que os coríntios se orgulhavam não era raro, de modo algum, mas era possessão comum dos cristãos. Paulo prossegue, contrastando o conhecimento com o amor. *O saber ensoberbece* (quanto a este verbo, ver a nota sobre **4:6**). Demasiado freqüentemente o orgulho

acompanha o saber, mas isto é a verdadeira antítese do genuíno espírito cristão. A palavra *agapē*, traduzida por "caridade" (AV), traduz-se melhor por *amor* (como na ARA). Enquanto que o saber ensoberbece, o amor edifica (cf. Philips, "enquanto o saber pode fazer um homem parecer grande, é somente o amor que pode fazê-lo crescer rumo à sua plena estatura"). *Edifica* traduz um verbo, *oikodomei*, que propriamente se aplica a ereção de prédios (cf. "edifício"). Paulo gosta muito de usá-lo metaforicamente com referência à edificação do caráter cristão. (Ver nota sobre 1 Ts 5:111.)

2. O segundo ponto focalizado por Paulo é que o saber cá na terra é, na sua melhor expressão, incompleto. Não importa o que um homem pensa que sabe (o tempo perfeito implica em pleno e completo saber), ainda não sabe o que "deve" (AV; literalmente, "precisa", muito mais forte que *como convém*, da RA). Não se logra nenhum tento em orgulhar-se a pessoa daquilo que é inevitavelmente parcial e incompleto. Também há provavelmente a idéia de que aquele que pensa que sabe, na verdade não sabe (cf. 3:18). Como afirma Kay: "O conhecimento orgulha-se de ter aprendido tanto. A sabedoria humilha-se por não saber mais."

3. O amor, em contraste, tem efeitos permanentes. Há aqui um giro da construção, tipicamente paulino. Depois de, "Se alguém pensa que sabe alguma coisa, não sabe nada. Se alguém ama a Deus", esperaríamos algo como, "tem verdadeiro conhecimento". Em vez disso, Paulo diz, *esse é conhecido por ele.* A coisa realmente importante não é que conhecemos a Deus, mas que Ele nos conhece. "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2 Tm 2:19; cf. — G 14:9). Quando o homem ama de fato a Deus, é introduzido na esfera daqueles em que Deus, em Sua graça, se apraz em afirmar o Seu conhecimento.

O que Paulo fez nestes três versículos foi passar uma repreensão muito gentil aos que colocam o saber em posição demasiado elevada. O amor, antes que o saber, deve constituir a consideração determinante do cristão.

4. Retornando ao assunto da comida oferecida a ídolos, Paulo concorda com os coríntios que *o ídolo de si mesmo nada é no mundo* (ou, talvez, "não existe nenhum ídolo em todo o mundo"). Muitos acham que o apóstolo está citando de novo a carta dos coríntios, e bem pode ser este o caso. Certamente ele não está emitindo as suas opiniões completas sobre a matéria, pois mais tarde diz que o que é sacrificado a ídolos, na verdade é sacrificado aos demônios (**10:20**). Por

1 *Op. cit.*, pág. 97.

trás dos ídolos há seres espirituais, conquanto não os seres imaginados por seus adoradores. Mas aqui não é este o ponto abordado. Paulo está disposto a concordar com os seus correspondentes em que os deuses que os pagãos cultuam não são deuses. Em todo este universo ordenado, não há nenhuma realidade correspondente a ídolos. Esta é uma conseqüência necessária da asserção de que *não há senão um só Deus.* Uma das primeiras coisas que ensinavam a um menino judeu era o *Shema,** "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt 6:4). Era fundamental, e o judeu se apegava a isto com zelosa tenacidade. O cristão não estava menos convicto desta verdade do que o judeu.

5. Examina-se mais a natureza dos ídolos. Paulo admite que existem os que *se chamem deuses.* Os adoradores de ídolos se referiam aos objetos da sua adoração chamando-lhes "deuses", e realmente criam que eram tais. Mas a referência a eles como "chamados" deuses indica a sua irrealidade. Todos estão incluídos na condenação, quer se imaginasse a sua morada no *céu, ou sobre a terra.* Provavelmente não há diferença intencional entre *muitos deuses e muitos senhores. Senhor* era a maneira usual de referir-se à divindade nos vários sistemas cultuais da época (o que torna significativa a freqüente aplicação que Paulo faz do termo a Jesus Cristo). Paulo simplesmente deixa claro que o mundo pagão cultuava uma multidão de divindades, e não estabelece diferença alguma entre elas.

6. "Mas" (AV; ARA: *todavia*) é a forte adversativa *alla*, e *para nós* está numa posição enfática. Os cristãos contrastam-se agudamente com os idólatras. São essencialmente monoteístas. *Há um só Deus.* É-lhe dado Seu título característico, *o Pai,* em parte denotando a Sua relação com o Filho, e em parte denotando o Seu terno cuidado por Seu povo (ambos mencionados nas sentenças seguintes). Os pagãos dividiam a criação entre os seus muitos deuses e deusas, cada um dos quais tendo a sua esfera própria. Mas o Deus único, diz Paulo, é responsável por *todas as cousas.* Tudo provém dele. *Para quem existimos* (assim na RV; esta forma e "por ele", VA, margem, são melhores do que "nós nele", AV). A preposição *eis* indica a tendência da vida de uma pessoa. O cristão vive por Deus e para Deus. Vive somente para Lhe prestar serviço.

Juntamente com o Pai, Paulo pensa no Filho. Este é descrito como *um só Senhor, Jesus Cristo.* Outra vez *um só* chama a atenção pa-

* Verbo hebraico com que começa o versículo citado (ouvir, no imperativo). Nota do Tradutor.

ra o monoteísmo cristão em oposição à pluralidade dos deuses dos pagãos, e *Senhor* aponta para a divindade de Cristo. Assim também, é claro, indica o fato de que Ele é mencionado ao mesmo tempo com o Pai. Paulo não se preocupa em examinar a relação entre eles. Mas é patente que ele está firmando a proposição de que há somente um Deus, e de modo igualmente patente está incluindo o Senhor Jesus nessa única divindade soberana (cf. Moffatt, "Para Paulo, o *um só Senhor* é vitalmente um só ser com o *um só Deus*". *Pelo* (literalmente, "através de") *qual são todas as cousas* mostra Cristo como Aquele por meio de quem foi executada a criação. Embora todas as coisas se tenham originado no Pai, vieram "através" do Filho (cf. Cl 1:15,16; Jo 1:3). *Nós também por* (outra vez "através") *ele* indica que nós cristãos só temos existência por meio dele. É uma referência à nova criação em Cristo (cf. 2 Co 5:17).

b. O irmão fraco (8:7-13)

7. Paulo esteve falando do conhecimento que capacita o homem a considerar um ídolo como uma coisa nula. Agora assinala que aquele conhecimento não é universal entre os cristãos. Não há contradição com o versículo **1**. Ali Paulo dissera que esse conhecimento não se restringia à elite coríntia. Não quisera dizer que todos os cristãos, sem exceção, o tinham. Agora ele expõe que há alguns irmãos mais fracos que não alcançaram esse conhecimento. Desde os seus dias pré-cristãos, estavam tão acostumados a pensar no ídolo como real, que não conseguiam desfazer-se completamente desses pensamentos. É como a situação no campo missionário moderno, onde alguns conversos acham muito difícil livrar-se completamente da crença na feitiçaria. "Com consciência do ídolo" (AV) não parece ser a redação verdadeira. Devemos substituir *suneidēsei*, consciência, por *sunētheia*, palavra que significa, primeiro, "intimidade", e, depois, "costume", "estar acostumado a". "Mediante o estar há tempo acostumado com ídolos" (Goodspeed), é o sentido dela (semelhante à ARA: *por efeito da familiaridade... com o ídolo*). *Até agora* significa que eles ainda mantinham as velhas associações, conquanto agora fossem cristãos. *A consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se.* Não sendo capazes de livrar-se da impressão de que o ídolo era de algum modo real, achavam que agiam mal quando comiam o que lhe fora sacrificado.

8. *Comida* traduz bem a palavra *brōma* (assim também no v. **13**). O ato de comer alguma particular espécie de comida é realmente questão da menor importância. Os que querem comer não estão lutando

* Nestle: *sunetheia* no texto; *suneidesei* na margem. Nota do Tradutor.

por algum grande princípio (como lutou Paulo, quando bravamente se recusou a aceitar a circuncisão como necessária). O ato de comer *comida* é uma coisa indiferente. "Recomenda" (AV; ARA: *recomendará*) não é boa tradução do verbo *paristēmi*, que antes significa "apresentar" (como em Rm 6:13, RV; ARA: "ofereçais"), ou "aproximar a" (cf. At 27:24, onde a ARA diz: "compareças"; AV: "deves se levado perante"). Alguns MSS têm o tempo presente, dando o sentido, "o comer comida não leva um homem para perto de Deus". Outros têm o futuro, que pode ter em vista o ato de ser um homem levado perante Deus para louvor ou acusação no dia do juízo. Comer comida não "nos faz ter abundância"; "não nos dá vantagem" (assim, melhor do que "estaremos melhor", AV; cf. ARA: *nada ganharemos, perisseuomen*). Se nos abstivermos dela, "não nos fará falta" (*husteroumetha*; cf. Fp 4:12 quanto a ambos os verbos). Muitos acham que este versículo é outra citação de um dito usado pelos coríntios. Se for, Paulo o endossa.

9. A exigência de que os fortes se preocupem com os fracos torna-se explícita. *Liberdade* é *exousia*, que significa "autoridade" ou "direito". Os coríntios se arrogavam o "direito" de fazer o que lhes aprouvesse na questão dos ídolos. Paulo lhes lembra que nenhum cristão tem liberdade para assegurar os seus "direitos", se isto significar dano a outras pessoas, princípio de ampla aplicação. Um *tropeço, proskomma,* é uma pedra no caminho, um obstáculo, algo que faz a pessoa tropeçar e lhe dificulta o avanço. Os feitos dos fortes não devem ser tais que causem estorvo ao progresso dos fracos. O que está certo para um homem póde estar errado para outro. Ninguém deve querer impor os seus padrões do certo e do errado a outros, cuja consciência reage diferentemente.

10. A conseqüência inevitável de exercerem os fortes os seus direitos sem considerar os fracos é posta às claras. O homem dotado de *saber* é retratado como tomando parte numa festa no templo de um ídolo. *À mesa* é a expressão comum para "reclinar". Indica uma refeição tomada tranqüilamente. O homem está em busca de descanso numa festividade. O resultado é que a consciência do fraco é "estimulada" (VA; ARA: *induzida*). A palavra é a que é traduzida por "edifica" no versículo 1. Aqui ela é irônica. Evidentemente os fortes dentre os coríntios tinham falado da necessidade de "edificar" os fracos, incentivando-os a praticarem essas ações. Paulo toma a palavra deles e, com uma pergunta retórica, mostra o dano. "Dando um exemplo como esse, não estarás 'edificando' o irmão fraco? Somente para a destruição o estarás edificando!"

11. É provável que a pergunta termina no fim do versículo 10 (como na RV e na ARA). Este versículo dá as conseqüências ("e", AV, é na verdade "pois" *gar*; cf. ARA: *e assim*). O *saber* de que se orgulham os fortes é meio pelo qual se acusa tremendo dano aos fracos. *Perece, apollutai,* é um termo forte (cf. Phillips, "leva desgraça espiritual a". A ação praticada pelo forte pode muito bem infligir ruinoso prejuízo ao fraco, induzindo-o a pecar quando de outra forma não pecaria. Os melhores MSS têm o tempo presente, não o futuro. Paulo o vê perecendo agora mesmo. A ordem das palavras é incomum. Paulo salienta "o irmão por amor de quem (*di' hon*) Cristo morreu", colocando-o bem no fim. Robertson e Plummer comentam: "A última cláusula dificilmente poderia ser mais vigorosa em seu apelo; cada palavra conta; 'o irmão', não um simples estranho; 'por amor de quem', precisamente para resgatá-lo da destruição; 'Cristo', não menos que Ele; 'morreu', não menos que isto."

12. O dano feito ao fraco não é toda a história. Pecar *contra os irmãos* significa nada menos que pecar *contra Cristo* (lição dada a entender a Paulo muito tempo antes, no caminho de Damasco, At 9:4,5). Eles estão "em Cristo", e qualquer coisa feita contra eles é em conseqüência feita contra Ele (cf. Mt 25:40,45). Há uma elevada dignidade na vocação cristã. É sempre fácil pensar em certos membros da igreja como destituídos de importância. Mas não são. Cristo vive neles. Devemos honrá-los como membros de Cristo, e tomar cuidado para não pecar contra o Senhor. "Feris" (AV) traduz o verbo *tuptō*. Este é o único lugar do Novo Testamento em que ele é usado metaforicamente. Seu uso costumeiro é quanto a dar golpes vigorosos, batendo (cf. a ARA: *golpeando-lhes*). Salienta o dano feito pelos fortes.

13. A conclusão que Paulo tira disso tudo é que ele fará o máximo para não atrapalhar o irmão fraco. Neste contexto ele bem que podia ter-se referido a "comida sacrificada a ídolos", mas prefere deixar *comida* sem restrições. Se for preciso, ele não comerá *carne* de tipo nenhum. O importante não são os seus direitos, nem a sua comodidade, mas o bem-estar da irmandade. Note-se a ênfase a *irmão*. Ocorre quatro vezes nos últimos três versículos. *Serve de escândalo* traduz *skandalizei,* palavra difícil de traduzir. Na verdade significa algo como "soltar uma armadilha" (de skandalon, o pino que destrava a armadilha, isto é, a vareta que põe em movimento a armadilha quando uma ave ou um animal toca nela). É empregada metaforicamente com referência a problemas de vários tipos. A negativa de Paulo é a enfática *ou mē*, a negativa dupla. "Enquanto durar o mundo" (AV) é literalmente, "rumo à era vindoura", isto é, durando pela era vindoura a dentro. É a expressão usual referente a "para sempre" (ARA: *nunca mais*).

O princípio estabelecido neste capítulo é de grande importância prática. É sempre fácil para o cristão forte não ver dano de espécie nenhuma em ações que seriam pecado se praticadas pelos fracos. Embora não fosse certo dizer que o robusto cristianismo do Novo Testamento visualiza o forte como permanentemente agrilhoado pelo fraco, não obstante, o forte deve agir para com o fraco sempre com consideração e amor cristão. Em casos como o tratado aqui, os fortes devem adaptar o seu comportamento às consciências dos fracos. Não se atinge nenhum bom propósito em afirmarem eles o que chamam de seus "direitos". Cf. o tratamento que Paulo dá ao mesmo assunto geral em Rm 14.

c. O exemplo de Paulo (9:1-27)

i. *Seus direitos* **(9:1-14).** À primeira vista, este parece um assunto inteiramente diverso. Por conseguinte, não poucos acham que se trata de uma inserção oriunda de alguma outra carta, ou que é um parêntese em que Paulo abandona temporariamente o seu assunto. Não há necessidade de tais hipóteses. Paulo esteve lidando com pessoas que afirmavam os seus direitos em detrimento de outrem. Disse-lhes que isso é errado. Agora prossegue e mostra que ele próprio coerentemente aplicou este princípio. Ele pratica o que prega.

1. A ordem das duas perguntas iniciais (AV) é invertida nos melhores MSS, que também omitem *Cristo* na terceira (assim na ARA). Paulo indaga, "Não tenho eu a liberdade de um cristão?", e avança para, "Não tenho eu os direitos de um apóstolo?" A ordem insinua que ele faz mais do que aquilo que instou os coríntios a fazerem. Ele não somente renuncia aos direitos gerais que todos os cristãos têm, mas também aos seus direitos como apóstolo. É raro ver o nome *Jesus* sem "Cristo" nos escritos de Paulo. Aqui devemos presumir que ele quer dar alguma ênfase à natureza humana do Senhor. O fato de ter visto o Senhor põe à mostra uma das suas qualificações para ser apóstolo. Os apóstolos eram testemunhas autorizadas dos fatos do Evangelho, mais especialmente da ressurreição (At 1:21,22; 2:32; 3:15; 4:33, etc.; note-se a significação das palavras de Ananias a Paulo: "O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca", At 22:14). Como Paulo não era do grupo apostólico original, alguns têm questionado o seu direito de dar tal testemunho. Mas no caminho de Damasco foi-lhe assegurado um privilégio especial — ele viu o Senhor. Isto o qualificou para dar testemunho da ressurreição. O *não* nesta pergunta é mais enfático do que nas outras (*ouchi*), de sorte que Paulo faz ressaltar o fato de ter visto a Cristo. O acréscimo, *no Senhor,* à referência

aos coríntios como *fruto do* seu *trabalho* decorre da consideração salientada em **3:5-7.** Não é o ministro, mas, sim, o Senhor que *dá o crescimento.* Cf. Calvino: "Devemos falar da eficácia do ministério de maneira tal, que todo o louvor da obra fique reservado somente para o Senhor."

2. Outros poderiam pôr em dúvida o apostolado de Paulo, mas os coríntios deveriam ser os últimos a fazê-lo. Nenhum outro tivera a mesma relação que ele tivera com eles. Eles eram uma prova viva da eficiência do trabalho dele. Um *selo* era importante numa época em que muitos não sabiam ler. Uma marca estampada em barro, ou cera, ou em alguma substância parecida, era primeiro que tudo uma marca de propriedade, e depois um meio de autenticação. Todos podiam ver a marca, e podiam saber o seu significado. Os coríntios tinham sido ganhos para Cristo por Paulo e, assim, eram o sinal que atestava o seu apostolado (Goodspeed, "o certificado do meu apostolado"). A própria existência deles como cristãos provava o ponto defendido por ele.

3. No grego estas palavras podem ser tomadas, ou com o que as precede, ou com o que se lhes segue. A mim me parece que elas se enquadram melhor no que as precede. O que se segue não atesta o apostolado de Paulo, mas representa algumas das conseqüências que se seguem quando esse apostolado é atestado. *Apologia*, traduzida por "resposta" (AV), significa propriamente uma defesa legal contra uma acusação (cf. ARA: *defesa*). "Examinam" (AV; ARA: *interpelam*) é *anakrinousin*, outra palavra forense, quanto à qual, ver a nota sobre **2:15.** Tanto *minha* como *me* são enfáticos.

4. "Poder" (AV) é *exousia*, a palavra empregada quanto aos coríntios em **8:9** (ver nota); significa "autoridade" ou "direito" (ARA: *direito*). Como o capítulo anterior esteve voltado para a questão de comer certos alimentos, pode ser que Paulo esteja lembrando a seus amigos que ele tem plenos direitos nessa matéria. Mas no contexto parece mais provável que devemos subentender, depois de *comer e beber*, a frase, "às custas da igreja". É do direito de sustento que Paulo fala. O emprego do plural é curioso. É possível que Paulo queira associar a si Barnabé no que se segue. Mais provavelmente, o que ele diz tem que ver com ele mesmo, sendo o *nós* o que é classificado como "plural epistolar". Muitas vezes é difícil ter certeza se *nós*, nas cartas de Paulo, estende-se a outras pessoas além do apóstolo.

5. Este versículo não afirma o direito dos apóstolos de casar-se. Na era apostólica ninguém teria duvidado disso. Afirma antes o direito de fazer-se *acompanhar de uma* esposa. Aceitava-se que um apósto-

lo devia ser sustentado por aqueles a quem ministrava o Evangelho. Paulo afirma aqui o direito do apóstolo, se casado, de levar consigo sua esposa, estando implícito que ela também seria sustentada pela igreja. Esperaríamos que na maioria os apóstolos eram casados, e o plural, com o artigo, indica que era de fato assim. *Cefas* (Pedro) é considerado à parte como um caso especialmente importante. A interpretação mais natural de *os irmãos do Senhor* é que eram filhos de José e Maria. As opiniões de que eram filhos de José, de um casamento anterior, ou que eram primos do Senhor, não se fundam em provas, mas são conjeturas baseadas na suposição de que não seria honroso para Maria ter ela outros filhos além do Senhor. Mas o uso repetido de *irmãos,* sem reservas, é contra essas opiniões.

6. *Somente* no grego é singular, o que faz parecer que *Barnabé* foi acrescentado como um pensamento posterior. Isto, por sua vez, milita contra a idéia de que é significante o plural *nós* dos versículos anteriores. Paulo se aparta a si e a Barnabé como os dois apóstolos que não deixavam de trabalhar para ganhar a vida enquanto pregavam. Isto faz parecer que todos os outros se habituaram a fazê-lo, isto é, a contar só com o sustento da igreja.

7. Partindo de três atividades humanas diversas, Paulo demonstra o seu direito de ser sustentado. O soldado, o homem que planta uma vinha e o que apascenta um rebanho, todos tiram o seu sustento de sua ocupação. A inferência é que os apóstolos cristãos estão autorizados a fazer a mesma coisa. Observem-se as diferentes categorias dos três que Paulo seleciona. O soldado geralmente recebia salário, o homem que planta uma vinha parece que aqui é o proprietário (ele não come *do* fruto, como dizem a AV e a ARA, mas "o fruto"; somente o proprietário estaria em condições de fazê-lo), enquanto que o pastor, na maioria das vezes, era um escravo. Não obstante, todos se alimentavam graças às suas ocupações. *Custa, opsōniois,* significa "salário" (a palavra significava originalmente "rações").

8. Prosseguem as perguntas argumentativas. A primeira é introduzida por *mē,* indicando que se espera a resposta negativa. Paulo repudia a idéia de que o princípio que enuncia e ilustra recorrendo a vários campos do esforço humano repousa simplesmente na sabedoria humana. Ao falar dessa maneira, não fala simplesmente *como homem.* Ele pode mostrar a mesma coisa na *lei* (está implícita uma resposta afirmativa à segunda pergunta). Esse termo, entre os judeus, aplicava-se propriamente aos cinco primeiros livros do Velho Testamento, embora seja usado às vezes de maneira livre para denotar toda

a Escritura Sagrada. Mas, qualquer seja o uso, a lei é sempre considerada autorizada.

9. Paulo cita Dt 25:4, que proíbe amordaçar o boi quando aplicado à tarefa de pisar o trigo para a debulha. O animal pisava o trigo, sacudindo assim os grãos e soltando-os das cascas. Depois a mistura era cirandada ao ar, e o vento soprava para fora a palha, enquanto que o cereal mais pesado caía verticalmente. Enquanto o boi pisava o cereal, não devia ser amordaçado, o que significa que ele podia pegar alguns bocados do cereal. A pergunta, *Acaso é de bois que Deus se preocupa?,* espera a resposta, "Não". Deve-se procurar entender isso com todo o cuidado. Não significa que Paulo sustentava que Deus era indiferente às necessidades dos bois; nem que o versículo não se aplica a eles. Todavia, em conexão com este último ponto, devemos notar que ocorre não numa passagem que fala dos animais, mas numa que trata de atividades humanas. Pode bem ter sido intencionalmente figurada desde o início. Seja como for, muitos dos rabis distinguiam um sentido espiritual, bem como um sentido literal, em grande parte da Escritura. Paulo está fazendo uma coisa um tanto parecida com isso. Pergunta onde está a aplicação primária das palavras, e nega que esteja com os bois.

10. Responde à sua pergunta com outra pergunta e uma interpretação. As palavras que citou aplicam-se primeiro e acima de tudo ao pregador do Evangelho. A força de *pantōs,* "inteiramente" (AV) podemos captar da tradução de Knox, "Não está claro que ele diz isso por nós?" (cf. a ARA *seguramente*). Assim o obreiro cristão, seja ele o que lavra ou o que colhe (cf. **3.6**), deve fazer o seu trabalho *com esperança.* Deus supre as suas necessidades com os frutos do seu labor.

11. A aplicação passa a ser específica. A cláusula condicional introdutória implica em que a condição foi cumprida, "Se, como é o caso, nós semeamos..." Paulo pregara o Evangelho em Corinto, e tinha sido o meio para dar a largada aos cristãos coríntios em sua carreira. Fala de semear, conquanto pudesse igualmente acrescentar que fizera alguma colheita. Mas a precisa função exercida não é importante neste ponto. Aqui ele está preocupado com o fato de que o homem que trabalha para produzir a seara tem direito de partilhar dos seus produtos. Paulo trabalhara nas coisas *espirituais* entre os coríntios. Tinha toda a autoridade para receber deles recompensas *materiais* (literalmente, "carnais", como na AV).

12. Outros, ao que parece, tinham de fato exercido o direito de que Paulo fala. Pode ser que Pedro ou Apolo e outros tivessem recebido presentes dos coríntios. Paulo não, e alguns deles evidentemente

consideravam isto uma prova da inferioridade de Paulo. Talvez dissessem que Paulo reconhecia tacitamente a sua inferioridade não tentando obter sustento. Paulo assevera que o fundador da igreja de Corinto tinha muito mais direito a esse tipo de coisa do que ninguém mais. *Nós* é enfático. Paulo prossegue, dando seu motivo para não exercer o seu direito. Não quisera criar qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo. Obstáculo traduz uma palavra gráfica e um tanto incomum (somente aqui, no Novo Testamento). Significa literalmente "um corte" ou "uma brecha", e era usada com referência a uma vala aberta na estrada para impedir o avanço do inimigo. Paulo evitara fazer qualquer coisa que pudesse impedir uma estrada livre para o avanço do Evangelho. "Sofrer" (AV), *stegomen,* é sofrer no sentido de "suportar" (assim na ARA).

13. Outra ilustração do princípio é apresentada. Sabia-se muito bem que aqueles cujo trabalho era nas coisas sagradas, delas recebiam os seus meios de vida. Mais particularmente, os que *servem ao* (literalmente, "se assentam ao lado do"; a palavra denota serviço habitual) *altar,* recebem a sua porção daquilo que é oferecido em sacrifício sobre o altar (ver Lv 7:6, 8-10, 28-36, etc.).

14. Em conformidade com isto, *ordenou ... o Senhor,* ninguém menos que Ele, *aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho.* A ordem é revestida da mais alta autoridade, visto que veio de Cristo. Ao mesmo tempo, o precedente mostrou que não é uma ordem arbitrária, mas uma ordem que se harmoniza com muitas ocupações. Nenhum mandamento do Senhor, exatamente nestes termos, foi preservado. Talvez tenha sido dado um assim, ou então Paulo pode estar pensando em palavras como estas, "digno é o trabalhador do seu salário" (Lc 10:7).

ii. *Sua recusa a exercer os seus direitos* **(9:15-18).** Paulo não duvidava dos seus direitos. Mas não tinha feito uso deles. Tampouco era seu propósito, ao escrever neste tom, estabelecer uma reivindicação para o futuro. Tão impetuosamente sustentou as suas convicções nesta matéria, que pode dizer, melhor me fora morrer antes que ————. O texto aqui é difícil. A melhor interpretação é que Paulo interrompe a sua sentença e não a completa. O que se segue é uma exclamação, "Ninguém faça desta minha glória uma glória vã!" A interrupção da construção assinala a profunda emoção de Paulo, e a sua emoção indica a importância que ele atribuía ao seu procedimento.

16. Pregar o Evangelho não é matéria para jactância. Paulo acha que não pode pretender nenhum crédito particular nisso. *Pesa essa*

obrigação (assim, melhor do que "é posta sobre", *epiketai*) sobre ele. E essa obrigação pesa sobre todos os que experimentaram o poder do Evangelho em suas vidas. Nem todos são chamados para um ministério como o de Paulo. Mas nenhum deles está isento da exigência de tornar conhecida a graça de Deus. Paulo pensa em alguma desgraça indefinida vindo sobre ele, se não pregar. A natureza do *ai* não é explicada, e talvez seja muito mais eficiente por isso. Nos dias atuais não somos bons para acentuar o dever, e não gostamos da idéia de punição. Paulo, porém, com perspicácia dá expressão a ambos.

17. Há mais de um modo de entender este versículo difícil. Talvez Paulo queira dizer que o homem que prega com espírito voluntário merece recompensa, ao passo que, se o faz de má vontade, não é dispensado. Deve ainda desempenhar a sua função de despenseiro. Ou talvez esteja partindo da premissa do versículo **16**, de que "sobre mim pesa essa obrigação". Se ele pregasse por sua livre escolha, mereceria galardão. Como o fato é, não é sua escolha. Ele tem que pregar. O versículo seguinte seria, então, entendido como, "Que galardão é possível nestas circunstâncias?" Não há nada que seja próprio da graça em *misthos, galardão,* que, melhor dito, significa "salário", "o pagamento do que é devido". Quanto a "dispensação" (AV), *oikonomia,* ver a nota sobre "despenseiro", *oikonomos,* em **4:1.** A idéia é a da responsabilidade de Paulo perante Deus pelo desempenho da comissão a ele confiada (cf. a ARA, *"a responsabilidade de despenseiro"*).

18. Paulo tinha que pregar. Mas não tinha que pregar sem cobrar nada. Fazer isso era o seu *galardão,* como no versículo **15** isso era a base da sua glória pessoal. Com ele, isto não é apenas uma estratégia. É uma causa de orgulho. É seu *galardão*: sua suprema remuneração é servir sem receber remuneração! "Abusar (AV) traduz o verbo *katachraomai,* quanto ao qual, ver a nota sobre **7:31.** Aqui como lá, provavelmente significa "usar ao máximo". "Poder" (AV) é *exousia,* "direito" (como na ARA). O que Paulo visava, então, era não fazer pleno uso dos seus direitos.

iii. *Seu serviço a todos os homens* **(9:19-23).** A extensão da renúncia de Paulo dos seus direitos no interesse do Evangelho é trazida à luz. Ele tinha a categoria de homem livre (orgulhava-se da sua cidadania romana), mas se fez *escravo* de todos, para poder *ganhar o maior número possível.*

20. Para os judeus ele "se fez judeu" (AV). O tipo de coisa que tem em mente é sua conduta circuncidando Timóteo. Ele não hostilizaria desnecessariamente a sua nação. Respeitava os escrúpulos judai-

cos. A *lei* é a lei de Moisés. Paulo mesmo não estava fugindo à lei. O verdadeiro texto acrescenta, como na RV, "não estando eu mesmo sob a lei", depois de "como sob a lei" (AV; cf. a ARA, *embora não esteja eu debaixo da lei*). "O fim da lei é Cristo" (Rm 10:4). O cristão não está "debaixo da lei, e, sim, da graça" (Rm 6:14). Contudo, Paulo se conformava com práticas que o habilitariam a abordar *os que vivem debaixo da lei* com maior aceitabilidade.

21. *Aos sem lei* não significa aos "fora da lei", ou coisa parecida. Neste contexto equivale praticamente a "gentios". São os que não estão obrigados pela lei mencionada no versículo anterior. Paulo não andava entre eles como sujeito a todos os regulamentos judaicos. Ele os encarava no próprio terreno deles. Quando diz que estava *como sem lei*, não quer dar a impressão de que não estava sob restrição nenhuma. Assim, acrescenta que não está *sem lei para com Deus*, e que está *debaixo da lei de Cristo*. Ambas as expressões indicam que ele não era um agente livre, mas um servo de Deus. Mas, quanto este serviço permitia, ele se ajustava à prática gentílica para poder *ganhar os que vivem fora do regime da lei.*

22. Toda esta discussão sublinhou o terno interesse de Paulo pelos *fracos*. Ela nos ajuda a ver como ele respeitava os seus escrúpulos, e amoldava o seu comportamento ao deles. Resume tudo com, *Fiz-me tudo para com todos*. Isto não significa, é claro, que a sua conduta era sem princípios. Quando a ocasião o requeria, Paulo podia ser inflexível em dar combate frontal a forte oposição. Mas onde não estava em jogo nenhum princípio, estava disposto a fazer o máximo para satisfazer as pessoas. As considerações pessoais dele ficam totalmente submersas no grande objetivo de, por todos os meios, salvar alguns.

23. Os melhores MSS dizem "todas as coisas" em lugar de "isto" da AV (ARA: *tudo*). Toda a conduta de Paulo era determinada pelo Evangelho. Era isso que importava, não o pregador. Todavia, ele não está desatento à sua própria necessidade, e introduz pequenina referência a ela. Espera tornar-se "um participante", isto é, partilhar com outros as bênçãos da salvação. Mesmo aqui ele pensa nos outros, pois a sua palavra salienta a idéia de co-participação.

iv. *Seu domínio próprio* **(9:24-27)**. Competições atléticas eram comuns no mundo grego, e os Jogos Ístmicos (só inferiores aos Jogos Olímpicos) eram disputados de três em três anos em Corinto. Muitas vezes Paulo emprega, como aqui, figuras tiradas dos jogos. O seu primeiro ponto é que numa corrida só um corredor ganha. Daí, os com-

petidores fazem todo o esforço possível. De modo semelhante o cristão tem que forçar todas as fibras para pôr em ação toda a sua energia.

25. "Luta pelo domínio" (AV) traduz um verbo, *agōnizomai*, que significa, "competir nos jogos". Ele nos deu a palavra "agonia", pela qual vemos que não se tem em mente nenhum esforço frouxo. Cada competidor tinha que se submeter a rigoroso treinamento durante dez meses. Era "moderado em todas as coisas". Todavia, o seu prêmio, caso fosse vitorioso, era *uma coroa corruptível* (nos Jogos Ístmicos este era uma grinalda de pinho). O cristão tem diante de si uma coroa muito mais valiosa, a saber, uma coroa *incorruptível* (cf. **2** Tm 4:8). A estrênua abnegação do atleta treinando por seu prêmio fugaz é uma censura a todo serviço cristão frouxo e sem entusiasmo. Note-se que o atleta nega a si próprio muitos prazeres lícitos. O cristão tem que evitar, não somente o pecado definido, mas toda e qualquer coisa que impeça a sua completa eficiência.

26. A figura ainda é extraída dos jogos. Paulo não é como um corredor que não sabe onde está a linha de chegada. Ele não é como um lutador que desfere golpes no ar (quer "dando murros na sombra", quer não acertando no adversário). O cristianismo de Paulo é decidido. Ele dá tudo para o direto e denodado esforço cristão.

27. Ele se recusa a ser dominado pelos desejos do corpo. Em linguagem pitoresca Paulo fala do modo como disciplina a carne. "Subjugo" (AV e ARC) traduz *hupopiazō*, mas a melhor redação é o parecido *hupōpiazō*. Este é um verbo que fala de luta a murros, com o sentido de "dar um olho negro a". "Trago à sujeição" (AV), *doulagōgō*, é "trazer à escravidão" (cf. a ARA, *reduzo à escravidão*. Paulo não deixa dúvida quanto ao vigor com que subjuga a carne. "Perdido" (AV) é forte demais para *adokimos*. A palavra significa, "que não resistiu à prova", e neste contexto se refere a desqualificação (ARA: *desqualificado*). O temor de Paulo não era que poderia perder a salvação, mas que poderia perder a sua coroa por não satisfazer a seu Senhor (cf. **3:15**).

d. O exemplo dos israelitas (10:1-13)

i. *Uma referência à história* (**10:1-5**). Paulo continua a censurar a complacência dos coríntios. Deixa de lado o seu próprio exemplo e se volta para a história do povo de Deus registrada nas Escrituras para mostrar que o gozo de altos privilégios não garante o acesso à bem-aventurança final. Os israelitas tinham experimentado a redenção, o

batismo e o continuado amparo de Deus. Contudo, quase todos pereceram no deserto.

1. "Além disso" (AV) deve-se ler, "Pois" (ARA: *Ora*). A seção é estreitamente ligada à precedente. O perigo recém-mencionado não é imaginário, como o demonstra o caso dos israelitas no deserto. Quanto à fórmula, *não quero que ignoreis*, ver a nota sobre 1 Ts 4:13.[1] Note-se a quíntupla repetição da palavra *todos* nestes versículos (AV; ARA: quádrupla). Dá-se assim ênfase ao fato de que os israelitas, sem exceção, receberam os sinais da bondosa mão de Deus sobre eles. Isto dá maior força ao lembrete do versículo **5** de que a maioria pereceu. A referência é aos acontecimentos associados ao Êxodo. *A nuvem* é a que serviu de meio de orientação divina (Êx 13:21, 22; 14:19, 24, etc.).

2. As experiências da orientação dada pela nuvem, e da passagem pelo Mar Vermelho (Êx 14) tiveram o efeito de unir o povo a Moisés de maneira tal, que se diz que foram *batizados... com respeito a Moisés* (o grego parece implicar num desejo deles de serem batizados desse modo; cf. Goodspeed, "todos, por assim dizer, aceitaram o batismo como seguidores de Moisés"). É alarmante para o cristão, que foi "batizado para com Cristo", ver tal referência ao batismo. Provavelmente devemos pensar em Moisés como um tipo de Cristo. Justamente como o batismo tem o efeito de colocar o homem sob a liderança de Cristo, assim a participação nos grandes acontecimentos do Êxodo colocaram os israelitas sob a liderança de Moisés (Êx 14:31) pode dizer, "e confiaram no Senhor, e em Moisés, seu servo" (ARA e RV). Estavam unidos a ele, conquanto não devamos exagerar isto, como se alguma outra união pudesse ser tão estreita como a união que há entre o cristão e Cristo. Todos os israelitas participaram desse batismo comum.

3. Igualmente foram todos sustentados pelo maná (Êx 16:4, 13 ss.), mencionado aqui como *manjar espiritual*. O adjetivo não significa que Paulo está pondo em dúvida a realidade física do maná. É seu modo de dirigir a atenção para a origem celeste dessa comida (cf. SI 78:24); a VPR traduz, "sobrenatural".

4. Como tiveram comida espiritual, tiveram também bebida *espiritual*. Paulo acrescenta uma explicação, coisa que não fizeram com relação à comida. Havia uma lenda judaica de que uma rocha seguia

1 *Op. cit.*, pág. 84.

os israelitas em todas as suas peregrinações no deserto. Talvez Paulo tenha nos refolhos da sua mente essa lenda, mas certamente não se refere diretamente a ela. Refere-se a Cristo. Ao fazê-lo, transfere para Cristo o título, "a Rocha", empregado no Velho Testamento com relação a Jeová (Dt 32:15; SI 18:2, etc.; notem-se as implicações para a cristologia, tanto desta transferência como da clara inferência da preexistência de Cristo). Obviamente há uma reminiscência da rocha golpeada para a obtenção de água (Êx 17:6; Nm 20:1 ss.). A alusão não é simples, porém, pois não há insinuação de uma rocha móvel naquelas passagens. Mas Paulo entende que Cristo foi a *fonte* de todas as bênçãos que os israelitas receberam enquanto jornadeavam. Assim, ele pode pensar na Rocha, Cristo, como os seguindo e continuamente lhes dando de beber. Pode-se muito bem fazer referência à comida e à bebida espirituais à luz da Santa Comunhão, como pensam Calvino e outros. Israel tinha os seus equivalentes de ambos os sacramentos.

5. *Entretanto* (a forte adversativa *alla*), embora Deus lhes tenha dado tais manifestações memoráveis do Seu poder da Sua boa vontade para com eles, a maioria deixou de entrar na Terra Prometida. Deus *não se agradou* deles. "Muitos deles" (AV) é na verdade a *maioria* (ARA). Esta é uma maneira magistral de se amenizar a verdade. De todas as hostes de Israel, somente dois homens entraram na Terra Prometida. Os restantes pereceram no deserto, ou, como o coloca Paulo, *ficaram prostrados*. O verbo *katastrōnnumi* empresta um toque pitoresco. Na verdade significa "esparramar". Paulo retrata o deserto como juncado de cadáveres. Não se trata de morte simplesmente natural. É a sentença de Deus contra os rebeldes.

ii. *A idolatria e suas lições* (**10:6-13**). *Estas cousas* não devem ser tomadas simplesmente como história. Eram história. Aconteceram realmente. Mas eram mais que isso. Aconteceram como *exemplos* (*tupoi*; quanto a esta palavra, ver a nota sobre 1 Ts 1:7[1]). Deus tinha um propósito nelas. *Cobicemos* refere-se a desejo intenso de qualquer natureza, mas no Novo Testamento é empregado mais comumente com relação às paixões más do que aos bons desejos.

7. A advertência contra a idolatria vem muito a propósito, em vista do problema de Corinto com o qual Paulo está lidando. Cita Êx 32:6, onde a referência a comer, beber e divertir-se (isto é, dançar) aponta para uma típica festividade idolátrica. Muitas vezes uma festividade desse tipo degenerava em devassidão. Não havia sentido de sé-

1 *Op. cit.*, pág. 38.

rio propósito relacionado com o culto de ídolos (como poderia haver?). Assim, as mais baixas paixões dos homens poderiam ser postas às soltas no próprio ato de adoração, e muitas vezes o eram.

8. Este não é assunto novo, pois a "fornicação" (AV) fazia parte de muitos cultos idolátricos. Achavam-se prostitutas sagradas em muitos santuários, e neste aspecto Corinto tinha notoriedade nada invejável. Mas a referência primária de Paulo é ao incidente registrado em Nm 25, em que Israel "começou... a prostituir-se com as filhas dos moabitas" (v. 1), "juntando-se... a Baal-Peor" (v. 3). O julgamento veio na forma de uma praga, e pereceram vinte e quatro mil pessoas (Nm 25:9). Paulo fala de vinte e três mil. Obviamente ambos são números redondos, e, ademais, Paulo pode estar fazendo um desconto dos que foram mortos pelos juízes (Nm 25:5). Este versículo lembra o grave perigo a que a indulgência para com a idolatria expõe os homens.

9. O verbo *peirazō* significava originalmente "provar", mas em geral é provar com vistas à pessoa que falha na prova. Assim, o seu sentido secundário é "tentar" (outro verbo que significa "provar", *dokimazō*, é provar com vistas à pessoa que passa na prova, e assim vem a significar "aprovar"). A idéia presente em tentar a Deus (AV) é a de pô-lo à prova (ARA), a de ver até que ponto uma pessoa pode ir. Paulo insta com os coríntios a que não "tentem" a Cristo (AV; ou ao *Senhor*, ARA, como dizem muitos MSS) desse modo. A referência é à queixa do povo quanto à alimentação, resultando dessa queixa que Deus enviou serpentes ardentes entre eles (Nm 21:5, 6).

10. O verbo *murmureis* é normalmente empregado, como aqui, no sentido de "resmungar", e, portanto, de "queixar-se". Assim, em Nm 14:2, 36; 16:11, 41, lemos sobre essa murmuração, e em cada ocasião havia um castigo apropriado. Neste versículo a referência é provavelmente ao extermínio do bando de Coré em Nm 16. O *exterminador* (Phillips, "o Anjo da Morte") não ocorre exatamente dessa forma no Velho Testamento, embora uma expressão parecida seja traduzida por "destruidor" em Êx 12:23 (cf. também 2 Sm 24:16). Mas a aplicação é suficientemente clara. A murmuração requer a punição divina.

11. Faz-se um resumo do precedente. Todas estas coisas aconteceram para advertir-nos a nós outros *sobre quem os fins dos séculos têm chegado*. Esta curiosa expressão parece significar que a culminação de todas as eras passadas chegou. Completaram-se, e as lições que ensinam ficam manifestas. Possivelmente há também a idéia de que a vin-

da de Cristo tem significação decisiva. Cristo pôs fim a todas as eras anteriores.

12. Esclarece-se a aplicação. Os coríntios ufanavam-se da sua posição. Eis, porém, que os israelitas tinham sido presunçosos assim, e nada colheram senão desgraça. Que se cuide o que confia em si, para que *não caia.*

13. *Tentação* aqui pode ser empregado no sentido de tentação para pecar, mas parece ter o sentido mais amplo de "prova" e parece incluir provações de toda espécie. De um modo ou de outro, nada de excepcional sucedera aos coríntios. Eles experimentaram somente o que é "comum ao homem" (AV). Deus sempre *proverá livramento.* Esta palavra, *ekbasis*, pode denotar um desfiladeiro. A figura é a de um exército preso nas montanhas e que escapa de uma situação insustentável por meio de uma passagem. A segurança dada neste versículo é um permanente consolo e fonte de energia para os crentes. A nossa confiança está na fidelidade de Deus.

e. A incompatibilidade do cristão com as festas idolátricas (10:14-22)

14. Paulo continua, rumo ao cerne do problema. *Dioper, portanto*, é uma partícula mais forte do que a usada no versículo **12.** Indica seqüência mui rigorosamente lógica. O tratamento, *meus amados*, não é comum. Indica algo da profunda emoção de Paulo quando ele insta com os seus queridos amigos para seguirem o curso certo. Assim como os aconselhara em **6:18**, "fugi da fornicação" (AV), assim agora lhes diz, *fugi da idolatria.* Lá, como cá, o imperativo presente dá a idéia de prática habitual. Não deve haver nenhuma demorada contemplação do pecado, pensando que é possível ir longe e estar a salvo de ir além. O único procedimento sábio é não ter a mínima ligação com ele. "É preciso que eles não experimentem a que ponto máximo podem ir, mas a que distância podem fugir" (Robertson e Plummer). Paulo acabou de assegurar-lhes o socorro nas horas de tentação. Agora ele quer que eles vejam que isso não lhes dá licença para perder tempo com ele desnecessariamente. Fugi do pecado.

15. Os coríntios se orgulhavam da sua sabedoria. Paulo apela para isso. Se eles são "sábios" (AV), apreciarão a força do que ele diz. "Sábios" não é a palavra empregada na notável discussão de **1:20** ss., mas *phronimos*, que significa "versado", "sensato" (cf. a ARA, *criteriosos*). *Vós* é enfático. Paulo não tem necessidade de demonstrar o ponto. Eles podem vê-lo por si mesmos.

16. *O cálice da bênção* era o nome dado ao terceiro cálice na festa da páscoa. Pode bem ter sido o cálice com o qual nosso Senhor instituiu o sacramento da Santa Comunhão, donde a propriedade do nome. *Abençoamos* não se refere à ligação de alguma bênção com o cálice, mas à espécie de oração usada sobre ele, conquanto possamos muito bem sustentar que o efeito da oração é "consagrar" o cálice, isto é, separá-lo para um uso santo. Entre os judeus a oração usual de ação de graças era uma que começava, "Bendito és Tu, ó Senhor". Depois desta vinha a matéria pela qual se davam graças. A oração de graças antes das refeições, por exemplo, começava desse modo. A referência é, pois, à oração de graças pronunciada sobre o cálice. Beet cita a Crisóstomo: "Cálice de bênção Ele lhe chamou; daí, segurando-o em nossas mãos, deste modo Lhe entoamos louvor." É interessante ver o cálice mencionado antes do pão, apesar de que, quando Paulo trata da instituição (**11:23** ss.), o pão vem primeiro. A ordem aqui pode dever-se a um desejo de salientar o derramamento do sangue do Senhor. Ou pode dever-se à proeminência do cálice e à insignificância do pão nos sacrifícios pagãos a que Paulo vai chegar. A palavra *koinōnia, comunhão*; poder-se-ia traduzir por "participação em" (como a RV, margem), ou por "companheirismo em" (cf. Goodspeed, "ao bebê-lo, partilhamos do sangue de Cristo"). O sentido é que, os que recebem corretamente o cálice, recebem Cristo. Como diz Calvino, "a alma tem *comunhão no sangue* tão verdadeiramente, como bebemos com a boca". Esse recebimento é, naturalmente, um processo espiritual, e, portanto, tem lugar pela fé. Paulo afirma que o comungante que crê recebe a Cristo. Mas nada diz quanto ao "como" disso. Hodge expõe que os católicos romanos, os luteranos e os reformados, todos concordam em "que uma participação do cálice é uma participação do sangue de Cristo". Mas doutrinas como a da transubstanciação ou consubstanciação não podem ser demonstradas com base nesta passagem. "Tudo que a passagem afirma é o fato de uma participação; a natureza dessa participação tem que ser determinada partindo doutras fontes." A declaração acerca do *pão* deve ser entendida semelhantemente. O pão partido é uma participação no *corpo de Cristo*.

17. Este é um versículo difícil de interpretar nos pormenores, mas a ênfase à unidade é clara. Um pão único era usado na Comunhão, e Paulo fala disto como simbolizando e produzindo unidade. Conquanto os crentes sejam *muitos*, são todavia *unicamente um pão, um só corpo*. O lugar que a Santa Comunhão ocupa na produção da unidade é indicado pelo *porque*. O sacramento flui da unidade e cria unidade.

18. De observâncias especificamente cristãs, Paulo se volta para as dos judeus, *Israel segundo a carne*. Esta expressão distingue Israel

como nação, do verdadeiro Israel, a igreja cristã. No sistema judaico *aqueles que se alimentam dos sacrifícios* são, por esse mesmo fato, *participantes* (a palavra é cognata de "comunhão", do v. **16**) *do altar.* Os que recebem o alimento do sacrifício entram em comunhão com tudo que o altar representa.

19. Paulo retorna diretamente ao problema que os coríntios defrontam. A ordem das perguntas na AV é o oposto da dos melhores MSS (e da ARA). Paulo pergunta primeiro, "A comida sacrificada aos ídolos é alguma coisa?", e depois prossegue para, "O próprio ídolo é alguma coisa?" As vigorosas interrogações implicam em que ambas as coisas eram embustes.

20. *Antes* é a forte adversativa *alla.* Longe do precedente, Paulo afirma algo que é quase o seu oposto. Ele não discutirá a contestação dos coríntios de que um ídolo não é deus nenhum. Mas não concordará que, por isso, os ídolos podem sem risco ser tratados como nada mais que outros tantos blocos de madeira e pedra. Os *demônios* fazem uso da inclinação dos homens para cultuarem ídolos. Assim, quando os homens sacrificam a ídolos, não se pode dizer que estão praticando alguma atividade neutra, destituída de sentido. Estão de fato sacrificando a espíritos maus, como o que fizeram as pessoas mencionadas em Dt 32:17. Participar da comida é estabelecer comunhão. Deste modo entram em "companheirismo" com os "demônios" (AV; ARA: tornam-se *associados aos demônios*). Paulo não quer que aconteça isso com os seus amigos coríntios.

21. Ele coloca as alternativas em forte contraste. É simplesmente impossível serem os homens participantes da Santa Comunhão e das festas idolátricas, se se dão conta do que estão fazendo. Uma coisa necessariamente exclui a outra. A *mesa do Senhor* lembra-nos que o Senhor é o hospedeiro no sacramento. Mediante paridade de raciocínio, a *mesa dos demônios* indica que podem existir outros hospedeiros. Mas, se um homem aceita o convite do Senhor, não pode em sã consciência aceitar também o convite dos demônios. Se ele está realmente em comunhão com o Senhor, não pode estar também em comunhão com os demônios. Alguns acham que a referência às duas mesas em estreita conexão como esta, indica que a Santa Comunhão é de natureza essencialmente sacrificial. Acha-se desse modo apoio para a doutrina do sacrifício eucarístico. Todavia, esta não é uma inferência válida. A ênfase é a *koinōnia,* "companheirismo". Tudo que Paulo está dizendo é que a Santa Comunhão, num aspecto único, é um ato de alimentar-se à mesa do Senhor, de desfrutar o companheirismo com Ele. Semelhantemente, a participação numa festa idolátrica significa

ter companheirismo com demônios. Podem existir muitos outros aspectos numa e noutra. A identidade de princípio não é nem afirmada expressamente, nem está implícita.

22. O *Ou* no começo deste versículo, na ARA, como nos melhores MSS, leva-nos a uma alternativa. Paulo vem pressupondo que os coríntios não percebem o significado de tomar parte nas festas idolátricas. Conseqüentemente o explicou. Suponhamos, porém, que eles entendiam o significado disso tudo. Então estariam provocando deliberadamente o Senhor. Uma segunda pergunta dá a entender a fraqueza de todos os homens perante o seu Criador, e, portanto, a incrível loucura do tipo de atitude de que ele fala.

f. O resultado prático (10:23-11.1)

23. *Todas as cousas são lícitas...* repete uma afirmação já feita em **6:12** (ver notas ali). Nesta oportunidade Paulo o diz duas vezes, e acrescenta, *mas nem todas edificam.* Quanto a *edificam,* ver comentários de **8.1.** Há algumas coisas que não são sensatas. Não edificam os homens na fé. É mais importante evitar essas questões do que afirmar os próprios direitos.

24. É importante que todo cristão se interesse pelo bem-estar dos outros. No grego não há nenhuma palavra correspondente a "prosperidade" (AV), e talvez os nossos tradutores pudessem ter escolhido uma palavra melhor (cf. a ARA, *interesse,* e a VPR). Paulo quer dizer que cada cristão deve procurar promover os melhores interesses das outras pessoas, e não buscar egoisticamente os seus próprios.

25. Na seção anterior se tratou da freqüência a festas idolátricas. Paulo recusou-se a favorecer isso de nenhum modo. Mas comprar carne nos "açougues" (AV; armazéns; RSV e RA: *no mercado*) era uma questão diferente. Ali, como observamos antes, comentando **8.1-6,** seria difícil, se não impossível, saber se um particular pedaço de carne fora oferecido a um ídolo ou não. Não há vantagem em pressionar os escrúpulos de alguém em tal situação. "Não façais perguntas inquietantes, por amor da consciência", como Barclay o traduz. Escrúpulo exagerado deve ser desencorajado. Atrapalha, em vez de ajudar, em semelhante situação.

26. A razão, dada numa citação do Sl **24:1,** é que tudo pertence ao Senhor. Embora o pagão possa oferecer a carne ao seu ídolo, o cristão sabe que ela vem da bondade do Senhor, e de nenhuma fonte. Portanto, mesmo que haja alguma dúvida quanto ao que aconteceu

com ela no caminho, a origem divina faz que seja certo o cristão comê-la.

27. É dada uma norma semelhante quanto a aceitar convite para comer. Tem-se em mente uma refeição numa casa particular, pois a questão de comer em templos de ídolos foi tratada acima. Quando convidado por um pagão, o cristão tem liberdade para aceitar, e para comer o que for servido, sem fazer perguntas sobre a sua origem, ainda quando a carne pudesse ter vindo de um sacrifício.

28. A situação é diferente se alguém diz expressamente, *Isto é cousa sacrificada a ídolo.* Agora a carne não é simplesmente uma dádiva de Deus que passou por canais desconhecidos. É o produto final da idolatria e é conhecida como tal. Comê-la nessas circunstâncias, alguns achariam, seria favorecer a idolatria. Por conseguinte, o cristão não a deve comer *por causa da consciência.* (A AV acrescenta palavras dos melhores MSS; parece que são uma mecânica repetição dos vs. **25,26.**).

29. Paulo deixa claro que não fala da consciência do que come. Está escrevendo sobre o cristão forte, que sabe que oferecer comida a um ídolo realmente não pode alterar o seu caráter. Mas pode ser muito bem que o homem que lhe fala, ou algum outro do grupo, não veja a coisa assim. Por consideração à consciência mais fraca desse tal, o forte deve abster-se de comer. O sentido da última parte do versículo pode-se ver na explanação que Godet faz de *hina ti* com que ela começa, "Pois, qûe vantagem pode haver em ser condenada a minha consciência..." A ação que para o forte é simples exercício da *liberdade* não deve ser transformada em meio de ofensa a outrem.

30. É só "pela graça" (AV; ou, talvez, "com ações de graça", como na ARA) que o forte pode participar de tal comida. É dom de Deus, e ele dá graças por ela. Paulo não deseja que uma ação praticada neste espírito venha a ser o meio para produzir maledicência da parte de outros que não a vêem com os mesmos olhos. É melhor abster-se, do que permitir que aconteça isso.

31. O princípio é claro. O cristão não está preocupado com a afirmação dos seus direitos, mas com *a glória de Deus.* Comer, ou beber, ou qualquer outra coisa mais, devem estar subordinados a esta consideração mais importante.

32. Paulo concita os seus amigos a terem afetuoso interesse por todos, *judeus, gentios* e a *igreja de Deus.* A conduta deles poderia ter

repercussões em algum desses grupos, e deviam esforçar-se para não ultrajar nenhum deles.

33, 11:1. Paulo conclui apelando para o seu próprio exemplo. Nenhuma vantagem pessoal determina o objetivo que o orienta. O que ele procura é que *muitos sejam salvos*. Não faz coisas que o agradem. Assim, convoca os conversos para que sejam seus "seguidores" (AV; melhor, *imitadores*, como na ARA e na RV). Contudo, no próprio ato de dizer isto, ele os induz para longe de si mesmo. A única razão pela qual devem imitá-lo é que ele imita a Cristo. Ele confia em que o seu exemplo os dirigirá ao Salvador.

VI. *Desordens no Culto Público* (11:2-14:40)

a. O véu das mulheres (11:2-16)

O assunto subseqüente de que trata é o do culto público. Os coríntios tinham feito pergunta a Paulo pelo menos acerca de um aspecto deste assunto (como inferimos da expressão, "Agora, a respeito dos", de **12:1**, AV). Paulo tece comentários sobre outros aspectos também. Evidentemente ouvira que algumas mulheres coríntias "emancipadas" tinham dispensado o uso do véu no culto público, e ele argumenta que as mulheres deveriam usar véu. Aparecer uma mulher de cabeça descoberta em público, era agir de maneira "descarada", como diríamos. Esta era a marca da mulher de baixa moral. Era um ultraje ao decoro. Em conseqüência, Paulo o rejeita decididamente. Não faz parte da vida do cristão menosprezar desnecessariamente as convenções sociais.

2. Primeiro vem uma palavra de louvor, como é hábito de Paulo onde isso pode ser feito em sã consciência. Não sabemos o que está por trás de *em tudo vos lembrais de mim*, mas dá a impressão de que a referência é às orientações que Paulo dera para o culto público. *Paradoseis*, traduzido por "ordenanças", traduz-se melhor por *tradições* (como na ARA). A referência é àquele ensino oral que constituía tão importante parte da instrução cristã primitiva. O artigo indica as tradições cristãs bem conhecidas. Não eram propriamente de Paulo. Os ensinamentos tinham sido transmitidos a Paulo, e ele os passou aos conversos. O termo salienta a natureza derivativa do Evangelho. Este não se originou na mente fértil do mestre. Ver algo mais no comentário de 2 Ts 2:15.[1]

1 *Op. cit.*, pág. 138.

3. "A cabeça" (AV) indica um relacionamento de autoridade superior, mas não define essa autoridade com precisão (nenhum dos relacionamentos mencionados neste versículo é exatamente igual a qualquer dos outros). Bedale lembra-nos que as funções do sistema nervoso não eram conhecidas dos antigos que, por conseguinte, não entendiam a *cabeça* como a entendemos (eles sustentavam que o homem pensa com o diafragma, o *phrēn*). Bedale argumenta que o emprego desse termo aqui comunica praticamente o mesmo sentido do versículo **8**: a mulher deriva o seu ser do homem, e dentro destes limites é-lhe subordinada.[1] Esta subordinação é que constitui o ponto importante para Paulo. Todavia, devemos notar que ele não está argumentando em favor de nenhuma outra coisa que não um companheirismo (cf. o v. **11**), conquanto um companheirismo em que o homem é o chefe da sua casa.[2]

4. O homem deve orar de cabeça descoberta. Isto era algo novo para Paulo, o cristão. Os judeus sempre oravam de cabeça coberta (como faziam ainda). As mulheres gregas, bem como os homens de suas famílias, oravam de cabeça descoberta. Os cristãos adotaram uma prática distintiva. Cobrir a cabeça é sinal de estar sob a autoridade de outrem. Como o homem não está sujeito deste modo a nenhuma criatura, *desonra a sua própria cabeça*, se a cobre quando ora. Ver abaixo, sobre o versículo **7**. *Cabeça* é primariamente a cabeça física, mas também pode haver aí uma referência a Cristo (v. **3**). Quanto a *profetiza*, ver o comentário de **12:10**.

5. Paulo argumentou que na ordem da criação há um sentido em que a mulher é subordinada ao homem. Isto deve ser reconhecido no culto. A mulher deve usar alguma coisa sobre a cabeça. Pois, orar ela, ou profetizar, sem tal cobertura significa que *desonra a sua própria cabeça*. Paulo emprega linguagem forte. Ele afirma que é tão ruim para ela, orar desse modo, como se estivesse de cabeça *rapada*. A desonra é a mesma.

6. O ponto é posto às claras. Se uma mulher não cobrir a sua cabeça, então que mande tosar os seus cabelos. Se ela considera *vergonhoso* ter os cabelos tosados, que entenda que é igualmente vergonhoso ter descoberta a cabeça. Assim Paulo insiste em seu ponto nos termos mais fortes.

---

1 JTS, outubro de 1954, págs. 211-215.

2 C. S. Lewis tem algumas observações pertinentes sobre este assunto em *Mere Christianity*, Londres, 1955, págs. 99, 100.

7. A razão por que o homem não deve cobrir a cabeça é que ele é *imagem e glória de Deus*. A referência é a Gn 1:26, 27, onde, no relato da criação, se diz que Deus fez o homem à Sua imagem. Não há distinção entre os sexos no texto, mas Paulo o entende particularmente com relação ao sexo masculino. *Glória* não se menciona no relato de Gênesis. É como Paulo entende o caso. Se o homem é o ponto culminante da criação, ele exibe a glória de Deus como nenhuma outra coisa o faz. Por causa desta alta dignidade, Paulo acha certo que não haja sinal de subordinação quanto ao homem quando ele presta culto. A mulher tem o lugar que lhe é próprio, mas não é o lugar do homem. Ela se mantém para com o homem em tal relação como nenhuma outra coisa, e assim ela é chamada *glória do homem*. Esta expressão ao mesmo tempo lhe assegura um alto lugar no esquema das coisas e afiança que não se trata do lugar do homem.

8, 9. Quando Paulo diz, "o homem não é da mulher" (AV), quer dizer que o homem não obteve sua origem da mulher (*ek*, "de", indica a origem; cf. a ARA, *o homem não foi feito da mulher*). *E, sim, a mulher do homem* refere-se a Gn 2:21 ss., onde lemos que Eva foi feita de uma costela tirada do lado de Adão. É a mesma narrativa que fornece o cenário de fundo para *também o homem não foi criado por causa da mulher* etc., pois disse Deus: "Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2:18). Nem em sua origem, nem no propósito para o qual ela foi criada, pode a mulher reivindicar prioridade, ou mesmo igualdade.

10. O primeiro ponto importante da dificuldade deste versículo é a referência a "poder sobre a sua cabeça" (AV). A palavra "poder" é *exousia*, que significa "autoridade". A dificuldade é que o contexto parece exigir um sentido como "um símbolo de sujeição" (Moffatt), ao passo que a palavra grega parece antes significar "um sinal da sua autoridade" (cf. a ARA, *comó sinal de autoridade*). Na verdade, Ramsay despeja escárnio sobre a idéia de que o termo pode indicar a sujeição da mulher (a qual, não obstante, é substancialmente a idéia dada pela maioria dos tradutores). Diz ele que é "uma idéia absurda da qual um erudito grego riria em qualquer parte, menos no N. T.". Ele dá esta explicação: "Nas terras orientais o véu é o poder, a honra e a dignidade da mulher. Com o véu na cabeça, ela pode ir a qualquer lugar com segurança e profundo respeito. Ela não é vista; é sinal de péssimos modos ficar observando na rua uma mulher velada. Ela está só. As demais pessoas à sua volta lhe são inexistentes, como ela o é para elas. Ela é suprema na multidão... Mas, sem o véu, a mulher é algo nulo, que qualquer um pode insultar... A autoridade e a dignidade de uma mulher se esvaem juntamente com o véu que tudo cobre, quando

ela se descarta dele" (citado em Robertson e Plummer). O sentido dado por Paulo, então, é que, ao cobrir a sua cabeça, a mulher assegura o seu próprio lugar de dignidade e autoridade. Ao mesmo tempo, ela reconhece a sua subordinação.

A segunda dificuldade é a expressão, *por causa dos anjos*. A probabilidade é que Paulo quer dizer que os anjos bons estão sempre conosco, e especialmente no culto. Não é apenas uma questão do que os homens e mulheres vêem e pensam. Os anjos observarão o que a mulher faz. Ela não deve estar indecente na presença deles.[1] Esta é a coisa mais apropriada, em que os anjos servem aos homens (Hb 1:14) e contudo não se rebelam. Os observadores celestiais podem ser imaginados também como agentes de Deus para dar castigo e coisas semelhantes (cf. Moffatt, os *anjos* "são mais que uma perífrase quanto ao Ser divino; eles são o executivo divino"). Alguns acham que o sentido é que os anjos maus cobiçarão as mulheres que estejam sem véu, no espírito de Gn 6:2. Isto parece improvável. Os *anjos*, sem qualificação, não devem ser entendidos como espíritos maus. Além disso, não parece haver razão por que tais anjos devam ser tentados somente durante o culto.

11. O que Paulo vem dizendo poderia ser facilmente entendido como uma indevida subordinação das mulheres. Isso está longe do seu pensamento. Há uma parceria entre os sexos e, *no Senhor*, nenhum deles existe sem o outro. O homem não deve jactar-se do seu lugar.

12. Antes Paulo defendera o ponto de que a mulher tomara sua origem do homem. Agora o suplementa expondo que "o homem também é pela (*dia*) mulher" (AV). Naturalmente, a referência não é mais ao relato de Gênesis, mas aos processos comuns de nascimento (cf. a ARA, *o homem é nascido da mulher*). O acréscimo, *e tudo vem de Deus*, é um típico lembrete paulino da prioridade do divino. *De* é *ek* uma vez mais, de modo que ficamos com a idéia de que a fonte de todas as coisas, é Deus. Não se deve pensar no homem e na mulher como seres independentes. As inferências quanto à conduta são claras.

13. Paulo faz um apelo para a própria compreensão dos coríntios. *Vós mesmos* é enfático, tanto por sua posição como porque *autois* é acrescentado a *humin*. Eles podem ver por si mesmos. Não pre-

1 J. A. Fitzmyer chama a atenção para passagens dos Rolos do Mar Morto em que os homens com quaisquer defeitos (aleijados, doentes, etc.) são excluídos de exército ou da assembléia, por causa da presença dos anjos (*New Testament Studies*, vol. IV, pág. 48-58). Nenhuma indecência deve aparecer diante deles.

cisam depender da direção de Paulo. *É próprio, prepon*, é um apelo dirigido à conveniência das coisas.

14, 15. *Cabelo comprido*, arrazoa o apóstolo, é uma "vergonha" (AV) para o homem (ARA: é *desonroso*). Esta situação não fora universal. Alguns entre os antigos gregos, notadamente os espartanos, e alguns filósofos, tinham tido cabelo comprido. Mas, falando em termos gerais, o que Paulo diz valia para a humanidade. As exceções eram locais e temporárias. Certamente se usava na Corinto do primeiro século, e nos lugares conhecidos pelos homens que viviam lá, ou senão, Paulo jamais teria firmado desse modo o seu apelo. Em contraste, cabelo comprido é *uma glória* para a mulher. O comprimento preciso não é especificado, e não é importante. O cabelo da mulher é mais longo do que o do homem, e o é distintamente. Este fato mostra que a natureza dá em símbolo a necessidade de uma mulher manter coberta a cabeça em ocasiões apropriadas. Na verdade, *o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha.*

16. Mas Paulo não tem a intenção de discutir a matéria com alguém que é dado a batalhas de palavras (*contencioso, philoneikos*, é alguém que gosta de briga). Pessoas assim são capazes de prolongar indefinidamente uma argumentação. Em face dessa atitude, Paulo faz menção de um costume universal. *Nós não temos tal costume*, isto é, o de as mulheres orarem e profetizarem com a cabeça descoberta. Exatamente a quem se refere com *nós* não está claro, mas o acréscimo, *nem as igrejas de Deus*, mostra que aquilo que ele acabou de delinear é o hábito geral das igrejas cristãs.

Por trás de tudo que Paulo diz nesta seção está o princípio de que o cristão sempre deve agir de maneira decente (cf. **14:40**, "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem"). A aplicação deste princípio à situação de Corinto resulta na instrução de que as mulheres devem ter coberta a cabeça quando elas prestam culto. O princípio é de validade permanente, mas podemos ver bem que a sua aplicação ao cenário contemporâneo não dá o mesmo resultado. Em outras palavras, à luz de costumes sociais inteiramente diversos, podemos muito bem afirmar que a mais completa aceitação do princípio subjacente a este capítulo não requer que nas terras ocidentais, no século vinte, as mulheres sempre devam usar chapéu* quando oram. "Temos que lembrar que quando Paulo falou acerca das mulheres nos termos em que o fez nas cartas aos coríntios, ele estava escrevendo à cidade mais licenciosa do mundo antigo, e que num lugar assim a modéstia tinha que ser obser-

* Moda nas igrejas em vários países. Nota do Tradutor.

vada e mais que observada; e que é de todo injunto arrancar um regulamento local das circunstâncias em que ele foi dado, e fazer dele um princípio universal."[1]

b. A ceia do Senhor (11:17-34)

i. *As ofensas* **(11:17-22).** Acostumados como estamos a ter o ofício da Santa Comunhão como o mais solene e digno dos ofícios litúrgicos, esta passagem traz algo de surpresa. É patente que o ofício está longe de ser edificante ou sequer digno, na Corinto do primeiro século. A passagem é importante em que lança luz sobre o modo como se dirigia o ofício, e em que nos dá ensino importante sobre a teologia da Santa Comunhão.

17. "Nisto que vos declaro" (AV) significa antes, "Ordenando-vos isto" (cf. a ARA, *Nisto, porém, que vos prescrevo*). O vèrbo, *parangellō*, é o que fala de um encargo autorizado. A situação é séria, e Paulo não está simplesmente oferecendo uns poucos comentários acadêmicos. Ordena que se corrija a prática. Ao introduzir a seção anterior, ele pudera elogiar os coríntios pela maneira como eles guardavam "as tradições". Quando passa a tratar do serviço da Comunhão, vê que não pode louvá-los. Expressa a máxima condenação de todas as vezes que se reúnem para o culto: *porque vos ajuntais, não para melhor; e, sim, para pior.* Em vez de a Comunhão ser um ato eminentemente edificante, estava tendo um efeito dilacerante.

18. Paulo começa com *antes de tudo*, mas, como aqui não há um "em seguida" para corresponder àquela expressão, provavelmente este é um meio de acentuar a importância daquilo que ele tem para dizer. No grego não há artigo junto de *igreja*, de modo que a expressão é antes "em igreja". Mas, mesmo aí, na assembléia realizada para o culto, Paulo ouve falar de *divisões*. A palavra é *schismata*, que empregara em **1:10**, acerca das dissensões que tinham cindido a igreja em facções. Estas se intrometeram na mais santa das práticas de culto. *Eu em parte o creio* é um sinal de que Paulo não era crédulo. Não aceitava todas as histórias que ouvia. Nesta ocasião, ele reconhecia que havia algum exagero no relato que lhe chegara, mas reconhecia também uma desagradável parcela de verdade.

19. Filosoficamente aceita a inevitabilidade de "heresias" (AV), *haireseis*. Esta palavra vem de uma raiz que salienta a idéia de escolha.

1 W. Barclay, *Letters to the Seven Churches*, Londres, 1957, pág. 75.

Vem a significar a escolha de um grupo de opiniões e, daí, os que fizeram uma escolha parecida. A princípio não há necessariamente nenhum sentido pejorativo ligado a ela. É empregada com relação aos saduceus (At 5:17), aos fariseus (At 15:5) e aos cristãos (At 24:5, 14). Mas pode ser uma das "obras da carne" (Gl 5:20), e é este o seu sentido aqui. É o mesmo tipo de coisa que as "divisões" do versículo **18**. É só quando os que escolhem de maneira obstinada aparecem, que *os aprovados* se tornam *conhecidos*. A idéia de *aprovados, dokimoi*, é a de ter alguém resistido à prova. Obviamente, se tais pessoas aparecerem, o teste será necessário.

20. O adjetivo *kuriakon*, traduzido por *do Senhor*, acha-se no Novo Testamento somente aqui e em Ap 1:10. Salienta a relação com o Senhor. As desordens em Corinto são tão graves que, quando a igreja se reúne para o sacramento, não é a ceia *do Senhor* que elà come. As desordens lhe deram um caráter diferente. Não é mais *do Senhor*.

21. Este versículo revela que em Corinto a Santa Comunhão não era uma refeição simbólica apenas, como o é conosco, mas uma refeição de verdade. Além disso, parece claro que era uma refeição à qual cada um dos participantes levava comida. Refeições comuns desse tipo, em que os ricos compartilham com os pobres, às vezes ocorriam nas religiões pagãs, onde eram chamadas *eranoi*. Por algum tempo, houve na igreja primitiva, em associação com a Santa Comunhão, uma refeição denominada *agapē*, ou "festa de amor" (2 Pe 2:13; Jd 12; ver a RV). Mas, em Corinto, o que se fazia era um arremedo do amor. Os coríntios não chegavam sequer aos padrões dos pagãos. Cada qual colocava diante de si as suas provisões, e se punha a comê-las. Na verdade, comia "antes" (AV) do seu vizinho, o que dá descrição de uma contenda indigna, ou talvez de alguns que, tendo levado comida, começavam impacientemente a comer antes da chegada de outros (muitas vezes os escravos não podiam chegar cedo). O desenlace era que alguns, que eram pobres, iam-se com fome, e outros, que eram ricos, bebiam demais. Há um agudo contraste entre os pobres com fome (a quel faltava o alimento necessário), e os ricos embriagados. Não havia a intenção, ao se programar a refeição, de fazê-la comum, com real co-participação. Vemos que as divisões do versículo **18** eram baseadas na situação financeira e na posição social.

22. Uma típica série de perguntas retóricas malha o erro dessa prática. A casa da gente é o lugar onde se há de satisfazer a fome e a sede. Comportar-se como os coríntios é desprezar *a igreja*, essa *igreja* cuja dignidade é exposta com o acréscimo da expressão *de Deus*. É envergonhar os pobres. Não há lugar para louvor nenhum.

ii. *Uma rememoração da instituição* (**11:23-26**). É praticamente certo que esta epístola foi escrita antes de qualquer dos evangelhos, o que significa que este é o mais antigo relato que temos da instituição da Santa Comunhão. Na verdade, é o mais antigo relato de quaisquer palavras de nosso Senhor. É um dos bem poucos incidentes da vida terrena de nosso Senhor que Paulo descreve pormenorizadamente. Há alguns traços deste relato que não encontramos em nenhum outro lugar; por exemplo, a ordem para continuar a ministração do ofício "até que ele venha" (v. **26**). Outros pontos são indicados nas notas.

23. Os verbos *recebi* e *entreguei* (*paralambanō* e *paradidōmi*) são quase termos técnicos para os atos de receber e passar adiante as tradições cristãs (cf. o v. 2). Isto, considerado com a probabilidade geral, leva a maioria dos comentadores a achar que Paulo não deve ser tomado como querendo dizer que tivera uma revelação especial do Senhor sobre esta matéria. Contra isso está o enfático *eu, egō*, que no grego inicia este versículo. Não parece haver razão pela qual Paulo deva dizer "eu recebi do Senhor", se quer dizer, "eu recebi doutros homens uma tradição que em última análise procede do Senhor". Existem várias referências a revelações feitas diretamente a Paulo (At 18:9, 10; 22:18; 23:11; 27:23-25; Gl 1:12; 2:2; 2 Co 12:7). Parece que este é outro caso desses. O emprego de *apo* em vez de *para* com referência a "de" (*do Senhor*) não indica necessariamente uma informação indireta (embora fosse coerente com isso), pois ela se refere a comunicação direta em Cl 1:7; 3:24; 1 Jo 1:5. A noite em que foi instituído o sacramento é mencionada, *na noite em que foi traído* (melhor, "em que estava sendo traído"). Paulo revela o caráter pungente da instituição dessa festa de amor que haveria de trazer tanta força e tanto consolo para os cristãos, na mesma hora em que a malignidade humana estava empenhada em entregar o Salvador a Seus inimigos.

24. Um ponto de menor importância, mas interessante, é que Mateus e Marcos utilizam o verbo "abençoar" quanto ao pão, enquanto Lucas emprega o mesmo verbo que Paulo usa. Todos os três usam "dar graças" quanto ao vinho. Não há diferença importante entre estas expressões, pois a oração em ação de graças teria começado "Bendito és Tu, ó Senhor" (ver a nota sobre **10:16**). Provavelmente devemos omitir as palavras, "Tomai, comei" (AV). Não constam dos melhores MSS (assim na ARA), e são a espécie de acréscimo de harmonização que os escribas fariam naturalmente. Jesus partiu o pão, e disse, *Isto é o meu corpo* (Moffatt, "Isto significa o meu corpo"). Estas palavras têm sido usadas como texto-prova para doutrinas como a da transubstanciação e a da consubstanciação com a sua realista identificação do pão com o corpo de Cristo. Todavia, *é* pode indicar várias

espécies de identificação, como vemos do seu emprego em passagens como Jo 8:12; 10:9; 1 Co 10:4, para não citar outras mais. Além disso, no versículo seguinte o cálice não é "o meu sangue", mas, "a nova aliança no meu sangue". As palavras não provam tudo que os advogados dessas teorias desejariam. Por outro lado, não devem ser diminuídas a ponto de dar-nos um conceito "zwingliano", de que o ofício da Ceia não é nada mais que uma ocasião em que pensamos em Cristo. Há uma dádiva muito real do Salvador no sacramento, não menos real por ser essencialmente espiritual. "O sacramento é um meio de comunhão com o corpo e o sangue de Cristo, e um meio pelo qual a fé se apropria das bênçãos que fluem de Cristo glorificado, em virtude de Sua morte" (Edwards).

As palavras seguintes são, "que é por vós". Os MSS de que depende a AV inserem "partido", outros, "dado" (ARA) ou "ferido". O relato de Paulo deixa de dar a palavra. A ênfase é à obra vicária de Cristo. O que aconteceu com o corpo foi *por* nós. Houve propósito em Seu sofrimento, e esse propósito estava dirigido para o Seu povo. *Fazei isto* é presente contínuo: "Continuai fazendo isto". Isto é importante, pois há alguma dúvida textual sobre Lc 22:19. Se se julgar que a última parte desse versículo não faz parte do verdadeiro texto, este é o único registro do mandamento para dar continuidade à Comunhão, conquanto não devamos passar por alto a significação da prática regular da igreja desde os seus primeiros tempos (At 2:42). *Memória* é *anamnēsis*, que significa a atividade de chamar à memória. Partindo e recebendo o pão, evocamos os sofrimentos de Cristo por nós. *De mim* é enfático (*emēn*, não *mou*). Salienta a natureza Cristocêntrica do ofício.

25. Não há o verbo *tomou* no grego, apesar de que este talvez dê o sentido dele. A linguagem é tersa e vívida. A impressão deixada é a de que o pão foi partido e partilhado durante o transcurso da refeição, e o cálice foi tomado no fim. A palavra *diathēkē*, "testamento" (AV), apresenta alguns problemas, demasiado complexos para serem discutidos aqui.[1] Sucintamente, *diathēkē* é palavra grega usual para "última vontade e testamento" (daí, a AV). Este é praticamente o único sentido que ela tem em geral nos escritos gregos, e isso ocorre com muita freqüência. Mas no Velho Testamento grego a palavra é empregada regularmente para traduzir o termo hebraico para "aliança" (277 vezes). A questão, no Novo Testamento, é, "Deve-se entender *diathēkē* como empregado geralmente no grego, ou como no Velho

1 A palavra é discutida no capítulo II da minha obra, *The Apostolic Preaching of the Cross* (Londres, 1955).

Testamento grego?" Provavelmente a resposta difere de passagem a passagem. Aqui o sentido será "aliança" (como na ARA). Jesus está-se referindo à "nova aliança" profetizada em Jr 31:31 ss. A idéia de aliança domina o Velho Testamento. O povo entrou numa aliança com o Senhor (como vem narrado em Êx 24), e daí em diante era o povo de Deus. A profecia de Jeremias mostra que isto não era permanente, mas que, no devido tempo, a velha aliança seria substituída por uma nova, baseada no perdão de pecados, e com a lei de Deus escrita no coração das pessoas. Jesus está dizendo, pois, que o derramamento do Seu sangue é o meio de estabelecer a nova aliança. Propicia perdão de pecados, e abre o caminho para a atividade do Espírito Santo no coração do crente. Todo o sistema judaico é substituído pelo cristão, e tudo se centraliza na morte do Senhor, que estabelece a nova aliança. *Meu* é o enfático *emos*. O lugar do Senhor é absolutamente central.

26. Apresenta-se a importância de obedecer à ordem de Cristo para continuar a observância da festa. A palavra importante aqui é a traduzida por "mostrais" (AV; *katangellō*). Este às vezes tem sido usado como texto-prova para posições como a que vem expressa no hino de W. Bright:

> "Aqui presentes, nós expomos ante Ti
> a única Oferenda a Teus olhos perfeita,
> o único vero, puro, imortal Sacrifício."

Isto, contudo, é completamente antiblíbico. Na Comunhão recebemos a Cristo. Não O apresentamos nem Seu sacrifício ao Pai. Apresentamos, e podemos apresentar, somente a nós próprios. *Katangellō* significa "anunciar" (assim na ARA), "proclamar". No Novo Testamento é empregado mormente com referência à pregação do Evangelho. Sempre denota uma atividade exercida para com os homens, e nunca uma atividade exercida para com Deus. Assim, aqui significa que a solene observância do ofício da Santa Comunhão é uma vivida proclamação da morte do Senhor. Em palavra e em símbolo a morte de Cristo pelos homens é exposta diante deles. "A eucaristia é um sermão *dramatizado*, uma proclamação *dramatizada* da morte que ela comemora" (Robertson e Plummer). *Até que ele venha* lembra-nos o aspecto escatológico da Santa Comunhão. Olha prospectivamente para o dia em que o Senhor voltará. Não será necessária na nova ordem que surgirá então. Mas até esse dia, ela nos manterá atentos, não só quanto à primeira vinda do Senhor, quando Ele sofreu por nossos pecados, mas também quanto ao Seu segundo advento, quando Ele virá para levar-nos para Si.

iii. *O resultado prático* **(11:27-34)**. Paulo agora se põe a falar da maneira pela qual o ofício deve ser dirigido. A exposição que acabou de fazer do sentido do serviço da Ceia levanta a questão da esfera das minúcias litúrgicas. É a observância de um rito extremamente solene, instituído pessoalmente pelo Senhor, e prenhe de significação profunda e sagrada. Como tal, deve ser observado com indefectível reverência.

27. *Por isso, hōste*, salienta conseqüência. É por causa da significação esboçada há pouco que os homens devem observar com o devido cuidado o serviço litúrgico. Há um sentido em que todos têm que participar *indignamente*, pois ninguém jamais pode ser digno da bondade de Cristo para conosco. Mas noutro sentido podemos vir dignamente, isto é, com fé, e com a devida realização de tudo que é pertinente a tão solene rito. Negligenciar nisto é vir *indignamente* no sentido aqui censurado. O homem que age assim é *réu do corpo e do sangue do Senhor*. A grandeza da dávida oferecida é a medida da grandeza da sua culpa.

28. *Examine-se* é *dokimazetō*, "testar", "provar". Muitas vezes é empregado quanto à prova de metais. Paulo quer dizer que ninguém deve entender a Santa Comunhão como uma coisa natural, como qualquer outro serviço litúrgico. É um rito solene, instituído pessoalmente pelo Senhor, carregado de profunda significação. Antes de tomarmos parte em tal serviço, o mínimo que podemos fazer é um rigoroso auto-exame. Deixar de fazê-lo resultará em comungar "indignamente" (v. 27). De passagem notamos que a referência a *pão* no momento em que se recebe o elemento (e não "o corpo do Senhor") não concorda com teorias como a da transubstanciação. O pão continua pão.

29. "Indignamente" (AV) parece não fazer parte do verdadeiro texto, e o sentido é o da RV. "Maldição" ou "danação" (AV) é tradução forte demais de *krima*, que significa antes "condenação". Paulo não quer dizer que a pessoa que comunga erroneamente incorre na pena eterna, mas cai sob a medida de condenação apropriada a seu ato. *Sem discernir o corpo* (a AV acrescenta, "do Senhor") é difícil. O verbo *diakrinō* significa "distinguir", e assim, "discernir", "separar". Aqui significará distinguir a ceia do Senhor de outras refeições, isto é, não considerá-la como qualquer outra refeição. O verdadeiro texto diz "o corpo" (como na ARA), não "o corpo do Senhor", embora, naturalmente, não haja diferença no sentido. Alguns acham que o *corpo* é a igreja, como em **12:13**; Cl **1:18**. Mas não parece haver razão real para pensar que o termo significa coisa diferente daquilo

que ele significa no versículo **27**. Ao mesmo tempo há marcante ênfase nesta passagem toda à natureza corporativa do rito, e à responsabilidade de cada um por todos.

30. Males espirituais podem ter resultados físicos. Paulo informa seus amigos de que a razão da má saúde e mesmo da morte de alguns deles tem atrás de si uma atitude errada para com este ofício sumamente solene. Alguns vêem aí uma referência aos resultados da bebida excessiva (v. **21**). Mas o que Paulo quer dizer é, provavelmente, não algo que deveríamos chamar de resultados "naturais" do excesso, mas a mão punidora do Senhor (v. **32**).

31, 32. Os coríntios evidentemente achavam que havia pouca coisa errada com eles. Mas Paulo expõe o valor do correto e sistemático julgamento de nós mesmos. Devemos desenvolver a prática (esta é a força do tempo imperfeito) de "distinguir-nos a nós mesmos" (assim, melhor do que "julgar-nos a nós mesmos"), isto é, distinguir entre o que somos e o que devíamos ser (o verbo é *diakrinō*, como no v. **29**). Barclay o verte, "se nós discerníssemos verdadeiramente a que somos semelhantes". Então não devemos achar-nos *julgados*, isto é, objetos da espécie de julgamento de que Paulo falou no versículo anterior. "Somos castigados pelo Senhor" (AV; ARA: *disciplinados*) significa que essas desgraças não são males incógnitos, mas sinais do amor de Deus. São enviados para fazer-nos voltar do caminho errado, para que não participemos da condenação do *mundo*.

33, 34. Decorrente dessa discussão (*hōste, assim*), Paulo conclui a matéria. Concita-os a esperar *uns pelos outros* quando se reúnem para comer. Vale dizer que ele quer que à desastrosa contenda do versículo **21** cesse. Na verdade, o propósito da ceia do Senhor não é saciar a fome física, de modo nenhum. Se alguém está com fome, *coma em casa*. Assim Paulo insta com eles, que evitem a condenação. Estas são as coisas urgentes. Transparece que ele sabia que existiam outras questões concernentes à ministração do sacramento, questões que não eram tão urgentes. Estas podiam esperar até à ocasião em que ele fosse a Corinto. Incidentalmente, *quando* é o indefinido *hōs an*. Ele não sabia quando seria.

c. Dons espirituais (12:1-14:40)

Era universalmente aceito na antigüidade que algumas pessoas, que mantinham especial contacto com a divindade, possuíam dotes espirituais especiais. Normalmente se entendia isso em termos de tran-

ses, linguajar extático, e coisas semelhantes. Do dia de Pentecoste em diante, havia alguns dentro da igreja cristã que manifestavam dons espirituais. Conquanto o Espírito Santo fosse dado a todos os crentes (Rm 8:9, 14), todavia, Ele veio a alguns de maneira especial, de modo que faziam coisas incomuns, como falar numa lingua que eles não entendiam. Para muitos crentes primitivos, esse tipo de coisas era preeminentemente a nobre e saliente marca do homem "espiritual". Em comparação, a prática das virtudes cristãs parecia séria e descolorida. A discussão que Paulo faz deste assunto é de marcar época. Começa mostrando que o que é importante é o senhorio de Cristo. Todos os dons espirituais devem ser trazidos a esta pedra de toque. Se o seu exercício é adverso a Cristo, eles não são de Deus. Depois insiste em que há muitos dons do Espírito, e que todos são necessários. Enumera alguns deles, mas então parte para o "caminho sobremodo excelente", o caminho do amor cristão. O uso de dons espetaculares tem o seu lugar. Paulo não o nega. Mas insiste em que o importante é a manifestação de qualidades éticas, especialmente o amor, que a presença do Espírito no coração do crente torna possíveis (cf. Gl 5:22 ss.). Depois Paulo passa a relacionar o exercício dos dons espetaculares com a direção do culto público, e insiste em que tudo deve ser feito de maneira ordeira. É evidente que ele não atribui aos dons "espirituais" assim chamados o lugar de eminência aceito pela opinião popular.

i. *A variedade dos dons* (**12:1-11**). *A respeito* é a expressão empregada em **7:1**, **8:1**, ao introduzir assuntos mencionados na carta dos coríntios a Paulo. Aqui está outro tópico sobre o qual tinham pedido orientação. Se se deve acrescentar *dons* a *espirituais* (como na AV e na ARA) é incerto. A palavra *pneumatikōn* é de gênero indeterminado. Poderia por conseguinte, denotar "homens espirituais" ou "coisas espirituais", isto é, os "dons" espirituais, e isto é provável, embora devamos anotar que o contexto imediato está repleto de referências a pessoas. Contudo, não há muita diferença, pois, tanto Paulo como os coríntios estão pensando em homens que exerciam os dons. A palavra *pneumatikos* não é a que normalmente se emprega para os dons espirituais, sendo *charisma* o termo comum. Note-se o afetuoso tratamento *irmãos*, introduzindo uma seção em que pode haver muita censura. Quanto à fórmula, *não quero... que sejais ignorantes*, cf. 1 Ts 4:13, e a nota dali.[1] Indica que o assunto apresentado é importante.

2. Como se acha, este versículo no grego é gramaticalmente incorreto. Sugerem-se duas possibilidades um tanto plausíveis. Uma suges-

1 *Op. cit.*, pág. 84.

tão, de Hort, é que em lugar de *hote* devemos ler *pote*, caso em que o sentido seria, "Sabeis que anteriormente éreis gentios, levados..." A outra é que devemos colocar outro "éreis" (*ēte*) com o particípio *apagomenoi*, "levados", que no grego está no fim da sentença. Isto daria o sentido, "Sabeis que, quando éreis gentios, éreis levados..." A diferença não é grande, e não importa muito qual delas adotamos. *Gentios* é empregado no sentido de "pagãos". Normalmente no Novo Testamento a palavra significa não-judeus, mas às vezes se refere a todos os que não são cristãos (ex., 1 Ts 4:5), e este é o caso aqui. A característica destes *gentios* é que se deixam levar aos ídolos. O verbo é empregado muitas vezes com o sentido de levar embora um prisioneiro ou uma pessoa condenada (ex., Mc 14:44; 15:16). Os pagãos são retratados, não como homens que seguem livremente os deuses plenamente aprovados por seu intelecto, mas como homens pressionados, como desamparados, como homens que não conhecem nada melhor. Há algo de patético quanto à adoração de ídolos. *Ídolos mudos* caracteriza as suas divindades como totalmente incapazes de responder aos que os invocavam. Elas não podiam dar nenhuma revelação. Não podiam tornar coisa nenhuma conhecida a seus adoradores. "Mesmo quando éreis guiados" (AV) é provavelmente, "como éreis guiados sempre que havia ocasião" (Edwards). A construção é incomum. (Diz Moulton que este é um dos únicos três lugares do Novo Testamento em que o velho *an* iterativo sobrevive[1]), e serve para sublinhar o aperto dos pagãos. Longe de alcançar a dignidade dos filhos de Deus, eram continuadamente levados de um lado para outro. E não importa como eram conduzidos, eram somente levados a divindades mudas.

3. Em razão deste lastro, não se podia esperar que os coríntios soubessem tudo sobre cristianismo, e mais particularmente sobre "homens espirituais". Assim Paulo firma o seu primeiro ponto, de que o homem genuinamente espiritual deve ser conhecido por suas declarações. *Anathema*, traduzido por "maldito" (AV), é uma palavra que originalmente significava "algo depositado", isto é, depositado num lugar sagrado. Daí veio a significar aquilo que é dado a uma divindade. Uma vez que o que é dado desse modo é totalmente perdido para o doador, a palavra veio a ter o sentido de, "aquilo que é destruído". Particularmente era este o caso quando a própria destruição era um ato religioso; por exemplo, quando Jericó foi totalmente destruída à ordem do Senhor. Daí o sentido se torna "maldito", e é este o sentido usual do termo nos dias do Novo Testamento. Que alguém chamara Jesus de maldito é a inferência natural destas palavras, mas como ou

1 *Prolegomena*, pág. 167.

por quê, não sabemos dizer. Noutro lugar diz Paulo que Cristo se fez "ele próprio maldição em nosso lugar" (Gl 3:13). Não está além dos limites da possibilidade que algum coríntio excitável e imperfeitamente instruído tenha torcido o pensamento num pronunciamento arrebatado. Se Paulo se refere a uma exclamação feita por um não cristão, é mais provável que um judeu, e não um gentio, tenha usado o termo *anathema*. Os coríntios talvez tenham indagado se a exaltação com que tal declaração fora feita não indicava inspiração divina. Paulo nega isso com firmeza. A expressão é uma negação do senhorio de Cristo. Afirma que Jesus é rejeitado por Deus. Não é desse modo que o Espírito dirige os homens. O Espírito leva os homens a atribuírem senhorio a Cristo. É somente *pelo Espírito Santo* que uma pessoa pode realmente falar de Cristo como Senhor. Não significa que a um descrente é impossível dizer as palavras, "Jesus é o Senhor" (AV). Obviamente ele pode dizer isso com zombaria. Mas somente sob a influência do Espírito Santo aquelas palavras podem ser ditas com plenitude de significado. Paulo quer dizer que não é um descobrimento humano, que "Jesus é o Senhor". É um descobrimento que só pode ser feito quando o Espírito age no coração da pessoa.

4. *Diaireseis*, "diversidades" (AV), é de uma raiz que expressa a idéia de divisão. O substantivo poderia, pois, significar "distribuição", "partilha" (o verbo correspondente é usado neste sentido no v. **11**), embora a maioria o tome no mesmo sentido da AV (cf. a ARA, *diversos*). *Charismatōn, dons*, é a palavra usual para uma das qualidades extraordinárias que o Espírito confere aos homens. A palavra deriva da mesma raiz que a grande palavra cristã "graça", *charis*. Basicamente salienta a gratuidade, a liberalidade do dom. Pode-se empregar num sentido geral quanto a dons de Deus aos homens (Rm 11:29), ou quanto ao "dom espiritual" que Paulo queria compartir com os romanos (Rm 1:11). Mas caracteristicamente é empregada, como aqui, com referência às operações especiais do Espírito Santo no interior dos homens. Ao que parece, os coríntios tinham usado os *dons* como um meio para fomentar a divisão. Consideravam a posse desses *dons* como questão de orgulho, e se levantavam uns contra os outros com base na posse ou não deste ou daquele dom. Paulo insiste em que esta atitude é errada. Embora reconheça que há diversidade nas qualidades conferidas pelo Espírito, contudo, *o Espírito é o mesmo*. O Espírito não luta contra Si próprio. Os dons que dá a um devem visar ao mesmo propósito divino a que visam os diferentes dons que Ele dá a outro.

5. A palavra traduzida por "diferenças" (AV) é a mesma traduzida por "diversidades" (AV) nos versículos anterior e seguinte (na

ARA a tradução é praticamente a mesma nos três versículos: "diversos", "diversidade"). "Ministrações" (AV), *diakoniōn*, expressa a idéia de serviço (cf. a ARA, *serviços*; ver a nota sobre a palavra cognata *diakonos* em **3:5**). Há diferentes modos de servir. Mas as diferenças não são importantes. *O Senhor é o mesmo. Senhor*, como empregado por Paulo, refere-se a Cristo. Esta passagem revela algo da alta posição que Paulo lhe atribui, pois é mencionado entre o Espírito Santo e Deus o Pai. Paulo não enuncia formalmente a doutrina da Trindade, mas passagens como esta são distintamente trinitárias em sua essência. A idéia de serviço poderia ser de serviço prestado a Cristo. Mas, desde que na seção anterior e na subseqüente o que se descreve é a ação do divino no interior do crente, provavelmente devemos entender este versículo como se referindo ao serviço que o Cristo imanente capacita o Seu povo a prestar, ou talvez ao serviço para o qual Ele os chama. Conquanto este serviço seja diferente de pessoa para pessoa, "é o mesmo Senhor" neles que faz a obra.

6. *Realizações* traduz *energēmatōn*. Deriva da palavra usual para "trabalho", "obra" (o verbo desta raiz é traduzido por *opera* neste mesmo versículo). Significa algo como "atividade". A idéia é a do poder de Deus em ação. As atividades divinas são múltiplas, mas é *o mesmo Deus*. Pela terceira vez Paulo expõe o ponto que defende, de que não pode haver divisão entre os homens com base nos "dons", porque é um e o mesmo Deus que outorga os "dons" em toda a sua diversidade. Desta vez ele acrescenta, *quem opera tudo em todos. Tudo* é neutro. *Todos* pode ser masculino ou neutro, "todas as coisas em todos os homens", ou, "todas as coisas em todas as coisas". Como a ênfase desta passagem recai na operação de Deus no interior dos homens, deve-se preferir a primeira proposição.

7. Não é claro se devemos entender *a manifestação do Espírito* no sentido de, "aquilo que o Espírito torna manifesto", ou, "aquilo que torna o Espírito manifesto". Num ou noutro caso, a idéia é dos dons espirituais, e do exercício dos dons espirituais como algo público e aberto, que outros além dos seus possuidores percebem. *A cada um* (assim também na VPR, melhor que na AV, "a todo homem") indica provavelmente que os dons do Espírito não se reservam para uns poucos homens proeminentes. Algum dom é dado a cada um. Estes dons não são para rivalidade e inveja, mas *visando a um fim proveitoso*. No grego a expressão é bem indefinida: "para proveito". Conquanto seja verdade que o homem que tem um dom espiritual recebe proveito por meio dele, a vantagem é mais ampla. Outras pessoas também tiram proveito. Na verdade, este é o ponto visado aí. Os dons espirituais sempre são dados para serem utilizados, e o seu uso é para a edifica-

ção de todo o corpo de crentes, não para algum possuidor individual do dom.

8. O que foi colocado resumidamente nos versículos **4-6**, expande-se agora, com a menção de vários dons que o Espírito dá. Isto leva à reiteração da verdade de que é o mesmo e único Espírito Santo que os provê todos. Os primeiros dois dons enumerados nos defrontam com um problema, pois não é fácil ver a distinção que Paulo pretende entre *a palavra da sabedoria* (*sophia*), e *a palavra do conhecimento* (*gnōsis*). *Palavra* (não há artigo no grego) significará "elocução". O Espírito dá o poder para a elocução — ou seja, para exprimir verbalmente — *sabedoria* ou *conhecimento*, conforme o caso. O primeiro termo denota a mais elevada excelência mental (ver algo mais no coment. de **1:24**). G-E expõe que Paulo associa *conhecimento* com mistérios, revelações e profecia (**13:2; 14:6**). Seus autores sugerem que ele, assim, "reveste o termo do significado de conhecimento místico sobrenatural", sentido que é comum no grego helenístico, mais especialmente entre as religiões de mistérios. Paulo pensa em toda a *sabedoria* e *conhecimento* que o cristão pode ter como procedente do Espírito.

9. A dificuldade aqui é que, enquanto a *fé* é a característica de todos os cristãos (pode-se falar deles simplesmente como "crentes"), Paulo a está limitando a certo grupo a quem ela vem como dom especial. Não há dificuldade quanto à idéia de fé, como sendo um dom; toda fé deve ser considerada como um belo dom de Deus aos homens. A dificuldade está em ver em que consiste esta fé especial em contraste com a fé comum que todos os crentes têm. Desafortunadamente, há pouca coisa para orientar-nos. Paulo prossegue, falando de coisas como cura e operação de milagres, de sorte que provavelmente pensa numa fé especial associada a operações miraculosas (cf. **13:2**, "ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes"). Não há artigo junto de *dons de curar* (nem junto de qualquer outro item desta lista). O efeito disto é fixar a atenção na qualidade do dom, e não em sua individualidade. No grego a expressão é "dons de curas", plural que talvez signifique que havia "curas" para vários tipos de indisposição e doença.

10. *Operações* traduz a palavra grega traduzida por "realizações" no versículo **6**. *Milagres* é *dunameōn,* palavra que acentua o elemento de poder nas "obras poderosas". Muitas vezes é empregada com relação aos milagres de Jesus. Só podemos conjeturar o que o termo é destinado a abranger. Como é mencionado imediatamente depois de "curas", e precedido de *a outro;* parece que não se

têm em vista curas milagrosas. Jesus mesmo fez milagres outros, que não curas, como a pacificação da tempestade e a alimentação das multidões, mas não há registro de que os Seus seguidores tenham feito coisas como essas. Devemos notar, contudo, que Mc 16:17,18 profetiza que os crentes expulsariam demônios, pegariam serpentes, e beberiam veneno sem sofrer dano. Calvino acha que se vê a espécie de coisa de que aqui se fala no ato de ferir Elimas de cegueira (At 13:11) e na morte de Ananias e Safira (At 5:1-10).

Profecia é fala inspirada. No Velho Testamento os profetas eram homens que falavam a palavra de Deus à sua geração. Hoje em dia o elemento de predição presente nas profecias deles é muitas vezes menosprezado, mas não deve ser passado por alto. Ocasionalmente, a capacidade para predizer o futuro com precisão poder-se-ia considerar como a marca do verdadeiro profeta. Todavia, a ênfase não é à predição, mas à exposição do que Deus disse. Também é esta a função dos profetas do Novo Testamento. A profecia podia ser ocasional (At 19:6), ou um ofício estabelecido (vs. **28,29**). Aqui provavelmente Paulo tem mais em mente a classe mencionada em segundo lugar, conquanto a sua expressão seja suficientemente ampla para incluir ambas. O ponto que focaliza é que o Espírito dá a alguns a capacidade de dizer palavras inspiradas, que comunicam a mensagem de Deus aos ouvintes.

Discernimento de espíritos é uma coisa que todo cristão deve praticar nalguma medida (1 Jo **4**:1). Mas devem ter havido ocasiões na igreja primitiva em que era difícil saber a origem dos espíritos, e por este versículo vemos que algumas pessoas tinham um dom especial de discernimento nesta matéria.

Línguas parece que era uma forma especial de linguagem extática, quando a pessoa que dizia as palavras não sabia o que elas significavam (a menos que tivesse também o dom de interpretação). No dia de Pentecoste mencionado em At **2**, houve incomum manifestação, quando Pedro e outros foram compreendidos por pessoas de muitos lugares que falavam muitas línguas. Alguns comentadores (Hodge, por exemplo) acham que é deste dom de falar em outras línguas que se fala aqui. Esta é uma solução atraente, mas ninguém, ao ler 1 Coríntios, pensaria que é isso que Paulo tinha em mente. O dom não faz parte do programa evangelístico da igreja, mas é exercido entre os crentes. Não é compreendido por gente que fala outras línguas, mas requer um dom especial de interpretação. Sem o dom de interpretação, o seu possuidor deve falar "consigo mesmo e com Deus" (**14:28**), que é um modo estranho de tratar uma das línguas reconhecidas do mundo. O dom de que Paulo fala não era um pelo qual os homens podiam com a maior facilidade ser entendidos pelos outros, mas era um dom com o qual eles não se entendiam nem a si mesmos. Linguajar extático em língua não conhecida, e sob a influência do Espírito, parece

que é o que Paulo quer dizer. Depois do dom de línguas, Paulo fala da *capacidade para interpretá-las.* Este era o dom pelo qual Deus tornava inteligível o que estava oculto a todos nos pronunciamentos extáticos recém-mencionados.

11. A variedade de dons é salientada com a posição enfática de *todas estas cousas.* A unidade do propósito divino vem à luz na expressão, *um só e o mesmo Espírito.* Anteriormente Paulo falara apenas "o mesmo" (vs.**4,5,6**), mas a forma mais vigorosa aqui empregada sublinha a verdade de que os dons divergentes não visam a propósitos divinos divergentes. É o único e o mesmo Deus que dá todos estes dons. A inferência é que os dons não devem ser postos uns contra os outros, com os seus possuidores aparecendo como rivais. *A cada um, individualmente* lembra-nos que Deus nos trata como indivíduos. Não distribui indiscriminadamente os Seus dons, mas atende às necessidades e capacidades de cada pessoa. A personalidade do Espírito é trazida à luz com o decisivo, *como lhe apraz* (AV: "como ele quer"). O Novo Testamento entende que o Espírito é uma pessoa, não simplesmente um poder; como "Ele", não "Isso".

ii. *Diversidade e unidade ilustradas com o corpo humano* (**12:12-31**). No versículo **12** Paulo esboça a tese que está para expor. São precisos muitos *membros* diferentes para formar um corpo humano. Os membros diferem, inevitavelmente. Mas as suas diferenças não afetam o fato de que há uma unidade fundamental. *Assim também com respeito a Cristo.* A idéia de Cristo como a Cabeça do corpo, aqui, não é explícita como o é em Ef 5:**23**; Cl 1:18; etc. Mas o pensamento favorito de Paulo, de que o cristão está "em Cristo" (quanto a esta frase, ver a nota sobre **1:30**), está na base da sua afirmação. Desde que todos os crentes estão nele, constituem um só corpo. Assim como é com o corpo, assim com Cristo. Há unidade na diversidade.

13. O batismo simboliza esta verdade. Já em **1:13**ss. Paulo apelou para o batismo em Cristo como indicando aos coríntios, à parte suas facções e rivalidades, a unidade essencial dos crentes em Cristo. A mesma idéia é colocada de forma diferente aqui. *Quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres,* todos são batizados *em um corpo.* Esta unidade transcende quaisquer distinções acaso existentes. Note-se a ênfase ao *Espírito.* "Por um só Espírito" (AV) é realmente *em um só Espírito* (como na ARA), sendo que a construção é a mesma de Mt 3:11 ("com água", "com o Espírito Santo"). Indica o Espírito como o elemento "em" que foram batizados. Os batizados foram introduzidos na esfera do Espírito. É só quando há uma atividade do Espírito, que o batismo tem sentido. Mas não se pensa no Espírito como exter-

no. A todos os cristãos lhes foi *dado beber de um só Espírito* (literalmente, segundo os melhores MSS, "foi-nos dado beber um só Espirito"). O Espírito penetrou o íntimo do seu ser. Em todos os cristãos é o mesmo Espirito que está em ação nos mais profundos recessos da sua personalidade. Às vezes o verbo é empregado com referência a irrigação, donde vem a idéia de suprimento abundante (cf. Goodspeed, literalmente, "todos fomos saturados com um só Espírito").

14. A diversidade não é um atributo acidental do corpo. É da sua própria essência. Nenhum membro deve equiparar-se ao corpo. Precisa-se de muitos membros para formar um corpo.

15,16. Evidentemente, as contendas ocorridas em Corinto haviam desanimado alguns dos menos dotados membros da igreja. Indagavam a si mesmos se tinham algum direito de pertencer a tão augusto corpo como a igreja, que incluía, como o fazia, homens que possuíam maravilhosos e espetaculares dons. Paulo anima a esses, primeiramente. *O pé* pode muito bem ter ficado desalentado por sua incapacidade para exercer as complicadas funções da *mão*. Mas isso não o deixa fora *do corpo*. Ao contrário das interrogativas da AV, a última parte dos dois versículos provavelmente deve ser tomada como afirmação, como na ARA: *nem por isso deixa de ser do corpo*. Assim como se dá com o *pé* e a *mão*, assim com o *ouvido* e com o *olho*. Embora *o ouvido* não seja *olho*, isto não o exclui do corpo. Os corpos precisam de pés como de mãos, de ouvidos como de olhos. Com agudeza Crisóstomo expõe que o pé não se contrasta com o olho, mas com a mão. Inclinamo-nos a invejar o que nos sobrepujam um pouco, e não os que pertencem a uma classe patentemente diversa.

17. Devemos omitir "um" (da AV), e ler, *se todo o corpo fosse olho*... (como na ARA). Salienta-se a necessidade de diferentes funções. Há também uma inferência de que nenhum membro do corpo pode realizar a função doutro membro. O ouvido não pode ver, mas também o olho não pode ouvir. Tanto a audição como a visão são necessárias, se é que o corpo há de funcionar normalmente. A mesma coisa com o *ouvido* e o *olfato*.

18. O todo é colocado no mais alto nível, com a lembrança de que *os membros* não estão no corpo por acaso. Deus os *dispôs* ... *colocando cada um deles no corpo*. Seu lugar e sua função derivam da designação divina, e não de qualquer coisa inferior a isso. O verbo colocar está no aoristo, e a referência é à criação. Deus fez as coisas assim. *Cada um deles* põe à mostra o ensinamento de que o cuidado de Deus não se estende somente aos mais importantes e espetaculares. Ele es-

tendeu a Sua atenção e os Seus preparativos a todos os membros do corpo. *Como lhe aprouve* é realmente "como Ele quis". Este é o modo como Deus planejou as coisas. Há finalidade em torno dos arranjos feitos.

19,20. A incongruência da exagerada reverência dos coríntios para com um ou outro membro é exposta mediante uma pergunta retórica. Não importa quão importante seja algum membro, não pode existir corpo formado só dele. "Mas agora" (AV), como são as coisas (ARA: *O certo é que*), *há muitos membros,* que, juntos formam *um só corpo.* Esta enfática reiteração do tema da unidade na diversidade conclui esta parte da discussão.

21. Nos versículos **15,16** Paulo esteve tratando dos membros mais humildes da igreja, que achavam que, por lhes faltarem dons espetaculares, poderiam ser postos fora do corpo. Agora ele olha para o outro lado da mesma situação. Evidentemente, os que póssuíam os maiores dons menosprezavam os seus irmãos menos dotados. Em sua exaltada eminência, pensavam que podiam funcionar bem, sem as insignificantes contribuições das pessoas inferiores. Mas *os olhos* não podem agir sem a *mão,* nem a *cabeça* sem os *pés.* O fato de um membro do corpo desempenhar bem sua função não significa que ele pode dispensar os serviços de outros membros que se desincumbem de outros serviços. Lembra-nos Barclay que não podemos pensar em termos de importância relativa. "Sempre que começamos a pensar em nossa importância pessoal na igreja cristã, esvai-se a possibilidade de uma obra realmente cristã."

22. Do negativo, Paulo parte para o positivo. Não só não pode nenhum membro agir sem outros membros, mas até mesmo os membros *mais fracos* são *necessários. Fracos* vem de *asthenēs,* que basicamente significa "doente". Daí vem a significar "doentio", "fraco". A palavra acentua a completa insignificância dos membros assim indicados. Todavia, mesmo assim, Paulo não fala deles como um "acréscimo" ou ainda como "um acréscimo bem-vindo". Diz ele que são *necessários.* Não podem ser dispensados, se é que havemos de ter um corpo. Robertson e Plummer comentam que na sociedade os trabalhadores mais humildes são mais necessários que os de mais altos dons. "Podemos dispensar este operário mais facilmente do que a este poeta; mas podemos dispensar todos os poetas mais facilmente do que a todos os operários."

23. É provável que Paulo tenha em mente o uso de roupas aqui. Há algumas partes do corpo consideradas menos dignas. Estas vesti-

mos de maneira mais decorosa, e lhes *damos muito maior honra* (o verbo traduzido por *damos* muitas vezes é empregado com referência a vestir pessoas, por ex., Mt 27:28). Do mesmo modo, aos nossos membros não decorosos, damos o "decoro" (AV) que por natureza lhes faltava (RSV: "as nossas partes não apresentáveis são tratadas com maior modéstia; ARA: *os que em nós não são decorosos, revestimos de especial honra*).

24. *Os nossos membros nobres* são as nossas partes apresentáveis, de boa aparência. Estes não precisam de ajuda, e, assim, não as adornamos como fazemos com as outras partes do corpo. Esta expressão provavelmente pertence à sentença anterior. Devemos pôr um ponto final depois de "necessidade" (AV; cf. a ARA, ponto final depois de *necessidade disso*). O que se segue é um aspecto ligeiramente diferente do assunto. Não é mais o que nós fazemos, mas o que Deus faz. Como no versículo **18,** Paulo expõe a idéia de que a estruturação do corpo não se dá por acaso, mas se deve à ordenação de Deus. Agora é o fato de Deus dar honra àquelas partes do corpo que naturalmente carecem dela, que Paulo expõe. "Temperou" (AV) significa fusão harmoniosa (a palavra pode ser empregada com referência ao ato de misturar cores); cf. a ARA, *coordenou.* A disposição dada por Deus aos membros no corpo elimina os conflitos e combina tudo num todo harmonioso.

25. Esta ação de Deus é dirigida à prevenção da *divisão.* O Sentido desta última palavra é "dissensão", não propriamente *divisão* ou "cisma" (AV). Paulo já usou a palavra em **1:10,** referindo-se às "dissensões" (ARA: "divisões") que produziram facções dentro da igreja coríntia. Em Sua obra de perfeita coordenação das partes do corpo humano, o plano de Deus era impedir tal dissensão. "Mas" (AV) é a forte adversativa *alla* (ARA: *pelo contrário*). Longe disso, Deus planejou que os membros *cooperem, com ... cuidado, em favor uns dos outros.* A inserção de *igual* dá proteção contra a parcialidade. No corpo todos os membros, sem distinção, trabalham pelo bem do todo. Não se prodigaliza nenhum cuidado especial a um membro em detrimento dos demais. *Merimnaō,* a palavra para *cuidado,* muitas vezes contém a noção de ansiedade. É um termo forte, e não denota emoção tépida.

26. Vê-se a unidade do corpo no sofrimento e na honra. O sofrimento de algum membro significa que todo o corpo sofre. É impossível pensar numa parte do corpo como estando em aflição, e no restante do corpo como estando em paz. A existência de um foco de problema significa que o corpo inteiro está envolvido. Igualmente, quando uma parte do corpo é honrada, o restante compartilha a alegria. Paulo

não fala de co-participação na honra, mas no regozijo (*todos se regozijam*). Sua escolha de vocábulos salienta a impossibilidade de rivalidade dentro do corpo.

27. *Vós* vem no início com ênfase. *Corpo* está sem o artigo, o que indica que a característica dos crentes coríntios é que eles pertencem ao corpo de Cristo (o emprego do artigo distinguiria este corpo de outros). O efeito disso tudo é dar forte ênfase ao fato de que eles, os coríntios, são membros de nada menos que o corpo de Cristo. Tudo que Paulo vem dizendo se refere a eles, porque são membros "em particular" (AV). Esta última expressão, *ek merous,* significa literalmente "em parte", que é como é traduzida em **13:9.** Disso resulta que apanha o sentido de *individualmente* (como na ARA). O que Paulo quer dizer é que cada um deles pertence ao corpo. Nenhum pode ter a pretensão de ser o todo, mas nenhum é excluído.

28. Algumas das diferentes partes do corpo de Cristo são enumeradas agora. Paulo insistiu em que no corpo natural Deus dispõe as partes (vs. **18,24**). É a mesma coisa com o corpo de Cristo. Não são os homens que escolhem ser *apóstolos, profetas,* etc., mas é Deus que os estabelece na igreja. Dizendo *primeiramente, em segundo lugar, em terceiro lugar,* Paulo classifica estes vários dons para a igreja em ordem de honra (cf. a lista parecida de Ef 4:11). Não podemos exagerar a ordem na lista inteira, mas é provavelmente significativo que *línguas*, a que os coríntios votavam tão alta estima, são mencionadas por último. *Apóstolos* foram originalmente escolhidos para estar com Ele, e para que Ele os enviasse para ensinar e expulsar demônios (Mc 3:14,15). Com o tempo, houve outros além dos Doze, como por exemplo, Barnabé, Tiago, e o próprio Paulo. Ao que parece, sempre foram tidos em alta estima, como guardiães do Evangelho autêntico. Quanto às suas funções como testemunhas, ver comentário de **9:1,2.** Quanto a "profecia", ver comentário do versículo **10.** Não esperaríamos que *mestres* ocupassem tão alta posição. O fato de que a ocupam, indica a importância ligada ao ensino na era apostólica. Devemos ter em mente que o custo de livros copiados à mão era tão alto, tão alto, que, conforme a avaliação de A. Q. Morton, "um só evangelho representa em papiro o salário de um ano, e um Novo Testamento o pagamento de oito anos a um operário especializado".[1] Poucos crentes podiam esperar ter uma Bíblia. A função do mestre numa igreja assim deve ter sido tremendamente importante.

1 *Penguin Science News*, Nº 43, Londres, 1957, pág. 26.

Deste ponto em diante, Paulo não fala das pessoas exercendo os dons, mas dos próprios dons. *Socorros* e *governos* nos apresentam um problema. Nem um nem outro termos ocorrem em nenhum outro lugar, no Novo Testamento. *Socorros* designa a função geral de prestar assistência aos necessitados (cf. o emprego do verbo correspontende em At 20:35). Alguns acham que isto indica uma obra geral, que todos os crentes devem realizar. Contraria isto o fato de que o termo ocorre aqui numa lista de "dons". Outros acham que se refere à obra dos diáconos, o que é possível. Mas na verdade não o sabemos. *Kubernēseis,* traduzida por *governos,* denota a atividade do timoneiro de um navio, do homem que pilota a sua nave através de perigosos baixios e a leva a salvo ao porto(uma palavra cognataé empregada em At 27:11; Ap18:17,aludindo a "mestre do navio";na segunda passagem, a ARA a traduz por "piloto"). A função é obviamente de direção, e talvez seja o trabalho dos presbíteros. Mas não temos como sabê-lo. As expressões nos lembram a soma imensa de fatos sobre a vida da igreja apostólica de que somos ignorantes. *Variedades de línguas* é a expressão traduzida por "variedade de línguas" no v. **10** (ver nota ali).

29,30. Todas as perguntas destes dois versículos são introduzidas com a partícula *mē,* indicando que se espera "Não" por resposta. A série de perguntas retóricas, bem no estilo argumentativo de Paulo, repisa no fato da diversidade. É deveras óbvio que os cristãos diferem uns dos outros nos dons que receberam de Deus. Nenhum dom pode ser desprezado com base em que todos o têm, pois todos diferem. Em suas perguntas Paulo não inclui referência a "socorros" e a "governos", que mencionou no versículo anterior. Ao contrário, inclui referência à interpretação de línguas, conquanto não a tenha mencionado antes.

31. "Cobiçai" (AV) é a nossa tradução de *zēloute,* que significa "ser zeloso por", "desejar ardentemente" (muitas vezes em mau sentido). Cf. a ARA, *procurai com zelo.* Paulo não hesitou em classificar em ordem certos dons de Deus. Indicou neste capítulo que mesmo as partes humildes do corpo são necessárias, e que todas são colocadas por Deus no corpo. Não é incoerente com isto opinar que os coríntios fazem bem em desejar os maiores dons. Todavia, existe uma coisa mais alta que os maiores destes dons, uma coisa que está ao alcance do crente mais humilde e comum. Paulo se põe a desvendar o *caminho sobremodo excelente.* Alguns entendem que Paulo quer dizer que o amor é o caminho sobremodo excelente rumo aos dons. Gramaticalmente é possível, mas a maneira como Paulo trata do amor não deixa a impressão de que este é simples meio para um fim. Deve-se procurar o amor pelo amor.

iii. *Hino louvando o amor* (13:1-13). O "caminho sobremodo excelente" de Paulo é o do amor, que ele se dedica a expor numa passagem de singular beleza e poder. Robertson e Plummer citam Harnack como falando deste capítulo como "a coisa mais grandiosa, mais vigorosa e mais profunda que Paulo jamais escreveu", e poucos se disporíam a contestar este veredicto. O capítulo não é uma digressão do argumento, como alguns pensam. Paulo não acabou de falar dos "dons", e tem muito que dizer a respeito deles no capítulo seguinte. Mas aqui seu interesse está em insistir em que a coisa central não é o exercício de qualquer dos "dons". É a prática do amor cristão. Em toda esta passagem a AR traduz a palavra *agapē* por "caridade" (também o fazem Knox e a ARC), mas "amor" é o equivalente inglês.* A AV provavelmente a deriva de Wycliffe que, por seu turno, a tomou de *caritas,* da Vulgata. Jerônimo usou esta versão porque sabia da inconveniência do termo latino *amor* como tradução do grego *agapē*. *Agapē* (quanto ao qual, ver nota sobre 1 Ts 1:3[1]) não se usava comumente antes do Novo Testamento, mas os cristãos se apossaram do termo e fizeram dele a sua palavra característica para amor. É uma palavra nova para uma nova idéia. Enquanto que o melhor conceito de amor antes do Novo Testamento era o de amor pelo melhor ser que se conhece, os cristãos pensavam no amor como aquela qualidade demonstrada na cruz. É amor pelos totalmente indignos, amor que procede de um Deus que é amor. Amor prodigalizado a outros sem que se pense se eles são dignos de recebê-lo ou não. Provém antes da natureza daquele que ama, que de qualquer mérito do ser amado. O cristão que experimentou o amor de Deus por ele, embora ainda pecador, foi transformado pela experiência. Agora, em certa medida, vê os homens como Deus os vê. Ele os vê como objetos do amor de Deus, como aqueles por quem Cristo morreu. Conseqüentemente, a sua atitude para com eles é de amor, do *agapē* que o leva a dar-se. Vem a praticar o amor que nada busca para si, mas somente o bem da pessoa amada. É o amor que Paulo desvenda.

1. *Ainda que* talvez seja muito forte para *ean* (também nos vs. 2,3), que, em vez disso, significa "se". O que se segue é proposto como possibilidade hipotética. *As línguas dos homens e dos anjos* é quase certamente uma referência ao dom de "línguas". A expressão é feita de modo tão amplamente abrangente quanto possível. Língua nenhu-

* Como o sentido de "caridade" veio a ser barateado em português, passando a equivaler a "dar esmolas" (cf. 13:3a; é possível dar muita esmola sem ter a verdadeira caridade), é boa a tradução da ARA: "amor". Nota do Tradutor.

1 *Op. cit.*, págs. 34, 35.

ma, da terra ou do céu, é comparável à prática do amor. Embora o ponto de partida de Paulo seja o linguajar extático de alguns coríntios, suas palavras são suficientemente gerais para abrangerem toda espécie de linguagem. É bastante fácil ficar fascinado por um discurso eloqüente, ficar hipnotizado pela mágica das palavras, e passar por alto aquilo que importa. O homem que se deixa levar pelo falar, antes que pelo fazer, vem a ser nada mais que mero som. Paulo escolhe o gongo e o címbalo para sua ilustração. *Bronze* refere-se primeiro ao metal, com base no cobre, e depois a algum objeto feito dele. Aqui é quase certo que o objeto é um gongo (embora alguns entendam que significa trombeta). Entre parênteses poderíamos observar que "latão" (AV) é em geral incorreto quanto a qualquer objeto proveniente da antigüidade. O termo denota propriamente uma mistura de cobre e zinco, e isto os antigos usavam, mas raramente. O termo correto é "bronze" (assim na ARA), mistura de cobre e estanho. *Que soa* poderíamos traduzir, "que ressoa", sendo que o verbo é *ēcheō* (do qual derivamos as nossas palavras "eco", "ecoar"). Knox traduz, "gongo que ecoa". Talvez haja muitíssimo barulho num gongo, mas nada mais. "Tine" (AV) ou *retine* seria melhor "bate" (*alalazon*). Descreve o ato de fazer ressoar um metal para produzir um som alto e estridente. O som de gongos e címbalos por certo era bem conhecido em Corinto, em razão do seu freqüente uso feito pelos devotos de Dionísio ou Cibele. Philips talvez tivesse esse tipo de coisa em mente com a sua incomum versão: "Se eu tivesse que falar com a combinada eloqüência de homens e anjos, eu animaria os homens como com o estrépito de trombetas ou com o estalo de címbalos, mas, se não tivesse amor, não faria nada mais." A melhor linguagem do céu ou da terra, sem amor, é apenas barulho.

2. O primeiro exemplo dado por Paulo foi tirado dos dons extáticos. O segundo representa aqueles que se preocupam com o conhecimento, como o seu terceiro exemplo deverá relacionar-se com a administração. Quanto a *profetizar*, ver o comentário de **12:10**. Paulo acabou de classificar *o dom de profetizar* em segundo lugar, somente superado pelo apostolado **(12:28)**, de modo que ele não pode ser acusado de menosprezar a sua importância. Mas a "profecia" destituída de amor deve ser condenada. Quanto a *mistérios,* ver o comentário de **2:7**. *Todos os mistérios e toda a ciência* (AV: "todo o conhecimento") indica-nos a súmula de toda a sabedoria, humana e divina. Inclui o conhecimento que os homens podem acumular por si mesmos (*gnōsis*, "conhecimento", às vezes tem sentido não diverso do de nossa "ciência"; cf. a ARA), e inclui o que só se pode atingir pela revelação. *Mistérios* são verdades que nunca os homens poderiam penetrar por si mesmos, mas que só sabem porque aprouve a Deus revelar-lhas. *Fé* é a

atitude cristã básica, mas observamos em **12:9** que o termo é empregado também com referência a um dom especial do Espírito. Aqui é evidente que o último é que se tem em vista, e é a espécie de fé que pode realizar milagres (cf. Mc 11:22,23). "Toda" (AV; ARA: *tamanha*) indica a presença desta espécie de *fé* no grau máximo. Evidentemente os coríntios achavam que os possuidores de certos dons eram pessoas extremamente importantes. Paulo intrepidamente afirma que, mesmo que eles tenham os mais altos dons, e ao máximo, mas lhes falta amor, não só são eles insignificantes, mas na verdade não são *nada*. A palavra escolhida é de causar forte impressão.

3. Do conhecimento e dos feitos poderosos, Paulo se volta para os atos de misericórdia e dedicação. *Distribua ... entre os pobres* traduz o verbo *psōmizō*. É relacionado com *psōmion,* "uma porção", empregado, por exemplo, com referência ao "pedaço de pão" ou "bocado" que Jesus molhou e deu a Judas (Jo 13:26,27). Paulo está falando de dar alguém os bens em pequenas porções, isto é, a grande número de pessoas. Edwards acha que o verbo também transmite a idéia de que "cada dádiva é entregue pelo próprio homem". O verbo está no tempo aoristo, indicando uma ação feita uma vez por todas, a ação de um homem que, num grande e amplo gesto, vende tudo que tem e o reparte. É coisa séria refletir em que alguém pode ser generoso ao ponto de cair na mendicância, e contudo ter completa falta do espírito de amor. No grego não há nada que corresponda a *entre os pobres.* A ênfase é ao doador, não aos recipientes. Entregar o *corpo para ser queimado* é uma expressão reminiscente de Dn 3:28 (LXX), onde é empregada com referência aos três jovens que entregaram os seus corpos ao fogo. É possível que Paulo tenha isto em mente, ou alguma outra alusão específica. Lightfoot pensa no indiano que se deixou queimar em Atenas, e cujo sepulcro era um cenário bem conhecido.[1] Quer Paulo tenha tal caso em mente, quer não, o sentido geral é bastante claro, Queimar-se representa a pior coisa que pode suceder ao corpo. Um homem pode ter tal senso de dedicação a um ideal elevado, que se dispõe a dar-se a uma morte penosa como esta, mas, se lhe falta amor, de nada lhe adiantará. Os homens do primeiro século comumente viam grande mérito nos atos de caridade e de sofrimento. Paulo rejeita essas idéias totalmente. O amor é o necessário. Nada pode preencher a sua falta.

4. Do negativo, Paulo se volta para o positivo. Mostrou que mesmo os mais altos dons, sem amor, não valem absolutamente nada.

1 *Colossians*, pág. 394, n. 2.

Agora ele expõe as virtudes do amor. O amor é *paciente*. O amor tem uma infinita capacidade para suportar. Não perde o domínio depressa, mas suporta pacientemente. A palavra indica paciência com pessoas, antes que paciência com as circunstâncias (como observa Barclay). Ela fala eloqüentemente do domínio do próprio amor. O outro lado disto é que o amor é *benigno*. Reage com bondade aos que o maltratam. O amor dá-se no serviço a outros. "Inveja" (AV) é um verbo ocasionalmente empregado num bom sentido (como em **12:31**, "cobiçai", AV); mais geralmente, porém, denota forte paixão de inveja ou coisa parecida. É o sentido que tem aqui, e nos faz lembrar que o amor não se aborrece com o sucesso dos outros (cf. a ARA, *não arde em ciúmes*). *Não se ufana* emprega uma palavra pitoresca, sendo que a sua raiz indica o que G-E define como "cheio de vento", "enfatuado". Quanto a *ensoberbece,* ver a nota sobre **4:6.** Há muitas maneiras de mostrar orgulho, e o amor é incompatível com todas elas. O amor se preocupa em dar-se, e não em afirmar-se.

5. *Não se conduz inconvenientemente* contém a idéia de algo que não se harmoniza com a forma devida, e assim é uma coisa vergonhosa, desonrosa, indecente. É um termo geral, com ampla gama de sentidos. O amor evita toda a gama de inconveniências. Igualmente, o amor *não procura os seus interesses.* O amor é a própria antítese do egoísmo. *Não se exaspera* fala da equanimidade do verdadeiro amor. "Não é melindroso" (Phillips), não predisposto a ofender-se. "Não pensa mal" (AV) nos afasta daquilo. O amor está sempre pronto para pensar o melhor das pessoas, e não lhes imputa o mal. "Pensa" é *logizetai* (que muitas vezes Paulo emprega no sentido de aplicar ou imputar justiça ao crente). Relaciona-se com o serviço de contabilidade, o registro de uma coisa e sua atribuição a alguém. O amor não imputa o mal. O amor não leva em conta o mal. O amor não abriga qualquer sentimento de ofensa (cf. a ARA, *não se ressente do mal*).

6. É tremendamente característico da natureza humana sentir prazer com os infortúnios dos outros. Grande parte das colunas de notícias dos nossos jornais é dada a relatar *injustiça* (AV: "iniqüidade"), quer no sentido de desgraça, quer no de más ações. É claro que isso há no homem, ao que se reporta essa espécie de apelo. Mas o amor não se parece com isso. O amor não se alegra com o mal, de nenhuma espécie. Em vez disso, a sua alegria "está na verdade" (AV). De fato se poderia traduzir, "com a verdade" (assim na ARA). É quando a verdade se regozija, que o amor se regozija. O amor participa da alegria da verdade. É sinal de que mesmo o amor não pode regozijar-se quando a verdade é negada. Há um inflexível eleménto

moral em todo o Novo Testamento, e nunca se diz nada nele para obscurecê-lo. O amor não deve ser julgado indiferente às considerações morais. Terá que ver a verdade vitoriosa, se houver de regozijar-se. Muitas vezes a verdade é considerada em estreita conexão com o âmago do cristianismo (cf. o pronunciamento de Jesus, "Eu sou ... a verdade", Jo 14:6; as palavras de Paulo, "segundo é a verdade em Jesus", Ef 4:21). Em 2 Ts 2:10,12, como neste versículo, a *verdade* é colocada em contraste com a *injustiça* (a mesma palavra grega que aqui a AV traduz por "iniqüidade"). Provavelmente devemos compreender o emprego mais amplo aqui. O amor regozija-se na verdade de Deus, na verdade do Evangelho (cf. Jo 8:56).

7. Depois de alguns ressonantes negativos, vêm alguns gloriosos positivos. O amor *tudo sofre*. O verbo *stegō* contém a idéia básica de "cobrir". Daí vem a significar, "esconder cobrindo", "desviar cobrindo", "suportar". É possível que aqui tenha o primeiro sentido. O amor apaga aquilo que em outrem é desagradável. Mas é mais provável que tenha o último sentido (como se dá em **9:12**, "suportamos tudo"). O amor não recua facilmente; agüenta. *Tudo crê* indica aquela qualidade que está sempre disposta a levar em conta as circunstâncias, e a ver nos outros o melhor (cf. Moffatt, "sempre ávido de crer no melhor"). É fácil pensar o pior, mas o amor retém a suã fé. Não implica em que o amor é enganado pelas simulações de qualquer velhaco, mas, sim, que o amor está sempre disposto a conceder o benefício da dúvida. *Tudo espera* é o olhar prospectivo. A idéia não é a de um otimismo irracional, que deixa de levar em conta a realidade. É antes a recusa a tomar o fracasso como final. Decorrente do *tudo crê,* vem a confiança que olha para a vitória final pela graça de Deus. *Tudo suporta* traz a idéia de constância. O verbo *hupomenō* denota, não uma aquiescência paciente, resignada, mas uma fortaleza ativa, positiva. É a resistência do soldado que, no grosso da batalha, não fraqueja, mas continua a atirar sem parar, vigorosamente. O amor não se deixa vencer, mas faz a sua parte, varonilmente, sejam quais forem as dificuldades.

8. Salienta-se a duração do amor. O amor *jamais acaba,* sendo que o verbo é o comumente empregado com o sentido de "cair". Vem a ser usado no sentido de "colapso", "sofrer ruína". O amor nunca sofrerá um destino assim. "As muitas águas não poderiam apagar o amor" (Ct 8:7). Contrariamente a esta duração do amor, Paulo coloca o passamento certo de dons em que os coríntios se fixavam como sua abundante reserva de provisões. As profecias *desaparecerão*. O verbo é *katargeō,* quanto ao qual, ver a nota sobre **1:28.** As *profecias*

são a apresentação daquilo que Deus diz aos homens por meio do profeta. Mas quando estivermos diante de Deus, não haverá lugar para o profeta. Então as *profecias não terão* lugar; estarão completamente sem razão de ser. As *línguas,* que tinham tão grande importância para alguns coríntios, igualmente *cessarão.* A mesma linha de raciocínio aplica-se aqui. Na real presença de Deus não haverá nem razão nem lugar para linguagem extática. *Ciência* (AV: "conhecimento"), o conhecimento penosamente adquirido das coisas terrenas, *passará,* à luz do imediato conhecimento de Deus. O verbo *passará* é *katargeō,* mais uma vez, o mesmo verbo empregado em alusão a *profecias.* A AV é um tanto confusa neste versículo, traduzindo duas diferentes palavras gregas por uma só palavra inglesa, que significa "falhar", "fracassar", "falir", e traduzindo a mesma palavra grega por duas diferentes palavras inglesas. A variação razoável na tradução é, por certo, não somente permissível, mas também necessária (cf. a ARA; é sinal de uma tradução inteiramente má verter servilmente uma dada palavra grega, qualquer que seja a sua nuança de significado, por uma só palavra equivalente do vernáculo). Mas o leitor da AV terá que ter cuidado aqui, se quiser captar o sentido preciso do que Paulo diz.

9,10. Todo conhecimento é parcial, bastante fácil de compreender. O que se quer dizer com *em parte profetizamos* não é assim tão claro. Provavelmente significa que Deus não revela tudo, de sorte que o profeta, não menos que o sábio, dá apenas um vislumbre parcial da verdade. *O que é perfeito* traduz *to teleion,* que contém a idéia do fim ou objetivo colimado. Indica o plano de Deus. Quando se chegar à consumação, tudo que é parcial *será aniquilado* (o verbo é *katargeō* de novo; ver as notas sobre o versículo anterior e sobre **1:28**).

11. O contraste entre o parcial e o completo é ilustrado com a vida do homem. É muito natural uma criança agir como criança, como Paulo o expressa com base em sua experiência pessoal. O termo *phroneō,* "entendia" (AV), denota pensamento em geral. A RV e outras (como a ARA) o tomam no sentido de "sentir", mas não parece correto. A palavra tem que ver com o intelecto, e não com as emoções. *Pensava, logizomai,* é um prolongamento da palavra anterior. Significa "levar em conta" (muitas vezes no sentido de "imputar"; ver a nota sobre o v. 5), de que tomamos a idéia geral de "resolver as coisas", "raciocinar", que é o sentido aqui. Com tudo isso Paulo contrasta as condições do homem. Como disse alguém, ele não era um Peter Pan, negando-se a crescer. Com determinação exercia as funções dos adultos. *Desistir* é *katargeō* outra vez, sendo esta a quarta ocorrência (e a quarta tradução diferente na AV) deste verbo desde o versículo **8** (ver nota ali). Paulo não quer dizer simplesmente que as coisas infan-

tis passaram com o passar do tempo. Sua escolha do verbo indica uma determinação de sua parte de que não seria dominado por atividades infantis. O tempo é o perfeito, que mostra que Paulo desistiu das coisas de menino de maneira decidida e final.

12. *Esoptron,* aqui traduzido por "vidro" (AV), significa *espelho* (como na ARA), que naqueles tempos seria de metal polido. Corinto era famosa por seus espelhos, mas poucos cristãos seriam capazes de adquirir espelho de boa qualidade. Pela natureza da situação, o reflexo não seria geralmente muito bom, o que dá sentido à afirmação de que vemos *en ainigmati, obscuramente.* O substantivo significa propriamente "charada" (dele derivamos a nossa palavra "enigma"), de sorte que a expressão significa "numa charada", isto é, "indistintamente" (cf. Weymouth, "No presente vemos as coisas como que num espelho, e ficamos perplexos"). Enquanto vivemos nossas vidas nesta terra, a nossa visão das coisas é, na melhor das hipóteses, indistinta. *Então,* diz Paulo, será *face a face.* Não define o seu *então,* mas na verdade não é preciso. Igualmente não diz com quem estaremos *face a face*; mas Cristo era tão central para o pensamento de Paulo, que não há nenhuma dúvida real sobre isso.

Assim como se dá com a visão, dá-se com o conhecimento. Todo conhecimento terreno é parcial, verdade que Paulo já firmou no versículo **9.** Anteposto a isso, ele coloca o conhecimento perfeito, quando conheceremos como somos conhecidos. O primeiro *conheço* é *ginōskō,* mas na segunda ocasião Paulo emprega o composto *epiginōskō* (empregado também quando ele diz, *sou conhecido*). Muitas vezes o uso do verbo composto não significa senão que o conhecimento de alguém é dirigido a (*epi*) um objeto particular. Mas pode conter a idéia de um conhecimento pleno e completo,[1] e parece que é esta a sua força aqui. *Sou conhecido* está no tempo aoristo, que indica a mesma direção. O conhecimento que Deus tem de Paulo não é uma coisa que vai crescendo e que se vai tornando mais e mais perfeita. Deus o conhece de ponta a ponta, e o conhecimento que Deus tem do Seu servo é completo.

13. Se se entende *agora* num sentido temporal, "agora, no presente", Paulo está contrastando a vida do aqui e agora com a de dias futuros. Contudo, isto parece improvável. Ele não está dizendo que a fé, a esperança e o amor continuam através de toda esta vida, pois isto

1 Ver Moulton, *Prolegomena,* pág. 113. Ele parafraseia assim a presente passagem: "Agora estou adquirindo conhecimento que, no máximo, é apenas parcial; então eu terei aprendido a minha lição: *conhecerei,* como Deus me conheceu em minha vida mortal."

se poderia dizer da profecia, das línguas e de tudo mais com o que ele os está contrastando. É mais provável que as palavras devam ser tomadas no sentido lógico, "agora, como as coisas estão", "agora, em conclusão". Em contraste com as coisas temporárias, Paulo coloca estas realidades eternas. O verbo *permanecem* está no singular, no grego. Se isto é significativo, Paulo está considerando os três como um, em algum sentido. Eles formam uma unidade. O acréscimo que faz de *estes três* depois de arrolá-los nominalmente, é um modo eficiente de colocá-los à parte, isolados de tudo mais. Estes são preeminentes. Nada pode ombrear com eles. Incidentalmente, muitas vezes os três são interligados no Novo Testamento, como em Rm 5:2-5; Gl 5:5-6; Cl 1:4,5; 1 Ts 1:3; 5:8; Hb 6:10-12; 1 Pe 1:21,22. Transparece que era uma prática aceita na igreja primitiva pensar nestes três juntos.

Fé é um dos temas dominantes de Paulo. Pôde escrever: "Esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus" (Gl 2:20). A fé que era central no seu viver era central em seu ensino, como até um ligeiro conhecimento das suas epístolas revelará. É um pouco surpreendente que *esperança* figure nesta curta lista.E, todavia — os homens não podem viver sem esperança. Nos primeiros séculos, o cristianismo formou o hábito de retirar pessoas das classes oprimidas, escravos, mulheres, marginais, e dar-lhes uma viva esperança. Não é lucro, mas, sim, danosa perda, que hoje em dia, tantas vezes os cristãos são pessoas cuja esperança não difere da esperança que os mundanos têm. Temos que aprender que a *esperança,* no sentido neotestamentário, é a esperança das grandes realidades que permanecem.

Pertinentemente, a última palavra deste capítulo é *agapē*. O amor ocupa a posição suprema. Não devemos forçar exageradamente a comparação de Paulo, inquirindo sobre a maneira precisa pela qual o amor sobrepuja a fé ou a esperança (conquanto possa não ser destituído de significado que no versículo 7 ele falou dos outros dois como modos da fortificação do amor). Não é intenção de Paulo classificar em ordem graduada estes três. Em face da consideração que os coríntios tinham pelo espetacular, ele está dizendo, "As coisas realmente importantes não são 'línguas' e coisas semelhantes, mas a fé, a esperança e o amor. E não existe nada maior do que o amor."

O comentador não pode terminar de escrever sobre este capítulo sem a sensação de que mãos desajeitadas tocaram uma coisa de rara beleza e santidade. O que é verdade quanto à Escritura toda, aqui é verdade em especial medida — que nenhum comentário pode ser adequado a tão grandioso tema. Contudo, nenhum comentador pode escusar-se do dever de tentar deixar claro o que estas inigualáveis palavras vieram a significar para ele. E nenhum cristão pode escusar-se do dever de tentar mostrar em sua vida o significado que estas palavras vieram a ter para ele.

iv. *Profetizar é superior a "línguas"* **(14:1-25).** Havendo tratado da variedade de dons espirituais, e da unidade essencial dos seus possuidores no corpo de Cristo, Paulo prosseguiu, mostrando que o amor é preeminente, acima de tudo mais. Agora está em condições de tratar especificamente da questão de "línguas". Esforça-se para esclarecer que o exercício deste dom é legítimo. Mas ao mesmo tempo refreia o exagerado respeito votado a ele pelos coríntios. No transcurso todo desta passagem, ele insiste com firmeza em que o dom de profecia é muito preferível àquele. "Línguas" não devem ser exercidas em público, a menos que haja intérprete. A edificação deve ser a consideração primordial. Note-se que na discussão toda Paulo se refere a falar em "uma língua" ou em "línguas". Não há nada no grego que corresponda a "desconhecida(s)" (AV), nem a *"outra(s)"* (ARA), nos versículos **2, 4, 14, 19, 27.**

1. As palavras introdutórias de Paulo resumem toda a sua posição nesta matéria. A primeira coisa é seguir o amor, como esteve acentuando em todo o capítulo anterior. *Segui, diokete,* contém a idéia de ir após com persistência; "indica uma ação que não termina nunca" (Grosheide). É direito procurar (a expressão é a mesma de **12:31** — *procurai com zelo*) *os dons espirituais.* Mas, entre estes dons, Paulo dá o primeiro lugar à profecia (quanto à qual, ver a nota sobre **12:10**). Denota algo um tanto parecido com a nossa pregação, mas não é idêntica a elá. Não é a transmissão de um sermão preparado cuidadosamente, mas a elocução de palavras diretamente inspiradas por Deus.

2. A razão da inferioridade das "línguas" é a sua initeligibilidade. O homem que exerce este dom está envolvido numa comunhão particular com Deus. *Ninguém o entende* esclarece que o dom aqui referido é diferente do de At 2, onde todos entenderam. *Em espírito* provavelmente se refere ao espírito da própria pessoa, não ao Espírito Santo. É uma atividade do *espírito* do homem, não, porém, do seu entendimento. *Mistérios,* no Novo Testamento, são as coisas que o homem nunca teria ficado sabendo, mas usualmente há também a idéia de que Deus as revelou agora (ver a nota sobre **2:7**). Aqui o elemento de segredo é o superior. Sem o dom especial de interpretação, aquilo que se fala em "línguas" é completamente incognoscível para os homens.

3. Em contraste, o profeta edifica, exorta, consola. Quanto a "edificação" (AV), ver a nota sobre o verbo cognato em **8:1.** "Exortação" (AV) comunica a noção de fortalecer, encorajar (ver comentário de 1 Ts **3:2,1** onde se discute o verbo cognato, *parakaleō. Paramu-*

---

1 *Op. cit.*, págs. *62, 63.*

thia, traduzido por "consolo" (AV), acha-se somente aqui, no Novo Testamento, mas o verbo cognato é empregado em Jo 11:19,31 com referência a consolar os enlutados. A profecia é, pois, um meio de edificar o caráter cristão, de fortalecer os homens, de dar-lhes consolo em suas aflições.

4. Paulo não nega que o dom de "línguas" tenha valor para a edificação. Mas só é edificada a pessoa que exerce o dom, ao passo que *o que profetiza* erige toda a igreja.

5. Uma vez mais Paulo salienta a importância da edificação. Ele gostaria de ver todos os coríntios falando "línguas". Coerentemente se recusa a falar depreciativamente deste dom. Mas ainda mais do que isso, ele gostaria de vê-los todos profetizando. Como vimos em vários lugares, há prova de que os coríntios exageravam a importância de falar em "línguas". O caráter espetacular da elocução extática parece ter apelado grandemente para eles. Paulo afirma rotundamente a superioridade da profecia sobre as "línguas", a não ser que o orador tenha também o dom da interpretação. O critério é simplesmente o de edificação. Se as "línguas" são interpretadas, os ouvintes são edificados, caso em que não há grande diferença da profecia. Ambos os dons são elocução inspirada, e ambos agora veiculam uma mensagem aos homens.

6. Como o faz muitas vezes, Paulo suaviza a sua admoestação com o afetuoso tratamento, *irmãos.* A construção é muito condensada, sendo uma mistura de, "Se eu for... em que vos aproveitarei?" e "Em que vos aproveitarei, se vos não falar...?" Paulo descreve a sua próxima visita a Corinto, e mostra que esta seria fútil se fosse falar somente *em... "línguas".* O seu critério ainda é edificação. A inferioridade de "línguas" é manifesta, pois este dom não "dá proveito" aos ouvintes. As coisas que lhes dão proveito são *revelação* e semelhantes. A palavra *revelação* é empregada muitas vezes no sentido amplo, sobre a revelação que Deus dá de Si aos homens. Neste capítulo parece haver um emprego mais estrito para denotar algum ponto específico que Deus poderia revelar a um dos irmãos, que poderia transmitir a outros (cf. v. **26**). Dos versículos **29-31**, *revelação* neste sentido, parece estar estreitamente relacionada com profecia. Quanto a "conhecimento" (AV), *gnōsis*, ver comentário **12:8**. *Doutrina* é *didachē*, "ensino", instrução na fé cristã.

7. O ponto que Paulo aborda é ilustrado agora com bases noutras esferas, primeiramente a da música. *Aulos, flauta*, aqui vale por todos os instrumentos de sopro, e *kithara* (de que vem "guitarra"), *cítara*,

vale por todos os instrumentos de corda. Nem a flauta nem a cítara fazem sentido, a não ser que haja uma significativa variação nos sons produzidos. Uma melodia bem tocada fala ao fundo da alma do homem. Sons discordantes sem propósito, não significam nada.

8. Assim também no dominio militar. *A trombeta* transmite as vozes de comando do chefe a homens que estão longe dele. Mas é de primordial importância que *a trombeta* seja tocada de modo que seja entendida. Se o som for *incerto*, o toque da trombeta terá falhado em seu propósito. É inútil.

9. *Vós* é enfático. O que Paulo está dizendo aplica-se aos coríntios. *Com a língua* também está numa posição enfática, que salienta a conexão da língua com a inteligibilidade. Ao contrário disso, os coríntios se tinham deleitado em ligá-la à ininteligibilidade. A fala ou é inteligível, ou não é nada mais que falar *ao ar.*

10. Há alguns pontos obscuros no grego aqui. "Pode ser" (AV) traduz *ei tuchoi*, expressão que significa, segundo G-E, "se fosse deste jeito, talvez". Seu uso com numerais é para torná-los indefinidos. Aqui provavelmente se destina a modificar *muitos tipos* (a que se segue no grego). *Vozes* provavelmente se emprega no sentido de "idiomas", de sorte que o sentido da expressão toda é, "Provavelmente já existem tantos idiomas diferentes no mundo" (Goodspeed). *Sem sentido* é *aphōnon*, "mudo". Há um jogo de palavras com *phōnōn, vozes*. Não há real diferença entre ininteligibilidade e mudez. Tudo que se visa com o idioma é que seja utilizado para comunicar sentido.

11. *Significação* é *dunamis*, "força", "poder". A fala é um efetivo instrumento de comunicação, mas a fala que não for compreendida, não terá poder nenhum. *Bárbaros*, "bárbaro" (AV), *estrangeiro* (ARA), é um exemplo de onomatopéia. Denota o homem cuja linguagem soa como "bar bar", isto é, cuja linguagem não faz sentido. Muitas vezes a palavra é empregada de modo pejorativo, em alusão aos que vivem além dos limites da civilização (justamente como se dá com o equivalente inglês — e português). Aqui a idéia primária de Paulo é a da ininteligibilidade da fala de uma pessoa dessas, mas as associações de idéias pejorativas de "bárbaro" estão também em mente. A linguagem extática, que parecia questão de tanto orgulho para os coríntios, transforma-se no meio de torná-los nada mais que "bárbaros". Isto seria pior para um grego do que para nós.

12. Outra vez Paulo tem um enfático *vós* para fazer entender a relevância daquilo que diz aos seus correspondentes. "Zelosos" (AV) é

realmente um substantivo, "zelotes". É da mesma raiz que o verbo empregado no versículo **1** e em **12:31**, "procurai com zelo" (AV: "desejai" e "cobiçai ardentemente", respectivamente). Existe esta diferença, que, ao passo que o verbo é freqüentemente usado em mau sentido, o substantivo é usado geralmente em bom sentido. *Dons espirituais* é realmente "de espíritos" (*pneumatōn*), mas, provavelmente, há pouca diferença. Esta palavra salienta um pouco mais a verdade de que os dons quanto aos quais os coríntios eram "zelotes" tinham sua origem no Espírito Santo. Paulo não censura o desejo deles, mas o toma como base para concitá-los a procurarem *progredir, para a edificação da igreja*. Precisamente mediante esta passagem, ele retorna a este pensamento. A coisa de valor para o cristão é que possa edificar outros. Embora seja seu direito desejar progredir no exercício de dons espirituais, deve procurar os dons úteis para a edificação. Os outros são relativamente sem importância.

13. O homem que tem o dom de "línguas" não deve contentar-se com o dom. Dando-se conta do seu valor limitado, deve orar pedindo o dom de interpretação, de sorte que o que ele diz seja útil para a edificação. Estas palavras mostram que não havia nada de estático acerca da posse dos dons. Era preciso que o homem que tivesse o dom de "línguas" não tomasse isto como sua condição final. Podia receber ainda outros dons, mais particularmente o de interpretação. Devia orar com este fim em vista.

14,15. Até este ponto, Paulo se concentrou no valor dos dons para os outros, e não para os que os exerciam. Agora ele demonstra que o homem que ora *em ... língua* não está fazendo uso da sua *mente* (*nous*, "mente", "intelecto"). A vida cristã é consideravelmente mais do que um exercício mental. Mas o homem cuja mente é *infrutífera* não está sendo fiel à sua vocação cristã. Esta passagem é muito importante para a sua insistência quanto ao lugar certo do intelecto. Note-se que isto é assegurado sem nenhuma diminuição do fervor espiritual. Paulo não está argumentando em prol de um intelectualismo estéril. Há lugar para o fervor tão impressionante exemplificado no uso de "línguas". Mas precisa aliar-se ao uso da mente, e estas "línguas" não o propiciam. Eis as duas atividades que Paulo seleciona para menção — a oração e o canto, funções especialmente próprias para o culto público (*cantarei* é o verbo *psallō*, que propriamente significa, "cantar com acompanhamento de um instrumento musical", mas aqui provavelmente é empregado num sentido geral). Ainda merece ênfase que estas atividades devem ser tais, que os adoradores possam envolver-se nelas integralmente, com a mente e com o espírito. Muitíssimas vezes as orações são elevadas numa espécie de jargão emocio-

nal, e os hinos são escolhidos com base em melodias atraentes, em vez de em sólida teologia.

16,17. Paulo volve a atenção para *o indouto*. Esta última palavra é *idiōtēs* (de *idios,* "o que é próprio de alguém"), e denota uma pessoa particular. MM citam exemplos do uso da palavra em alusão a leigos opostamente a sacerdotes, a cidadãos particulares opostamente a gente da vida pública, tais como os magistrados, a homens sem grau militar ("soldados rasos") opostamente a oficiais. Seria fácil entender o termo aqui, como em referência aos não cristãos, não fosse o fato de que o versículo **23** parece distinguir entre "indoutos" e "incrédulos". Alguns sustentam que a palavra denota uma pessoa ignorante ou inepta, e que aqui significa alguém sem o dom de línguas (cf. a VR, margem, "Aquele que está sem dons"). A objeção a isso é que no versículo **23** o *idiōtēs* se distingue de "toda a igreja", de modo que ele não pode ser um cristão. Nos versículos **24,25** se vêem os mesmos sinais da conversão nele e no incrédulo. G-E diz-nos que *idiōtēs* era empregado em algumas associações religiosas para designar os "não membros que podem participar dos sacrifícios". Isto pode dar-nos a pista. Paulo fala do "lugar" (AV; grego, *ton topon*) dessas pessoas, o que indica que elas tinham o seu lugar na assembléia cristã. Seriam "inquiridores", gente que não se havia comprometido com o cristianismo, mas estava interessada. Tinham deixado de ser simples estranhos, mas ainda não eram cristãos. Tais pessoas não poderiam dar o seu assentimento a uma oração de graças pronunciada numa "língua", pois não a entenderiam. *Amém* é a nossa transliteração do grego daquilo que já era uma transliteração do hebraico. *Amēn* é o particípio do verbo "confirmar", usado adverbialmente no sentido de "verdadeiramente". Era empregado como responso congregacional a orações (ex., Ne 8:**6**), e é esse o seu significado aqui. É a expressão pela qual o orador faz da oração proferida por outrem, sua própria oração. O *idiōtēs* é incapaz de fazer isso, visto que ignora o conteúdo da oração. Outros estariam na mesma condição, mas provavelmente todos tinham especial interesse pelo *idiōtēs*, o homem que poderia ser ganho. Paulo insiste em que pode não haver absolutamente nada de errado com a oração (*tu de fato dás bem as graças*), mas a ininteligibilidade resulta em não haver edificação nenhuma. E essa, como ele vem dizendo durante esta discussão toda, é a condenação das "línguas".

18,19. O que Paulo disse não se deve a "estas uvas estão verdes". Paulo mesmo exerce o dom de *línguas* mais do que todos os coríntios. Além disso, não é coisa a que vota indiferença. Dá graças a Deus por esse dom. Mas "em igreja" (não há o artigo no grego), prefere falar

cinco palavras compreensíveis, a proferir uma torrente de palavras em *língua*. "Em igreja" refere-se, naturalmente, à assembléia cristã, e não a um edifício, como poderíamos ser levados a entender a expressão em inglês (e, em geral, em português). Neste período não existiam eclesiásticos cristãos.

20. O tratamento *irmãos* é mais uma lembrança do afeto de Paulo, e também serve para abrandar o avanço do argumento, e para focalizar a atenção na afirmação seguinte. O sentido predominante do imperativo presente é, "parai de ser meninos no entendimento". "Entendimento" (AV; ARA: *juízo*) não é a mesma palavra até aqui empregada por Paulo, mas é o plural de *phrēn,* "peito", "diafragma". Os antigos localizavam o pensamento nesta parte do corpo, de sorte que a palavra veio a significar a mesma coisa que a nossa "mente". Não há realmente muita diferença entre esta palavra e *nous,* que Paulo usou até aqui. Paulo exorta os seus leitores a não mais serem infantis em seu pensar. Godet comenta. "Na verdade, é característico da criança preferir o divertido ao útil, o brilhante ao sólido. E é isso que faziam os coríntios, com o seu assinalado gosto pela glossolalia" (glossolalia — falar com línguas). *Sim* é a forte adversativa *alla.* Em contraste com o precedente, é o estado de coisas que Paulo deseja ver. *Sede crianças* é uma expressão um pouco mais forte do que a da primeira parte do versículo, "não sejais crianças... sede bebês". O ponto abordado por Paulo é que há lugar para a atitude infantil, mas é com respeito à *malícia,* não ao pensamento. "Sede homens" (AV) é *teleioi ginesthe.* Provavelmente não seria direito exagerar a força da significação de *ginesthe* como "tornai-vos" em vez de "sede" (é o mesmo verbo da primeira parte do versículo). Mas *teleioi* não é tanto "homens",mas "maduros"(cf. a ARA, *sede homens amadurecidos*).Indica aquilo que alcançou seu fim ou seu objetivo, e a palavra é empregada muitas vezes para contrastar o amadurecido com o imaturo (ver a nota sobre **2:6).**

21. A *lei* aqui é o Velho Testamento em geral, e não especificamente o Pentateuco. A criação é de Is **28:11,12.** Ali a referência é ao fato de os homens de Israel não darem ouvidos ao profeta. O julgamento deles será que serão entregues a homens de linguajar estranho (os invasores assírios). A conexão com o presente argumento não é óbvia. O que talvez Paulo queira dizer é que, como aqueles que se recusaram a ouvir o profeta tiveram como castigo ouvir linguagem que não podiam entender, assim seria nos seus dias. Os que não cressem, ouviriam "línguas", e não conseguiriam entender o seu maravilhoso significado.

22. Consideradas deste modo, *as línguas* são *um sinal* para os incrédulos. Apontam para o juízo de Deus. A profecia, em contraste, é dirigida aos crentes. Traz-lhes a verdadeira mensagem de Deus.

22. Doutro ponto de vista, as *línguas* não são úteis aos não cristãos. Paulo imagina a igreja toda reunida e falando *em ... línguas,* e descreve o efeito disso nos *indoutos ou incrédulos.* Quanto a *indoutos,* ver a nota sobre o versículo **16.** Se um homem não é cristão, quer seja um interessado no Evangelho, quer um rematado incrédulo, o efeito de uma exibição de *línguas* será somente o de convencê-lo de que os crentes são ou estão *loucos.*

24,25. O efeito da profecia é diferente. Desta vez Paulo usa o singular para o *incrédulo* e para o *indouto* (empregou o plural no versículo anterior), mas provavelmente a mundança não é significativa. O efeito da demonstração de profecia sobre uma pessoa de fora assim, é dado em termos contundentes. Devemos ter em mente que a profecia era o pronunciamento de palavras oriundas diretamente de Deus (ver a nota sobre **12:10).** A mensagem divina terá efeitos poderosos. *Elenchetai,* traduzido por *convencido,* quer dizer, "convicto". É empregado em Jó 16:8 sobre a obra do Espírito Santo ao convencer o mundo "do pecado, da justiça e do juízo". A palavra divina sobrevém ao não cristão com o poder de torná-lo convicto.* Quanto a *julgado, anakrinetai,* ver a nota sobre **2:14,15.** O efeito da palavra profética é revelar ao homem o seu estado. Todo o seu ser interior é sondado e exposto. As coisas que ele prazerosamente imaginava encerradas em seu *coração,* vê reprovadas e julgadas, e só pode atribuir isto à atividade de Deus. O exercício da profecia resulta, assim, em vir o homem a adorar a Deus, e a reconhecer a presença de Deus em Sua igreja. A contradição entre este versículo e o **22** é apenas aparente. Lá os incrédulos são os que ouviram a palavra e a rejeitaram. Para eles, as "línguas" valem por um sinal do juízo de Deus sobrevindo a eles. Aqui se pensa naqueles que nunca ouviram a palavra. Para estes, "línguas" não são mais que um sinal de loucura. Mas a profecia os conduz a Deus.

v. *O resultado prático* **(14:26-33).** Este pequeno parágrafo é muito importante, no sentido de dar-nos a visão mais íntima que temos da igreja primitiva em adoração. Podemos ver aqui alguma coisa do que os primeiros cristãos faziam reamente quando se reuniam para prestar culto a Deus, conquanto não devamos pensar que a descrição é completa.

---

* Isto é, declarada e patentemente convencido de seu pecado e culpa. Cf. a expressão forense: "réu convicto". Nota do Tradutor.

26. *Vos reunis,* isto é, vos reunis para o culto. "Cada um" (AV; *hekastos*) não deve ser forçado a indicar que cada membro da igreja reunida sempre tinha algo com que contribuir. Mas significa, sim, que se podia esperar que qualquer deles tomasse parte no serviço divino. É curioso que Paulo não fala de ninguém com "profecia", mas talvez *revelação* signifique a mesma coisa. *Salmo* para nós veio a significar um componente do livro canônico de Salmos. Mas a palavra mesma significa um cântico entoado com acompanhamento de um instrumento, e daí, mais geralmente, cântico. Aqui o sentido é que alguém terá um cântico, presumivelmente de sua própria composição, para trazer perante os adoradores (cf. o v. **15**). *Doutrina* é um bocado de ensinamentos cristãos (RSA, "uma lição"). Revelação aqui será algum ponto específico que Deus revelou ao crente, talvez alguma coisa análoga ao que Ele revela aos profetas. *Interpretação* será a interpretação de uma *língua.* Há vários ingredientes no culto. Mas a regra orientadora é, *seja tudo feito para edificação.*

27,28. Como as "línguas" apresentavam a dificuldade principal, Paulo trata desse assunto primeiro. *Dois ou quando muito três,* será o número de pessoas que exercem o dom, que deviam ter permissão de falar durante um culto. *E isto sucessivamente,* significa ou "por vez" ou "por partes", isto é, cada qual tendo boa parte do tempo disponível. Ao que parece, às vezes aqueles que exerciam esse dom falavam simultaneamente, o que só pode ter causado grande confusão. Paulo proíbe isso. *E haja quem interprete,* dá continuidade à posição com que Paulo coerentemente se ocupou. A edificação é a consideração suprema. Não se deve usar o dom de línguas, a não ser que haja *intérprete.* Isto nos mostra que não devemos pensar que falar "línguas" é resultado de um irresistível impulso do Espírito, empurrando o homem, quer este o queira quer não, a um linguajar extático. Se ele quiser, poderá ficar *calado,* e isto Paulo o instrui a fazer quando for oportuno.

29-31. A profecia está igualmente sujeita à disciplina. Como no caso das "línguas", não deveria haver mais que dois ou três *profetas* falando no mesmo culto. *Os outros,* talvez se refira aos demais profetas, mas como em **12:10** lemos sobre "discernimento de espíritos", é mais provável que signifique, "os outros, capazes de discernir". Não se deve aceitar sem crítica o procedimento de um profeta, mas ele deve ser examinado pelos que forem qualificados para isso. *Diakrinetōsan, julguem,* significa "discriminem", "discirnam". Parece que certos *profetas* eram normalmente selecionados para falar, mas sempre poderia surgir a possibilidade de ser dada uma revelação direta *a outrem que esteja assentado.* Neste caso, o orador designado deveria ceder o lugar. No transcurso do tempo, *todos,* que talvez signifique toda a igre-

ja reunida, mas com maior probabilidade se refere a todos os profetas, terão oportunidade de ocupar-se na profecia. O propósito desta atividade é *para todos aprenderem e serem consolados.* Esta última expressão traduz *parakalontai,* que significa mais que *serem consolados* no sentido que damos a estes termos. Há a idéia de exortação e a do fortalecimento.

32,33. Exatamente como os que falavam com "línguas" tinham a capacidade de ficar em silêncio quando queriam, assim com a profecia. Esta não é uma compulsão irresistível sobrevinda a um homem. Os três substantivos estão sem artigo no grego, o que dá à expressão o teor de um provérbio, "espíritos de profetas estão sujeitos a profetas". A profecia é um meio de iluminação divina, mas o profeta pode manter silêncio. Isto decorre, diz Paulo, do fato de que *Deus não é de confusão; e, sim, de paz.* Se os *profetas* não tivessem domínio sobre os seus *espíritos,* ir-se-ia todo e qualquer prospecto de uma assembléia ordeira. Mas Paulo vê uma garantia contra essa desordem no caráter de Deus. Um Deus assim produzirá *paz,* não *confusão.* Provavelmente devemos pôr um ponto final depois de *paz* (como na ARA; na AV, "paz" é seguida de vírgula), e tomar o que se segue com o versículo seguinte. Não há nada de mau com os que favorecem a divisão da AV, mas é difícil crer que tão importante princípio como o que se vem examinando seja dado simplesmente como o costume das igrejas.

vi. *As mulheres na igreja* **(14:34-36).** Paulo esteve preocupado com a posição das mulheres em **11:2**ss. (ver notas ali). Esta é mais uma aplicação dos princípios sobre os quais laborou. As mulheres cristãs não deviam ser "para frente"; não deviam brincar desnecessariamente com as idéias aceitas da época. Barclay comenta: "Com toda a probabilidade, o que ocupava mais que tudo a sua mente era o lasso estado moral de Corinto, e a convicção de que não se deveria fazer nada que trouxesse à novel igreja a mais leve suspeita de despundonor. Certamente seria errôneo tirar estas palavras de Paulo do contexto para o qual foram escritas". Temos que ter a devida cautela ao aplicar o seu princípio à nossa situação, muito diversa.

34. Se tomarmos, *como em todas as igrejas dos santos,* com este versículo, Paulo está conclamando os coríntios a se conformarem com a prática cristã aceita. Assumirem as mulheres a função de instrutoras seria desacreditar o cristianismo aos olhos da maioria do povo. Paulo os conclama a observarem os costumes. Faz mais. Refere-se à *lei* para lembrar-lhes o lugar próprio das mulheres. Provavelmente a passagem que tem em mente é Gn **3:16.** Em vista de **11:5,** é possível que Paulo contemplasse a possibilidade de que uma mulher poderia profetizar na igreja ocasionalmente. Moffatt adota a opinião de que Paulo "nunca

vetou a uma mulher devota o exercício, mesmo no culto público, do dom profético que tantas mulheres da igreja primitiva tinham". Ele entende que esta proibição se refere a "matronas tomarem parte na discussão ou interpretação do que fora dito por algum profeta ou mestre durante o serviço divino". Calvino acha que Paulo quer dizer que, embora possa ocorrer a necessidade de uma mulher falar em público, ela não deve falar num culto regular da igreja.

35. A proibição de falarem as mulheres na igreja estende-se à apresentação de perguntas. Isto se deve fazer *em casa.* Falar na igreja é que é considerado *vergonhoso* (a mesma palavra de **11:6**), e Paulo deseja ardentemente evitar isso.

36. Este versículo indica que a prática que ele esteve condenando realmente estivera tomando lugar em Corinto. Mais de uma vez Paulo teve ocasião de queixar-se do orgulho dos coríntios. Evidentemente se sentiu com liberdade para irromper em novas linhas, só justificado por sua compreensão pessoal das coisas cristãs. É à luz dessa disposição que Paulo interroga ironicamente se *a palavra de Deus* teve sua origem terrena nos coríntios, ou se ela viera somente para eles. Eles não têm por que pensar que só eles sabem o que é cristão. Deve-se atribuir o devido valor aos costumes e ao pensamento "em todas as igrejas dos santos" (v. **33**).

vii. *Conclusão* **(14:37-40).** Paulo resume a discussão com palavras que constituem uma reminiscência do "Quer ouçam quer deixem de ouvir", dos profetas. Emitiu fielmente o seu julgamento sobre as questões levantadas, e não tem dúvidas de que Deus o guiou no que disse. Faz a elevada reivindicação, quanto às coisas que escreveu, de que constituem *mandamento do Senhor* (*Senhor* é enfático). Não se poderia fazer reivindicação mais alta. A relação disto com a questão do modo pelo qual os escritores do Novo Testamento concebiam a sua inspiração não se deve passar por alto. Paulo não só sustenta que escreveu o *mandamento* do Senhor, mas também que todo *profeta, ou espiritual* deve reconhecer isso. Alguns coríntios achavam que tinham discernimento espiritual. Que o demonstrem reconhecendo a inspiração quando a vêem!

38. O sentido da AV é que se alguém não reconhecer isso, Paulo dará por encerrada a questão com ele ("se alguém o ignorar, que ignore"). Que fique em sua condição de ignorante. Isto é bem documentado e pode estar correto. Mas, em lugar de *agnoeitō,* "que ignore", alguns bons MSS dizem *agnoeitai.* Este é geralmente tomado no senti-

do de, "ele não é conhecido", por ex., RSV, "Se alguém não reconhece isto, ele não é reconhecido" (pela igreja? por Deus?). Mas o verbo pode ser futuro, caso em que o sentido é como o expresso por Moffatt, "Quem desconsiderar isto, será ele próprio desconsiderado". Cf. a ARA, *E se alguém o ignorar, será ignorado*. A referência será, então, ao dia do juízo. É impossível ter certeza sobre qual destes está certo.

39. Mantendo em toda a linha a sua atitude, Paulo manda seus amigos procurarem a profecia, e não as "línguas", mas não despreza as "línguas". Estas são também um dom do Senhor, e seu uso não deve ser proibido.

40. O capítulo termina com um princípio notável. O culto público é muito importante. Tudo nele deve ser feito de maneira tão decente quanto possível, e com a devida consideração pela ordem. A falta de decoro e a inovação indevida são igualmente desencorajadas.

VII. A Ressurreição (15:1-58)

Paulo chega ao último e grandioso tema da epístola. Alguns coríntios tinham negado que os mortos ressuscitarão (v. 12). Ele começa a mostrar que aquela negação não pode ser apoiada por um momento sequer, pois a ressurreição do crente é parte integrante da fé. Sem essa esperança, os cristãos seriam "os mais infelizes de todos os homens" (v. 19). Paulo parte dos primeiros princípios. Mostra que a ressurreição de Cristo é fundamental para o Evangelho, e daí, que a ressurreição de Cristo implica na ressurreição do cristão. Depois ele prossegue, tratando de objeções levantadas, ou que poderiam ser levantadas, e mostra como elas são infundadas. Esta é a discussão cristã clássica do assunto.

a. A ressurreição de Cristo (15:1-11)

1. É digno de nota que Paulo não fala de lembrar a seus amigos o Evangelho que ele pregara, mas de fazê-lo conhecido deles (isto na AV; a ARA diz, *venho lembrar-vos,* etc.). O verbo é *gnōrizō,* traduzido pela AV por "declaro" = "faço conhecido". A palavra contém uma gentil censura. Alguns estavam longe de apreciar o que o Evangelho significava. Mas eles o tinham recebido (*recebestes*; o verbo está no aoristo, indicando um único ato de recebimento). Eles permanecem nele (*perseverais*; cf. 2 Co 1:24). É evidente que o de que trata é fundamental.

2. *Por ele* é "por meio dele". O Evangelho é o meio que Cristo usa para efetuar a salvação. *Sois salvos* é presente contínuo, significando, "estais sendo salvos". Há um sentido em que a salvação é uma vez por todas (como no, "o qual recebestes", do v. **1**), e também há um sentido em que ela é progressiva (ex., **1:18**; **2** Co **2**:15). É para este caráter progressivo da salvação que Paulo dirige a atenção. A salvação não é esgotada pela experiência do homem quando ele começa a crer. É algo que vai avante, de força em força e de glória em glória. "Se guardais na memória" (AV) é melhor, "se vos mantiverdes firmes" (*ei katechete*). A ordem das palavras é, "por qual palavra eu preguei o evangelho a vós, se vos mantendes firmes", e isto coloca alguns problemas. Podemos pensar na construção como uma cláusula condicional, com o "se" vindo por último a fim de dar ênfase ao que o precede. Este é o sentido adotado pela AV e por outras versões. Não é uma construção grega muito natural (conquanto longe de impossível). Ademais, existe a dificuldade de que ela faria Paulo exigir que se mantivessem firmes, não somente no Evangelho, mas também nas presentes palavras com que ele o apresentou, como o deixa claro a tradução de Moffatt, "contanto que vos apegueis à minha exposição dele. O outro modo de entender a passagem é unir "por qual palavra eu preguei o evangelho a vós" com "faço conhecido" no começo do versículo **1**, dando o sentido, "faço-vos conhecido... em que termos vos preguei o evangelho". Isto seria aceito sem hesitação, não fosse a expressão, "se vos mantendes firmes", que vem a seguir. Esta é uma verdadeira dificuldade, pois Paulo não lhes está dizendo algo "se se mantêm firmes". Está-lhes falando qualquer que seja a atitude deles. Mas "se vos mantendes firmes" pode ser uma espécie de parêntese, ou pode ligar-se a "estais sendo salvos" (como em Goodspeed, RSV, etc.). A construção é difícil, mas a segunda solução deve ser preferida. *A menos que tenhais crido em vão* refere-se à possibilidade de crença fundada em base inadequada. Se a adesão dos homens ao Evangelho é tal que eles não estão realmente confiando em Cristo, a crença deles é infundada e vazia. Não têm a fé salvadora.

3. A natureza derivativa do Evangelho é acentuada. Paulo não deu origem à mensagem que lhes transmitiu. Esta era algo que ele próprio recebera (*recebi*; quanto a este verbo e a *entreguei*, ver as notas sobre **11:23**). *Antes de tudo* provavelmente não se refere ao tempo, mas à importância. "Coloco no primeiro lugar..." Esta introdução do sumário da mensagem do Evangelho é importante. Mostra que é um sumário bem antigo. Paulo não nos está dando a sua interpretação do que lhe fora dito. Isto nos remete retrospectivamente ao Evangelho como foi pregado originalmente, o *kērugma*, para usar a expressão que C. H. Dodd tornou popular. O primeiro ponto é que *Cristo mor-*

reu pelos nossos pecados. A cruz está no coração do Evangelho. A morte que Cristo sofreu foi morte expiatória. Foi *pelos nossos pecados. Segundo as Escrituras* indica que o Evangelho não foi nenhuma idéia tardia. A morte salvadora de Cristo foi algo predito muito tempo antes na Escritura Sagrada. Paulo não menciona passagens específicas, mas Is 53 estará particularmente em mente.

4. Numa exposição breve como esta, é um pouco surpreendente ver esta referência ao sepultamento de Cristo (cf. o Credo Apostólico). A igreja primitiva não estava em dúvida sobre a realidade da morte de Cristo, e o fato do sepultamento é prova disto (ele é mencionado nos quatro evangelhos). Além disso, o enterro de um corpo morto é o necessário prelúdio do túmulo vazio. O ponto seguinte de Paulo é a ressurreição ao terceiro dia. *Ressuscitou* é na verdade "ele foi ressuscitado" (*egegertai*). Parece que se requer aí o passivo, sendo que neste capítulo (como em geral no Novo Testamento) a ênfase é à atividade do Pai ressuscitando o Filho (cf. o v. **15**). O tempo perfeito, empregado deste modo mais seis vezes neste capítulo (vs. **12, 13, 14, 16, 17, 20**), e só duas vezes em todo o restante do Novo Testamento, indica a condição continuada. "Expõe com a máxima ênfase possível os resultados permanentes do acontecimento."[1] Cristo continua no caráter do Senhor ressurreto. É provável que *segundo as Escrituras* se deva tomar junto com *ressuscitou*, e não com *ao terceiro dia*. Há poucas evidências veterotestamentárias de uma ressurreição ao terceiro dia (a menos que se fundamente um argumento em Jo 1:17), mas bem se pode afirmar que Is 53:10-12 profetiza a ressurreição de Cristo (cf. também o uso do Sl 16:10 na pregação primitiva).

5-7. Paulo dá a sua própria lista das aparições da ressurreição. Não é exaustiva, e podemos especular, por exemplo, sobre a razão da omissão de todas as aparições às mulheres. O aparecimento a *Cefas* é mencionado em Lc 24:34 (cf. Mc 16:7), e em nenhum outro lugar. Não há informação quanto ao que transpirou então, mas podemos conjeturar que o Senhor, em Sua misericórdia, estava interessado em dar certeza do perdão àquele Seu servo que O negara três vezes. Os *doze* evidentemente é um título geral que vale pelos apóstolos, pois Judas não estava lá, e, se a referência é ao aparecimento ocorrido na noite do dia da Páscoa (Lc 24:36ss.; Jo 20:19ss.), Tomé também estava ausente.

O aparecimento a *mais de quinhentos irmãos* pode ser o referido em Mt 28:16ss. Se não for, é mencionado somente aqui. É obviamente

1 Moulton, *Prolegomena*, pág. 137.

da maior importância, pois em nenhuma outra ocasião um número tão grande de pessoas pôde testificar o fato da ressurreição. A insistência de Paulo em que a maioria delas ainda vivia mostra a confiança com que pode apelar para o seu testemunho. Podiam ser interrogadas, e os fatos postos às claras. Note-se a bela maneira como se refere aos que *morreram*. A *morte*, que é um antagonista a que homem nenhum pode resistir, veio a ser para o cristão nada mais que um sono (ver, ademais, as notas sobre 1 Ts 4:13,14[1]).

Nada mais se sabe do aparecimento a *Tiago*. Nem se tem certeza sobre qual é o Tiago que se tem em mente. A maioria acha que é Tiago irmão do Senhor, e que foi essa aparição que o levou à conversão e, por meio dele, à dos seus irmãos. Isto é apoiado pelo fato de que eles não criam em Jesus durante o Seu ministério (Jo 7:5), mas já em At 1:14 os vemos entre os crentes. Que outra coisa explica a mudança repentina? *Mais tarde por todos os apóstolos* pode talvez referir-se a uma aparição como a registrada em Jo 20:26ss., mas com maior probabilidade é a aparição ocorrida quando da ascensão (At 1:1ss.).

Este rol de testemunhas indica a importância que Paulo dá à ressurreição do Senhor. Ele está prestes a mostrar as suas conseqüências para a fé cristã, e lança os alicerces mostrando quão bem fundamentada é a crença nela. Ele não nos dá uma lista completa de testemunhas, mas dá o bastante para mostrar que o fato é extremamente bem atestado. Tão digna de confiança é a prova, que tem que ser aceita, e Paulo pode prosseguir daí em diante.

8. Paulo coloca a visão que tivera no caminho de Damasco no mesmo nível das outras aparições da ressurreição. Ele pensa em si como o último da fila dos que viram o Senhor. *Um nascido fora de tempo, to ektrōmati*, significa, "o nascimento prematuro" (na família apostólica), "o aborto". A palavra pode indicar a sua violenta e antinatural entrada no colégio apostólico. Mas G-E expõe que a palavra era empregada como uma expressão injuriosa. Talvez tivesse sido arremessada a Paulo por seus opositores. Ele não era um homem formoso (2 Co 10:10), e eles podem ter combinado um insulto à sua aparência pessoal com uma crítica à sua doutrina da livre graça, dizendo que, "muito longe de ter nascido de novo, Paulo era um aborto" (Barclay). *Também por mim* vem por último no grego, com certa ênfase. Até mesmo a Paulo, o aborto, Cristo apareceu.

9. O pronome pessoal enfático *eu* chama a atenção outra vez para a grandeza da complacência de Cristo. O Senhor ressurreto apareceu até a Paulo, *o menor dos apóstolos*. Isto não é referência a graduação

1. *Op. cit.*, pág. 84ss.

no apostolado, pois em outra parte ele pode dizer, "suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos" (AV: "aos principais apóstolos"; 2 Co 11:5). Neste espírito, pôde resistir até a Pedro (Gl 2:11). O que Paulo quer dizer é que a sua reputação fizera dele o menor de todos eles. Na verdade, nem era digno de ser apóstolo. Paulo sustenta firmemente duas coisas. Uma é a elevada dignidade ligada à sua posição de apóstolo, como vemos em várias passagens dos seus escritos (cf. o capítulo 9). O apostolado é o ofício máximo da igreja, e Paulo é apóstolo no sentido mais completo. A outra é o seu profundo senso de indignidade pessoal. Ele é o principal dos pecadores (1 Tm 1:15). Não é digno de ser apóstolo, pois perseguiu a igreja que é a igreja *de Deus*.

10. Paulo espontaneamente atribui tudo que fez na obra cristã à *graça de Deus*. Esta sozinha o transformou de perseguidor em zeloso pregador. Ele não apareceria como apóstolo diante dos coríntios, não fosse pela *graça*, e pelo que a graça realizou nele. Longe de ser *vã (kenē*, "vazia", "sem conteúdo"), ela o fizera trabalhar *muito mais do que todos eles*. Sua palavra para *trabalhei* é *kopiaō*, "trabalhar ao ponto de exaustão". Lembra-nos Deissmann que a expressão que Paulo emprega "veio originariamente do alegre orgulho do artesão habilidoso" (LAE, pág. 313). Paulo acentua que tinha labutado arduamente no desempenho do seu apostolado. Ele não diz que realizou mais coisas, mas que trabalhou mais arduamente que os demais. *Muito mais do que todos eles* poderia significar, "mais do que todos eles juntos", ou, "mais do que qualquer deles". Como ele está engrandecendo a graça de Deus, talvez seja mais provável que o primeiro é o seu sentido, e até onde vai a informação de que dispomos, foi esse na verdade o caso. Conquanto os seus começos não fossem nada promissores, a *graça de Deus* possibilitou a realização de um maravilhoso volume de trabalho. Isto poderia ser interpretado de molde a refletir crédito a Paulo, de modo que ele acrescenta imediatamente, *todavia não eu*. Não foi o homem, mas, sim, a *graça de Deus* que fez a obra. Ele fala desta graça como com ele (*comigo*), em vez de "nele" ou coisa parecida. Esta maneira de colocá-la, quase faz da graça um colaborador trabalhando ao lado dele, e assim salienta que o crédito não pertence a Paulo.

11. O desenlace do precedente é que só existe um Evangelho, seja quem for que o pregue. Paulo salientou que recebeu o Evangelho, que não o originou (v. 3). Enumerou alguns dos mais importantes pontos da mensagem apostólica, mencionando em particular provas da ressurreição. Agora ele pode dizer que esta é a mensagem comum dos pregadores (cf. Knox, "essa é a nossa pregação, minha ou deles, como queirais"). *Assim pregamos* é o tempo presente contínuo. Paulo está indi-

cando o modo como ele e todos os outros apóstolos pregam habitualmente. Este é o Evangelho autêntico, o Evangelho que todos os apóstolos fazem seu costume proclamar. *E assim crestes* lembra aos coríntios que esta é a base da sua fé. Foi nesta mensagem, e não noutra que eles tinham crido quando se tornaram cristãos. Qualquer outra coisa é inovação.

b. As conseqüências de negar-se a ressurreição de Cristo (15:12-19)

Tendo exposto os pontos salientes da mensagem do Evangelho, Paulo enfrenta os que negavam que os mortos ressuscitarão. Provavelmente eles sustentavam a idéia grega da imortalidade da alma, mas achavam difícil pensar no corpo como ressuscitando. Paulo deduz a conclusão lógica da posição deles: Se "mortos não ressuscitam", Cristo não pode ter ressuscitado. Se Ele não ressuscitou, a fé cristã é vazia. Os opositores estão golpeando o âmago da fé.

12. Paulo demonstrou que a ressurreição de Cristo é central para o Evangelho. No sumário dos versículos anteriores, a ressurreição é que é salientada. Agora ele indaga como, à luz disso, é possível negar a ressurreição. *Ressurreição de mortos* está assim no grego, sem artigo (AV: "ressurreição dos mortos"). Afirma-se a ressurreição em termos inteiramente gerais.

13. Paulo começa mostrando as conseqüências subentendidas na doutrina errônea. Se os homens em geral não ressuscitam, segue-se então que Cristo não ressuscitou. *Então* é *oude,* "nem". Se os homens não ressuscitam, "nem Cristo ressuscitou" (RV).

14. O argumento é levado adiante, sem titubeios. *E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação.* "Então" (AV) é *ara,* uma partícula inferencial. Implica em que o que se segue é a conseqüência lógica do anterior. *Vã* (*kenon*) vem primeiro, com ênfase. A palavra significa "vazio". Se não há ressurreição por trás da pregação, esta, que se demonstrou que não é peculiar a Paulo, mas comum a todos os apóstolos (v.**11**), não tem conteúdo, não tem substância. É a ressurreição que mostra que Deus está na pregação, e, se não houve ressurreição, então a coisa toda é um embuste. *Pregação* é *kērugma* (ver a nota sobre **1:21**). Denota, não o ato de pregar, mas o conteúdo da pregação, a coisa pregada, a mensagem. A ordem das palavras na última parte do versículo é, "vã também a vossa fé" (cf. a ARA; na AV, "e a vossa fé também é vã"), o que coloca outra vez a ênfase sobre *vã.* A fé dos co-

ríntios dependia do Evangelho que a tinha feito surgir. Se esse Evangelho era uma impostura, então o era também a fé produzida por ele.

15. Há mais uma conseqüência. Se não há ressurreição, fica demonstrado que todos os apóstolos são mentirosos. *Somos tidos por,* significa, "somos apanhados", ou, como o traduz Moffatt, "somos descobertos". Não se pode dizer que eles são homens honestos, que, com sinceridade, deram conselho que achavam que era bom, conquanto se mostre agora não tão bom como tinham imaginado. Pois o cristianismo não é um sistema de bom aconselhamento, e os pregadores não tinham falado simplesmente aos homens sobre uma boa maneira de viver. Tinham testemunhado que Deus ressuscitou a Cristo. Basicamente o cristianismo é um evangelho; é boa notícia do que Deus fez. A função dos pregadores é dar testemunho dos atos salvadores de Deus. Os apóstolos tinham feito justamente isso. Tinham testificado que Deus ressuscitou a Cristo. Mas, se se der por concedido que os mortos não ressuscitam, é impossível, que Deus tenha feito isso. "Testificamos de Deus" (AV) é literalmente, "testificamos contra Deus" (ARA: *temos asseverado contra Deus*). Disseram que Deus fez uma coisa (quase O acusaram de uma coisa) que Ele não fez. *Se é certo, eiper ara,* é uma combinação incomum. Há um "se" enfático ligado a uma ilação de que o que se segue é opinião de outrem.

16. Paulo repete a sua afirmação do versículo **13,** com a mudança de "não há ressurreição", para, *não ressuscitam* (literalmente, "não são ressuscitados", isto é, por Deus). Goodspeed verte, "se os mortos nunca são ressuscitados". A repetição dá a entender o seu ponto. É preciso fazer com que estes homens vejam as conseqüências lógicas da posição que assumiram.

17. Assim como repetira o sentido do versículo **13,** assim repete agora o do versículo **14.** Cá, como lá, *vã* está numa posição enfática, mas trocou a sua palavra por *mataia,* que tem em torno de si o ar de futilidade, de coisa infrutífera. A fé em Cristo é uma coisa estéril, se o seu resultado é, *ainda permaneceis nos vossos pecados.* Estar "nos próprios pecados" (cf. a AV) não é uma expressão comum. Noutra passagem Paulo fala de estar "mortos em pecados" (Ef 2:1,5; Cl 2:13), e isto nos lembra as palavras de nosso Senhor sobre morrer em pecados (Jo 8:21,24). Paulo já esclareceu que "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras" (v. 3). Mas se os homens ainda estão nos seus pecados, esta morte de nada valeu. "Cristo morto sem ressurreição, seria um Cristo condenado, não justificado. Como poderia justificar outros?" (Godet). Nesse caso, a fé é fútil. Pode-se dar um segundo sentido às palavras. Se Cristo não foi ressuscitado,

eles ainda estarão vivendo em seus pecados como quaisquer pagãos. Mas eles têm um novo poder sobre o pecado, poder proveniente da fé num Cristo que vive. Portanto, Cristo tem que ter sido ressuscitado.

18. Outra conseqüência diz respeito ao destino dos que partiram. Como tentei mostrar nas notas sobre 1 Ts 4:13,14,[1] poucas coisas são mais características do cristianismo primitivo do que o novo conceito da morte, novo conceito que ele deu aos homens. Para os pagãos, a morte era o fim de todas as coisas. Era aquele adversário que por fim derrotaria todos os homens. Para os cristãos, não era mais que um sono. Cristo arrancara dela o seu aguilhão (v. **55**). Paulo podia falar da morte como "lucro" (Fp 1:21), e do seu "desejo de partir e estar com Cristo" (Fp 1:23). Assim, quando os crentes morriam, não deviam ser pranteados como os irremediavelmente perdidos. Estavam com Cristo. Mas, somente se houver ressurreição, insiste Paulo. Se Cristo não ressuscitou, então, nem eles ressuscitarão. *Pereceram.* Edwards traz à luz a força do aoristo, *"'hão perecido'* no ato de cair no sono, como eles pensavam, em Cristo".

19. O perfeito, *ēlpikotes esmen,* "temos esperança" (AV). *Apenas* vem no fim, no grego, e se aplica à cláusula toda: "se nesta vida pusemos a nossa esperança em Cristo, e isso é tudo." Nesse caso, *somos os mais infelizes de todos os homens.* A última palavra traduz-se melhor por "dignos de dó". Refere-se, não tanto à dureza da sorte dos cristãos, como a seu caráter como homens iludidos que merecem piedade. Têm posto as suas esperanças num Senhor que há de trazer-lhes uma vida mais rica e mais completa, e tudo que os distingue dos outros é uma forma especial de dureza (cf. **2** Co 6:4ss.; 11:23ss). Conquanto Paulo nunca menospreze as compensações que o cristão tem nesta vida no sentido de paz interior e coisas semelhantes, é questão de puro senso comum ver que, se este mundo é tudo que existe, ninguém está mais alienado do que o cristão.

c. As conseqüências da ressurreição de Cristo (15:20-28)

Das conseqüências da negação da ressurreição do corpo, Paulo se volta alegremente para a certeza da ressurreição de Cristo, e para as suas conseqüências. Mostra que ela implica na ressurreição dos crentes, e daí passa a enumerar, na devida ordem, os acontecimentos dos últimos tempos. Todas as coisas serão nesse tempo submetidas a Cristo; mesmo a morte será subjugada. Com algumas pinceladas ousadas,

1 *Op. cit.*, pág. 84ss.

ele pinta um emocionante quadro da final e completa supremacia de Deus. Paulo não deixa dúvida quanto à importância do assunto de que trata. Está carregado de significação, tanto para a presente maneira de viver do crente, como também para uma compreensão dos grandes acontecimentos que hão de ter lugar no fim desta era.

20. *Mas* é adversativa. Longe de serem os cristãos os homens mais merecedores de dó, há um fato que altera a situação toda. "Agora" (AV) é lógico, não temporal; "agora, como são as coisas". Moffatt verte: "Mas não é assim! Cristo ressurgiu dos mortos." O fato da ressurreição de Cristo é afirmado com simplicidade e segurança (cf. a ARA, *Mas de fato*). Não há absolutamente dúvida nenhuma na mente de Paulo. Ele emprega o tempo perfeito do verbo ressuscitar (ver a nota sobre o v. **4**) em toda a plenitude do seu significado. Não é só que Cristo ressuscitou num certo dia; Ele continua permanentemente em Seu caráter de Senhor ressurreto. *Sendo* (AV: "E se tornou"), acompanhando os melhores MSS, deve omitir-se. *As primícias* compreendiam o primeiro feixe da colheita, que era trazido ao templo e oferecido ao Senhor (Lv 23:10, 11). Num sentido, ele consagrava toda a colheita. Além disso, *primícias* implica na existência de frutos posteriores. Ambas as idéias vão ao ponto aqui. Cristo não foi o primeiro a ressuscitar dos mortos. Na verdade, Ele próprio ressuscitara a alguns. Mas estes tinham que tornar a morrer. A ressurreição de Cristo foi para uma vida que não conhece morte, e, neste sentido, Ele foi o primeiro, o precursor de todos os que haveriam de estar nele. Hodge vê na comparação com *as primícias* a idéia de que "a ressurreição de Cristo é um penhor e uma prova da ressurreição do Seu povo". *Dos que dormem* é um particípio perfeito denotando a continuidade do estado dos fiéis que partiram. Quanto à idéia da morte como sono, ver a nota sobre o versículo **18**.

21. A idéia de Cristo como o segundo Adão é desenvolvida mais completamente em Rm 5. *A morte veio por um homem* refere-se à pena pronunciada para o primeiro pecado (Gn 2:17). Era mais que morte física, mas a incluía. Como escrevi noutro lugar, "Quando o homem pecou, passou para um novo estado, e este é ao mesmo tempo dominado e simbolizado pela morte. É provável que não se esteja pensando na morte física e na morte espiritual como separadas, de sorte que uma envolve a outra".[1] O pecado de Adão trouxe desgraça não só a ele, mas também a toda a sua posteridade. Mas se o pecado de Adão teve conseqüências de tão amplo alcance, assim também as teve a res-

1 *The Wages of Sin*, Londres, 1955, pág. 12.

surreição de Cristo. Dizia respeito não só a Ele próprio, mas também a todos os que nele cressem. Exatamente como a morte veio ao mundo por meio de Adão, assim a vida veio ao mundo por meio de Cristo. A repetida expressão de Paulo, *por um homem*, indica a realidade da encarnação. Cristo era tão verdadeiramente homem como o fora Adão. Era próprio que, como foi *por um homem* que a corrupção penetrou a raça, assim *por um homem* fosse vencida.

22. O pensamento é levado mais adiante. *Em Adão todos morrem*, indica-nos a mortalidade da raça pelo parentesco que nos liga ao progenitor da raça. Mas aponta para além disso, para o mal espiritual do qual a morte física é, ao mesmo tempo, o símbolo e a pena. Estamos envolvidos com Adão numa solidariedade de culpa. Há um sentido em que a raça é uma só. Mas como o pecado trouxe inauditas conseqüências do mal, assim a obra expiatória de Cristo trouxe inauditas conseqüências do bem. *Todos*, nas duas metades deste versículo, provavelmente têm sentidos diversos. Na primeira metade, refere-se à humanidade inteira, pois todos estamos *em Adão*. Mas na segunda, o termo é mais limitado, aplicando-se somente a todos os que estão *em Cristo*. O versículo não dá apoio nenhum ao universalismo. Em Adão, todos os que devem morrer, morrem; em Cristo, todos os que devem viver, vivem. *Serão vivificados* refere-se a algo mais que a ressurreição como tal. Inclui a idéia da vida abundante que Cristo traz a todos os que estão "nele".

23. A vivificação dos homens não se dá a todos de uma vez. Há uma devida *ordem* que é observada. *Tagma, ordem*, era originalmente um termo militar que se referia a um destacamento de soldados, mas veio a ser empregado de maneira mais geral. Paulo agora separa Cristo dos homens, justamente como no versículo **21** O ligara a eles. A primeira companhia do destacamento é *Cristo, as primícias*, e só depois dessa é que vem a segunda, *os que são de Cristo. Na sua vinda* deixa claro que Paulo está-se referindo ao segundo advento. A palavra que emprega é *parousia*, que basicamente não significa mais que "visita" ou "presença" (ver, por exemplo, **16:17**). Mas veio a ser usada entre os cristãos como o termo técnico para a volta do Senhor. Os exemplos citados por Deissmann (LAE, pág. **368-73**) deixam claro que a palavra era usada comumente para referir-se a uma visita real. Os cristãos vieram a usá-la para referir-se Àquele que é o Rei supremo.

24. Há alguns que sustentam que chegamos agora a uma terceira *ordem* (*tagma*). A primeira foi Cristo; a segunda (na Sua vinda), os remidos; e agora temos uma terceira, os incrédulos. Não é impossível, mas parece improvável. No curso desta passagem toda, Paulo tem em

mente os crentes, e absolutamente não trata do destino dos ímpios. Parece-me mais provável que ele pensa em duas "ordens" somente, Cristo e os crentes, e que (qualquer que seja a sorte dos incrédulos) vai adiante em pensamento para a fase final. A palavra *eita, então*, não significa necessariamente "imediatamente após". Indica que o que se segue tem lugar em algum tempo não especificado, depois do anterior. *O fim, to telos*, tem em torno de si um círculo indicativo de propósito. *Telos* significa fim ou meta, e, assim, a idéia é da consumação de todas as coisas, daquele clímax a que todas as coisas estão destinadas a ser levadas. *Quando* é o indefinido *hotan*; o tempo, não se sabe. Há um significado dinâmico no grego *basileia*, que não se prende facilmente ao termo *reino* do inglês (e do português). O pensamento de Paúlo é que Cristo afinal terá plena e completa autoridade sobre todas as coisas e sobre todos os homens, e que Ele, então, "entregará" esta autoridade, este domínio, a Seu pai. Quando Cristo voltar, será para reinar com màjestade (cf. 2 Ts 1:7 ss.). Tudo que se opõe a Deus será então subjugado. Assim Paulo fala de Cristo como reduzindo a nada *todo principado, bem como toda potestade e poder*. Estas três palavras provavelmente não são empregadas para definir com precisão várias espécies de autoridade. Mas a colocação delas juntas dá ênfase à idéia de que, naquele dia, não há poder governante de nenhuma espécie que não fique completamente subserviente a Ele. *Houver destruído* traduz o verbo *katargeō*, palavra de multíplices traduções (ver a nota sobre **1:28**). Seu significado básico de "tornar nulo e vazio", "tornar inoperante", é muito pertinente aqui. Paulo não fala de batalhas, ou de governantes sendo destronados. Mas fala de todo governo, que não o de Cristo, sendo levado a ficar completamente inoperante. Embora isto seja mencionado depois da referência à entrega do reino, dá-se antes dela (cf. a mudança do presente, "entrega", no grego, não "tiver entregue", AV, ou, *entregar*, ARA, para o aoristo, *houver destruído*).

25. Há uma compulsiva necessidade divina quanto ao "tem que" de Paulo (AV; enfraquecido pela ARA, *convém*). Ele está falando do que Deus determinou, e, portanto, não há incerteza acerca disso. É um pensamento bem digno de se manter em mente quando os poderes da terra e do inferno parecem fortes. Muitas vezes parece ao cristão que os ímpios vão triunfar. Mas essa aparência só pode ser temporária e ilusória. No clímax da história, Cristo, e mais ninguém, "tem que" reinar. O seu reinado é imaginado como uma marcha de conquista, quando Ele reduz à sujeição os inimigos (cf. o Sl 110:1). Estes *inimigos* não são mencionados nominalmente, com exceção da "morte", no versículo seguinte. Mas esta exceção única talvez indique que os *inimigos* que Paulo tem em mente não são homens maus, mas forças más.

26. A *morte* é caracterizada como *último inimigo* (não há artigo no grego, sendo a intenção disto dar ênfase ao caráter ou à qualidade da morte como um *inimigo*, e, nesse caráter, *último* inimigo). *Destruído* é *katargeō* mais uma vez, o mesmo verbo do versículo **24** (ver nota ali). Está no tempo presente, e o uso deste tempo para uma ação futura toca uma tecla de grande vitalidade e certeza. A morte será despojada de todo o seu poder. Presentemente, nenhum homem pode resistir ao toque da morte. Naquele tempo, a morte não poderá tocar nenhum homem.

27. "Ele" (AV; oculto na ARA) não é definido, mas evidentemente vale por Deus o Pai. As palavras introdutórias são muito similares às do SI 8:**6**. Ali elas se referem ao domínio que Deus deu ao homem, o ápice da criação. Aqui elas se aplicam somente a Cristo, e têm alcance muito mais amplo, pois, como o contexto mostra, inclui tudo, exceto o Pai. *Todas as cousas* é expressão enfática. Há uma interessante mudança de tempo verbal aqui. *Sujeitou debaixo* é aoristo, indicando-nos o ato de sujeição único e uma vez por todas. *Estão sujeitas* é o tempo perfeito, incluindo a idéia do permanente estado de sujeição. *Tudo lhe sujeitou* é aoristo de novo, indicando a mesma ação indicada pelo primeiro verbo. O ponto focalizado por Paulo é, pois, que Deus o Pai deu ao Filho soberania ilimitada sobre toda a criação. Isso, porém, não envolve nenhuma violação da soberania do Pai. Isto Paulo toma como óbvio (*certamente*; AV: "é manifesto", *dēlon*).

28. A conexão do pensamento com o versículo anterior fica um tanto obscurecida pelo uso que a AV faz das traduções "forem submetidas" e "forem sujeitas" para o mesmo verbo que foi traduzido três vezes por "pôr debaixo" (e aqui traduzido outra vez do mesmo modo no fim deste versículo). O clímax do processo de "pôr debaixo" (ARA: "sujeitar", "sujeitar debaixo") de que Paulo está falando vem com o ato de sujeitar-se o Filho ao Pai. Isto apresenta uma dificuldade para algumas pessoas, que não podem ver como conciliar com um conceito trinitário de Deus o fato de que um membro da divindade deva sujeitar-se a outro. Deve-se ter em mente, porém, que Paulo não está falando da natureza essencial, quer de Cristo quer do Pai. Está falando da obra que Cristo realizou, e realizará. Ele morreu pelos homens, e ressucitou. Retornará. Subjugará todos os inimigos de Deus. O clímax de Sua obra toda virá quando Ele entregar o reino Àquele que é a origem de todas as coisas. Tendo-se tornado homem para a realização dessa obra, tomou a Si certa sujeição que necessariamente se imprime nessa obra, até à sua consumação, inclusive. O propósito disto (*hina*) é *para que Deus seja tudo em todos.* Esta é uma vigorosa

expressão para a completa supremacia que aquele tempo será dele tão obviamente. Diz Calvino, "todas as coisas serão devolvidas a Deus, como o seu único princípio e fim, para que fiquem estreitamente ligadas a Ele".

d. Argumentos derivados da experiência cristã (15:29-34)

Neste ponto há uma mudança muito abrupta. De Cristo, Paulo se volta para o cristão. Menciona certas práticas associadas ao batismo que logicamente implicam em ressurreição. Aponta os perigos por que passam os pregadores cristãos com tanta freqüência. Se não há ressurreição, corre o argumento, é impossível ver uma razão para esta constante colocação da própria pessoa em risco de vida.

29. Esta referência ao batismo *por causa* (*huper*) *dos mortos* (AV: "pelos mortos") é uma notória dificuldade. O sentido mais natural da expressão é que alguns crentes primitivos se faziam batizar em favor de amigos deles que tinham morrido sem receber o sacramento. Assim, diz Parry: "O claro e necessário sentido das palavras implica na existência da prática de um batismo vicário em Corinto, presumivelmente em favor de crentes que morreram antes de ser batizados." Ele estigmatiza todas as outras interpretações como "evasivas... totalmente devidas à má vontade para admitir essa prática, e ainda mais a uma referência feita a ela por Paulo sem condenação". Que Paulo é bem capaz de arrazoar partindo de uma prática que ele desaprova é demonstrado por **8:10**, onde se refere a sentar-se alguém à mesa para comer num templo idolátrico sem mostrar que isso é em si mesmo um erro, conquanto esteja claro em **10:21** ss. que ele cria que era um erro. É talvez significativo que, embora Paulo não se detenha para condenar a prática de que fala, dissocia-se dela ("que farão *os que* se batizam..."; constraste-se com "por que também *nós* nos expomos a perigos...?"), no versículo seguinte. Ele o menciona como coisa que está acontecendo, e pergunta que sentido pode haver nisso, se os mortos não ressuscitam. Atesta-se a prática do batismo vicário no século segundo (embora visivelmente entre hereges). Se era conhecida em Corinto, daria forte apoio ao argumento de Paulo em prol da ressurreição. Outros sugerem que a passagem pode referir-se ao simbolismo do batismo (cf. Rm 6:1 ss), mas é difícil ver a relevância de tal argumento para a ressurreição do corpo. Outros acham que era batismo efetuado pela morte das pessoas martirizadas por sua fé antes de poderem ser batizadas ("batismo em sangue"), batizadas para a igreja dos mortos. Se é assim, Paulo o expressou de maneira muito estranha. Sugere-se, ainda, que há uma elipse de "a ressurreição", de sorte que a expressão significa, "com vistas a (a ressurreição de) os mortos". Isto envolve

um sentido muito discutível atribuído a *huper*, e uma elipse inexplicável. Outros acham que os parentes dos mortos, atentos ao interesse dos seus familiares cristãos, quando viviam, pela conversão deles, foram batizados como resultado da sua preocupação pelos mortos. Entre trinta e quarenta explicações têm sido sugeridas, e não podemos repassá-las todas. Parece-me que a linguagem aponta para a primeira sugestão. Se esta for rejeitada como em desacordo com o que Paulo teria feito, ficamos entregues à conjetura.

30. Volta-se Paulo para a experiência de todos os cristãos. Estes estavam em constante perigo, ainda que não houvesse perseguição oficial da fé. Por que deveriam os homens aceitar o sofrimento de unir-se a essa religião, se a morte é o fim de tudo?

31. "Diariamente morro" vem no início no grego, para ênfase (assim na ARA, *Dias após dia morro!*). O perigo que Paulo enfrentava era muito real, e muito constante. Nunca estava fora de perigo. Ele emprega a forte afirmativa *nē* (usada muitas vezes nos juramentos). "O vosso regozijar-vos... que tenho" (AV) não é uma expressão fácil. Mas *kauchēsis*, "regozijar-vos", pode referir-se a "vangloriar-vos" como também à expressão de alegria, enquanto que "vosso" parece que é empregado no sentido objetivo (como em Rm 11:31). "O vosso *kauchēsis* significará, por conseguinte, "o orgulho que tenho de vós". Moffatt põe às claras o sentido: "Não passa um dia que eu não esteja às portas da morte! Juro-o por meu orgulho de vós, irmãos, mediante Cristo Jesus nosso Senhor" (cf. a ARA). É interessante ver esta expressão da básica satisfação de Paulo com os seus conversos coríntios, a despeito das muitas coisas pelas quais tinha que repreendê-los.

32. Não é fácil ter certeza do sentido do que Paulo diz aqui. **2** Co 1:8 deixa claro que ele estivera em algum grande perigo na província da Ásia (na qual se situava Éfeso), e pode ser que tivesse sido compelido a entrar na arena com animais selvagens. Muitas vezes se diz que Paulo, visto que era cidadão romano, não poderia ser compelido a lutar com animais ferozes. Contudo, não se pode impor isto, pois até mesmo aristocratas apareceram na arena; por exemplo, Acilius Glabrio, eminente romano, foi compelido por Domiciano a lutar com feras. Todavia, isso não é muito provável. A palavra podia ser empregada metaforicamente, como, por exemplo, por Inácio em sua carta aos romanos, "Desde a Síria até Roma, lutei com animais selvagens, por terra e por mar, de dia e de noite", e explica isto como "ficando preso no meio de dez leopardos, sim, uma companhia de soldados".[1] Tam-

1 V. 1, tradução de Lightfoot.

pecaminoso. *Porque* mostra que Paulo está relacionando esta falha quanto a viver retamente, com o fracasso em pensar retamente. *Não têm conhecimento* é "têm *agnōsian*" (isto é, "agarram-se à ignorância"), sendo que o substantivo não indica tanto uma ignorância puramente intelectual, como uma ignorância nas coisas religiosas. G-E diznos que é empregado nas religiões de mistério para descrever uma "falta de experiência religiosa ou falta de discernimento espiritual". O erro com que Paulo está preocupado neste capitulo surge basicamente (como se dá com muitos outros) da falta de verdadeiro conhecimento de Deus. A seriedade com que Paulo o considerava se vê em sua manifesta intenção de escrever para envergonhar os seus amigos. Em **4:14**, em conexão com outro assunto, ele exclui explicitamente isso do seu objetivo.

e. O corpo da ressurreição demonstrado pela natureza e pela Escritura (15:35-49)

Dos argumentos que provam o fato da ressurreição, Paulo se volta para a natureza do corpo da ressurreição. Evidentemente, alguns tinham ridicularizado a idéia de uma ressurreição com perguntas quanto à natureza do corpo com que os homens ressuscitariam. "Como é possível que os homens ressuscitem quando os seus corpos estiverem desintegrados?", deve ter sido a espécie de objeção levantada, objeção não desconhecida nos tempos modernos. Paulo contesta mostrando o milagre da seara. A semente é enterrada, mas se levanta com um corpo novo e mais glorioso. Daí ele passa a ponderar que há diferentes espécies de corpo, e diferentes tipos de glória. Isto leva ao grandioso e triunfante fato de que, embora os nossos corpos sejam "semeados" na corrupção, em desonra e em fraqueza, ressuscitarão na incorrupção, em glória e em poder. O poder de Deus é adequado para isso tudo. Assim como Ele quis que tivéssemos corpos apropriados para a nossa vida na terra, assim quis que tivéssemos corpos apropriados para a nossa existência celestial. A insistência de Paulo na vida corporal não deve ser passada por alto. Os que pensavam na imortalidade da alma, mas negavam a ressurreição do corpo, geralmente buscavam nada mais que uma sombria e insípida existência no hades. Fundamental para o pensamento de Paulo é a idéia de que a vida além da morte será infinitamente mais gloriosa do que esta. Isto necessita de um "corpo" adequado em que se há de viver a vida, pois, sem um "corpo" de alguma espécie, não parece haver meio de possibilitar a individualidade e a expressão própria. Mas Paulo não entende este "corpo" cruamente. Descreve-o com o adjetivo "espiritual" (v. **44**), e o diferencia expressamente de "carne e sangue" (v. **50**). O seu pensamento contrasta-se marcantemente com o do judaísmo em geral. Os rabis sustentavam

que o corpo que há de ressuscitar será idêntico ao corpo que morreu. O escritor do *Apocalipse de Baruque* pergunta se haverá alguma mudança quando os homens ressuscitarem, e a resposta é, "a terra, então, seguramente devolverá os mortos. ... Não produzirá nenhuma mudança na forma deles, mas, como os recebeu, assim os devolverá" (1.2). Paulo não tem nada que ver com este conceito (ver os vs. 42 ss., 52, etc.). Embora seja certo que haverá identidade, também haverá diferença.

35. *Mas* é a forte adversativa *alla*. Longe de amoldar-se à espécie de conduta que Paulo acabou de esboçar, alguém (a palavra é indefinida) fará uma objeção. Paulo apresenta a objeção, ou com uma citação, ou com palavras que imagina que o oponente empregaria. *Como ressuscitam os mortos*?, questiona a mecânica do processo. *Em que corpo vêm*, indaga quanto à forma que terão. *Que* vem de *poios*, "de que espécie?". Para estes gregos céticos era óbvio que um corpo se decompõe rapidamente, e pensavam ridicularizar toda a idéia da ressurreição, vencida com a sua contestação quanto ao corpo. Que espécie de corpo ressuscitaria de um monte de imundícies decompostas?

36. Paulo trata essas objeções de maneira cortante. "Louco" (AV) pode não ser a mais habilidosa forma de tratamento (mesmo quando ligeiramente suavizada, como na VR, "Tu, homem insensato", e na ARA, *Insensatos*), mas a sua aspereza deixa clara a opinião que Paulo tinha da indignidade de tais argumentos. Em "tu semeias" (AV; na ARA o pronome está oculto), a palavra "tu" é fortemente enfática. Paulo utiliza o pronome pessoal, que não é estritamente necessário (pois, como em português, o verbo indica o sujeito com suficiente clareza), e adota o incomum procedimento de colocá-lo antes do pronome relativo, *o que*. O efeito consiste em esclarecer que o que Paulo está dizendo acerca da ressurreição não é destituído de paralelos nas atividades conhecidas, e mesmo desenvolvidas, pelos objetores. Se eles tão somente pensassem, veriam eles mesmos que tinham a resposta à sua objeção em suas próprias práticas habituais. Eles semeiam a semente, e na forma em que é semeada a semente, é destruída. O ato de semear, considerado juntamente com essa destruição, é tão parecido com o processo da morte entre os homens, que Paulo pode falar da semente morrendo. Prosseguindo com esta metáfora, o crescimento que se segue é um processo de vivificação, e a vivificação da semente depende de ela ter "morrido". A semente tem que ser destruída, se é que a nova vida há de aparecer. A familiaridade com a maravilha do crescimento embotou os nossos sentidos para maravilhar-nos. Mas se não soubéssemos disso, como poderíamos

adivinhar que o lançamento de uma semente no solo e seu sepultamento é o meio de produzir plantas vivas? Então, por que devemos considerar incrível a transformação de um corpo morto? A AV acertadamente entende *zoopoieitai* como passivo, "é... vivificado", não como médio-passivo (o original é enfraquecido na ARA, *nasce*). A semente não vem à vida por si mesma, mas Deus lhe dá vida. A tradução de Moffatt e de Goodspeed, "nunca vem à vida", ignora isto. Paulo está preparando o caminho para outra afirmação sobre a atividade de Deus na ressurreição (cf. o v. **38**).

37. O que morre não se parece nem um pouco com o que aparece. Uma simples e seca semente, parecendo morta, é metida no solo, mas o que surge é uma planta verdejante, vigorosa e bela. O que se semeia não é *o corpo que há de ser*. Paulo agora vai desenvolver o pensamento de que o corpo que é ressuscitado é incomparavelmente mais glorioso do que o corpo que é enterrado. Há sempre uma planta viva à mão para ensinar-nos. Semeamos nada mais que o *simples grão*, grão sem a vestimenta de verdor que caracteriza a planta. Isso é comum a todas as sementes. Paulo menciona o *trigo* e acrescenta, "ou algum dos outros" (literalmente; ARA: *ou de qualquer outra semente*). Não importa qual planta é semeada, a lição é a mesma.

38. Este é o único lugar desta seção particular em que Paulo menciona explicitamente a supervisão divina do processo todo, mas o que ele diz aqui, deve-se afirmar que é determinativo para o seu pensamento, de ponta a ponta. As plantas não surgem (e os homens também não) por sua própria vontade. Nem tampouco por acaso. Surgem como surgem porque é como Deus determinou que seja. Há uma interessante mudança de tempo verbal aqui. Deus *dá* é o tempo presente e indica a prática habitual. Deus está sempre dando corpos às sementes deste modo. *Como lhe aprouve* é o aoristo, significando uma ação decisiva. Deus planejou uma vez por todas o que haveria de ser. Conseqüentemente, todas as coisas seguem o Seu plano. Conquanto haja regularidade, de acordo com isto não há uniformidade, pois Deus dá *a cada uma das sementes* (a ARA traduz isto literalmente), *o seu corpo apropriado* (AV: "o seu próprio corpo").

39. Da semente e das plantas, Paulo volta-se para *carne*. *Nem toda* carne é da mesma espécie. A carne dos *homens*, a dos *animais* (a palavra denota propriamente "animais de carga", "gado", mas o ponto não é importante), a das *aves* e a dos *peixes*, são diferentes. Paulo está preparando o caminho para o pensamento, que pode haver diferença entre a espécie de corpo que temos antes da ressurreição e a espécie do que teremos depois da ressurreição.

40. Paralelamente a esta diferenciação entre várias formas de vida terrena, há diferença entre *corpos celestiais* e *corpos terrestres*. Tenderíamos, de acordo com o nosso idioma, a interpretar "corpos celestes" como se referindo aos astros. Mas, a despeito das opiniões de alguns comentadores eminentes, provavelmente não é este o pensamento de Paulo (ele fala das estrelas no versículo seguinte; além do mais, o oposto de "corpos celestes" no sentido que usualmente damos à expressão é "a terra", não *corpos terrestres*). Era idéia aceita que os seres celestiais, ou pelo menos alguns deles, tinham corpos. O ponto firmado por Paulo é que os seus corpos são apropriados para os seres celestiais, enquanto que os seres terrestres têm corpos diferentes, corpos próprios para os seres terrenos. Alcança-se outro estágio do argumento com referência a *glória*. A "glória" (AV; oculto na ARA) dos seres terrenos pode ser resplendente, mas não é a *glória* dos celestiais. Os seres são de ordem diferente, e, igualmente, de ordem diferente é a glória que lhes pertence.

41. Isto conduz à consideração daquilo que chamamos de corpos celestes. O sol, a lua e as estrelas, são todos gloriosos, cada qual à sua maneira, e cada qual de modo diferente do de qualquer coisa da terra. Mesmo as estrelas diferem umas das outras. Uma é mais gloriosa que a outra. Para onde quer que olhe, Paulo vê evidências deste princípio de diferenciação. Este é um universo maravilhoso, e nele Deus colocou tantas coisas, tantas coisas gloriosas, que, todavia, diferem marcantemente umas das outras.

42. Tendo defendido o ponto que visava, que há diferentes espécies de corpos, e diferentes graus de glória, Paulo agora se fixa no apoio que isso dá à ressurreição. Assim também é a ressurreição. É ao longo desta linha de diferentes corpos e diferentes glórias que se deve entender a ressurreição. *Dos mortos* vem com artigo (caso que não se dá, por exemplo, nos vs. **12, 13**), de sorte que os mortos estão sendo considerados como uma classe. Paulo não dá um sujeito para os seus verbos seguintes. A AV lhes acrescenta o pronome neutro da terceira pessoa do singular; a ARA dá-lhes flexão impessoal. Paulo empregou vários exemplos nos versículos anteriores, mas a sua escolha de *semeia-se*, indica que a semeadura da semente, com a nova e vigorosa vida resultante, que mencionou nos versículos **36, 37**, está primariamente em sua mente. Da série de antíteses que este pensamento levanta, o apóstolo começa com a antítese entre *corrupção* e *incorrupção*. Embora a primeira palavra se refira primariamente à propensão do corpo para a deterioração, a analogia entre a corrupção física e a corrupção moral não pode estar fora da atenção. A última palavra é comumente usada para indicar a qualidade da vida no porvir, e é parti-

cularmente expressiva nesta conexão. A principal objeção que o grego típico fazia a qualquer doutrina da ressurreição era que o corpo é essencialmente corruptível. Ele está por natureza sujeito à deterioração. Por conseguinte, o grego esperava uma existência em que a alma ficaria sem o entrave do corpo corruptível, em que a alma existiria *na incorrupção*. Paulo associa este mesmo estado com o corpo da ressurreição. Ele concorda que *corrupção*, suscetibilidade para a deterioração, é uma propriedade do corpo terreno do homem, o corpo que há de ser posto no túmulo. Mas o corpo que se há de tomar do túmulo será um corpo transformado. Ressuscitará *na incorrupção*. O mesmo traço distintivo que o grego comum considerava incompatível com o corpo (porque só pensava no corpo atual, de carne e sangue), Paulo vê como característica do corpo da ressurreição.

43. Paulo continua a selecionar aquelas características da vida corpórea que para os gregos pareciam demonstrar a loucura da idéia de ressurreição, e a mostrar que elas não têm relevância para a ressurreição do corpo. *Desonra** traduz *atimia*, palavra usada às vezes para descrever a perda dos direitos de cidadania. Um cadáver não tem direitos. Quer Paulo tenha isto em mente quer não, não há nada de particularmente honroso quantó a um corpo em decomposição quando é posto num sepulcro. Mas isso não tem relevância para o modo como o corpo ressuscita. O corpo da ressurreição, na opinião de Paulo, é um corpo glorioso, sobrepujando tanto o corpo atual como a bela planta sobrepuja a semente da qual brotou. As dúvidas do grego oriundas da natureza desonrosa do corpo que agora existe são infundadas. O corpo que há de ser ressuscitado há de ser um corpo em glória. Ainda, o corpo atual é relativamente destituído de poder. Cultive-o como quiser (e os gregos cultivavam as proezas físicas), e ele continuará sendo um fraco instrumento, superado em muito pela mente que nele está. E quando ele morre (a referência primária é ao corpo morto), é o próprio símbolo da impotência total. Mas o corpo da ressurreição não será limitado como este corpo é. Exatamente como este corpo é caracterizado pela *fraqueza*, assim o corpo que há de ressuscitar será caracterizado pelo *poder*.

44. *Natural* traduz *psuchikon*, "pertencente à alma (ou à vida)". Tem que ver com a vida presente em todos os seus aspectos, especialmente quando contrastada com a vida sobrenatural (cf. o seu uso em

* A AV, acompanhando o texto de Nestle, tem a frase, "Semeia-se em desonra, ressuscita em glória", na parte inicial do v. **43**; a ARA, na parte final do v. **42**. Nota do Tradutor.

2:14, referindo-se ao homem meramente "natural"). Não há nada de necessariamente pecaminoso ou censurável a seu respeito, a não ser que haja a idéia de um homem decidir-se deliberadamente a viver num plano inferior quando poderia viver num plano mais elevado. Neste lugar significa que o corpo que agora temos é um corpo apropriado para a presente vida. Mas tal corpo não se adapta à vida do mundo por vir. Para este se necessita um corpo harmonizado com o espírito, de fato, um *corpo espiritual.* Isto não significa necessariamente corpo "composto de espírito", mas, antes, "que expressa espírito", "que responde às necessidades do espírito". Na última parte do versículo devemos ler, como na ARA, *Se há corpo natural, há também corpo espiritual* (AV: "Há corpo natural, e há corpo espiritual"). Ninguém pode negar que existe corpo natural, corpo relacionado com a *psuche.* Se é assim, raciocina o apóstolo, tem que existir também corpo relacionado com o espírito. O *corpo espiritual* é, pois, o órgão intimamente relacionado com o espírito do homem, justamente como o seu corpo atual é intimamente relacionado com a sua vida terrena.

45. Caracteristicamente, Paulo apela para a Escritura para firmar o seu argumento. Este não é algo que elaborou mentalmente por conta própria. Devemos notar, porém, que ele não emprega a sua fórmula usual de citação, *kathōs gegraptai, assim está escrito*, o que pode indicar algo menos do que uma prova rigorosa. Cita Gn 2:7 (inserindo *primeiro* antes de *homem*, e *Adão* depois). Parece que o ponto que visa é que a característica do homem, desde o princípio, é *psuchē, alma.* Isso foi verdade com referência a Adão, e é verdade quanto a todos os seus descendentes. O primeiro Adão passou a sua natureza aos que vieram depois. A Escritura não inclui o segundo ponto que Paulo focaliza. Talvez tenha pretendido provar somente o primeiro ponto com a Escritura, sendo o segundo seu próprio suplemento. Talvez queira dizer que a Escritura como um todo testifica que Cristo é *espírito vivificante.* Ou talvez tenha afirmado que isso está implícito na Escritura. Vale dizer, Adão foi o progenitor da raça, e suas características estão estampadas na raça. Cristo é *o último Adão*, o progenitor da raça de homens espirituais. Em virtude do Seu ofício como *o último Adão*, Ele estampa as suas características naqueles que estão nele. O primeiro Adão faz supor o último Adão, e a obra do primeiro Adão faz supor a obra do último Adão. A característica de Cristo neste ofício é que Ele é *espírito vivificante* (isto é, "que dá vida"). Ele não é apenas o padrão dos que estão nele, mas é a fonte daquela vida espiritual que resultará nos corpos de que Paulo fala. A AV acrescenta corretamente "foi feito" como o verbo que acompanha aquela expressão. Paulo quer dizer que foi em Sua obra salvadora pelos homens, que Cristo se tornou espírito que dá vida. Alguns vêem aí uma referência à encarna-

ção, outros à ressurreição ou ao segundo advento. Mas Paulo não é específico.

46. Paulo insiste na correta ordem das coisas. *Mas* é a forte adversativa *alla*, que é um pouco surpreendente, pois o que se segue não está em forte contraste com o que vem antes. Talvez, como acha Ellicott, contraste a "ampla afirmação" seguinte com os pormenores anteriores. Ou talvez Paulo queira dizer que, conquanto o "espírito vivificante" de quem esteve falando há pouco exista desde antes de todos os tempos e de todos os homens, contudo, na ordem da criação não vemos nada que se relacione particularmente com Ele, *o espiritual*, mas, sim, o que tem particular relevância para a vida aqui e agora, *o natural* (*to psuchikon*). Na ordem da criação entramos nâ vida *natural* primeiro; só depois é que podemos entrar na *espiritual*.

47. *O primeiro homem* refere-se a Adão. *Choikos, terreno*, vem de raiz diferente de *gē, terra*. Significa, "feito de pó", e é uma reminiscência de Gn 2:7, "Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra". *Da*, na expressão *da terra*, denota origem. *O segundo homem* é o Senhor Jesus, posto em contraste mais uma vez com Adão, desta vez não em termos da obra realizada ou da constituição natural, mas da origem. Embora ele tenha aparecido na terra, e tenha vivido, morrido e ressuscitado, não se deve pensar que Ele é originário da terra, como Adão o é, mas, sim, *do céu* (os melhores MSS omitem "Senhor", que consta do texto da AV). Alguns relacionam estas palavras com a encarnação, e alguns com o segundo advento. O ponto não está claro, mas a referência primária é à origem celestial de nosso Senhor, em contraste com a de Adão.

48. *Como foi o primeiro homem, o terreno*, indica-nos Adão outra vez. Ele é o padrão para todos os que vêm depois. A natureza destes é como a dele. Isto inclui a raça toda, de modo que todos os homens são, neste sentido, *terrenos*. Anteposto a isso vem *o celestial*, que, de acordo com a descrição do versículo anterior, é o Senhor que veio "do céu". O uso do adjetivo, em vez da expressão mais longa, salienta a Sua natureza como um Ser celestial, e não a Sua origem. O ponto realmente importante é a conclusão, *tais também os celestiais*. Não há dúvida alguma na mente de Paulo, nem na dos conversos coríntios, nem na dos gregos em geral, de que todos os homens são terrenos. Os nossos corpos são corpos terrenos, e compartilham a corrupção que é parte integrante das coisas terrenas. Mas os cristãos não são somente *terrenos*. São também *celestiais*, dado o seu relacionamento com Cristo. Para Paulo, isso tem conseqüências de amplo alcance. Tem implicações para a presente vida, mas também tem as suas impli-

cações para a época do mundo vindouro. Significa que o povo de Cristo será então como Ele. (Cf. 1 Jo 3:2, "Ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é"). O corpo da ressurreição de Cristo mostra-nos algo daquilo a que se assemelhará a vida para os crentes naquele novo mundo em que a ressurreição deles os introduzirá. Então Ele lhes transformará o "corpo de humilhação" de maneira que o modelará "para ser igual ao corpo da sua glória" (Fp 3:21).

49. *Trouxemos* vem do verbo *phoreō*, que é mais intensivo do que o mais comum *pherō*. Enquanto que este significa simplesmente "trazer", "levar", o primeiro contém a idéia de trazer continuamente, trazer habitualmente (emprega-se muitas vezes em referência ao uso de roupas; cf. o v. 53). Assim, é natural que se use esta palavra aqui, onde Paulo quer comunicar o pensamento sobre o nosso estado habitual. O uso do aoristo pode ser incoativo, como acha Parry, "começamos a usar, a vestir". Ou talvez, do ponto de vista da ressurreição, diga respeito à nossa vida como um todo completo. O uso em questão é visto no conjunto integral da vida, e não simplesmente em algumas partes. *Eikōn, imagem,* é empregada para referir-se ao fato de o homem ter sido feito à "imagem... de Deus" (**11:7**). Pode denotar simples representação (como na *eikōn* do imperador numa moeda), ou pode denotar uma coisa muito mais exata. Aqui será a imagem que corresponde ao original e o reproduz. Na maioria, os MSS mais antigos dizem "tragamos" (ARA: *devemos trazer*) em vez de "traremos" (AV), na segunda parte do versículo. Se for adotada essa redação, Paulo está exortando os coríntios a se revestirem do estado celestial, a se apropriarem progressivamente dele; "procuremos ser também como o homem oriundo do céu", como o traduz Goodspeed. Isto soa como se fosse algo que os homens poderiam fazer por seus próprios esforços. Isso está tão longe da abordagem usual de Paulo, que ficamos justificados ao considerar "tragamos" (ou *devemos trazer*) como uma primitiva deturpação do texto, feita por escribas interessados numa exortação ética, e não bem esclarecidos sobre o que o apóstolo quer dizer. O contexto parece deixar claro que "traremos" (AV) é a redação correta. Há algumas boas autoridades em favor deste texto, incluindo-se o Codex Vaticanus. Paulo está dizendo, pois, como no transcurso completo desta vida trouxemos a forma de Adão, assim na vida por vir traremos a de nosso Senhor. Tão certamente como fizemos a primeira coisa, faremos a outra. Não é coisa de que se duvide. As considerações que Paulo acrescentou são conclusivas em sua opinião.

f. Vitória sobre a morte (15:50-58)

O capítulo chega a um clímax magnífico. Paulo esclarece que os que ressuscitam não serão criaturas de carne e sangue. Serão *transformados,* como o serão os que estiverem vivos quando chegar aquele dia. Não mais terão corpos sujeitos à decadência e à morte. Numa passagem lírica, o apóstolo exulta na vitória obtida sobre a própria morte. Isto produz uma ação de graças a Deus, a causa da vitória, e, à luz disso tudo, uma exortação à perseverança.

50. "Agora digo isto" (AV; ou "afirmo", *phēmi,* como na ARA), fortalece o significado do que vem a seguir. É importante. *Carne e sangue* não é um modo incomum de referir-se à vida atual (ex., Gl 1:16; Hb 2:14). Dirige a atenção para dois dos mais importantes componentes que são peculiarmente suscetíveis de deterioração. A expressão é, assim, sintomática da mortalidade do homem e da fraqueza da sua estrutura mortal. Não significa fragilidade moral. *Carne,* isoladamente, é empregada muitas vezes num sentido moral, mas a combinação *carne e sangue* parece que sempre tem significação física no Novo Testamento. A dura afirmação de que carne e sangue *não podem* participar no reino, exclui claramente todas as idéias toscas da ressurreição. Não é o presente corpo físico que Paulo contempla como tendo lugar no reino. Não se deve exagerar o sentido de *herdar.* A palavra significa estritamente "receber por herança", mas no Novo Testamento o sentido se ampliou, incluindo posse, quer obtida por herança quer por algum outro meio. Quanto a *corrupção* e *incorrupção*, ver a nota sobre o v. **42.**

51. Paulo continua a empregar um estilo enfático. *Eis que* tem o efeito de focalizar a atenção no que se segue. Quanto a *mistério,* ver a nota sobre **2:7.** Os homens jamais poderiam sair-se bem quanto ao que sucederá na segunda vinda, mas Deus o revelou. *Dormiremos* é a mesma bela maneira de referir-se à morte que vimos no versículo **18.** Alguns acham que Paulo quer dizer que a segunda vinda terá lugar durante a sua vida na terra. Mas isto é forçar ilegitimamente as palavras. O mesmo processo aplicado a **6:14** mostraria que ele estaria morto, naquele caso! Mas com freqüência Paulo se classifica juntamente com os que está descrevendo, sem qualquer inferência de que de fato é um deles (exs., **6:15; 10:22).** O fato puro e simples é que Paulo não sabia quando esses acontecimentos teriam lugar, e em nenhum lugar ele se arroga esse conhecimento. Quando diz "nós" (explícito na AV; oculto na ARA, mas claro na flexão verbal), quer dizer "os crentes em geral", "os cristãos que estiverem vivos naquele dia". Alguns não morrerão, mas, quer estejamos no número deles, quer morramos antes da-

quele dia, *transformados seremos todos.* Os corpos terrenos não servem para o reino que se instalará então. Note-se que a dificuldade é o oposto da de 1 Ts 4:13ss. Ali Paulo afirmou aos seus leitores que os que morrerem antes da Parousia não estarão em desvantagem. Ressuscitarão primeiro. Aqui a dificuldade é com os que estiverem vivos, pois Paulo acabou de dizer que "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus". Como então os vivos poderão entrar naquele reino? A resposta é, *transformados seremos todos.* Os escribas primitivos acharam alguma dificuldade com o texto, e há redações variantes. Uma delas é importante, pois achou caminho para a Vulgata, e assim, representa o modo como os católicos romanos têm geralmente entendido o versículo. Na versão de Knox, o versículo diz: "todos ressuscitaremos, mas nem todos passaremos pela mudança de que falo" (sendo que, neste caso, a segunda cláusula se refere aos não salvos, que, embora ressuscitados, não experimentarão a gloriosa transformação! Contudo, o texto subjacente à AV deve ser preferido, como Knox concede numa nota de rodapé.

52. A alteração não será um processo demorado. A ressurreição dos mortos podia assemelhar-se ao lento crescimento de uma semente, mas a mudança pela qual passarão os vivos terá lugar com espantosa subitaneidade. *Momento* é *atomos* ("aquilo que não pode ser cortado ou dividido", isto é, a menor coisa possível; desse termo extraímos a nossa palavra "átomo"). Significa a mais curta fração de tempo possível. *Abrir e fechar* (*rhipē*) relaciona-se com a idéia de atirar. *Num abrir e fechar dolhos* é o tempo que se gasta para dar uma espiada, ou talvez para piscar. Paulo menciona a *trombeta* em 1 Ts 4:16 também. Na nota sobre essa passagem,[1] chamamos a atenção para as evidências do Velho Testamento, do ensino de nosso Senhor, e do judaísmo contemporâneo, associando a trombeta aos acontecimentos do último tempo. Usava-se freqüentemente a trombeta com relação a festas e vitória. Ambas as idéias vão bem aqui. Ao que parece, o soar da trombeta será o sinal para ressuscitarem os mortos. *Última* refere-se, não ao último de uma série de sonidos de trombeta (como na especulação rabínica), mas ao último acontecimento na terra. Marca o fim das coisas como as conhecemos. Os mortos ressuscitarão *incorruptíveis,* o que prepara o caminho para Paulo repetir a sua afirmação de que *nós seremos transformados.* Ele está deixando bem claro que não tem em vista um retorno à espécie de vida que ora vivemos.

53. Algo da natureza da transformação é trazido à luz. Os dois pontos selecionados são a presente corrupção do corpo humano (sus-

1 *Op. cit.*, págs. 87, 88.

cetibilidade para a decadência física) e a mortalidade. Estas coisas são totalmente incompatíveis com a vida vindoura. *Se revista* traduz a palavra normalmente empregada para vestir roupa. O corpo atual é apenas o traje do homem real. Na vida por vir o homem real vestirá outro terno, por assim dizer.

54. É característico de Paulo ver nisso tudo um cumprimento da Escritura. Recorda-se de que está escrito em Is 25:8, "Tragará a morte para sempre"; AV: "Tragará a morte na vitória". O que Deus havia planejado desde muito tempo, e tinha revelado a Seu servo profeta, Ele cumprirá da maneira como Paulo esboçou. A expressão indica a completa destruição da morte.

55. Em linguagem que lembra Os 13:14, Paulo canta a vitória que será lavrada. Provavelmente devemos seguir os MSS que invertem a ordem das perguntas dadas pela AV, vindo em primeiro lugar a que se refere a *vitória* (assim na ARA). Daí, a pergunta sobre o *aguilhão* é absorvida imediatamente pela afirmação do versículo seguinte. A palavra *kentron* refere-se primariamente ao ferrão das abelhas, à picada das serpentes, e a coisas semelhantes. Este uso metafórico retrata a malignidade da morte. Esta é um adversário maldoso. Talvez devamos notar que nos melhores MSS gregos ambas as perguntas interrogam a *morte* (assim na ARA), e não uma delas o "túmulo" (AV; literalmente, "hades"; ARC: "inferno").

56. Somos postos face a face com a seriedade das questões morais. Não é propriamente a *morte* a coisa maligna. O que importa é que a morte é "o salário do pecado" (Rm 6:23). Sim, pois a morte, considerada simplesmente como passagem desta vida para a imediata presença do Senhor, é lucro, não perda (Fp 1:21,23). Onde o pecado é perdoado, a morte não tem aguilhão. Mas onde o pecado não recebeu o tratamento devido, ali a morte é um virulento antagonista. O *aguilhão* não está na morte, mas no *pecado*. Com *a força do pecado é a lei,* Paulo faz com que nos voltemos para pensamentos como os expostos em Rm 5:12ss., 7:7ss. *A lei,* conquanto divina em sua origem, e Paulo possa falar do mandamento como "santo e justo e bom" (Rm 7:12), é totalmente incapaz de levar os homens a um estado de salvação. Na verdade, colocando diante dos homens o padrão que eles devem alcançar e nunca alcançam, ela se torna a cidadela do pecado. Faz de todos nós pecadores. Condena-nos a todos.

57. Mas a obra realizada por Cristo consistiu em satisfazer as exigências da lei (Ele "nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar", Gl 3:13). Ele tratou completamente do problema do pecado. Por conseguinte, o crente não tem que te-

mer da morte. Seu aguilhão foi extraído. Paulo exulta num cântico triunfal de louvor a Deus, *que nos dá a vitória.* O emprego do particípio presente (no grego) pode comunicar a idéia de que dar vitória é uma característica de Deus. Há também a inferência de que participamos dessa vitória agora, e que participamos dela diariamente. A vida cristã é caracteristicamente vida de vitória. O uso do título completo, *nosso Senhor Jesus Cristo,* realça a acepção da majestade da Sua Pessoa. Há vitória para o cristão, mas somente mediante o que Cristo fez por ele.

58. Resultante disto, vem a exortação à estabilidade cristã. *Hedraioi, firmes,* foi empregado em **7:37** a respeito daquele que "está firme em seu coração", e isto nos dá o sentido da expressão aqui. Há a idéia de um propósito estável, algo que não se perturba facilmente, pois toda a tendência do homem está por trás disso. Há um destaque desta idéia (não o acréscimo doutra) na palavra seguinte, *inabaláveis.* Os coríntios eram inclinados à volubilidade, mudando de uma posição para outra sem motivo. Que se fixem com firmeza na verdade da ressurreição, no plano final de Deus para todos os homens e todas as coisas, e não se abalarão tão depressa. *Ginesthe, sede,* poder-se-ia traduzir por "tornai-vos". Paulo coloca diante deles um estado do qual eles ainda estavam muitíssimo longe. A condição certa para eles é que sejam *sempre abundantes na obra do Senhor.* Esta idéia de vida abundante não deve ser passada por alto. Não há nada de acanhado ou estreito quanto à genuína experiência cristã. Edwards fala da fé na ressurreição como produzindo "uma consciência de ilimitado e interminável poder para agir", e acrescenta, "No caso de um crente, os grandes sonhos da juventude nunca se reduzem a uma realização vulgar". "Visto que, como sabeis" (AV) provavelmente se deve traduzir por "sabendo" (assim na ARA). A construção é exatamente a mesma anterior, traduzida por *abundantes* ("sendo abundantes"), e não parece haver real motivo para um modo diferente de traduzir o particípio. O que se segue não é a razão do que vem antes (a razão é, em vez disso, a verdade da ressurreição que Paulo vem expondo), mas, o seu acompanhamento. Por causa da ressurreição, com tudo o que ela inclui da vitória final de Deus, e da sobrevivência do crente ao passar pela morte, o trabalho (*kopos,* dando proeminência à idéia da fadiga que o trabalho duro envolve) *não é vão* (*kenos,* "vazio"; Moffatt, "nunca (é) desperdiçado"). Deissmann vê nestas palavras "um trêmulo eco do desânimo resultante de uma peça trabalhada sendo rejeitada alegando-se mau acabamento e, portanto, não sendo paga" (LAE, pág. 314). O cristão não receia nenhum desencorajamento como esse. O seu trabalho é *no Senhor.* Tudo que ele faz é na força de Cristo e para a glória de Cristo.

VIII. Conclusão (16:1-24)

Foram tratados os grandiosos temas da epístola. Mas ainda há alguns assuntos que requerem atenção, e Paulo se volta para eles. Numa breve e "loquaz" seção ele dá orientações para a coleta em favor dos pobres, esboça os movimentos que planejou, fala resumidamente acerca de amigos mútuos, Timóteo, Apolo e outros, e conclui a sua carta.

a. A coleta (16:1-4)

1. *Quanto à* é a fórmula usada para introduzir os tópicos mencionados na carta escrita pelos coríntios (ver a nota sobre o v. 12). *Coleta* (a palavra é usada comumente, mais especialmente com referência a coleta para fins religiosos) significava muito para Paulo. Esta é a primeira menção dela em seus escritos existentes, mas lemos sobre ela também em Rm 15:26; 2 Co 8:1ss., 9:1ss.; At 24:17. Aqui ele fala simplesmente que a coleta é *para os santos,* mas outras referências (ex., o v. 3) esclarecem que é para os pobres de Jerusalém. Paulo desejava ansiosamente que a coleta fosse um sucesso. Sem dúvida, estava profundamente preocupado com as necessidades da igreja de Jerusalém. Não sabemos por que essa igreja estava tão pobre, evidentemente muito mais pobre do que as outras igrejas. Mas, de modo geral, Jerusalém não era rica, sendo em grande parte dependente da generosidade dos judeus de fora da Palestina. Os cristãos não receberiam esse benefício. Ao contrário, seriam objetos de especial hostilidade e perseguição (1 Ts 2:14,15), e podiam muito bem estar em apuro fora do comum. Também é provável que sofressem os efeitos tardios da comunidade de bens praticada nos primeiros dias (At 4:34,35). Um segundo motivo para Paulo surgiria do fato de que, justamente como os judeus ajudavam os seus irmãos mais pobres, assim também o faziam as irmandades religiosas gregas (os *eranoi*). Nunca os cristãos haveriam de querer ficar para trás do mundo judaico e do mundo pagão em seu cuidado pelos irmãos pobres. Também há o fato de que o próprio apóstolo e toda a missão gentílica estavam sob suspeita, da parte dos elementos mais conservadores da igreja de Jerusalém. Sem dúvida Paulo achava que uma resposta generosa às necessidades dos pobres daquela igreja demonstraria admiravelmente a solidariedade das igrejas gentílicas para com a igreja mãe, e faria muito para promover a unidade. A coleta estava sendo feita por todas as igrejas gentílicas, pelo menos as que foram fundadas por Paulo, como deduzimos das referências às igrejas da Galácia e às da Macedônia (2 Co 8:1ss.; 9:2ss.).

2. *No primeiro dia da semana* significa, "todo primeiro dia da semana". Este é o primeiro documento de prova que mostra que os cristãos guardavam habitualmente aquele dia, embora não haja razão para duvidar que era esse o costume deles desde o primeiro dia mesmo (cf. Jo 20:19,26; At 20:7; Ap 1:10). Em distinção do sábado judaico, o primeiro dia era uma comemoração semanal da ressurreição do Senhor, o que indica algo da importância que os cristãos atribuíam ao acontecimento. *Cada um de vós* indica que cada um, não importa quão pobre, faria uma contribuição. O sentido mais natural de "guarde para si em reserva" (AV) é, como muitos comentadores, de Crisóstomo em diante, têm sustentado, que cada um deve guardar o dinheiro em reserva em casa (cf. a ARA, *ponha de parte, em casa*). Mas como Paulo expressamente reprova que se reúna dinheiro quando ele chegar (o que seria necessário se todos o tivessem posto à parte em casa), talvez seja melhor entender que a reserva era feita na tesouraria da igreja. Paulo não indica nenhuma quantia definida, nenhuma exata proporção da renda do indivíduo, para a contribuição, mas o deixa à consciência de cada um. Só dá orientação com a expressão, *conforme a sua prosperidade* (AV: "conforme Deus o prosperou". O sujeito do verbo não está explícito; a palavra "Deus" é acrescentada pela AV; não há nada correspondente a ela no grego), e pode ser "ele" ou "seu negócio". O verbo é passivo, e o tempo, presente ou perfeito. As formas são as mesmas, sendo a única diferença a do acento, e não há acentos nos MSS mais antigos; só o contexto nos diz o que é. Qualquer deles dá bom sentido, e ambos dão idéia de um estado continuado. Então, o sentido é que a dádiva de um homem deve ser diretamente proporcional ao modo da sua prosperidade. *Coletas* refere-se a "coletas de dinheiro"; a mesma palavra do versículo anterior. Paulo deseja que a coleta seja feita antes da chegada dele. Incidentalmente emprega o indefinido *hotan* para *quando*. O tempo da sua visita é incerto.

3. "Vier" (AV) é uma palavra diferente, com o sentido de "chegar" (cf. a ARA, *tiver chegado*). Não há nada no grego que corresponda a "vossas" (AV, referente a "cartas"; e nessa versão talvez devamos pôr uma vírgula depois do verbo aprovar; quanto a este verbo, ver as notas sobre **10:9**; **11:28**; significa primeiro "provar" e deste sentido vem o de "aprovar"). Paulo não está sugerindo que os coríntios lhe escrevam, ou a alguma outra pessoa, sobre os irmãos que eles aprovam, mas, antes, que escolham homens que ele enviaria com cartas (isto é, de recomendação). Os coríntios os escolheriam, e Paulo os recomendaria (assim na ARA). Tais cartas de recomendação eram comuns, e Deissmann cita uma datada de 12 de setembro de 50 A. D. (LAE, pág. 170, 171). Note-se o escrupuloso cuidado de Paulo no ma-

nuseio desse dinheiro. Ele estava organizando a coleta, mas não planejou tocar pessoalmente no dinheiro em tempo algum. Os coríntios o levantariam, guardá-lo-iam até a vinda de Paulo, e o enviariam por meio de mensageiros de sua própria escolha a seu destino.

4. Os planos de Paulo eram incertos. Não sabia se iria a Jerusalém ou não. Se parecesse bem que fosse, diz que eles o acompanhariam. Devemos provavelmente entender que isto quer dizer que, se a coleta alcançasse uma soma considerável, ele iria pessoalmente com ela (não ficaria bem um apóstolo supervisionar em pessoa a entrega de uma quantia irrisória). Moffatt traduz, "se a soma for tal que valha a pena que eu vá também, eles me acompanharão".

b. Os planos de Paulo (16:5-9)

Os movimentos de Paulo são tentativos. Mas quer que os seus amigos saibam que ele planeja estar com eles, talvez mesmo passar um inverno completo com eles. Mas não pode permitir que a sua projetada visita o retire de Éfeso enquanto não concluir o seu trabalho ali.

5. Em **4:19** Paulo prenunciou uma visita a Corinto, e insinuou que em Corinto havia alguns que pensavam que ele não viria (ver a nota sobre **4:18**). Agora, pois, o apóstolo estabelece com certeza que virá a eles. Marca a data da sua visita como devendo ocorrer *por ocasião da minha passagem pela Macedônia. Por ocasião* (AV: "quando") é de novo o indefinido *hotan*. Paulo não sabe quando será. *Passagem pela* indica uma excursão sistemática visitando as várias igrejas macedônicas. O acréscimo, *porque devo percorrer a Macedônia,* parece mostrar que esta parte do plano era novidade para os coríntios. Evidentemente sabiam que Paulo estava planejando uma visita a eles (mesmo que alguns negassem que o faria), mas não sabiam dos planos quanto à Macedônia. Agora Paulo lhes conta o que espera fazer, e podem ver bem em que parte do plano entra a visita do apóstolo à cidade deles. Este uso da ação presente pela futura não é incomum. Empresta um ar de maior definição ao plano.

6. *Bem pode ser, tuchon,* lembra-nos a incerteza dos restantes movimentos do apóstolo. Paulo não se está comprometendo. Mas gostaria que a sua visita fosse mais do que simples visita de passagem que é tudo que as igrejas macedônicas podem esperar (essa é a ênfase do seu verbo "percorrer", que na ARA é usado assim na segunda vez, no versículo anterior; na AV, as duas vezes a expressão é, "passar pela"). *Convosco* é enfático. Contrasta os coríntios com os macedônios. Mas em Corinto pode ser que Paulo se *demore* (*katameno*) e até passe

o inverno todo (quando normalmente se suspendiam as viagens no mundo antigo). Isto daria aos coríntios a oportunidade de "encaminhá-lo em sua viagem" (AV), isto é, de provê-lo das coisas de que necessitasse pelo caminho. Outra vez o "vós" (explícito na AV; implícito na flexão verbal da ARA) é enfático: "para que sejais *vós* os que hão de me encaminhar...". *Nas viagens que eu tenha de fazer* reflete a incerteza de Paulo quanto ao destino da sua viagem. Estava claro em seu plano visitar a Macedônia e, depois, ir para Corinto; mas além desse ponto, não tinha objetivos definidos. De passagem, vale a pena expor que, conquanto Paulo evidentemente tivera que mudar os seus planos mais de uma vez, e fora acusado de inconstância nesse procedimento(2 Co 1:55ss.),o plano esboçado foi o que eventualmente foi adotado. Em At 20:1-3 ficamos sabendo que ele foi de Éfeso para â Macedônia, e depois para a Grécia, onde permaneceu três meses.

7. *Não quero.* O verbo é *thelō,* "firmo a minha vontade em". Não é da vontade de Paulo, de modo algum, fazer uma simples visita de passagem a Corinto. Pela terceira vez ele emprega o "vós" (AV) enfático. Seu desejo é passar algum tempo entre eles. Note-se a condição que estabelece, *se o Senhor o permitir.* Ele é servo do Senhor. Tem que ir aonde o Senhor quiser que vá. Portanto, todos os seus planos têm que se sujeitar à condição (expressa ou não) de que o Senhor pode intervir e dirigi-lo para outra parte.

8,9. Todavia, as suas esperanças de ver os seus amigos nas diversas igrejas gregas têm que ser adiadas por algum tempo. A tarefa imediata de Paulo é em Éfeso, e não será terminada antes do Pentecoste. *Energēs*, traduzido por, "eficaz" (AV), é um adjetivo incomum para qualificar um substantivo como *porta.* Significa "ativo"; "efetivo", e aqui é empregado como figura da espécie de atividade aberta para Paulo como resultado da *porta* aberta de que fala (cf. a ARA, *porta grande e oportuna*). *Abriu* é o tempo perfeito, dando o sentido de que a porta "permanece aberta". Há a idéia de que a oportunidade é permanente. Não esperamos encontrar nesta conexão uma referência a *muitos adversários.* A abrupta referência de Paulo a eles lembra-nos que normalmente não se deixa que o cristão se dedique ao seu trabalho sem ser molestado. Faz parte das condições em que servimos a Deus que, quando temos grandes oportunidades de serviço, também há grandes dificuldades em nosso caminho. Atos 19 mostra quão grandes eram os adversários de Paulo em Éfeso.

c. Timóteo e Apolo (16:10-12)

10. Em 4:17 Paulo falou de enviar Timóteo a Corinto. À luz de At 19:22, parece que Timóteo foi acompanhado por Erasto, e que pri-

meiro foram para a Macedônia. É possível que Paulo duvidasse que Timóteo chegaria a Corinto, mas o seu uso de *se* não implica necessariamente em incerteza. Talvez seja como o dito, "Se o inverno chegar, pode a primavera estar muito atrás?" Moffatt e a VPR traduzem, "quando". A injunção de Paulo a que cuidem para que *esteja sem receio* entre eles, indica mais a disposição tímida de Timóteo e a sua juventude (ainda se pôde fazer alusão à sua juventude anos mais tarde, quando 1 Tm 4:12 foi escrito). Do conteúdo desta carta podemos inferir que entre os crentes coríntios havia alguns que eram confiantes e voluntariosos. Evidentemente Paulo temia que Timóteo não fosse adequado para a tarefa de lidar com as dificuldades provocadas por esses homens, temor que os acontecimentos subseqüentes haveriam de mostrar que era bem fundado. Mas Paulo insere uma palavra em favor do seu jovem assistente. Conclama os coríntios a não fazerem nada que o amedronte, e lhes recorda que ele e Timóteo estão empenhados na mesma obra, *na obra do Senhor.*

11. No espírito de 1 Ts 5:13, insiste em que a obra que Timóteo realiza é a razão por que ele não deve ser desprezado. *Despreze* é um termo forte, significando "reduza a nada", "anule absolutamente" (ver a nota sobre **1:28**). Indica algo do que Paulo temia quanto a Timóteo. *Encaminhai-o* é o mesmo verbo que vimos empregado no versículo **6**, referindo-se a suprirem Paulo em seu caminho. Pede que façam por Timóteo o mesmo que por ele próprio. O fato de que espera que Timóteo volte a ele, mostra que Paulo o enviou para tarefas específicas. Não estava numa comissão sem roteiro definido. A referência a *os irmãos* não é clara. At 19:22 só menciona Erasto como estando em companhia dele, embora, naturalmente, possa ser que houvesse outros. Talvez Paulo queira dizer que espera que Timóteo regresse com outros irmãos de Corinto. Mas é igualmente possível que queira dizer que ele e os irmãos que estavam com ele esperavam o regresso de Timóteo.

12. Chegamos neste versículo à última ocorrência da fórmula *peri de* introduzindo tópicos mencionados na carta enviada de Corinto. Anteriormente foi traduzida por "quanto a"; "com respeito a"; "no que se refere a"; "a respeito de"; "quanto a" (**7:1,25; 8:1; 12:1; 16:1**) respectivamente. Aqui a tradução é, *Acerca do.* É coisa patente que Apolo era tido em elevada estima em Corinto, e, na carta que escreveram, os coríntios evidentemente expressaram o desejo de que ele lhes fizesse outra visita. Paulo concorreu para isso, e lhe tinha "rogado muito" que viesse *em companhia dos irmãos.* É evidente que em nenhum sentido Paulo e Apolo eram rivais. A repetição da frase, "com os irmãos" (AV), empregada no versículo **11** com relação a Timóteo,

talvez não seja acidental. Pode ser que Timóteo tenha viajado com outros, e Paulo tenha querido que Apolo se juntasse à equipe. Ou pode ser que à volta de Timóteo, certos *irmãos* iriam a Corinto e Paulo tentasse persuadir Apolo a incluir-se entre eles. Contudo, *de modo algum* (isto é "absolutamente não") *era a vontade* do alexandrino vir nessa ocasião. Não significa que ele não queira vir. Mas esperava *boa oportunidade*. Pode ser que não signifique mais que isto — que Apolo estava muito ocupado, e viria quando tivesse mais lazer, ou talvez signifique que ele achava que o tempo ainda não era próprio para fazer a visita em questão.

d. Exortação (16:13,14)

Paulo interpõe uma breve e incisiva exortação. Os coríntios tinham mostrado angustiante imaturidade em algumas coisas, e o apóstolo, numa série de compulsivos imperativos, indica-lhes um caminho melhor.

13. *Sede vigilantes, grēgoreite,* como todos os imperativos destes dois versículos, é um imperativo presente. Paulo não está tratando de atitudes momentâneas, mas de estados duradouros. A palavra denota mais do que mera ausência de sono. Implica num determinado esforço para vigilância: "Estai alerta", como a traduz Barclay. Muitas vezes é empregada em referência à vigilância pela segunda vinda (Mt 24:42,43; 25:13; Mc 13:34 ss). *Permanecei firmes na fé* fala da estabilidade do cristão firmemente fundamentado em Cristo, estabilidade lamentavelmente ausente dos coríntios. *Portai-vos varonilmente* pode indicar a imaturidade demonstrada por algumas coisas que os coríntios estavam fazendo. Requer-se que se igualem a adultos responsáveis. Além disso, eles estão envolvidos numa desesperada luta com as forças do mal e, portanto, é imperativo que façam o papel de homens. *Fortalecei-vos* (AV: 'sede fortes"; pode ser passivo, "sede fortalecidos"). A força do cristão não é algo inato, inerente; ele a deriva de Deus.

14. *En agapē, com amor,* traduz-se melhor por "em amor". Isto faz-nos lembrar o capítulo **13**, com a sua ênfase na natureza onipenetrante do amor cristão. Nada do que fazemos está fora do seu escopo. O significado de "em", em vez de "com" da AV, não se deve passar por alto. O amor é mais do que um acompanhamento das ações cristãs. É a própria atmosfera na qual o cristão vive, move-se e subsiste.

e. Tenha-se a devida consideração por homens como Estéfanas (16:15-18)

15. É sempre bom ter diante de nós um exemplo que podemos seguir. Paulo tem muita coisa para dizer em termos de censura, mas agora seleciona certas pessoas dentre os conríntios e as eleva para serem imitadas, a saber, *a casa* (isto é, "família") *de Estéfanas.* Paulo já mencionou ter batizado os membros dessa família **(1:16).** Agora temos a informação adicional de que eram as *primícias* desta província. Como a província incluía Atenas, onde Paulo obtivera algumas conversões antes de pregar em Corinto, isto levanta um problema de pequena importância. Pode ser que os membros da família de Estéfanas se tenham convertido antes de Paulo pregar em Atenas. Pode ser que, embora houvesse conversões anteriores de indivíduos, essa fosse a primeira família a ser ganha para Cristo. Ou, pode ser que *primícias* indique aqueles frutos que faziam promessa da colheita vindoura. "Na opinião do apóstolo, a garantia de uma igreja futura vinha, não em Atenas, mas em Corinto" (Edwards). Eram brilhantes exemplos do que os cristãos devem ser, pois *se consagraram ao serviço dos santos.* Moffatt fala do verbo traduzido por *se consagraram,* como uma "metáfora do comércio", empregada, por exemplo, por Platão, quanto a certas pessoas que "se dedicavam à ocupação de servir o público" revendendo produtos agrícolas. Estéfanas e a sua família tinham assumido como sua particular responsabilidade, como sua parte no serviço cristão, esta tarefa de *serviço* (AV: "ministério"). Esta é uma palavra geral, e não se deve entender como se referindo ao clero em oposição aos leigos. É serviço da igreja. A casa de Estéfanas não determinou para si nenhum lugar de liderança ou de proeminência, mas um de serviço modesto.

16. É essa a maneira cristã, e Paulo recomenda este exemplo à igreja em geral. Os crentes deveriam "sujeitar-se" a tais pessoas. Paulo fala bastante acerca de se sujeitarem os cristãos uns aos outros, o que é muito necessário, pois a tendência natural do homem é o inverso. Pode não ser acidental que o verbo que emprega, *hupotassō,* é uma combinação em que entra o verbo que ele usou em referência aos familiares de Estéfanas se consagrarem a um serviço modesto. Não deviam submeter-se somente a Estéfanas, mas também aos outros que cooperavam e trabalhavam. O "nos" da AV não consta do grego (assim na ARA). A expressão é geral. Deviam sujeitar-se a todas as almas cristãs prestativas (e assim o devemos ser também). Sobre a palavra "trabalha" (AV) — "trabalha ao ponto de exaustão" — Edwards faz o sucinto comentário, "Muitos trabalham, poucos se afadigam".

17. Estéfanas e outros dois coríntios (Fortunato e Acaico doutra forma seriam completamente desconhecidos) tinham chegado recentemente aonde Paulo estava, e este nos deixa ver algo do prazer que lhe causou o encontro. Não especifica o sentido de *o que da vossa parte faltava,* mas podemos conjeturar que Paulo estava sentindo a ausência dos coríntios. "A falta que sinto de vós", é o significado da expressão. Ele sentia falta dos seus amigos coríntios, e este trio renovara a sua relação com a cidade. Em suas pessoas lhe trouxeram "um pedacinho de Corinto". *Aneplērōsan, supriram,* tem o sentido de "preencheram". Com os três, nada ficou faltando.

18. Tinham trazido *refrigério* ao espírito de Paulo. O verbo é o que foi usado em Mt 11:28 sobre dar o Senhor descanso aos "cansados e sobrecarregados". Pode indicar que Paulo estivera inquieto sem notícias de Corinto. Mas a vinda dos três dera real alívio ao espírito. *E ao vosso* é um acréscimo interessante. Não só para Paulo foi bom receber notícias de Corinto; foi bom para os coríntios o envio das mensagens feitas por eles por meio destes três homens. Os crentes devem "reconhecer" pessoas assim, isto é, conhecê-las como são e atribuir-lhes o seu verdadeiro valor.

f. Saudações finais (16:19-24)

19. Ásia é, por certo, a província romana da Ásia. A grosso modo, é a parte ocidental do que ora chamamos de Ásia Menor. Paulo envia saudações das igrejas dessa região. *Áqüila e Priscila* (os melhores MSS contêm a forma mais curta deste último nome, "Prisca"), era um casal consagrado. Áqüila era um judeu originário do Ponto (da costa sul do Mar Negro), mas evidentemente se estabelecera em Roma. Quando o imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus, ele e sua esposa Prisca foram para Corinto, e depois, quando Paulo esteve pela primeira vez naquela cidade, hospedou-se e trabalhou com eles (At 18:1-3). Era evidentemente um casal que punha a sua casa a serviço do Senhor. Não só receberam Paulo, mas lemos, não só aqui mas também em Rm 16:4, que havia uma igreja em sua casa. Ambos eram corajosos, pois arriscaram a vida por Paulo, embora não saibamos os pormenores (Rm 16:4). Eram competentes, pois instruíram um personagem não menor do que Apolo na compreensão da fé (At 18:26). Um ponto interessante é que, das seis vezes em que este casal é mencionado, quatro vezes o nome de Prisca vem primeiro. Evidentemente ela era uma pessoa notável por seus próprios méritos. *No Senhor muito vos saúdam* vai além de uma polida saudação normal, e indica ardoroso afeto cristão.

20. Não está claro quem sejam *todos os irmãos,* mas a descrição é abrangente. O costume de beijar-se era muito mais generalizado no mundo antigo do que no Ocidente moderno. Paulo o sugere como modo apropriado de saudação a toda facciosidade. Há referências a esse *ósculo santo* em Rm 16:16; 2 Co 13:12; 1 Ts 5:26 (ver nota ali[1]), e a um "ósculo de amor" em 1 Pe 5:14. Estas passagens antigas se referem a uma saudação, e não ao "beijo da paz" litúrgico (beijo trocado durante o culto), conquanto, sem dúvida, passagens como a presente hão de ter levado à referida prática no devido tempo.

21. Era costume de Paulo ditar as suas cartas a um amanuense, que as redigia. Mas quando a carta ia chegando ao fim, o apóstolo pegava a pena e escrevia pessoalmente algumas palavras. O seu manuscrito era a marca da autenticidade. Em 2 Ts 3:17 (ver nota ali[2]), diz ele que "este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino" (AV: "... que eu escrevo"), isto é, é o seu costume normal autenticar deste modo as suas cartas. Às vezes ele chama a atenção para isto (ex., Cl 4:18), e às vezes não. Mas, como ele diz que era seu costume, devemos acreditar que o fez no caso das outras cartas também. Na nota sobre 2 Ts 3:17, chamei a atenção para uma carta citada por Deissmann (LAE, pág. 170 ss) em que a mão que a redigiu é uma e a que registrou a saudação final e a data é outra, certamente a do autor, embora não haja menção de que ele tenha empunhado a pena. Como a referida carta é datada de 50 A.D., fornece prova contemporânea da prática de Paulo.

22. Paulo lança uma solene maldição sobre quem não ama o Senhor. Quanto a *anathema,* ver a nota sobre "maldito" (AV; ARA: "anátema") em **12:3.** A forte expressão é indicativa dos sentimentos de Paulo quanto à importância de uma atitude correta para com o Senhor. Se o coração de um homem não está inflamado de amor pelo Senhor, falta-lhe o que há de fundamental. É um traidor da causa do direito. Paulo não contempla passivamente uma pessoa assim.

Maranata é uma expressão de grande importância. Não é palavra grega, como o é *anathema,* mas, sim, uma transliteração do aramaico. Sendo aramaica, não pode ter-se originado entre os gregos, mas deve provir dos primeiros dias da igreja, na Palestina. Além disso, deve ter servido para expressar um sentimento que a igreja primitiva considerava supremamente importante, ou senão, nunca teria sido apossada desta maneira pelos cristãos de língua grega. Termo composto , a primeira parte é a palavra *Mar,* que significa "Senhor". O significado da aplicação deste título a Jesus nos primeiros dias da igreja palestina

1 *Op. cit.*, pág. 109.
2 *Op. cit.*, pág. 151ss.

não deve ser passado por alto. "Nosso" é indicado no aramaico pelo acréscimo do sufixo *an* ou *ana*. A última parte da expressão vem do verbo *atha*, "vir". *Atha* podia significar "veio", caso em que a referência seria à encarnação (Crisóstomo o entendia desse modo). Ou podia significar "vem" (indicativo), que poderia referir-se à verdade registrada em Mt 18:20, ou poderia entender-se como futuro, "Nosso Senhor virá". Talvez o mais verossímil seja entender o verbo como imperativo (possivelmente dividindo o verbo de modo diverso, *Marana tha*, "Senhor nosso, vem"). Esta é uma oração como a de Ap 22:20, "Vem, Senhor Jesus" (AV e ARC: "Ora vem, Senhor Jesus"). Neste caso, expressa a ansiosa esperança que a igreja daqueles primeiros tempos tinha do rápido retorno do Senhor. Outros têm sugerido que as palavras poderiam ser interpretadas no sentido de, "o Senhor és tu", ou "nosso Senhor é um sinal", mas ambas as interpretações parecem improváveis.

23. Paulo passa a orar pedindo a graça do Senhor para os seus leitores, o que constitui a sua invariável conclusão de uma carta. Às vezes ele a expande, como na bem conhecida fórmula de 2 Co 13:14, enquanto que a mais curta forma é a de Cl 4:18, "A graça seja convosco". Mas uma oração pedindo graça está sempre ali.

24. Esta é uma nota de especial ternura com que concluir. A despeito de tudo, não há a mais ligeira dúvida de que Paulo tinha os coríntios em alta estima e tinha para com eles sentimentos de terna afeição. Assim, termina a carta enviando-lhes o seu amor. Note-se o *todos*. Ele tinha alguns briosos opositores em Corinto. Entretanto, envia o seu amor a todos eles. "Amém" (AV) está ausente dos melhores MSS, e se deve omitir. É a espécie de acréscimo de escribas que tende naturalmente a arrastar-se para dentro do texto. A última palavra de Paulo aos coríntios é *Jesus*.

A subscrição não faz parte da carta original. Os manuscritos mais antigos não tinham nenhum acréscimo como esse. Alguns que o têm dizem "de Éfeso", e alguns, "da Ásia". Todos eles não são mais que velhas estimativas das probabilidades. O que foi introduzido no texto da AV* parece basear-se num entendimento equívoco de 16:5. Dizia-se que isto significa que de fato, na ocasião em que escreveu esta carta, Paulo estava passando pela Macedônia. Temos visto boa razão para achar que foi escrita de Éfeso. Os nomes dos produtores da carta são uma simples inferência da menção que nela se faz dessas pessoas.

* A subscrição da epístola na AV é a seguinte: "A primeira epístola aos coríntios foi escrita de Filipos por Estéfanas, Fortunato, Acaico e Timóteo". Nota do Tradutor.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS
DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos de modo a dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A Introdução de cada livro dá às questões de autoria e data, um tratamento conciso mas completo. Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.
Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêem combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os Comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.
O objetivo principal é de alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA
EDITORA MUNDO CRISTÃO